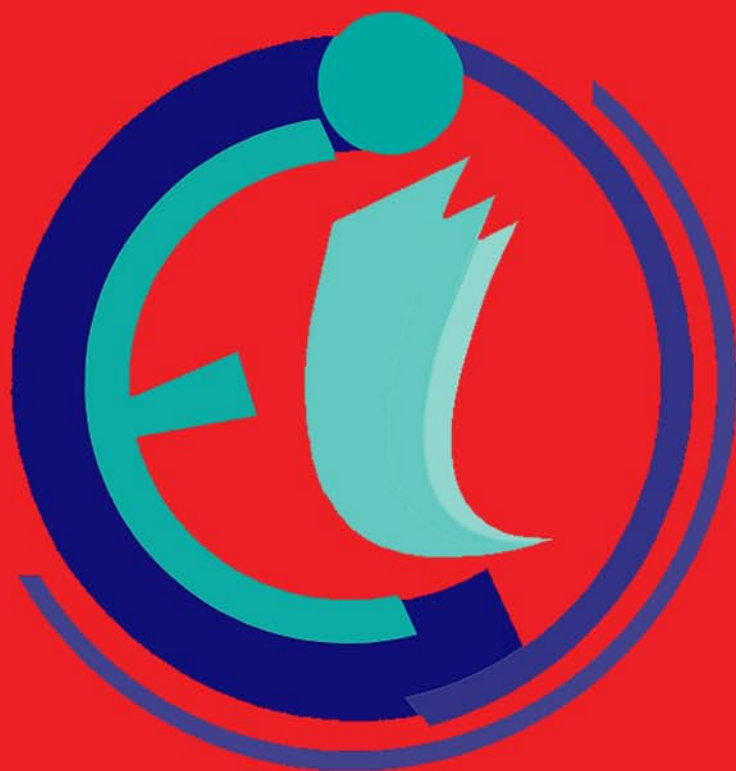


PÁGINAS a&b

arquivos & bibliotecas

VI Seminário Internacional do CIIBERCID



Especial

2024 SÉRIE 3

É com o maior gosto que publicamos este número especial de *Páginas a&b*, o qual é inteiramente dedicado a trabalhos produzidos no âmbito do CIIBERCID – Círculo Ibero-americano de Ciência da Informação Documental, uma rede de investigação que, desde 2018, reúne de forma regular um conjunto de docentes e investigadores de diversos países do espaço ibero-americano (Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba, Espanha, México, Portugal e Uruguai). Esta é a primeira publicação em Portugal, resultante da investigação do CIIBERCID e, por isso, para *Páginas a&b* – a única revista científica portuguesa da área da Ciência da Informação – é um privilégio e uma honra servir de meio para divulgação dos estudos produzidos no âmbito dos Seminários que o Círculo tem organizado, com uma periodicidade anual.

Em agosto de 2023, surgiu o primeiro produto do trabalho do CIIBERCID, num livro coordenado por Miguel Ángel Rendón Rojas, intitulado *CIIBERCID: usuarios de la información, sociedad y tecnología en el siglo xxi: Una visión iberoamericana = CIIBERCID: utilizadores da informação, sociedade e tecnologia no século xxi: Uma visão iberoamericana* e editado pelo Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, da Universidad Nacional Autónoma de México. Na “Introdução” à obra, o coordenador faz uma resenha da história do CIIBERCID, seus fundadores, atividades desenvolvidas e, sobretudo, salienta os Seminários, realizados tanto presencialmente, como de forma virtual, que têm tido lugar, anualmente, desde a fundação do Círculo.

Neste número especial de *Páginas a&b* reúnem-se, essencialmente, os trabalhos apresentados no VI Seminário Internacional do CIIBERCID, que se realizou nos dias 30 e 31 de outubro de 2023, em formato híbrido (presencial e *online*), na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, os quais se complementam com quatro estudos apresentados no V Seminário, organizado pela Universidad Nacional Autónoma de México, e realizado em formato *online*, nos dias 20 e 21 de setembro de 2022.

O VI Seminário foi dedicado ao tema *Desafíos disciplinares e profesionales para a Ciência da Informação*. No primeiro dia os trabalhos apresentados incidiram em abordagens mais abrangentes, discutindo aspetos identitários e transformações da Ciência da Informação face aos desafios da realidade atual (Miguel Ángel Rendón Rojas), ameaças e desafios que se colocam aos mediadores da informação perante cenários de informação falsa e desinformação (Martha Sabelli) e as próprias dinâmicas da desinformação (Carlos Alberto Ávila Araújo). No segundo dia, foram debatidos mais especificamente os problemas da formação em Ciência da Informação e as transformações que se impõem no mundo atual: por força da emergência e generalização da Inteligência Artificial (Fernanda Ribeiro); pela necessidade da transformação digital (Francisco Carlos Paletta; José Antonio Moreira

González e Viviana Fernández Marcial); pela necessidade de preservação da memória (Ania R. Hernández Quintana); pelo impacto das TIC num contexto afetado por problemas de confiabilidade e qualidade e pela degradação do uso social da informação (Carol Guillemint); e tendo em conta os “lugares de enunciação” a partir dos quais se aborda a disciplina e as suas práticas, observando de maneira distinta os lugares de produção de conhecimento, em conformidade com os territórios e os espaços geográficos e políticos em que se situam os indivíduos e as comunidades (Natalia Duque Cardona).

Os quatro últimos textos correspondem a comunicações apresentadas no V Seminário Internacional do CIIBERCID, sob a temática *Conocimiento y Democracia: perspectivas desde la Ciencia de la Información*. Rodrigo Fortes de Ávila aborda questões relacionadas com a lei do acesso à informação no Brasil; María Damus debruça-se sobre alguns casos que ilustram as políticas de informação na Argentina, com vista à democratização do acesso ao conhecimento; Gustavo da Silva Saldanha procura cartografar “o desenvolvimento sociocrítico contemporâneo de uma filosofia da informação em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), a partir de uma epistemologia histórica transgeográfica, no contexto de Iberoamérica e Caribe”; e Armando Malheiro da Silva e Fernanda Ribeiro discutem as transformações sofridas no conceito de Estado, desde a Revolução Francesa (Estado-Nação) até à atualidade (Estado digital) e o papel que a Ciência da Informação tem vindo a desempenhar para fazer face aos complexos desafios que tem de enfrentar na Era Digital em que vivemos.

Desejando que este número de *Páginas a&b* suscite grande interesse e inquietações nos nossos leitores, despedimo-nos, como habitualmente, formulando votos de Boas Leituras!

Fernanda Ribeiro

IDENTIDAD Y TRANSFORMACIONES: La Ciencia de la Información Documental ante los desafíos de la realidad actual

IDENTITY AND TRANSFORMATIONS: Documentary Information Science facing the challenges of the current reality

Miguel Ángel Rendón Rojas

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag2024a1>

Resumen: Se propone el concepto de *Gestalt* de la investigación para explicar las transformaciones que experimentan las teorías científicas en su desarrollo sin que éstas pierdan su identidad. Las ventajas de la *Gestalt* de la investigación frente a otros planteamientos como los paradigmas de Kuhn, los Programas de Investigación Científica de Lakatos, las tradiciones de investigación de Laudan, la episteme de Foucault, las teorías globales de Feyerabend consisten, en primer lugar, en que su aplicación no es producto de una convención de los científicos. En segundo lugar, se maneja el concepto de verdad como adecuación entre el decir y el ser y no una verdad por consenso. Finalmente, en tercer lugar, permite comprender los cambios en las teorías científicas no como rompimientos absolutos en donde la nueva teoría no contiene nada de la antigua, sino logra conciliar la tradición científica con la innovación.

Palabras clave: Cambio científico; Epistemología de la Ciencia de la Información; *Gestalt* de investigación; Paradigma.

Abstract: The concept of Research *Gestalt* is proposed to explain the transformations that scientific theories undergo in their development without losing their identity. The advantages of the *Gestalt* of research over other approaches such as Kuhn's paradigms, Lakatos' Scientific Research Programs, Laudan's research traditions, Foucault's episteme or Feyerabend's global theories consist, in the first place, in that its application is not the product of a convention of scientists. Secondly, it handles the concept of truth as an adequacy between saying and being and not as a truth by consensus. Finally, it allows to understand the changes in scientific theories not as absolute breaks where the new theory does not contain anything of the old one, but manages to reconcile scientific tradition with innovation.

Keywords: Scientific change; Epistemology of Information Science; Research *Gestalt*; Paradigm.

Es lo mismo que se cuenta de Tales, Teodoro. Éste, cuando estudiaba los astros, se cayó en un pozo, al mirar hacia arriba, y se dice - que una sirvienta tracia ingeniosa y simpática, se burlaba de él, porque quería saber las cosas del cielo, pero se olvidaba de las que tenía delante y a sus pies.

Platón, Teeteto, 174a

Introducción

El problema del cambio y el movimiento fueron unas de las primeras cuestiones que la filosofía occidental trató de explicar. Para Heráclito todo es cambio y movimiento (PLATÓN, Crátilo 402 A); mientras que para Parménides el ser es eterno e inmutable (PARMÉNIDES, 1985: B2, 2-5). El *quid* del problema es que, si todo cambia, no hay identidad; lo que contradice a la razón; pero si todo es inmutable, no hay novedad, progreso; lo que contradice a la experiencia. A lo largo de la historia de la filosofía distintos filósofos se han alineado a uno u otro bando, o han tratado de conciliarlos de alguna manera. En este trabajo analizamos ese antiguo dilema: identidad y transformación, aplicado al campo de la ciencia, y en específico, al de la Ciencia de la Información Documental. De esta manera, realizamos un estudio filosófico que para algunos puede parecer demasiado abstracto que nos aleja de las cosas prácticas como se burlaba de Tales de Mileto la ingeniosa sirvienta tracia; o demasiado inútil como se afirma que alguna vez dijo el Premio Nobel de Física Richard Feynman que “la filosofía de la ciencia es tan útil para los científicos como la ornitología lo es para los pájaros” (RUY PÉREZ, 2001:128).

Sin embargo, la importancia y necesidad de un estudio epistemológico queda evidente cuando preguntas centrales sobre la identidad de una ciencia en momentos de crisis científica se levantan para tener una clara prospectiva de su desarrollo, campo de estudio, herramientas metodológicas e interrelaciones con otras disciplinas. Destacados científicos como Mach, Planck, Darwin, Einstein, Heisenberg, Schrödinger, Medawar, Holton, Kuhn, Weinberg, el mismo Feynman han incursionado en esas reflexiones epistemológicas.

El momento actual en que la Ciencia de la Información convive con otras disciplinas afines o similares como la Bibliotecología y la Documentación; con otras que se les consideraba disciplinas específicas que estudian ciertos tipos de información determinados como la Archivística y la Museología; o con otras que de inicio nacieron como ciencias distintas pero que se han ido acercando como la Ciencia de la Comunicación y de la Computación; exige este tipo de análisis.

Antes que nada, es necesario establecer que la epistemología no es una ciencia normativa que emite juicios categóricos e inapelables sobre cuales tipos de conocimiento merecen el calificativo de científicos y cuáles no. Más bien es una rama de la filosofía y como tal es un ejercicio de reflexión crítica y racional que intenta comprender la realidad que analiza, en este caso la ciencia.

Además del problema ya señalado líneas arriba de la relación de la Ciencia de la Información con otras ciencias, encontramos otra cuestión sobre la historia y desarrollo de esa ciencia. Al respecto, diversos investigadores han detectado cambios en el contenido teórico e intencionalidad de la misma, por lo que han hablado de distintos “paradigmas” existentes a lo largo de su desarrollo. Por ejemplo, los ya muy conocidos paradigmas propuestos por Capurro (2007): físico, cognitivo y social; los de Silva y Ribeiro (2002): custodial y post-custodial; o los de Hjørland (2018): paradigma atóxico, la teoría matemática de la comunicación de Shannon y Weaver, la tradición de Cranfield, el paradigma bibliográfico, la visión cognitiva; la filosofía de la información de Floridi; y los acercamientos social, cultural y de contenido.

En diálogo con los dos investigadores portugueses mencionados, Silva y Ribeiro, nos dimos cuenta que era necesario precisar el término “paradigma”, ya que tal como se manejaba no

era la clásica idea kuhniana enmarcada dentro de su visión de revoluciones científicas, sino que era un concepto distinto aunque denominado con el mismo término. Al mismo tiempo, ese trabajo de precisar el concepto de paradigma nos ayuda a comprender el desarrollo de la ciencia conciliando esos dos momentos: identidad y transformación.

Observación y teoría

Para develar la unión y contraposición de la identidad y cambio es necesario en un primer momento analizar la relación entre la observación y la teoría. Es común dar por sentado que la ciencia comienza por la observación, después con los datos recopilados se realizan experimentos, correlaciones estadísticas, y otras intervenciones metodológicas que conducen a la comprobación que convierte nuestras hipótesis en teoría.

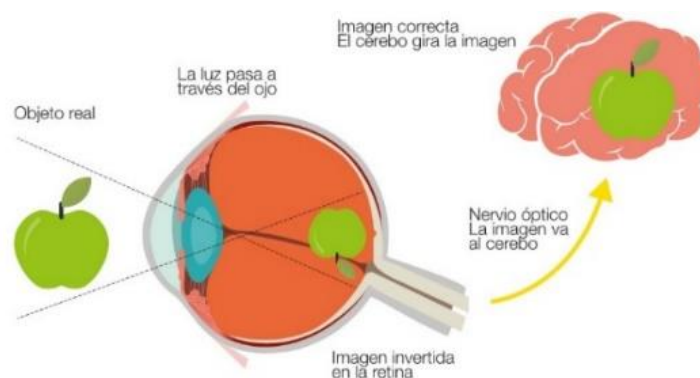
Sin embargo, tal secuencia lineal:

Observación → experimentación → comprobación → teoría

es una simplificación, porque en primer lugar, desde un inicio la observación está cargada de teoría. Así como al manejar un auto pasan desapercibidos infinidad de estímulos y solo merecen atención aquellos “importantes” para la actividad que realizamos; en la observación científica se centra la atención en ciertos hechos y relaciones, dejando a un lado otros que se consideran irrelevantes.

En segundo lugar, la simple percepción no es un reflejo de lo captado en las sensaciones: la mente no es un espejo. Los fisiólogos dicen que “vemos con el cerebro”. En efecto, el ojo recibe los rayos electromagnéticos y fotones emitidos por los objetos externos. Después de atravesar la córnea y la pupila llega al cristalino que los refleja de manera invertida en la retina. Al llegar a la retina, dichos rayos y fotones estimulan las células fotorreceptoras especializadas, conocidas como conos y bastones, que los convierten en impulsos eléctricos. Esos impulsos eléctricos llegan al cerebro a través del nervio óptico. Y es finalmente el cerebro quien endereza la imagen invertida e interpreta la información recibida: tamaño, forma, posición, color, convirtiéndola en determinado objeto.

Fig. 1 - Blog institucional del Centro Internacional de Retinosis Pigmentaria Camilo Cienfuegos de La Habana Cuba



Fuente: <https://retinosispigmentariacuba.blogspot.com/2017/08/como-percibimos-la-luz-y-los-colores.html>

Ahora bien, es un hecho ya conocido que la cultura influye en la interpretación que realiza el cerebro. Es así que por ejemplo, a diferencia de nosotros que vivimos en ciudades de asfalto, los pueblos árticos con sus respectivas lenguas (inuit, saami, atabascas, aleutas, chukchi) ven y nombran no sólo “nieve”, sino discriminan la nieve que está en el suelo, otra que está cayendo, una tercera que el viento alza del suelo y finalmente una que se amontona por culpa del viento. Algo semejante puede decirse de la percepción de la arena por los pueblos que habitan el desierto o de la vegetación por los pueblos que habitan la selva. De la misma manera, los científicos que desarrollan una ciencia perciben la realidad de acuerdo con su “cultura científica” guiada por la teoría.

De ahí la exigencia de convertir un hecho en un problema teórico a investigar. El marco teórico del protocolo de investigación sirve para “ver” el problema y buscar su solución¹: sin la teoría andaríamos a ciegas. Aunque se puede ir más lejos y apoyarnos en un marco teórico o metateoría que nos ayude a iluminar la teoría y hacernos conscientes de “ver que veo”.

Construcción del objeto del conocimiento

En la historia de la filosofía, Kant se atribuye el haber realizado un “giro copernicano” en filosofía, específicamente en la teoría del conocimiento, al afirmar que no es el objeto dado externo al sujeto lo que se conoce, sino el objeto construido por el sujeto (fenómeno en términos kantianos) es lo que conocemos. El objeto en sí (noúmeno) del que no niega su existencia permanece desconocido.

En forma sumamente resumida, podemos decir que el conocimiento según Kant es el resultado de la síntesis de la experiencia captada por los sentidos con las formas *a priori* (espacio, tiempo y categorías) que se encuentran en la razón. La experiencia proporciona la novedad y las formas *a priori*, la universalidad y necesidad. Con palabras de Kant “los pensamientos sin contenido [experiencia] son vacíos, las intuiciones [experiencia] sin conceptos [formas *a priori*] son ciegas” (KANT, 2007:123).

Retomamos la anterior idea de Kant de la unión de experiencia y formas, prescindiendo del carácter apriorístico de éstas últimas, para comprender la diversidad de conocimientos o interpretaciones a partir de un mismo hecho. Podemos representar esas formas como moldes de galletas en los cuales se vierte la masa (Fig. 2), y dependiendo de la forma que tenga ese molde, será la forma final de la galleta².

¹ Es interesante constatar que en su etimología la palabra “teoría” proviene del griego θεωρία-ας (teoría-as): visión, vista, contemplación.

² Resulta sugestivo el hecho de que molde en ruso se dice форма (forma).

Fig. 2 - Diferentes tipos de molde y sus resultados



Fuente: <https://es.aliexpress.com/i/1005002093814761.html?gatewayAdapt=glo2esp>

Continuando con esa analogía, los datos sensibles representan la masa del pastel y existen ciertos moldes de interpretación que les dan forma a los datos. Por lo que ahora, la tarea consiste en determinar qué son esos moldes, cómo se forman y utilizan.

Moldes de interpretación científica

Diversos epistemólogos y científicos se han dado cuenta de la necesidad de un marco, o molde como lo hemos denominado, para construir la ciencia. Existen diversas propuestas sobre qué son y cómo funcionan esos moldes. Así por ejemplo, encontramos que Kuhn los llama paradigmas o matriz disciplinar; para Lakatos son los programas de investigación científica; para Laudan son las tradiciones de investigación; para Feyerabend, la teoría global; para Moulines y Stegmüller, el modelo de estructura de una teoría; Holdon habla de los *Thémata*; el epistemólogo ruso Yuri Petróv propone las premisas gnoseológicas de la verdad; para Foucault es la episteme; Nietzsche, Vattimo, Derrida optan por el llamado “giro lingüístico”; y finalmente nuestra propuesta es lo que llamamos *Gestalt* de la investigación.

Paradigma

De acuerdo con Kuhn, la ciencia se desarrolla dentro de un marco general al que llama paradigma que incluye teorías centrales, compromisos ontológicos, axiológicos y metodológicos entre otros elementos. Sin embargo, el mismo Kuhn en la Posdata de 1969 a su libro *La estructura de las revoluciones científicas* reconoce que el “texto original no

deja ninguna cuestión más oscura o más importante que la de paradigma” (KUHN, 1996:278) A su vez, Margaret Masterman señala que ha encontrado en libro de Kuhn arriba mencionado no menos de veinte significados distintos de paradigma (MASTERMAN, 1975).

No obstante esa falta de claridad, el término paradigma se popularizó y se utiliza de manera generalizada e indiscriminadamente para designar un enfoque, una visión, una etapa, no necesariamente acorde con la idea original kuhniana.

Algunos elementos cuestionables de la propuesta kuhniana de paradigma son los rompimientos entre el antiguo y nuevo paradigma, el concepto de inconmensurabilidad y la concepción de verdad como consenso. Así pues, según Kuhn el nuevo paradigma no tiene nada del antiguo, y por tanto, se cancela la tradición científica, por lo que todo es novedad sin continuidad. Sin embargo, la historia de la ciencia nos muestra que salvo casos de verdaderos rompimientos (Ptolomeo-Copérnico, Aristóteles-Newton, Alquimia-Química) siempre se tienen presentes elementos que se conservan en la evolución de una ciencia. Por ejemplo, en la era postcustodial de la Ciencia de la Información se siguen aplicando técnicas de conservación, o en la visión social de la misma continúan vigentes los sistemas de información ingenieriles. Por otro lado, debido a la inconmensurabilidad no es posible comparar dos paradigmas y por consecuencia no es posible decidir cuál de ellos es mejor. Lo anterior manifiesta que la verdad se concibe como consenso, dejando a un lado la realidad objetiva del mundo. Sin embargo, la historia de la ciencia nos muestra que aunque la gran mayoría acepte como verdad un enunciado, no necesariamente éste será verdadero.

Programas de investigación científica

Para Lakatos la evolución de la ciencia no se da en la competencia entre dos paradigmas, sino entre teorías emanadas de una misma concepción de una ciencia que tratan de explicar los respectivos fenómenos de diferentes maneras. La que es más explicativa es la que resulta vencedora. Ese modelo lo llamó Programas de Investigación Científica (PIC). Cada PIC consta de tres elementos: el núcleo duro que son los principios que le dan identidad (principales conceptos, teorías, objeto de estudio, metodologías). El cinturón protector que son las teorías que se desprenden del núcleo duro y explican su objeto de estudio de determinada manera. Esas teorías son las que pueden desaparecer, transformarse, crearse. Y el tercer elemento es la heurística que indica lo que es necesario hacer – proteger el núcleo duro y lo que se debe evitar – atacar el núcleo duro (LAKATOS, 1983).

Por ejemplo, en Biología se tiene el PIC en cuyo núcleo duro se encuentra la idea central del evolucionismo: los seres vivos cambian en el curso del tiempo. A partir de esa idea central surgen varias teorías que tratan de explicar cómo se realizan esas transformaciones. Así el lamarckismo indica que las alteraciones se deben a los cambios adquiridos por la ejercitación de determinado órgano: “la función crea al órgano”. Posteriormente esos cambios se transmiten por herencia a las nuevas generaciones. Por su parte, el darwinismo plantea que no es el ejercicio de los órganos el mecanismo de la evolución de las especies, sino la selección natural y la adaptación al medio ambiente. Finalmente, el neodarwinismo introduce nuevos factores en la evolución como lo es la Genética, la Ecología, la Geografía, entre otros.

Los PIC resultan de gran ayuda para conciliar la tradición, dada en el núcleo duro, y la innovación, presente en el cinturón protector. Sin embargo, Lakatos no sale del convencionalismo y afirma que los principios del núcleo duro se eligen por consenso de los científicos.

Tradiciones de investigación

Para Laudan las tradiciones de investigación son las que guían la construcción de la ciencia y su evolución. Entiende por tradiciones de investigación al conjunto de supuestos generales acerca de las entidades y procesos de un ámbito de estudio, y acerca de los métodos apropiados que deben ser utilizados para investigar los problemas y construir las teorías de ese dominio (LAUDAN, 1986:116).

Tampoco logra salir del convencionalismo porque las solas tradiciones no son garantes del desarrollo de la ciencia. Existen ejemplos en la historia de la ciencia de tradiciones científicas consolidadas que no condujeron a conocimientos científicos como son la Alquimia, la Física aristotélica, la Astrología, la Astronomía de Ptolomeo; la genética de Lysenko.

Témata

Para el premio Nobel de Física G. Holton existen ciertos presupuestos fundamentales, nociones, términos, decisiones metodológicas que no se infieren ni lógicamente ni empíricamente; sino al contrario, influyen en la actividad científica y las investigaciones que realiza para construir teorías. Dichas premisas se encuentran en relación con la cultura general, avances de la ciencia, concepciones del mundo y del conocimiento, así como con el contexto sociohistórico, pero tienen lugar no sólo en un tiempo determinado, sino se extienden a lo largo de diferentes épocas. Como no pueden ser demostradas lógicamente ni comprobadas empíricamente se asemejan, citando a Copérnico, a un conjunto de “axiomas de la física” y las denomina *Thémata* que es el plural de *Thema* (HOLTON, 2004:316).

Modelo estructuralista de la ciencia

El enfoque estructuralista de la ciencia es planteado por Balzer, Moulines, Sneed y Stegmüller. De acuerdo con su visión, se puede interpretar la ciencia no como un conjunto de enunciados, sino un conjunto de modelos. Un modelo (M) es un tuplo que tiene la siguiente estructura:

$M = \langle D_1, \dots, D_m, R_1, \dots, R_n \rangle$, donde las D representan la ontología de la teoría y las R son relaciones construidas sobre las D .

A su vez, se tiene el par: $\langle M_p, M \rangle$, donde M_p es el modelo potencial, esto es, estructuras a las que solo se imponen las determinaciones conceptuales y que por lo tanto constituyen el marco conceptual de la teoría; y M es el modelo actual, es decir, estructuras que, por añadidura, satisfacen las leyes genuinas de la teoría. El par de estructuras: $\langle M_p, M \rangle$

constituye el núcleo teórico. De esta manera, el núcleo básico de la teoría K está dado por la identidad de la teoría. Es decir: $K = \langle M_p, M \rangle$.

Sin embargo, ese núcleo formal no representa el único componente de la identidad de una teoría. Un acercamiento puramente formal-sincrónico a las teorías es insuficiente para comprenderlas totalmente. Es necesario incluir elementos pragmáticos e históricos en el concepto de teoría, a los que Moulines llama un dominio de aplicaciones intencionales (I), el cual es independiente del núcleo básico, y junto con éste compone lo que es la teoría (T):

$$T = \langle K, I \rangle$$

Ahora bien, ese elemento intencional debe ser concebido en términos de la teoría misma, de lo contrario, no habría compatibilidad entre las leyes generales y los datos o hechos concretos. De este modo, I es subconjunto de los modelos potenciales de la teoría: $I \subseteq M_p$.

Pero entre las aplicaciones intencionales I y los modelos actuales de la teoría M existen, según Moulines, tres posibles relaciones:

1. $I \subseteq M_p$ (I es subconjunto de M , es decir, todos los elementos de I son elementos de M)
2. No es verdad que $I \subseteq M_p$, pero $I \cap M \neq \emptyset$ (I no es subconjunto de M , pero la intersección entre I y M no es vacía, es decir, tienen elementos comunes)
3. $I \cap M = \emptyset$ (la intersección entre I y M es vacía, es decir, no tienen elementos comunes)

En el primer caso todas las aplicaciones intencionales son modelos actuales de la teoría, en la historia fáctica de las ciencias nunca se ha presentado esa situación y representa un tipo de idealización. En el segundo caso, la teoría tiene un éxito parcial, esto es, se han encontrado hechos anómalos que no puede explicar, pero puede hacerlo con respecto a otros fenómenos. Cuanto mayor sea la intersección entre I y M , más exitosa será la teoría. Recuérdese, por ejemplo, el problema que representaba explicar las anomalías de la órbita del planeta Urano utilizando la teoría de la Física clásica de Newton. El caso extremo en que hay que desechar totalmente la teoría lo representa la relación 3, donde la teoría no contiene entre sus modelos actuales ni uno solo que sea capaz de aplicarse en una situación concreta.

Así pues, el problema central para comprender la teoría es indagar hasta dónde llega la intersección de I con M ; pero desde un punto meramente formal no es posible determinarlo porque el dominio de I es un conjunto abierto, es decir, con límites imprecisos y constantemente cambiantes. La identificación de I exige tomar en cuenta parámetros sociohistóricos (BALZER, MOULINES y SNEED, 1987; MOULINES, 2002; STEGMÜLLER, 1981, 1983).

Premisas gnoseológicas de la verdad

El epistemólogo ruso Yuri Petrov plantea como explicación del cambio de teorías la existencia de unas premisas gnoseológicas de la verdad, las cuales son un conjunto de ideas

filosóficas, teóricas, metodológicas que sirven de base para desarrollar la teoría. Si cambian las premisas, entonces cambia la teoría. El criterio para adoptar unas u otras premisas es la capacidad de desarrollar la teoría, entendiendo por desarrollo de la teoría su poder explicativo ante los fenómenos que estudia. Lo positivo de esta propuesta, es que no recurre al convencionalismo en la elección de las premisas de la verdad, sino en la adecuación de la teoría con la realidad.

Relativismo

Existe otra visión sobre el quehacer científico, según la cual, la diversidad de teorías o su transformación están ligadas intrínsecamente al sujeto. Podemos descubrir esa posición principalmente en filósofos de la posmodernidad. Sus raíces se hunden en la conocida frase de Nietzsche “no hay exactamente hechos, sino sólo interpretaciones”. Pero son menos conocidas, aunque igualmente reveladoras, las frases que le siguen: “el mundo es interpretable de distintas maneras, no tiene un sentido detrás de sí, sino incontables sentidos... Son nuestras necesidades las que interpretan el mundo... cada uno tiene su perspectiva, que quisiera imponer como norma a todos los demás (NIETZSCHE, 2004:170).

Al ya no existir una realidad externa la atención se vuelve al lenguaje que nos envuelve y del cual ya no es posible salir:

ningún elemento puede funcionar como signo sin remitir a otro... Este encadenamiento, este tejido, es el texto que sólo se produce en la transformación de otro texto. No hay nada... simplemente presente o ausente. No hay... más que diferencias y trazas de trazas (DERRIDA, 1975:393).

De esta manera, la creatividad pasa a ser una relación textual, una intertextualidad, una concatenación de citas, todo discurso toma su argumentación de otros discursos, nunca de la realidad externa, por lo que “una obra es siempre una obra colectiva” (BUTOR, 1969:2). Así pues, todo es texto, incluso el individuo no solo crea, sino es, existe, gracias al texto:

La obra de un individuo es una especie de nudo que se forma dentro de un tejido cultural y en cuyo seno el individuo se encuentra no solo inmerso, sino que aparece en él. El individuo es, desde el origen, un momento de este tejido cultural (BUTOR, 1969:2).

Ahora bien, si todo es lenguaje y no hay realidad externa, entonces la coherencia, la sintaxis e incluso la retórica toman el lugar de la verificabilidad. La verdad se aleja de la correspondencia del decir con el ser y ahora lo importante no es lo que se dice, sino cómo se dice, “la verdad no posee una naturaleza metafísica o lógica sino retórica” (VATTIMO, 1988:38).

Sin embargo, el seguir esta línea que niega la realidad externa se pierde un punto de orientación, quedando en el mejor de los casos la coherencia como criterio de verdad (cuestión muy útil para las ciencias formales como las Matemáticas o la Lógica); o el consenso, la utilidad o el interés personal o de grupo en el peor de los escenarios, perdiéndose la posibilidad de construir una común-unidad y por consecuencia la comunicación, y cayendo en el riesgo de caer en un solipsismo.

Teorías globales

Una de las propuestas que se enmarcan dentro de esa visión relativista es la propuesta de P. Feyerabend sobre teorías globales. Según este filósofo, las transformaciones de la ciencia son el resultado de cambios semánticos, los cuales se originan porque existen teorías globales que condicionan el significado de los términos utilizados en un campo determinado y son aceptadas o rechazadas en parte, por las preferencias subjetivas de los científicos. Las teorías globales en gran medida contienen elementos metafísicos en los que hay cabida incluso para posiciones ideológicas o religiosas. Cuando se acepta una nueva teoría global cambian los significados de los términos, por lo que se realiza una reinterpretación de toda la actividad científica. Al ser cuestión de preferencia personal la aceptación de una teoría global u otra se llega a una «inconmensurabilidad radical» por lo que resulta imposible compararlas (PÉREZ RANSANZ, 1999:243-244).

Episteme

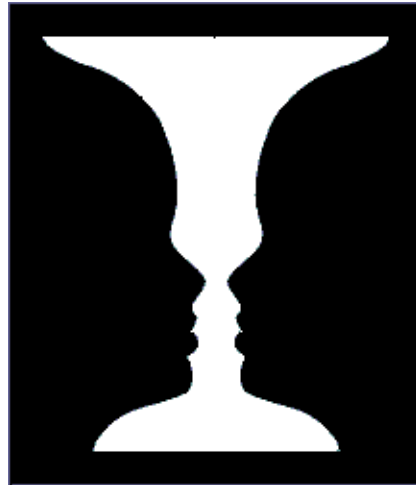
Otro planteamiento sobre la realidad como texto es la presentada por Foucault. De acuerdo con este pensador francés lo que define las condiciones de posibilidad de todo saber es la episteme (FOUCAULT, 1966:179) En sí misma, la episteme no es un conocimiento ni un conjunto de principios o axiomas a partir de los cuales se construya una teoría; ni siquiera es una forma de racionalidad. Más bien es una especie de “cultura de interpretación” de cierta época que incluye un conjunto de relaciones, recurrencias continuidades o discontinuidades que ofrece un dominio de significado a las prácticas discursivas que originan a el saber (FOUCAULT, 1966).

Conciliando la identidad y la transformación. Gestalt de la investigación

Para alejarnos de la arbitrariedad, pero simultáneamente dando cabida al cambio en el desarrollo de las teorías, recurrimos a los resultados a los que llegó la psicología de la *Gestalt* en su estudio de las sensaciones y percepciones. De acuerdo con esa corriente psicológica, la percepción de un objeto no es única y universal, sino el producto de la organización y estructuración de las sensaciones de determinada manera, aunque podría obtenerse otra percepción a partir de las mismas sensaciones, si estas últimas se organizaran de otra forma.

Como ya mencionamos líneas arriba, la percepción varía de acuerdo con la cultura, el enfoque, las tradiciones, el marco del que se parta. Una misma figura (realidad) puede ser vista de diferente manera. Un ejemplo clásico mencionado por la *Gestalt* es la imagen en blanco y negro que puede ser vista como una copa o dos caras según el enfoque que se tenga:

Fig. 3 -Fondo y figura en la percepción



Fuente: https://foroalfa.org/pt/artigos/esta-na-hora-de-aposentar-a-gestalt#google_vignette

De la misma manera, una pintura o escultura puede ser vista como algo religioso y ser objeto de culto en un templo, o como una obra de arte en un museo. Como un ejemplo ilustrativo podemos tomar el texto con que inicia el evangelio de San Juan:

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος [En arché en o logos, kai o logos en pros ton theón, kai theós en o lógos] (Juan 1, 1).

En el principio existía el “logos” (verbo, palabra, pensamiento, razón, ley, estudio, ciencia...); y el logos estaba en Dios y el logos era Dios.

Ese pasaje puede ser interpretado de diferentes maneras según el enfoque desde el que se haga. Desde la teología cristiana ese texto sirve para desarrollar la Cristología, en la que el “logos” del que se habla es Cristo como segunda persona de la Trinidad que existe desde la eternidad junto a Dios, aunque al mismo tiempo es Dios. Desde la Filosofía el “logos” del evangelio remite a la filosofía griega donde aparece en Heráclito, los estoicos y más cercano al cristianismo, el neoplatonismo con Filón de Alejandría, Proclo y Plotino. Éstos últimos conciben al logos como una emanación del Uno como pensamiento, palabra, inteligencia. Sin embargo, desde otra perspectiva, puede interpretarse ese “logos” no como una influencia de la filosofía griega, sino con raíces en el judaísmo, donde existe el vocablo hebreo *Davar* דָּבָר (“palabra”, “cosa”) y su traducción en arameo *Memra* מֵמְרָא (“palabra”) que guardan semejanza al logos de San Juan puesto que la “palabra” siempre ha acompañado a Dios y por medio de ella realiza la creación. De esta manera, de acuerdo con esta interpretación, el evangelista partió de la comprensión judía de la *Memra* para introducir la figura de Cristo como una realidad coeterna, al mismo tiempo como Dios, pero distinto a él. Por otra parte, se puede encontrar una cuarta interpretación que sale del ámbito teológico-filosófico y se centra en el aspecto filológico. Desde ese marco se concluirá que el lenguaje utilizado es diferente al griego clásico y representa una variante empleada en la época helenística conocida como *e koiné dialectos*, tratará de encontrar semitismos y así determinar el ambiente cultural e histórico en el que fue escrito.

Todas esas interpretaciones son válidas. Sin embargo, de ahí no se sigue que toda interpretación lo sea. Existe una regla que no se puede pasar por alto: respetar el texto.

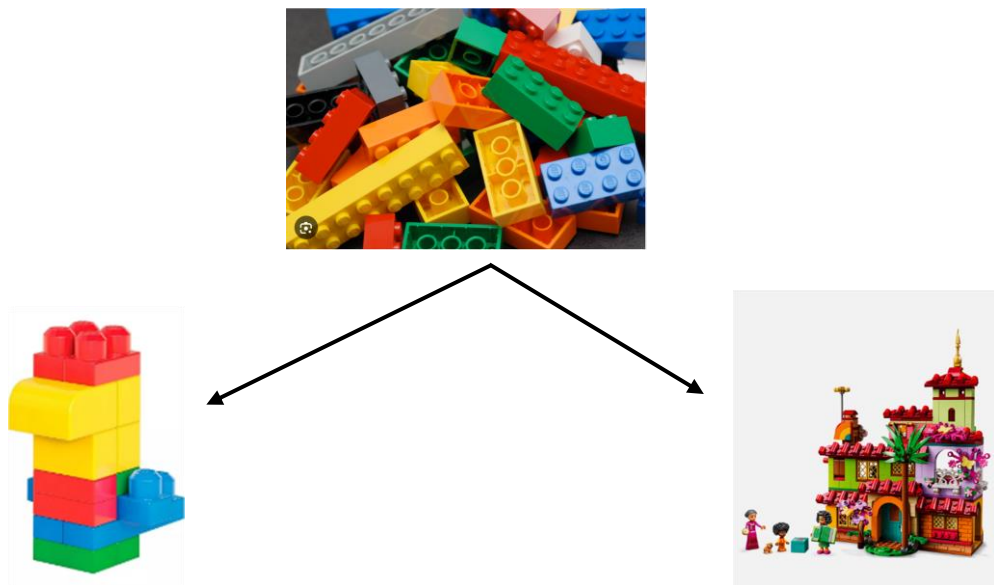
Existe lo exterior al intérprete que es lógica, epistemológica y ontológicamente anterior al sujeto, y guía la interpretación. No es posible otorgarle un sentido al texto que no esté de acuerdo con él.

Por lo tanto, siguiendo esa línea de pensamiento, podemos comprender el desarrollo de la ciencia utilizando la idea kantiana de cómo se obtiene el conocimiento: dando forma a los datos de los sentidos; o aprovechando los resultados de la psicología de la *Gestalt* sobre cómo se producen las percepciones: estructurando sensaciones; o como muestra la Hermenéutica cuando se elabora una interpretación: utilizando diferentes horizontes hermenéuticos.

De esta forma, las teorías se construyen, no se descubren como algo preexistente, ni se inventan de la nada. Esa construcción se realiza tomando como materia prima los datos, los cuales se interpretan, se trabajan con diversas herramientas teóricas, metodológicas y metateóricas.

A semejanza del juego de bloques para construir, se pueden obtener diferentes resultados con un mismo número y tipo de bloques dependiendo de la manera como se coloquen; o incluso la diferencia puede resultar mayor, si el número o tipo de bloques varía:

Fig. 4



Fuente: Construida a partir de:

https://lens.google.com/search?ep=gsbubb&hl=es-MX&re=df&p=AbrfA8qluBI6xXiFGVX4DHJnDuB_XJ_gQVDKNJ4Xass1Sp3acGtoxjUGJ5wLEOmix514JrT7MGP26OSUJJokV4Ujr3iYR6XPYU8vcr9O3gri0ogZoruhO-fxrWPs_rIzJg7b8Y8Guu31v3X4rEsocbrMimVjundc2nJshk48WjNYIV1eW4DEaQ3SKSPfSowwn6Sd2U7REC0m#lms=W251bGwsbnVsbCxudWxsLG51bGwsbnVsbCxudWxsLG51bGwsIkVrYotKRGHsWVRnMVptWTNMVE5rTldVdE5HWTNNaTAoTTJKbUxUVTBZVEkoWVRFMkoyTTVOUKmU1MwNFRGTkdXbWRZY1VGU1ZVTm1hVWxtYTFwaVJFUk9YMoJJV1ROQ1p3PToiXQ==
<https://www.ebest.cl/mega-bloks-40-pcs-fisher-price.html>
<https://articulo.mercadolibre.com.co/MCO-1297498931-lego-disney-encanto-43202-la-casa-madrigal- JM>

Así pues, la construcción de teorías de manera muy simplificada es la síntesis de los datos con un “molde” que les da forma a los datos iniciales. Ese molde sirve de guía para interpretar, dar sentido, organizar los datos. No son las formas *a priori* kantianas, sino pueden ser diversas teorías internas de la misma ciencia que se está construyendo; o teorías externas que proporcionan determinado enfoque por lo que se puede utilizar la teoría sociológica, o psicológica, o bibliotecológica, con perspectiva de género, histórica u otra. También incluye instrumentos metodológicos, por lo que es posible emplear el método empírico-experimental, o el lógico deductivo, el estadístico, el semiótico, el histórico, el estructuralista, el fenomenológico, el hermenéutico, o algún otro, o una combinación de ellos. O algunas otras herramientas a las que se puede recurrir como estudios de caso, historias de vida, interaccionismo simbólico, teoría fundamentada, análisis argumentativo, análisis multidimensional, ética, hermenéutica analógica. Simultáneamente se incluyen propuestas filosóficas que guían la investigación como el positivismo, el funcionalismo, estructuralismo, pragmatismo, teoría crítica, pensamiento complejo, realismo dialéctico hermenéutico, o algún otro.

Lo importante a resaltar en esta propuesta de *Gestalt* de la investigación es en primer lugar, la existencia inicial de bloques, en nuestro caso de datos. Esto es esencial porque significa que las teorías parten de la realidad externa. Y en segundo lugar, los moldes utilizados para dar forma a esos datos no se eligen arbitrariamente y por consenso, sino en función de que ayudan a comprender y explicar la realidad. Todo molde es bueno siempre y cuando ayude a desarrollar la teoría. Dentro de ese molde pueden estar incluidos lo que diversos epistemólogos han denominado de diferente manera: paradigmas, núcleo duro de programas de investigación científica, tradiciones de investigación, premisas gnoseológicas de la verdad, episteme, teoría global, *tématha* con la diferencia de que no se eligen por consenso o intereses personales o grupales; además de que no implican rompimientos, sino la aceptación de que se pueden organizar los datos de otra manera. Por ejemplo, en los llamados paradigmas de la Ciencia de la Información propuestos por Silva y Ribeiro (2002), es claro que debido al avance tecnológico, las necesidades de las organizaciones y la sociedad en el momento actual, entre otras causas, exigen poner más atención en la información que en el documento, en el acceso que en la conservación; pero ello no significa romper definitivamente con la idea de conservación y renunciar a ella. De manera semejante sucede con los paradigmas físico y social de la Ciencia de la Información planteados por Capurro (2007); aunque se tenga una visión social de esa ciencia, no por eso se desentiende del uso y desarrollo de herramientas tecnológicas que faciliten el flujo de información.

A manera de conclusión

Como corolario a lo expuesto, es necesario indicar que la *Gestalt* de la investigación además de permitir comprender cómo y por qué se presentan cambios de una teoría a través del tiempo, también garantiza la verdad y la objetividad de las teorías.

Hemos indicamos que uno de los inconvenientes de otras propuestas que intentan explicar los cambios en las teorías reside en el hecho de que manejan un concepto de verdad como consenso o pragmático. Por nuestra parte, nosotros nos adherimos al concepto aristotélico de verdad por adecuación o correspondencia entre el decir y el ser: “Decir, en efecto, que el

Ente no es o que el No-ente es, es falso, y decir que el Ente es y que el No-ente no es, es verdadero” (ARISTÓTELES, 1998:1110b.)

Esto debido a que reconocemos, como ya lo indicamos, la existencia de una realidad exterior inicial independiente del sujeto. Para filósofos y epistemólogos puede resultar un juego entretenido el divagar sobre la negación de los hechos, declarar la realidad como texto, pero al final de cuentas esa realidad negada se presenta y golpea. ¿Cómo declarar al virus VIH, al SARS CoV o la reacción atómica en cadena producida por la bomba atómica de Hiroshima unas interpretaciones? Sus nombres y relación con los humanos son construcciones, pero la realidad física está ahí. Como lo expresara llanamente sin afán de filosofar, el Premio Nobel de Física, M. Planck:

Los principios fundamentales y los postulados indispensables de toda ciencia genuinamente productiva no están basados en la lógica pura sino en la hipótesis metafísica –que ninguna regla lógica puede refutar– de que existe un mundo exterior que es totalmente independiente de nosotros (PLANCK, 1959:94).

Llama la atención que denomine, quizá presionado por el convencionalismo neopositivista y la dificultad para encontrar correlatos físicos a la Física contemporánea, “hipótesis metafísica” a la existencia del mundo exterior. Ahora bien, el no reconocer esa realidad metasubjetiva, nos conduce a una indiferenciación de la ciencia y el mito, la imaginación y la razón, lo deseable y la realidad; por lo que podemos seguir el sabio consejo del gato en *Alicia en el país de las maravillas*: “si te da igual a dónde ir, poco importa el camino que se tome” (CARROLL, 2003:60) Planck igualmente condena esa posición: “una ciencia que comienza predicando la negación de la objetividad ya se ha sentenciado a sí misma” (PLANCK, 1959:40).

Por supuesto, es un mito que nos podamos desprender de la subjetividad por completo. Nuestro mundo humano no es un mundo natural sino cultural, esto es, lleno de valores y sentidos. Desde el momento que utilizamos el lenguaje, y no podemos no utilizarlo, nos encontramos en un mundo re-creado. Lo anterior significa que el ser humano no crea el ser, solo otorga el sentido a lo que ya es. Pero es requisito indispensable que esa re-creación esté acorde con lo que está ya creado.

Si las teorías son recreaciones de la realidad, el análisis epistemológico debe centrarse en los “moldes” empleados para su construcción y en los datos que sirven para llenar esos moldes. En ocasiones puede resultar que los datos son insuficientes, por lo que el “molde” no puede explicar el fenómeno, pero una vez que tienen datos completos, la teoría lo explica totalmente. Fue en el caso de las anomalías de la órbita del planeta Urano que la Física clásica de Newton no podía explicar, porque se desconocía la existencia de otro planeta que interfería en los resultados cuando se aplicaba la teoría; pero se resolvieron con el descubrimiento de un octavo planeta, a la postre nombrado Neptuno. En otros casos, no es que los datos sean insuficientes, sino que el mismo molde ya no puede explicar el fenómeno y se debe emplear otro molde o modificar el existente. Es lo que sucedió cuando los científicos trataron de explicar la anomalía de la órbita de Mercurio con la Física de Newton. Inicialmente se buscaron nuevos datos, suponiendo como en el caso de la órbita de Urano, la existencia de otro planeta al que denominaron Vulcano. Sin embargo, nunca fue descubierto y fue necesario tomar otro molde, la Física de la relatividad de Einstein, para explicar el fenómeno.

El criterio para aceptar o rechazar determinado “molde” para construir una teoría reside en la capacidad explicativa, predictiva y comprensiva de esta última. Al mismo tiempo, debemos recordar que la ciencia es una actividad social por lo que la comunicación y validación de los “pares” también garantiza la objetividad de las teorías al poder reproducir los procesos de obtención de datos e interpretación de los mismos con el uso de determinado “molde”.

Ante la Ciencia de la Información Documental se presentan nuevos datos derivados de realidades emergentes como la inteligencia artificial, el flujo de información en las redes sociales, la posverdad, la infodemia, los movimientos sociales y políticos de la sociedad civil y grupos minoritarios que producen y consumen información alternativa, nuevas necesidades de información de individuos, grupos y organizaciones en un mundo tecnologizado, dinámico e interconectado, entre otros nuevos fenómenos, que exigen ser explicados, comprendidos y manejados gracias a los estudios realizados por esa ciencia.

Debemos esclarecer si un “molde” con elementos positivista, funcionalista, pragmático y tecnicista nos ayuda en esos estudios; cuáles son sus limitaciones y en qué casos es preferible emplear un “molde” que incluya la dialéctica, el pensamiento crítico, el pensamiento complejo y permita no sólo la multi e interdisciplina, sino también la transdisciplina. Aceptando que no hay “rompimientos paradigmáticos” en lo que lo antiguo no tiene ninguna relación con lo nuevo; sino es otra forma de organizar los datos y por consecuencia la red teórica de la ciencia, donde puede haber cabida a elementos antiguos. Esa nueva forma de “visión” (teoría) de los datos no es el resultado de consensos y convenciones de los científicos del área, sino es el instrumento que permite conocer la realidad estudiada o por lo menos así lo promete. Si en el futuro se descubre que esa teoría no era verdadera, se reconoce el error y se busca una más adecuada; no se declara que “en su momento era verdadera” o que la actual “no es falsa”. La ciencia indaga para conocer la verdad, aceptando que no es posible acceder a la verdad última, completa y total, porque finalmente el ser es infinito. Pero siempre es posible conocer verdades en determinados momentos, profundidades, perspectivas. Una verdad concreta es diferente a la falsedad. Lo que desconocemos siempre será mayor a lo que conocemos, ese es el motor y la esencia de la ciencia. Parafraseando a Platón podemos decir que el error está en “saber algo y creer que se sabe todo o por saber solo algo y no todo, creer que no se sabe nada”³.

El objetivo de la Ciencia es ir conociendo ese algo, aunque la verdad última se encuentre como el punto alejado en el infinito donde se cruzan las líneas paralelas de la Geometría no-Euclidiana. Nunca se alcanzará, pero sirve para construir toda una teoría.

³ El texto a que se hace alusión y que dio origen a la famosa frase atribuida a Sócrates *sólo sé que no sé nada* es “... este hombre, por una parte, cree que sabe algo, mientras que no sabe [nada]. Por otra parte, yo, que igualmente no sé [nada], tampoco creo [saber algo]” (PLATÓN, 1985:22d).

Referencias bibliográficas

ARISTÓTELES

1998 *Metafísica*. Madrid: Gredos, 1998.

BALZER, W.; MOULINES, C. U.; SNEED, J. D.

1987 *An Architectonic for Science*. Dordrecht: Reidel, 1987.

BUTOR, M.

1969 Preámbulo. *Revue L'Arc*, 39 (1969).

CAPURRO, R.

2007 Epistemología y ciencia de la información. *Enl@ce: revista venezolana de información, tecnología y conocimiento*. 4:19 (2007) 11-29.

CARROLL, L.

2003 *Alicia en el país de las maravillas*. Argentina: Ediciones del Sur, 2003.

DERRIDA, J.

1975 *La Diseminación*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1975.

FOUCAULT, M.

1966 *Les Mots et les choses : une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966.

HASSAN, I. H.

1971 *The dismemberment of Orpheus: toward a postmodernist literature*. New York: Oxford University Press.

HJØRLAND, B.

2018 Library and Information Science (LIS). En *ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization*. [En línea]. Ed. Birger Hjørland y Claudio Gnoli. 2018. [Consult. 22 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.isko.org/cyclo/lis.htm#top>.

HOLTON, G.

2004 *Introducción a los conceptos y teorías en las ciencias físicas*. Barcelona: Editorial Reverté, 2004.

KANT, I.

2007 *Crítica de la razón pura*. Buenos Aires: Colihue, 2007.

KRISTEVA, J.

1974 *La Révolution du langage poétique: l'avant-garde a la fin du XIX^e siècle*. París: Seuil, 1974.

KUHN, T.

1996 Posdata: 1969. En *La Estructura de las revoluciones científicas*. México: FCE, 1996, p. 268-319.

LAKATOS, I.

1983 *La Metodología de los programas de investigación científica*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

LAUDAN, L.

1986 *El Progreso y sus problemas: hacia una teoría del crecimiento científico*. Madrid: Encuentro, 1986.

MASTERMAN, M.

1975 La Naturaleza de los paradigmas. En *La crítica y el desarrollo del conocimiento*. Ed. I. Lakatos y A. Musgrave. México: Grijalbo, 1975.

MOULINES, C. U.

2002 La Concepción estructuralista de la ciencia. *Revista de Filosofía*. [En línea]. 58 (2002) 6-77. [Consult. 22 ene. 2024]. Disponible en: <https://revistafilosofia.uchile.cl/index.php/RDF/article/view/44075>.

NIETZSCHE, F.

2004 *Fragmentos póstumos : una selección*. Madrid: ABADA Editores, 2004.

PARMÉNIDES

1985 Sobre la naturaleza. En GÓMEZ LOBO, Alfonso – *Parménides : texto, traducción y comentario*. Buenos Aires: Charcas, 1985.

PÉREZ RANSANZ, A. R.

1999 *Kuhn y el cambio científico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PLANCK, M.

1959 Where is Science going. En *The New Science*. [S. l.]: Meridian Books, 1959, p. 1-154.

PLATÓN

1988 Teeteto. En *Diálogos V*. Madrid: Gredos, 1988.

PLATÓN

1987 Cratilo. En *Diálogos II*. Madrid: Gredos, 1987.

PLATÓN

1985 *Apología de Sócrates*. En *Diálogos I*. Madrid: Gredos, 1985.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F.

2002 *Das "ciências" documentais à Ciência da Informação : ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

STEGMÜLLER, W.

1983 *Estructura y dinámica de teorías*. Barcelona: Ariel, 1983.

STEGMÜLLER, W.

1981 *La Concepción estructuralista de las teorías*. Madrid: Alianza, 1981.

VATTIMO, G.

1998 Dialéctica, diferencia y pensamiento débil. En *El pensamiento débil*. Ed. G. Vattimo, P. A. Rovatti. Madrid: Cátedra, 1998.

Miguel Ángel Rendón Rojas | marr@unam.mx

Universidad Nacional Autónoma de México / Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, México

DESAFÍOS Y AMENAZAS PARA LA CONSTRUCCIÓN Y COMUNICACIÓN DE INFORMACIÓN INCLUSIVA: papel de los mediadores en el flujo de información falsa e desinformación

CHALLENGES AND THREATS TO THE CONSTRUCTION AND COMMUNICATION OF INCLUSIVE INFORMATION: role of mediators in the flow of false information and disinformation

Martha Sabelli

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag2024a2>

Resumen: La centralidad de esta exposición está en consonancia con presentaciones precedentes en los Seminarios del CIIBERCID del 2020 al 2022, en la ciudadanía común, específicamente de contextos desfavorables. El punto de partida son las estrategias de intervención para enfrentar los problemas, barreras y amenazas a las que se ve afectada la ciudadanía común con relación al deseable flujo de información inclusiva e integradora. La Era Digital con sus oportunidades, pero también los desafíos de la desinformación e información falsa, reafirman la importancia de los mediadores sociales de información para crear los puentes imprescindibles para el empoderamiento de las comunidades de contextos vulnerables a través de información inclusiva.

Palabras clave: Desinformación; Información falsa; Información inclusiva y ciudadanía; Mediador social de información; Pobreza de información.

Abstract: The centrality of this paper is in line with previous presentations in the CIIBERCID Seminars from 2020 to 2022, on ordinary citizens, specifically from unfavorable contexts. The starting point is the intervention strategies to confront the problems, barriers and threats to which ordinary citizens are affected in relation to the desirable flow of inclusive and integrative information. The Digital Era with its opportunities but also the challenges of misinformation and false information, reaffirms the importance of social information mediators to create the essential bridges for the empowerment of communities from vulnerable contexts through inclusive information.

Keywords: Misinformation; Fake news; Inclusive information and citizenship; Social information mediator; Information poverty.

1. Introducción

El Seminario del CIIBERCID VI pretende discutir los problemas, desafíos y amenazas que enfrenta la Ciencia de la Información (CI) en la actualidad. Las formas en que accedemos, usamos y comunicamos la información están cambiando muy rápidamente y, con ello, también las habilidades y libertades de los individuos. Por ello, es importante valorar los diferentes aspectos que pueden afectar a la CI y pensar en estrategias de intervención. Se propone un debate, en el plano más estrictamente epistemológico y ético, sobre las relaciones presentes y futuras de la CI con la(s) Ciencia(s) de Datos, con la Inteligencia Artificial (IA), con la Ética de la Información/Ética Digital, y en un nivel más profesional, cómo los gestores de información/conocimiento pueden contribuir positivamente a aumentar la alfabetización informacional (donde caben múltiples alfabetizaciones) y a superar las *fake-news* y los conceptos erróneos de la post-verdad a través de un esfuerzo interdisciplinario centrado en el concepto/objeto de la infocomunicación.

Nuestra centralidad está, en consonancia con presentaciones en los Seminarios del CIIBERCID del 2020 al 2022, en la ciudadanía común, específicamente de contextos desfavorables. El punto de partida son las estrategias de intervención para enfrentar los problemas, desafíos y amenazas a las que se ve afectada la ciudadanía común en relación con el deseable flujo de información inclusiva e integradora. Nos referimos a “común” en el sentido de una mirada a la ciudadanía, “*como aquella caracterizada por un conjunto de prácticas en el ámbito público con distintos grados y diversidades de pertenencia, actividad, solidaridad, multiculturalismo y reconocimiento en la vida social, viviendo un conjunto de experiencias y visiones fuera del ámbito privado y de la esfera estatal en un entorno social compartido*” (SABELLI, 2023:17). Y específicamente, los sectores más desprotegidos de contextos desfavorables, como usuarios/as de información para su vida cotidiana, donde actúan distintos actores *en situaciones* y *en lugares*, en escenarios de pobreza de información.

2. La Era digital y los nuevos desafíos

El desafío disciplinar y profesional encuentra, como expresamos en el Seminario del CIIBERCID 2022, ante una situación nueva y explosiva. La Era Digital no es una etapa nueva de la anterior sino es diferente, ha irrumpido con impactos que no podemos predecir hasta dónde y cómo va desarrollarse. Al igual cuando abrimos un grifo pero es difícil cerrar. Varias son las dimensiones informativas en juego desde la CI, sus aspectos técnicos y la especial atención de la lógica de los algoritmos de los motores de búsqueda y las redes sociales, los aspectos cognitivos, en especial los sesgos cognitivos y las socioculturales a partir de identificación de una verdadera cultura de la posverdad. Hay una preocupación social asociada a la IA, la discriminación algorítmica y cómo controlar la discriminación. Crecimiento exponencial, capacidad de almacenaje de los datos *Big Data*, aumento de la potencia de la computación y nuevas técnicas, importancia del aprendizaje profundo son los desafíos presentes e inmediatos.

En el Seminario CIIBERCID 2022, enfocamos *Los desafíos disciplinarios y profesionales para la democratización del conocimiento en épocas de incertidumbre y cambios desiguales*, centrándonos en el nuevo escenario de la IA. Algunos de nuestros principales referentes sobre la IA y sus impactos en la cultura han sido: Anthony Elliott (ELLIOTT, 2019), Dirk Helbing y Carina Hausladen (HELBING e HAUSLADEN, 2022) y la tesis de Matteo Stocchett (STOCCHETT, 2020). Pero desde un enfoque crítico, nos adherimos al debate de la obra de Shoshana Zuboff *La Era del capitalismo de la vigilancia* (2020), que expresa su visión crítica en el contexto de una nueva etapa del capitalismo, en especial sus ideas sobre *El Gran Otro y el ascenso del Poder Instrumental*, en *Fundamentos Fundamentales del Capitalismo de Vigilancia* (parte uno, capítulos 2 a 6) señala: “no es una tecnología, es una lógica que permea la tecnología y coloca la acción [...] es una forma de mercado inimaginable fuera del entorno digital, pero no es lo mismo que ‘lo digital’”. En el capítulo 13, reafirma: “Es lo que rige el entorno digital y guía nuestro camino hacia el futuro”. Con respecto al Gran Otro y el ascenso del Poder instrumental dice: “El poder instrumental opera a través de la modificación de la conducta [...] siente una profunda indiferencia hacia nuestros significados y motivos” (ZUBOFF, 2020).

3. Escenarios de transparencia vs opacidad, la desinformación e información falsa

Desde los años 80 preocupaba la falta de transparencia de las TIC, y lo dice claramente una muy destacada investigadora en CyT, Judith Sutz, al volver al Uruguay:

Una primera característica deseable es la transparencia para el usuario, la disminución de la opacidad y de la condición de caja negra de la tecnología [...] una informática transparente sólo puede ser construida a través del diálogo entre quienes conciben los sistemas y quienes la utilizan [...] una informatización deseable es aquella en que el usuario es también personaje intelectualmente activo en el proceso, que conjuntamente con el técnico define los alcances y límites en la aplicación de la herramienta y donde, como resultado de esto, los sistemas resultan transparentes (SUTZ, 1986:57).

Por tanto, la transparencia no puede ser producida de un solo lado. Parte central de la responsabilidad en esto recae sobre los técnicos, pero también sobre los que utilizan directa o indirectamente la herramienta.

Los tiempos presentes han profundizado con una enorme brecha en calidad y cantidad la relación entre, por un lado, los actuales productores de las plataformas, los contenidos y su manipulación por complejos e invisibles algoritmos y, por otro, sus usuarios a quienes está dirigida la información, sujetos individuales y comunidades a lo largo y ancho del mundo. O sea, emerge una realidad impactante para los seres humanos, al no ser conocido en la historia un proceso similar, caracterizado por su invisibilidad y alto poder de manipulación de ideas, percepciones, motivaciones e intereses individuales y colectivos.

Desde Brasil hay una excelente y vasta producción sobre el nuevo escenario de la desinformación, *misinformación*, e información falsa (*fewnews*), entre otros términos. Se han destacado los textos de Arthur Coelho Bezerra y Marco Schneider (2019, 2022) y la relevante producción sobre el tema del amigo y colega del CIIBERCID Carlos Ávila Araújo, quien expone en esta temática en el seminario, sobre el fenómeno de las *fake news* y la desinformación. Con un abordaje crítico, aportan sobre la denominada por Schneider “*la Era de la desinformación*” (SCHNEIDER, 2022).

El CIIBERCID pretende debatir sobre estos desafíos pero es esencial, desde nuestra perspectiva, tejer entre la teoría y la *praxis*, para buscar incidir en las políticas de información. En este sentido, el propósito es mejorar la inserción social y lograr el reconocimiento de los derechos sociales de las comunidades en contextos de pobreza de información, entre ellos el derecho a la información superando los obstáculos y barreras actuales al estar expuestas a una mayor vulnerabilidad que el resto de la sociedad en las competencias y libertades individuales. La desinformación y la información falsa aparecen como un impedimento para su inclusión e integración social. El análisis e interpretación del uso real y apropiación de contenidos aportan a las políticas públicas sociales de los países y al diseño de sistemas de información y lectura referidos a este sector social. En consecuencia, se debe debatir sobre las políticas sociales de información y la responsabilidad social de distintos actores en juego.

4. Mediadores sociales de información

En base a la experiencia de una línea y proyectos de investigación desde 2008 a la fecha en el Departamento Información y Sociedad del Instituto de Información de la Facultad de Información y Comunicación de la Universidad de la República (Uruguay), reconocemos el papel de los posibles *mediadores sociales de información* de los ámbitos familiar, comunitario y de los servicios públicos a los que acceden las personas comunes de contextos desfavorables. Ellos pueden colaborar en el diseño, implementación y evaluación de productos digitales en forma participativa y generar contenidos informativos de calidad para que estos productos favorezcan una mejor apropiación de información con sentido al crear nuevas oportunidades para prácticas en información y comunicación y evitar el acceso y uso de información falsa. En suma, favorecer el acceso a fuentes y recursos de información verídicos, valiosos, pertinentes, confiables, atractivos y amigables. Por tanto, facilitar la apropiación de información confiable y libre de algoritmos opacos y carentes de principios éticos. O sea, constituir un vehículo facilitador de los procesos de empoderamiento, potenciador de capacidades y fuerzas preexistentes en la sociedad como pasaporte para la democratización de la información y comunicación.

En el Seminario del CIIBERCID del 2020 desde Montevideo, enfatizamos la relación de los mediadores profesionales de la información y la academia, y consideramos a los profesionales como puentes esenciales con el medio social y sus distintos actores. La inexistencia o debilidad de las “correas de transmisión” que permiten y facilitan la comunicación y difusión de la investigación desde la academia y/o centros de generación de conocimiento a los profesionales y viceversa, es un obstáculo no solamente para el desarrollo disciplinar sino también para la promoción de políticas públicas de información y comunicación. Los abordajes investigativos encapsulados y aislados con respecto a su entorno inmediato también son posibles obstáculos en el avance deseable a la unificación. Es frecuente observar a la investigación no integrada a las otras funciones en el que hacer universitario. La separación de la investigación de la enseñanza y la extensión universitaria profundiza la fragmentación “hacia adentro”.

El concepto de la transferencia, uso y asimilación de la información tienen características diversas para las comunidades urbanas y rurales, pues sus contextos son multifacéticos, conformados por micromundos, diferentes “lugares” donde las comunidades “con”viven en contextos sociales, económicos, culturales que hacen al cotidiano urbano y rural y la forma de habitar el territorio. Los sectores más vulnerables (vulnerabilidad asociada a la pobreza y carencia de capacidades y habilidades que facilitan el desarrollo del capital humano y social), no perciben fácilmente el valor de la información más allá de los problemas más urgentes de su vida cotidiana, y lo que es más preocupante, muchas veces no están en condiciones de apropiarse de los contenidos.

El *mediador social de información* ha sido un actor que hemos identificado en las investigaciones en el campo de comportamiento informativo de los últimos diez años, desde una perspectiva de género, y compartido en las conferencias internacionales bienales sobre Comportamiento Informativo ISIC (*Information Seeking in Context*) y publicadas en *Information Research* y capítulos de libros (SABELLI, 2012a, 2012b, 2016). Una comunicación abreviada sobre el análisis aquí presentado se divulgó en el ISIC 2020, Pretoria, 28-30 setiembre 2020 (SABELLI, 2020). Nuestras investigaciones en equipos interdisciplinarios nos han permitido confirmar la gran complejidad del proceso de usar y asimilar información por parte de una determinada comunidad de ciudadanas comunes,

especialmente en contextos desfavorables, usuarias de información para su vida cotidiana, donde actúan distintos actores *en situaciones* y en *lugares*. Entre ellos se destacaron en proyectos, los mediadores sociales de instituciones ubicadas en comunidades específicas que trabajan en estrecho contacto con los vecinos de la localidad. Cada proyecto de investigación nos evidenció y reafirmó, cada uno de ellos según su especificidad, el papel de los mediadores de información, y los que denominamos *mediadores sociales de información*.

Las comunidades investigadas han sido las siguientes:

- jóvenes mujeres de contextos desfavorables (2008-2010) en zonas deprimidas de Montevideo;
- adolescentes que no estudian ni trabajan (Ni Ni) y el sistema nacional integrado de salud creado en el 2008 en Uruguay (2010-2012 en Montevideo y 2013-2014 en Paysandú);
- mujeres mayores de contextos desfavorables y sus *tablets* del Plan Ibirapitá (2017-2019) en dos regiones del Uruguay, y cuatro ciudades; y finalmente,
- actual proyecto en curso InFam-TEA (2021-2024), centrado en las necesidades y comportamiento informativo de familiares, especialmente las madres, de niños y niñas con Trastorno del Espectro Autista (TEA).

Ellos abarcan tanto a los mediadores insertos en instituciones públicas a nivel nacional y local, como también a las organizaciones sociales estrechamente vinculadas e insertas en las comunidades locales. La diversidad de sus perfiles nos habla de doctores, trabajadores sociales, psicólogos, profesores de educación media, maestros de educación inicial y primaria, educadores sociales, miembros de comisiones vecinales, entre otros. Su papel llevó a que en algunos de los proyectos se han estudiado sus comportamientos informativos con el fin de analizar sus capacidades para transmitir información a las comunidades carenciadas.

O sea, por un lado nos preguntamos: ¿actualmente cómo acceden o no a información falsa, cuán desinformados están?, y por otro, ¿cómo actúan frente a ella, son obstáculos o facilitadores en su acceso y uso por los integrantes de la ciudadanía común a la que sirven o se relacionan? ¿cómo se relacionan entre ellos/as como comunidades de práctica y el flujo de información falsa?

Los mediadores institucionales son un puente esencial entre las mujeres jóvenes, adolescentes y mayores y sus procesos de apropiación de información y conocimiento, tanto para su desarrollo personal como colectivo. En consecuencia, es fundamental que los profesionales de la información aprendan de los mediadores sociales, trabajando cerca de ellos. La desinformación de mujeres adolescentes, jóvenes y mayores aparece como un obstáculo para su desarrollo e integración social. El uso significativo de la información, es decir, la internalización del conocimiento explícito que puede integrarse al conocimiento experiencial e implícito que ya poseen. Los sectores más vulnerables, donde la vulnerabilidad está asociada a la pobreza y a la falta de capacidades y habilidades que faciliten el desarrollo del capital humano y social, no reconocen fácilmente el valor de la información más allá de las necesidades más urgentes de la vida cotidiana. La llegada de la Era Digital aumenta en forma exponencial la problemática que nos atañe como disciplina

y profesión. En este marco, la línea de investigación y sus contribuciones valoriza a los *mediadores sociales de información*, en el escenario de los impactos de la Era Digital y las ideas de referentes relacionados a ésta, en especial el *capitalismo de vigilancia* y las teorías y conceptos de los últimos años del profesor emérito Tom D. Wilson (nuevo modelo comportamiento informativo del 2020-2021), a quien dedicamos el último número de la revista *Informatio* (Informatio, 2023), y las contribuciones sobre el contexto de Naresh Agarwal (AGARWAL, 2022).

5. Los mediadores de información, conceptos y referentes teóricos

El estudio de los mediadores sociales en el fenómeno del comportamiento informativo comunitario ha dado lugar a la investigación de los aportes teóricos desde diferentes perspectivas, entre las que cabe mencionar el concepto de *gatekeepers* de Allen (STURGES, 2001), y más recientemente, en los llamados mediadores de la información. La obra de Metoyer-Duran (1993), uno de los fundadores del concepto y desarrollo de los *gatekeepers in ethnolinguistic communities* y su modelo con tres ejes que caracterizan su entorno o contexto con cuatro niveles (p. 26-32), debe verse a la luz de los paradigmas contemporáneos interpretativos. El *dominio afectivo* se relaciona con el comportamiento de los *gatekeepers*, impidiendo o facilitando o siendo neutrales en el uso de recursos internos y externos de información. Pueden jugar un rol como agente de aculturación y proactivo en la búsqueda de información desde diversas fuentes. En este sentido, cabe destacar las revisiones temáticas de Donald Case (CASE, 2012:338-340), Lu (2007) y la tesis doctoral de Yang (YANG, 2013:40-47). Karen Fisher y sus colegas han incorporado el modelo de *lay information mediary behaviour (LIMs)*, enriqueciendo tanto la línea como los proyectos de investigación. Dichos mediadores "se definen como aquellos que buscan información de manera no profesional o informal en nombre (o debido a) de otros sin que necesariamente se les pida que lo hagan, o sin realizar un seguimiento" (ABRAHAMSON y FISHER, 2007), y fueron estudiados en varios proyectos que presentó en valiosos artículos junto con coautores, entre otros: ABRAHAMSON y FISHER, 2007; ABRAHAMSON *et al.*, 2008). La confianza entre pares y los demás son conceptos básicos de sus propuestas. Sin duda, las innovadoras investigaciones sobre mujeres en situación de pobreza de información llevadas a cabo por Elfreda A. Chatman en las décadas de 1980 y 1990, constituyeron un abordaje interdisciplinario de las mujeres en contextos desfavorables, al que dedicó todo su compromiso y valor académico. Varias de las ideas sobre las que teoriza Chatman (1987, 1992, 1996 y 1999) se relacionan con la vida en círculo de mujeres pobres que viven en situaciones extremas, iniciando el estudio de mujeres mayores en residencias de ancianos y descubriendo posteriormente la necesidad de contextos más críticos. El papel de los pares y los *insider-outsider* anclados en su concepción de *the life of the round* aparecen como factor en la búsqueda y flujo de información.

La vida cotidiana no puede aislarse de los estudios de las comunidades ¿Cómo conocemos las necesidades de información de los ciudadanos comunes y corrientes sin abordarlas en su vida diaria? Desde mediados de los años 90 se viene desarrollando una línea de investigación y importantes aportaciones teóricas a la información de la vida cotidiana por Reijo Savolainen y su modelo ELIS (*Everyday Life Information Seeking*) que enfoca los criterios según los cuales las personas prefieren fuentes de información a la hora de resolver problemas cotidianos. Su enfoque desde el construccionismo social y la aplicación de métodos cualitativos, incluido el análisis del discurso de las percepciones de las personas

sobre sus competencias como buscadores y usuarios de información, se convirtieron en una contribución importante a nuestra investigación (SAVOLEINEN, 1999, 2002, 2004, 2005, 2008).

Asimismo, se destaca como referentes principales los estudios realizados a principios y mediados de la década de 2000 sobre el papel que juegan los contextos más cercanos a las comunidades investigadas, es decir: amigos, familiares, vecinos y otros, en las relaciones de información (HERSBERGER, 2001, 2002, 2003, 2005). Una contribución sustancial de la investigación es su afirmación de que "la información existe como un recurso integrado en las redes de apoyo social y, cuando se accede a ella, podría resultar en una mejora física, una mejor salud mental o una mayor satisfacción con la vida" (HERSBERGER, 2003:100).

6. Resultados a la luz de los referentes teóricos y los desafíos de la IA y la Era Digital

La relación de los mediadores con aquellos servicios y recursos dirigidos a las mujeres aparece como muy débil; pocos encuestados conocían más que una fuente de información. Esta situación nos alerta sobre la necesidad de promover conductas informativas entre los mediadores como intermediarios de información electrónica, colaborando también en el desarrollo de contenidos disponibles en Internet, distribuyéndolos entre los destinatarios de sus servicios. Podríamos tipificarlos como buscadores novatos, descritos por Erdelez (2005:179), como encuentros ocasionales. El comportamiento informativo de los mediadores está integrado en una comunidad de práctica entre sus pares, presentando tendencias similares y un dominio específico donde comparten conocimientos, lenguajes y significados. El grupo de referencia es la fuente más inmediata y fiable, el sentimiento de pertenencia y confianza en quienes se consideran dentro de su comunidad de práctica, facilita la creación de este comportamiento informativo. El espacio de intercambio en las redes sociales de los mediadores es fundamental como productores, usuarios y mediadores de información. Al promover sus formas de relacionarse con los demás y transferir información, también se potencian sus roles como mediadores y multiplicadores de sentido dentro de los entornos de información. Así, se convierten en agentes activos en los procesos de recepción e internalización de información por parte de los destinatarios de sus servicios.

Finalmente, los mediadores sociales de información que hemos estudiado exponen sus fortalezas y debilidades, sus compromisos, ausencias e inquietudes en relación con el flujo de información y comunicación. Es relevante el énfasis puesto en los mediadores pertenecientes al personal de salud, pues constituyen frecuentemente el único puente socializador no sólo en Uruguay sino en gran parte del mundo para crear la accesibilidad y uso de información rigurosa y verídica en el área de la información en salud.

Referencias bibliográficas

ABRAHAMSON, Jennie A.; FISHER, Karen E.

2007 'What's past is prologue' : towards a general model of lay information mediary behaviour. *Information Research*. [En línea]. 12:4 (2007) paper colis 15. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <http://InformationR.net/ir/12-4/colis/colis15.html>.

ABRAHAMSON, Jennie A.; FISHER, Karen E.

2006 Modeling the information behavior of lay mediaries. In *Proceedings of the American Society for Information Science and Technology*. [En línea]. 43:1 (2006), 1-4. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/meet.14504301257/pdf>.

ABRAHAMSON, Jennie A. [et al.]

2008 Lay information mediary behavior uncovered: exploring how non professionals seek health information for themselves and others online. *Journal of the Medical Library Association*. [En línea]. 96:4 (2008) 310-323. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2568838/>.

AGARWAL, Naresh Kumar

2022 *Exploring context in information behavior: seeker, situation, surroundings, and shared identities*. [USA]: Springer Nature, 2022.

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marcos

2022 *Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis*. [En línea]. Rio de Janeiro: IBICT, 2022. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1200/1/Bezerra%20%26%20Schneider%20-%20Compet%C3%Aancia%20Cr%C3%ADtica%20em%20Informa%C3%A7%C3%A3o%20%282022%29.pdf>.

CASE, Donald O.

2012 *Looking for information: a survey of research on information seeking, needs, and behavior*. Bingley: Emerald Group Publishing, 2012.

CHATMAN, Elfreda A.

1999 A Theory of life in the round. *Journal of the American Society for Information Science*. 50:3 (1999) 207-217.

CHATMAN, Elfreda A.

1996 The Impoverished life-world of outsiders. *Journal of the American Society for Information Science*. [En línea]. 47:3 (1996) 193-206. [Consult. 25 ene. 2024]. Disponible en: <https://tefkos.comminfo.rutgers.edu/Courses/612/Articles/ChatmanOutsiders.pdf>

CHATMAN, Elfreda A.

1992 *The Information world of retired women*. [S. l.]: Greenvook Press, 1992.

CHATMAN, Elfreda A.

1987 Opinion Leadership, Poverty, and Information Sharing. *RQ*. [En línea]. 26:3 (Spring 1987) 341-353. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/25827886>.

ELLIOTT, Antonio

1919 *La Cultura de la IA: la vida cotidiana y la revolución digital*. London; New York: Routledge, 2019.

ERDELEZ, Sanda

2005 Information encountering. In *Theories of information behaviour*. Ed. K. E. Fisher, S. Erdelez, L. McKechnie. Medford, NJ: Information Today, 2005, p. 179-184.

FISHER, Karen E.; LANDRY, Carol F.; NAUMER, C. M.

2007 Social spaces, casual interactions, meaningful exchanges: "information grounds" characteristics based on the college student experience. *Information Research*. [En línea] 12:2 (2007) paper 291. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <http://InformationR.net/ir/12-2/paper291.html>.

FISHER, Karen E.; NAUMER, C. M.

2006 Information grounds: theoretical basis and empirical findings on information flow in social settings. In *New directions in human information behaviour*. Ed. A. Spink, C. Cole. Amsterdam: Kluwer, 2006, p. 93-111.

HELBING, Dirk; HAUSLADEN, Carina Ines

2022 Socio-economic implications of the digital revolution. In *Handbook of Complexity Economics*. Ed. P. Chen, P., W. Elsner and A. Pyka. London; New York: Routledge, 2022.

HERSBERGER, Julie

2005 The Homeless and information needs and services. *Reference and User Services Quarterly*. 44:3 (2005) 199-202.

HERSBERGER, Julie

2003 A Qualitative approach to examining information transfer via social networks among homeless populations. *The New Review of Information Behaviour Research*. 4 (2003) 95-108.

HERSBERGER, Julie

2002 Are the economically poor information poor? : Does the digital divide affect the homeless and access to information? *Canadian Journal of Information & Library Sciences*. 27:3 (2002) 45-64.

HERSBERGER, Julie

2001 Everyday information needs and information sources of homeless parents. *The New Review of Information Behaviour Research*. [En línea]. 2 (2001) 119-134. [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <https://core.ac.uk/download/pdf/149230868.pdf>.

Informatio

2023 *Informatio : Revista del Instituto de Información de la Facultad de Información y Comunicación*. Dossier "Comportamiento Humano Informativo", coordinado por Martha Sabelli. [En línea]. 28:1 (2023). [Consult. 24 ene. 2024]. Disponible en: <https://informatio.fic.edu.uy/index.php/informatio/issue/view/29>.

LU, Yang

2007 The Human in human information acquisition: understanding gatekeeping and proposing new directions in scholarship. *Library & Information Science Research*. 29:1 (2007), 103-112.

METOYER-DURAN, Cheryl

1993 *Gatekeepers in ethnolinguistic communities*. New Jersey: Ablex Publishing, 1993.

SABELLI, Martha

2020 Old women and tablets: information behaviour in unfavourable contexts and social mediators. *Information Research* 25:4 (2020), paper isic2007. [Em Linha] [Consult. 25 ene. 2024] Disponible en <http://InformationR.net/ir/25-4/isic2020/isic2007.html>

SABELLI, Martha

2016 Social mediators and inclusive information: communication flow of healthcare information among adolescents in vulnerable communities *Information Research* 21:4 (2016), paper isic1608. [Em Linha] [Consult. 25 ene. 2024] Disponible en <http://InformationR.net/ir/21-4/isic/isic1608.html>

SABELLI, Martha

2012a Information behaviour among young women in vulnerable contexts and social inclusion: the role of social mediators. *Information Research* 17:4 (2012) [Em Linha] [Consult. 24 ene. 2024] Disponible en: <http://InformationR.net/ir/17-4/paper545.html>

SABELLI, Martha

2012b Los Mediadores en los servicios de la zona 9: sus percepciones y propuestas sobre las brechas informativas de las adolescentes y jóvenes. In SABELLI, M.; RODRÍGUEZ LOPATER, V. - *La Información y las jóvenes en contextos desfavorables: construyendo puentes para la inclusión social desde la investigación*. [En línea]. Montevideo : Udelar, 2012, p.107-159. [Consult. 24 ene. 2024] Disponible en: https://www.colibri.udelar.edu.uy/bitstream/123456789/6302/1/EUBCA-01_Sabelli_2012-12-10-webO.pdf

SABELLI, Martha, compil.

2023 *Las Mujeres mayores y la información inclusiva e integradora: un desarrollo posible para tablets Ibirapitá*. Montevideo: UCUR, Ediciones Universitarias; Universidad de la República, CSIC, 2023.

SAVOLAINEN, Reijo

2008 Source preferences in the context of seeking problem-specific information. *Information Processing and Management*. 44 (2008) 274-293.

SAVOLAINEN, Reijo

2005 Everyday life information seeking. In *Theories of information behavior*. Ed. K. E. Fisher, S. Erdelez, L. McKechnie. Medford, NJ: Information Today, 2005, p.143-145.

SAVOLAINEN, Reijo

2004 Enthusiastic, realistic and critical: discourses of Internet use in the context of everyday life information seeking. *Information Research*. [En línea]. 10:1(2004) 765-782. [Consult. 25 ene. 2024]. Disponible en: <http://InformationR.net/ir/10-1/paper198.htm>.

SAVOLAINEN, Reijo

2002 Network competence and information seeking on the Internet: from definitions towards a social cognitive model. *Journal of Documentation*. 58 (2002) 211-226.

SAVOLAINEN, Reijo

1999 The Role of the Internet in information seeking in context. *Information Processing & Management*. 35:6 (1999) 765-782.

SCHNEIDER, Marco

2022 *A Era da desinformação: pós-verdade, fake news e outras armadilhas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

STOCCHETTI, Matteo

2020 *The Digital Age and its discontents: critical reflections in education*. Helsinki: Helsinki University Press, 2020.

STURGES, Paul

2001 Gatekeepers and other intermediaries. *Aslib Proceedings*. 53:2 (2001) 62-67.

SUTZ, Judith

1986 *La Informatización en el futuro de América Latina : una exploración de tendencias*. Montevideo: CIESU, 1986.

YANG, Ji Yeon

2013 *A Dual-Perspective approach to understanding collegial information mediation in the workplace*. [En línea]. 2013. [Consult. 25 ene. 2024]. Disponible en <https://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/102380>.
Doctoral dissertation -University of Toronto.

ZUBOFF, Shoshana

2020 *La Era del capitalismo de la vigilancia*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2020.

ZUBOFF, Shoshana

2015 Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of information technology*. 30:1 (2015) 75-89.

Martha Sabelli | martha.sabelli@fic.edu.uy

Universidad de la República - Facultad de Información y Comunicación, Uruguay

Resumo: O cenário informacional contemporâneo tem sido marcado por novas condições de produção, circulação e utilização de informações, nas quais a ampla circulação de conteúdos parcial ou totalmente falsos e enganosos adquiriu uma grande importância. Esse fenômeno tem sido descrito e analisado a partir de diferentes conceitos, tais como desinformação, infodemia, pós-verdade, *fake news* e outros. Muitas análises têm sido realizadas com o objetivo de identificar suas causas, características e consequências, bem como seus elementos constituintes, modos de manifestação e interfaces com os diferentes âmbitos da vida humana (político, econômico, social, sanitário, etc.), gerando um grande acúmulo de conhecimento científico nos últimos anos. Um desafio que tem se apresentado recentemente é, justamente, sistematizar tais conhecimentos. O objetivo do presente trabalho, assim, é sistematizar tais análises a partir de uma perspectiva específica: identificar as dinâmicas de tais fenômenos a partir de suas causalidades funcionais. Para tanto, foi utilizado como referência o trabalho de Gibson Burrell e Gareth Morgan, que aplicaram um modelo de quatro paradigmas sociológicos para a pesquisa em organizações. Tal modelo prevê quatro paradigmas: o funcionalista, o interpretativo, o humanista radical e o estruturalista radical. Após a apresentação destes paradigmas, é feita sua aplicação nos estudos sobre os fenômenos da desinformação. O resultado dessa análise permite evidenciar as diferentes dinâmicas da desinformação na vida humana e social: disfunções das instituições de produção de conhecimento, ações intencionais de produção de desinformação, a construção social cotidiana por meio de valorização de determinados conteúdos, e o posicionamento dos sujeitos frente às estratégias de desinformação. Tais aspectos atuam em complementaridade, e cada um demanda ações específicas para o combate aos seus efeitos nocivos.

Palavras-chave: Desinformação; *Fake news*; Infodemia; Paradigmas sociológicos; Pós-verdade.

Abstract: The contemporary information scenario has been marked by new conditions of production, circulation and use of information, in which the wide circulation of partially or completely false and misleading content has acquired great importance. This phenomenon has been described and analyzed using different concepts, such as disinformation, infodemic, post-truth, fake news and others. Many analyzes have been carried out with the aim of identifying their causes, characteristics and consequences, as well as their constitutive elements, modes of manifestation and interfaces with the different areas of human life (political, economic, social, health, etc.), generating a large accumulation of scientific knowledge in recent years. A challenge that has arisen recently is precisely to systematize such knowledge. The objective of the present work, therefore, is to systematize such analyzes from a specific perspective: to identify the dynamics of such phenomena, based on their functional causalities. To this end, the work of Gibson Burrell and Gareth Morgan was used as a reference, who applied a model of four sociological paradigms to research in organizations. This model foresees four paradigms: functionalist, interpretative, radical humanist and radical structuralist. After presenting these paradigms, their application is made in studies on the phenomena of disinformation. The result of this analysis makes it possible to highlight the different dynamics of disinformation in human and social life: dysfunctions of knowledge production institutions, intentional actions to produce misinformation, everyday social construction through the valorization of certain contents, and the positioning of subjects in relation to disinformation strategies. This diversity of aspects act in complementarity, and each of them requires specific actions to combat their harmful effects.

Keywords: Disinformation; Fake news; Infodemic; Sociological paradigms; Post-truth.

1. Introdução

Um fenômeno recente, de escala mundial e com implicações em vários âmbitos da vida humana, é aquele que se relaciona com a ampla produção, circulação e utilização de informações total ou parcialmente falsas, principalmente nos ambientes digitais. Esse fenômeno tem sido denominado de diferentes formas, tais como desinformação, infodemia, pós-verdade, *fake news*, entre outros. Embora a produção de informações falsas não seja uma novidade, os fenômenos recentes evidenciam uma nova conformação dessa produção, principalmente em termos de alcance e velocidade dessas informações falsas e de seu impacto nos processos políticos, econômicos, culturais, sanitários, educacionais, entre outros (O'CONNOR e WEATHERALL, 2019; PETERS *et al.*, 2018).

O debate sobre esse fenômeno foi efetivamente colocado em pauta no ambiente científico a partir de 2016, quando dois fatos políticos importantes aconteceram (a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e a retirada do Reino Unido da União Europeia, fenômenos bastante marcados pela influência de informações falsas na tomada de decisão dos sujeitos) e teve uma maior ênfase a partir de 2020 com a pandemia da Covid-19. Desde então, proliferaram diversos estudos científicos sobre tais fenômenos, em praticamente todas as áreas de conhecimento, com destaque para campos como a ciência política, o direito, a ciência da computação, a comunicação social, as áreas da saúde. Além de publicações científicas, ocorreram incontáveis eventos, congressos, mesas redondas e debates sobre o tema, não apenas no âmbito científico, mas também nos ambientes escolares, midiático, institucional e social, gerando diferentes iniciativas, tais como políticas públicas, ações associativas, programas de ensino, entre outras.

No âmbito científico, verifica-se uma gigantesca produção de conhecimentos sobre o assunto nos últimos anos. Por um lado, isso significa um grande acúmulo de compreensões sobre o fenômeno. Por outro lado, se trata de estudos muito diferentes. Eles são diferentes não apenas por serem provenientes de diferentes disciplinas científicas como, também, por enfatizarem aspectos, níveis e dimensões diferentes do problema. Isso faz com que se torne difícil encontrar sínteses, comparar resultados, acumular conhecimentos. Há estudos focados no funcionamento das instituições que produzem conhecimento na sociedade, estudos sobre os financiadores de informação falsa, sobre as habilidades dos indivíduos para identificar a informação falsa, sobre como as pessoas atribuem veracidade para os canais de informação. O fenômeno tem causas, características e consequências variadas, e um grande desafio é conseguir sintetizar descobertas realizadas em cada uma dessas dimensões e níveis e correlacionar umas com as outras.

É nessa perspectiva que se insere o presente trabalho, que tem por objetivo propor uma sistematização dos aspectos já estudados e conhecidos do fenômeno da desinformação, por meio da sua decomposição em determinadas dimensões. Para tanto, foi utilizado como referência um trabalho clássico de Gibson Burrell e Gareth Morgan, que aplicaram um modelo de quatro paradigmas sociológicos para a pesquisa em organizações. Tal modelo prevê quatro paradigmas: o funcionalista, o interpretativo, o humanista radical e o estruturalista radical. Para o entendimento da realidade das organizações, os dois autores consideraram pertinente utilizar uma leitura a partir de sua natureza social, ou seja, de uma compreensão sociológica da realidade das organizações. A partir dessa questão, estruturam o pensamento social a partir das causalidades consideradas para o estudo de qualquer fenômeno, isto é, daquilo que faz com que determinado fenômeno aconteça ou exista, a sua origem primeira, sua razão de existência. A causalidade é, portanto, aquilo que determina a

existência de algo, e os autores trabalharam com as quatro causas fundamentais para qualquer fenômeno de âmbito humano e social.

Considerando a qualidade e a pertinência do trabalho dos dois autores, e o fato de ser a desinformação também um fenômeno humano e social, optou-se por utilizar esse quadro de referência para a sistematização dos aspectos, dimensões e níveis do fenômeno da desinformação encontrados e descobertos nos estudos científicos realizados sobre o fenômeno. Para tanto, será feita inicialmente uma apresentação dos quatro paradigmas de Burrell e Morgan e, a seguir, será feita sua aplicação nos estudos sobre o fenômeno da desinformação.

2. O quadro referencial de Burrell e Morgan

A forma mais comum de sistematização dos conhecimentos produzidos nas ciências humanas e sociais é aquela na qual são identificadas três grandes tradições de pesquisa, derivadas de diferentes posições epistemológicas: o funcionalismo, como desdobramento do positivismo; o marxismo, como manifestação do pensamento crítico; e a perspectiva compreensiva, na confluência da fenomenologia e da hermenêutica (GIDDENS, 2018). Elas representam as duas grandes oposições presentes no campo: a dicotomia entre ator e sistema (isto é, análises focadas no nível micro, dos atores, ou no nível macro, das estruturas) e a dicotomia entre a ordem e o conflito (LALLEMENT, 2004; IZZO, 2021).

Uma sistematização diferente foi proposta em 1979 por Gibson Burrell e Gareth Morgan: em seu modelo, os autores propõem não três, mas quatro grandes modelos de estudo nas ciências sociais. Em seu trabalho, Burrell e Morgan apresentam uma forma de sistematização dos conhecimentos científicos sobre as organizações (ou seja, no âmbito da administração enquanto uma disciplina científica) tendo como fundamento as perspectivas sociológicas que orientam tais conhecimentos. O ponto de partida deles é o fato de que as teorias sociais podem ser concebidas em termos de quatro paradigmas, que são baseados em diferentes conjuntos do que eles chamam de pressupostos metateóricos, isto é, concepções epistemológicas mais amplas que orientam os estudos. Esses pressupostos metateóricos incidem sobre a natureza da própria ciência social (isto é, das ciências que estudam a vida humana e social) e sobre a natureza da sociedade (isto é, sobre a realidade empírica que é estudada pelas ciências sociais).

O argumento inicial dos autores é que todas as teorias sobre as organizações são baseadas em um tipo de filosofia da ciência e em um tipo de teoria social. Compreender ambas é fundamental para entender o quadro geral proposto por eles, na medida em que as categorias de uma ajudam na construção da outra. Burrell e Morgan iniciam a sua discussão apresentando a primeira, isto é, os pressupostos filosóficos, que permitem conceituar a ciência social em termos de quatro conjuntos de pressupostos relativos à ontologia, à epistemologia, à natureza humana e à metodologia.

A ontologia diz respeito a determinados pressupostos, que podem ser implícitos ou explícitos, sobre a natureza do mundo social e de como esse mundo social pode ser estudado. Aqui, os autores identificam duas grandes maneiras de se fazer isso: o mundo social pode ser compreendido como uma realidade externa aos indivíduos, isto é, uma realidade que se impõe, de fora, sobre as consciências individuais – uma realidade objetiva; ou como um produto da consciência dos indivíduos, resultado da cognição dos indivíduos.

A epistemologia se relaciona com a natureza do conhecimento produzido. Conforme os autores, o conhecimento pode ser entendido como algo concreto, tangível, sólido, “real”, ou seja, com existência independente do sujeito e passível de ser acessado, medido, preservado; ou como algo intangível, maleável, subjetivo, de natureza “espiritual”, ou seja, vinculado a pensamentos, ideias, experiências e visões de mundo. A natureza humana diz respeito ao tipo de relação estabelecida entre os seres humanos e o ambiente em que eles vivem. Aqui também há duas oposições: de um lado, uma compreensão mecânica, determinista, na qual os seres humanos são produtos do ambiente, são condicionados por circunstâncias externas a eles; de outro lado, uma visão que destaca a dimensão criativa dos sujeitos, o livre arbítrio, o voluntarismo. Por fim, quanto à metodologia, no âmbito dos procedimentos utilizados pelos pesquisadores para compreender o real, Burrell e Morgan identificam dois movimentos intelectuais básicos: um que trata o mundo como algo natural, concreto, externo, e que, portanto, busca por regularidades e estabelecimento de leis; e outro que vê o mundo como algo pessoal, subjetivo, maleável e, assim, buscam compreender como os indivíduos criam, modificam e interpretam o mundo.

A segunda discussão introdutória diz respeito aos pressupostos da própria teoria social. Neste ponto, Burrell e Morgan retomam o clássico debate “ordem x conflito” que, de acordo com eles, foi o grande debate nas ciências sociais na década de 1960. A partir da argumentação de autores como Dahrendorf e Lockwood, Burrell e Morgan apontam que, após a década de 1960, o interesse maior recaiu sobre o debate “ator x sistema”, sobretudo com o crescimento da influência de teorias como a fenomenologia, o interacionismo simbólico e as teorias da ação. Ainda assim, eles reconhecem que o debate “ordem x conflito” segue sendo não só extremamente pertinente, como estrutural para a construção de conhecimento no âmbito da teoria social. Neste debate, são duas as concepções de sociedade. A primeira é a perspectiva da ordem: trata-se de uma visão da sociedade que ressalta os valores compartilhados entre os indivíduos, a estabilidade das instituições, a integração, a coordenação funcional e a produção do consenso. A integração é assim o fenômeno no qual a explicação incide sobre a contribuição que os elementos que compõem um determinado sistema trazem para a manutenção do todo – ainda que possam existir disfunções e mesmo algumas partes com algum grau de autonomia. A segunda é a perspectiva do conflito: é uma outra visão de sociedade centrada nos aspectos de desintegração, de interesses distintos, da existência de conflitos e, como consequência, da existência de imposição de alguma força, de processos de dominação. A contradição é, pois, a incompatibilidade básica entre os elementos que compõem uma determinada estrutura social – ela implica o reconhecimento da heterogeneidade, dos desequilíbrios, das forças antagônicas.

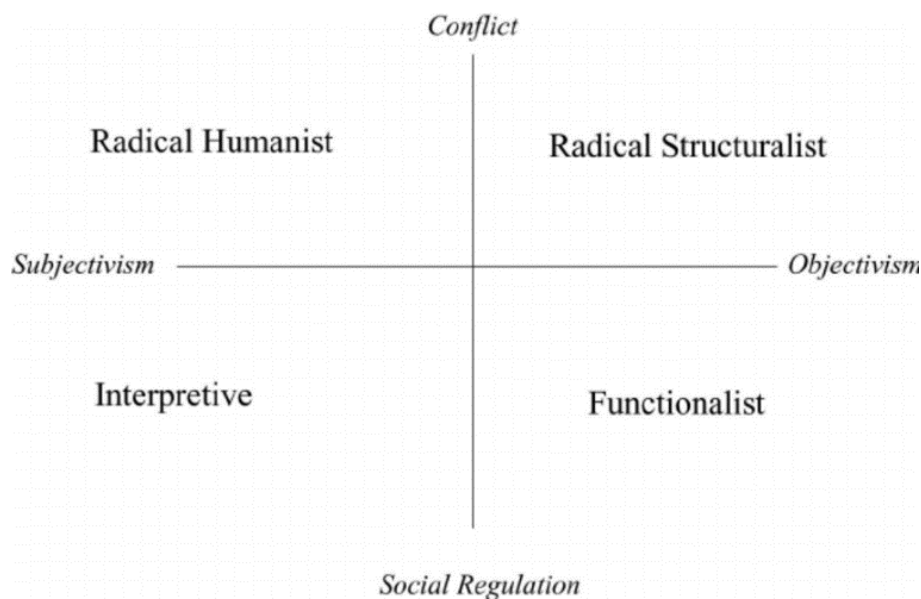
Desse embate de visões resultam dois modelos de teoria social: o modelo da regulação (que busca explicações que enfatizam a unidade, a coesão, a regulação das ações humanas) e o da mudança (voltado para explicações que possam levar a mudanças, à emancipação dos sujeitos em relação às estruturas, à denúncia dos modos de dominação). Importante ressaltar que os autores alertam que a teoria da ordem não entende que a sociedade é estática, mas apenas que ela estuda os processos com o objetivo de manter os padrões do sistema como um todo (elas são estáticas no sentido de buscarem manter o status quo). De modo distinto, a teoria do conflito está comprometida com mudanças estruturais, e não superficiais, da sociedade.

De uma maneira bem didática, Burrell e Morgan apontam que o modelo da ordem, ou da regulação, está associado a noções como status quo, ordem, consenso, coesão,

solidariedade, satisfação de necessidades e realidade presente. Já o modelo da mudança, ou do conflito, está associado a categorias como mudança, conflito, dominação, contradição, emancipação, provação e potencialidade.

E é a partir da combinação das duas discussões apresentadas acima que os autores apresentam seu quadro intelectual, estruturado em quatro paradigmas. De um lado, a natureza da ciência (como objetiva ou subjetiva) e, de outro, a natureza da sociedade (como ordem ou como conflito), como pode ser observado na Fig. 1:

Fig. 1 – Os quatro paradigmas de Burrell e Morgan



Fonte: BURRELL e MORGAN, 1979.

Os quatro paradigmas são então apresentados e discutidos pelos autores. Eles são, efetivamente, aplicações dos pressupostos identificados acima, combinados em uma correlação. De forma resumida, os quatro são apresentados a seguir:

- a)** O primeiro modelo é o funcionalista. Trata-se de uma forma de conhecer o social aplicando os mesmos métodos das ciências naturais. Embora tenha origens remotas na Grécia Clássica, foi efetivamente estruturado a partir de pensadores como Comte, Spencer e Durkheim, que propuseram modelos positivos de estudo a partir de analogias mecânicas e orgânicas. A sociedade é vista como um sistema autorregulado que pode ser compreendido a partir do estudo de seus elementos constituintes e de como eles se interrelacionam.
- b)** O segundo modelo é o interpretativo, que busca compreender o mundo sempre a partir do ponto de vista dos atores envolvidos nos processos sociais. Sua origem é o idealismo alemão, com as ideias de Kant de que o conhecimento a priori precede a apreensão dos dados provenientes dos sentidos humanos, isto é, de que existem determinados princípios de organização inatos dentro da consciência humana. Com Dilthey, Weber e

Husserl, construiu-se uma perspectiva teórica segundo a qual considerar o ser humano como ator impede que ele seja estudado com os métodos das ciências naturais – por ser livre e dotado de consciência, o ser humano não está sujeito a leis. O método adequado, pois, é o do entendimento, da compreensão dos processos internos das mentes humanas. Ainda que tais processos possam se traduzir em objetos tangíveis (livros, músicas, instituições), esses serão sempre manifestações externas, posteriores e consequências de experiências internas. Dentro dessa mesma perspectiva se encontram teorias como a hermenêutica (que, conforme Gadamer, entende que os fenômenos sociais podem ser analisados como se fossem textos – o que evoca uma perspectiva de estudo mais próxima da análise literária do que a busca por leis gerais), o solipsismo, a fenomenologia, o existencialismo, a etnometodologia e o interacionismo simbólico.

- c) O terceiro paradigma é o que os autores chamam de humanista radical. Ele também tem origem com o idealismo alemão, a partir da ideia de Kant de que a realidade última do universo é espiritual e não material – isto é, de que é o indivíduo que cria o mundo no qual ele vive. Mas, neste caso, mais do que apenas entender o processo de criação, pelos seres humanos, do mundo social, a ênfase recai sobre a crítica a esse mundo e sobre a postura desses seres humanos diante desse mundo. Um entendimento desse processo está presente nos trabalhos do jovem Marx (até 1846), que condensam essa discussão a partir do conceito de alienação – fenômeno no qual as criações sociais, objetificadas, voltam-se sobre os indivíduos como força alienante. De acordo com os autores, entre as tradições que se desenvolvem nessa perspectiva, merece destaque a teoria crítica – e eles identificam três vertentes: Lukács, Gramsci e a Escola de Frankfurt. Em comum, as três buscam revelar como é de fato a sociedade, desmascarando seus modos de operação com o objetivo de proporcionar condições para a emancipação humana por meio da mudança social.
- d) O quarto paradigma é o estruturalista radical. Ele tem origem em uma visão fundamentalmente materialista da vida social, isto é, a natureza concreta, objetiva, de uma realidade que existe fora das mentes dos sujeitos, que independe deles. Sua ênfase se dá no estudo das estruturas da sociedade – sendo tais estruturas compreendidas como elementos que estão em oposição uns aos outros. A teoria fundamental dessa perspectiva é a economia política, que tem origem nos últimos trabalhos de Marx. A noção fundamental é a de infraestrutura, que corresponde à base econômica da sociedade na qual a produção desempenha papel central. Ela se volta, assim, para o entendimento dos modos de produção (capitalismo, feudalismo, comunismo), os meios de produção (tecnologias, terra, capital, trabalho) e as relações de produção (produtores e não produtores, proprietários e não proprietários, etc.). Nessa visão, os fatores superestruturais da sociedade (estado, religião, arte) são determinados pela infraestrutura. Várias correntes se desenvolveram nessa perspectiva, como o socialismo científico (Engels, Lenin e outros), a teoria social russa (Bukharin, Kropotkin) e, posteriormente, autores como Althusser e Dahrendorf.

Após a identificação e caracterização dos paradigmas de Burrell e Morgan, passa-se ao exercício de aplicá-los na sistematização dos aspectos relacionados com os fenômenos da desinformação, como apresentado no próximo tópico.

3. Aplicação do quadro: as dinâmicas da desinformação

Neste tópico serão apresentados estudos e análises sobre a desinformação a partir de cada um dos modelos identificados por Burrell e Morgan.

3.1. A desinformação numa perspectiva funcionalista

Pensando-se nos fenômenos da desinformação a partir de uma perspectiva funcionalista, o primeiro elemento que precisa ser destacado é o fato de que tais fenômenos são enquadrados como disfunções, isto é, como anomalias que comprometem o eficaz funcionamento das instituições sociais. Nesse sentido, há diversos estudos que buscam entender o fenômeno desde uma perspectiva objetivista, isto é, enquanto um fato social (tal como na perspectiva durkheimiana).

O ponto de partida de tais estudos é a ideia de que a sociedade pode ser comparada a um organismo vivo, isto é, formada por partes que desempenham determinadas funções para a manutenção do equilíbrio do todo. Nessa perspectiva, as sociedades humanas podem viver estágios de normalidade, nos quais estão “saudáveis”, e estágios patológicos, nos quais se manifestam “doenças” – sendo a ideia de saúde exatamente a harmonia de uma sociedade com ela mesma (entre os seus membros) e dela com as demais. É nessa perspectiva que se enquadram as compreensões sobre o adequado funcionamento das instituições – e, entre elas, aquelas responsáveis pela produção e circulação do conhecimento, tais como a ciência, as universidades, as escolas, os meios de comunicação, as plataformas digitais, as redes sociais, entre outras. A condição de saúde de uma sociedade é aquela na qual apenas conteúdos consensualmente aceitos como verdadeiros, isto é, confiáveis e certificados, circulam, de modo que as pessoas possam tomar decisões baseados em fatos reais.

Dentro dessa perspectiva, a própria designação do fenômeno como “infodemia” já marca a ideia de uma sociedade doente, disfuncional, em termos de informação. A associação dos termos informação e pandemia representa uma caracterização patológica da dimensão informacional: a gigantesca abrangência e velocidade de disseminação de informações falsas tem produzido um quadro em que os conteúdos deliberadamente falseados ou deturpados estão mais presentes na vida das pessoas do que as verdadeiras e de qualidade, e acabam tendo muito mais influência na tomada de decisões e na definição das linhas de ação. Assim se constitui uma natureza “pandêmica” dos fenômenos informacionais, tomados desde a perspectiva de seus efeitos adversos ou disfunções (NAEEM e BHATTI, 2020).

Uma explicação do significado dessa expressão está também presente em Wardle e Derakhshan (2017) sob a denominação de desordem informacional. Os autores argumentam que, embora haja uma vasta pesquisa sobre os impactos históricos de informações falsas e rumores, há um conjunto de novidades no momento contemporâneo:

a poluição da informação uma escala global; uma complexa rede de motivações para a produção, a disseminação e o consumo dessas mensagens “poluídas”; uma miríade de tipos de conteúdos e técnicas para amplificar tais conteúdos; inúmeras plataformas hospedando e reproduzindo esses conteúdos; e velocidades vertiginosas de comunicação entre pessoas que confiam umas nas outras.

Uma segunda linha de estudos se destaca a partir do conceito de “autoridades cognitivas” ou “autoridades epistêmicas” (WILSON, 1983; RIEH, 2010; FROEHLICH, 2019), que se referem às instituições responsáveis pela produção e circulação de conhecimento certificado, reconhecido como verdadeiro, tais como as universidades, institutos de pesquisa, escolas, empresas jornalísticas, bibliotecas, arquivos, museus e outras. Cada uma delas possui determinados instrumentos e métodos para a produção, a conferência, a validação e a certificação dos conhecimentos produzidos ou postos em circulação, de forma que se converteram em autoridades cognitivas ou autoridades epistêmicas. O elemento fundamental para o funcionamento dessas instituições é a questão da confiança que os sujeitos depositam nelas. E esta confiança se constrói de maneira racional, por meio de mecanismos de controle, formação universitária, códigos de ética, definição de protocolos e transparência, entre outros fatores.

É nesse sentido que D’Ancona (2018) detecta o colapso da confiança. Para ele, quando os cidadãos cooperam, há sucesso econômico e reduzem-se custos de processos judiciais, de regulamentação e de cumprimento de contatos. Todas as sociedades bem-sucedidas dependem de um grau alto de honestidade para preservar a ordem. É aí que a desinformação aparece enquanto um fenômeno de enganação, de fraude, em que determinado conteúdo se apresenta como algo que não é. Keyes (2018) chega a propor que as sociedades deveriam buscar formas de recompensar a honestidade e penalizar a desonestidade, de forma a tornar os laços humanos fortes o suficiente para as pessoas deixem de contar mentiras. E é nessa perspectiva que se encaixam os fenômenos das *fake news* e da *fake science*, isto é, fenômenos nos quais as instituições de autoridade epistêmica têm a sua legitimidade reconhecida e há um aproveitamento disso, por meio da distorção.

O primeiro conceito relevante nessa discussão é o de *fake news*. O termo se tornou relevante no ano de 2016 (D’ANCONA, 2018), quando foi utilizado exhaustivamente pelo candidato a presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para desqualificar e difamar os veículos de comunicação de massa quando estes apresentavam fatos que o desfavoreciam. O termo foi usado, assim, exatamente para deslegitimar as instituições jornalísticas, questionando a sua confiabilidade. Há, pois, uma resistência ao uso desse termo, por parte de jornalistas e estudiosos da comunicação, pelo fato de que, se é falso, então não é notícia – entendendo-se notícia como uma categoria jornalística. O uso abundante do termo, contudo, acabou por o consagrar como fundamental para a compreensão da nossa época. Literalmente, *fake news* significa notícias falsas. O primeiro elemento de sua caracterização é sua falsidade: elas são produzidas com a intenção de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. O segundo elemento é que elas buscam ser apreendidas como notícias jornalísticas verdadeiras. Ou seja, as *fake news* são parte de uma estratégia que reconhece a legitimidade do discurso jornalístico, das instituições jornalísticas e, em lugar de questionar essa legitimidade, na verdade se aproveitam delas para terem credibilidade (BARBOSA, 2019). Não só do jornalismo, mas também das universidades, institutos, da ciência – frequentemente as *fake news* apelam para “especialistas”, cientistas, professores, políticos, alguns falsos, outros com fala distorcida.

Fake news portanto são mentiras travestidas de jornalismo. Elas podem ter origem em um *site* que copia, na aparência, as características de um *site* jornalístico; podem ter como nome ou endereço *web* o mesmo nome de uma instituição já existente, com uma letra trocada; podem ser assinadas por pessoas que se apresentam como jornalistas sem serem, ou por pessoas com o nome quase idêntico ao de jornalistas ou colunistas reconhecidos e respeitados. O texto utiliza a estrutura típica do jornalismo – linguagem, entrevistas, apoio em avaliações de especialistas, imagens, entre outros.

É importante destacar o fato de que, obviamente, não se quer dar a entender aqui que os meios de comunicação sempre dizem a verdade. Décadas de estudos científicos têm demonstrado como os veículos jornalísticos são empresas que atendem ou são suscetíveis a determinados interesses de grupos econômicos, políticos, militares, religiosos, etc. (PELLICER ALAPONT, 2017). Contudo, sempre foram instituições com sede, registro, funcionários contratados e, para a construção de sua credibilidade, nunca puderam inventar fatos completamente falsos, sob pena de serem responsabilizados e desacreditados. Distorções de fatos, enquadramentos favoráveis a um grupo ou desfavoráveis a outro, silêncio sobre fatos desabonadores de seus financiadores, escutar apenas um lado da questão, mistura de opinião em conteúdo informativo são algumas das várias estratégias para moldar ou distorcer a realidade conforme determinados interesses. A novidade trazida pelas *fake news* é a construção de um relato completamente falso, de uma notícia de um fato que nunca aconteceu, e sua apresentação nos moldes do discurso jornalístico. A força das *fake news* reside na incapacidade (ou desinteresse, como será apontado a seguir) das pessoas em diferenciar um tipo de outro, atribuindo o mesmo grau de confiabilidade a conteúdos distintos apenas pela aparência do conteúdo informacional.

O outro conceito é o de *fake science*, que atua da mesma forma que as *fake news*. Muitos estudos mostram que questionamentos à ciência existem há muito tempo, provenientes tanto do senso comum, das autoridades constituídas nas práticas tradicionais, como também de líderes religiosos. Mas, nas últimas décadas, diversos discursos e conteúdos sem a devida comprovação científica começaram a ser divulgados, se apresentando como se fossem científicos - isto é, se aproveitando do prestígio e da legitimidade da ciência (PILATI, 2022). Pasternak e Orsi (2023), por exemplo, fizeram um amplo estudo de diversas iniciativas de *fake science*, tais como a astrologia, a homeopatia, a acupuntura, as curas energéticas, os modismos de dieta, paranormalidade, discos voadores e outros mais.

Ainda nessa perspectiva estão os estudos que buscaram caracterizar o fenômeno, por meio da construção de tipologias de sua manifestação. Dissecando as estratégias da desinformação e da pós-verdade, Aparici e García Martín (2019) apresentam as seguintes manifestações do fenômeno:

- a)** a) *clickbait*: inserção de títulos sensacionalistas para que os usuários acessem o conteúdo, com o objetivo de gerar tráfego e ter benefícios com publicidade (em português usa-se algumas vezes a tradução “caça-cliques”);
- b)** b) conteúdo patrocinado: emissão de publicidade para parecer-se com conteúdo informativo;
- c)** c) sátira: uso de conteúdos fictícios de paródia com intenção de que as pessoas tomem a informação como correta;

- d)** d) conteúdo partidário: interpretações parciais da realidade mascaradas por aparência de neutralidade;
- e)** e) teorias da conspiração: fundamentadas em histórias que tentam, de forma simples, explicar realidades complexas como resposta ao medo e à incerteza;
- f)** f) pseudociência: negação de fatos cientificamente comprovados mediante interpretações parciais e interessadas;
- g)** g) desinformação: mescla de fatos reais e conteúdo falso, como falsa atribuição de autoria ou imagem;
- h)** h) *fake news*: conteúdos inteiramente falsos e inventados, fabricados e propagados deliberadamente para enganar as pessoas com objetivos políticos e econômicos.

Os autores apontam ainda as principais estratégias da pós-verdade em termos de linguagem: uso de metonímia, manipulação de declarações, polarização através do estereótipo, descontextualização, saturação de conteúdo, modificação do significado de palavras, uso de frases feitas, apresentação de fatos aparentes, argumentos vazios e exagerados, omissão de fatos, adulação, agregados degradantes e opiniões diferentes segundo as circunstâncias. E destacam ainda um último fator, o que chamam de política-cyborg, isto é, o uso de robôs para automatização da circulação e popularização de determinadas informações e, até mesmo, para a sua criação: “A difusão automatizada de conteúdos em redes sociais, mediante *bots*, especialmente no contexto de grandes eventos políticos e eleitorais, cada vez é mais frequente, e chegaram a ser um quinto das conversações registradas no Twitter nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos” (APARICI e GARCÍA MARTIN, 2019:127).

Ainda numa perspectiva funcional estão as discussões sobre a criminalização da produção de desinformação. Menezes (2022) argumenta que a responsabilização deve acontecer, mas preservando-se a liberdade de expressão, evitando-se a diminuição da participação da vida política do país e o congelamento da interação nas redes sociais. O mesmo autor buscou definir o que são as *fake news* por meio da identificação de suas características: dinamicidade, informalidade, superficialidade, intensidade, determinabilidade, decidibilidade, emocionalidade, empaticidade, estimulabilidade e verificabilidade. Nesse sentido, também ações de regulação das redes sociais e promoção de agências e serviços de checagem se tornam ações fundamentais (ABBOUD, NERY JUNIOR e CAMPOS, 2021).

3.2. A desinformação numa perspectiva interpretativista

Já numa perspectiva interpretativa, o ponto central de tais fenômenos é que eles são construídos por pessoas comuns, no decurso de suas atividades cotidianas. Assim, um elemento central para a existência da desinformação é a ação humana de atribuir confiabilidade e veracidade a determinados conteúdos, consultar determinadas fontes e canais de informação em detrimento de outros (MAYOS e BREY, 2011).

A centralidade da ação dos indivíduos na conformação da desinformação vem sendo destacada nos estudos do chamado viés cognitivo, ou viés de confirmação, ou ainda

dissonância cognitiva. Trata-se de uma tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências, isto é, nos fatos, num esforço para evitar descontentamento psíquico. McIntyre (2018) aponta três estudos clássicos em psicologia social conduzidos nos Estados Unidos, nas décadas de 1950 e 1960, que demonstraram essa questão. O primeiro deles é a teoria da dissonância cognitiva de Festinger, segundo a qual buscamos harmonia entre nossas crenças e ações. O segundo é a teoria da conformidade social de Asch, que postula que temos tendência a ceder à pressão social por nosso desejo de estar em harmonia com os outros. O terceiro é o estudo do viés de confirmação conduzido por Watson, que identificou nossa tendência a dar mais peso às informações que confirmam nossas crenças pré-existentes. O autor apresenta também estudos recentes sobre a questão, expressos em dois conceitos: efeito contraproducente (fenômeno em que a apresentação de uma informação verdadeira para uma pessoa, que entra em conflito com suas crenças em fatos falsos, faz com que a pessoa creia nesses fatos com mais força ainda) e o efeito Dunning-Kruger (fenômeno no qual nossa falta de capacidade para fazer algo faz com que superestimemos nossas habilidades reais). Tais elementos do viés cognitivo fazem com que as pessoas sejam propensas a formar suas crenças sem ter em conta a razão e as evidências. Vários são os trabalhos que têm associado o sucesso de conteúdos desinformativos aos vieses cognitivos (ROCHA, 2023).

Outro aspecto dessa dimensão é o que vem sendo estudado a partir do conceito de pós-verdade. Muitas pessoas criticam o uso dessa expressão, identificando que ele seria na verdade um modismo ou mero sinônimo de mentira com uma embalagem diferente (MCINTYRE, 2018; FULLER, 2018; SANTAELLA, 2019). Mas os pesquisadores que o propuseram como conceito científico alertam que ele designa, sim, uma questão inédita na história. É o que está expresso na definição do dicionário Oxford, que salienta que, no cenário da pós-verdade, os apelos à emoção (daí a importância do discurso de ódio) e às crenças pessoais (daí a importância das teorias conspiratórias e do negacionismo) são mais importantes na formação da opinião do que os fatos da realidade (D'ANCONA, 2018). A pós-verdade é um fenômeno que se produz na confluência de três condições. A primeira delas é a ampla disseminação de informações falsas (complemente falsas, e não apenas distorções como na era dos meios de comunicação de massa) com suporte tecnológico que permite alcances inimagináveis na era da fofoca e dos rumores. A segunda é a possibilidade de checagem nos dias atuais, em que muitas pessoas podem, em poucos segundos e com aparelhos de uso cotidiano como o *smartphone* ou o *notebook*, checar a veracidade das informações recebidas por elas em qualquer meio. A terceira é o fato de as pessoas não fazerem isso, isto é, não checarem, não verificarem se uma informação é verdadeira ou falsa, antes de a repassarem e dela se apropriarem. É esse desinteresse, esse desdém pela verdade, que marca aquilo que vem sendo identificado como uma “cultura da pós-verdade” (WILBER, 2018) ou um “regime de pós-verdade” (BRONCANO, 2019). A expressão cultura designa justamente um conjunto de valores, de naturalizações, de estímulos a um determinado comportamento – no caso, o desprezo pela verdade, a valorização daquilo que confirma ideias preconcebidas, a seleção apenas daquilo que é confortável. A pós-verdade caracteriza um imaginário contemporâneo no qual a desconsideração da verdade é naturalizada, estimulada, exaltada, como um valor ou uma virtude (D'ANCONA, 2018; MUROLO, 2019).

Nessa mesma linha, mas num foco mais específico, Keen (2008) identifica o que chama de “culto do amadorismo”, uma certa celebração de conteúdos amadores que acaba por anular a distinção entre o profissional e o amador, o que leva ao enfraquecimento de jornais,

revistas, indústria musical, cinematográfica e jornalística, com consequente desaparecimento de padrões profissionais e filtros editoriais e o enaltecimento do plágio e da pirataria. Outra análise na mesma linha é a de Frankfurt (2019) que identifica o predomínio do que chama de “conversa fiada”: uma forma de diálogo que, diferente do embuste e da mentira, representa um desrespeito à verdade, um desprezo, em formas de linguagem presunçosas, abusivas e enganadoras, discursos que buscam disfarçar a ignorância de quem os produz e enganar os que ouvem. O crescimento da “conversa fiada” na publicidade, na política e em diversos outros ambientes estaria promovendo um ceticismo em relação à verdade objetiva, na medida em que, diferente do mentiroso que ainda tem a verdade como referência (ainda que para negá-la ou escondê-la), na conversa fiada a verdade se torna irrelevante. Por fim, merecem destaque os estudos que têm identificado as diversas micro-ações cotidianas por meio das quais se desenvolvem comportamentos que estimulam e impulsionam a desinformação, como os “sete hábitos” das pessoas desinformadas apontados por Argemí (2019), entre os quais se destacam o a ansiedade informativa, a confusão no estabelecimento de relações, o ativismo visceral, entre outros. Tais quadros têm sido muitas vezes analisados à luz das categorias peirceanas de fixação das crenças – a tenacidade, o método da autoridade, o método “a priori” e o método científico (ALZAMORA e ANDRADE, 2019; GOMES e BROENS, 2021).

3.3. A desinformação numa perspectiva humanista

Desde uma perspectiva humanista, os fenômenos da desinformação são compreendidos a partir de um enquadramento entre condições de alienação e de emancipação. Assim, os sujeitos, em suas ações cotidianas, podem ter mais ou menos condições de se posicionarem criticamente em relação aos conteúdos informativos com os quais têm contato e dos quais se apropriam - e, nesse processo, identificar intencionalidades por detrás dos conteúdos.

Nessa perspectiva de estudo, destacam-se estudos como o de Kakutani (2018) que retoma os argumentos de Hannah Arendt, que defende que o sujeito ideal para um governo totalitário é aquele para quem a distinção entre fato e ficção, verdadeiro e falso, deixa de existir. Para ela, portanto, o perigo último da pós-verdade é a consolidação dos populismos e fundamentalismos, que, por meio da destruição da própria ideia de “verdade”, destroem também a democracia e impõem o medo e o ódio sobre o debate racional.

McIntyre (2019) aponta a necessidade de os sujeitos denunciarem e combaterem as informações falsas e as tentativas de obscurecer e criar confusão sobre as questões, por meio do uso do pensamento crítico. Ele destaca a importância de as pessoas não suporem que apenas “os outros” estejam sendo conduzidos por seus vieses de confirmação. Santaella (2019) menciona a importância de as pessoas checarem sempre a veracidade das informações e a necessidade de uma educação contra as notícias falsas, bem como a promoção de um “uso inteligente, humano e razoável” (SANTAELLA, 2019:24) das redes digitais. Ferrari (2018) propõe que é preciso que as pessoas conheçam a lógica de criação e funcionamento das bolhas ou câmaras de eco, que percebam que estão empobrecidas informacionalmente, e que executem ações de furar os bloqueios da informação personalizada e da zona de conforto.

Nesse sentido, podem ser enquadradas as denúncias das teorias conspiratórias. Estas constituem um fenômeno no qual se promove um suposto posicionamento crítico por parte das pessoas (a desconfiança de todas as instituições, governos, órgãos oficiais) em prol,

contudo, da adesão a determinado líder que seria o grande “revelador” de conspirações (PROCTOR, 2008). A atitude conspiratória gera um elemento fundamental na postura de quem se torna adepto delas: é que não há possibilidade de um contraditório, de uma contra-argumentação baseada em evidências, pois a conspiração é sempre secreta, escondida, portanto, não necessita de evidências, de fundamentação em fatos, para que se acredite nela. A narrativa na qual se acredita importa mais do que os fatos (D’ANCONA, 2018). Aggio (2021) analisa a estrutura das teorias conspiratórias enquanto um sistema de crenças baseado em dois elementos: o envolvimento obscuro de determinados autores e a desconstrução das autoridades epistêmicas.

Ainda nesta perspectiva enquadram-se estudos que denunciam o chamado sequestro das ideias pós-modernas sobre a verdade. O movimento pós-modernista desenvolveu-se ao longo do século XX como um movimento artístico, cultural e também filosófico. Entre suas características está o questionamento da ideia de existência de uma verdade absoluta, única, ou seja, não existiria uma resposta absolutamente correta sobre o que cada elemento da realidade significa. A denúncia de que qualquer declaração de verdade seria um ato autoritário, porque sempre ideológica, acabou sendo uma crítica sequestrada por movimentos políticos para dizer que tudo seria ideológico e, portanto, não haveria “verdade”, apenas “fatos alternativos” – expressão utilizada pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump em diversas ocasiões em que mentiu e foi confrontado por jornalistas, cientistas ou membros de judiciário com as evidências dos fatos verdadeiros (KAKUTANI, 2019).

Diversos estudos propõem formas de emancipação dos indivíduos num cenário de desinformação. Reis e Rodrigues (2022) debatem os desafios para a educação colocados por essa nova realidade, destacando a superação da alienação, crítica a soluções paliativas (controle da mídia, verificação de informações e alfabetização midiática) e a proposição de uma leitura crítica da realidade. Nemer (2021), numa inspiração em Freire, identifica um processo em que há opressores e oprimidos, destacando o papel das tecnologias em situações opressoras - e entendendo a tecnologia não como um mundo separado, mas uma extensão dos conflitos sociais. Ele propõe uma abordagem interseccional para o estudo das “tecnologias mundanas” – as tecnologias do opressor e as redes de desinformação. D’Ávila (2021), a partir do estudo de relatos de vítimas de discursos de ódio e desinformação, propõe que o problema não seja visto como algo individual, mas, sim, como violência coletiva, estrutural, sendo este o ponto de partida para o enfrentamento do sistema de desinformação, que coincide com a luta pela democracia. Magallón Rosa (2019) propõe a construção de uma rede de aprendizagem contra a desinformação.

A mais importante iniciativa, a partir dessa dimensão, são os programas em alfabetização midiática, literacia midiática e competência crítica em informação. Tais perspectivas de ação se centram nas ações de competência em informação, inicialmente desde uma perspectiva técnica, isto é, relativa à habilidade no trato com a informação – tais como a capacidade de identificar claramente uma necessidade de informação, de definir estratégias de busca, fontes e canais adequados para se buscar informação, e também modos éticos e eficientes de uso da informação (VITORINO e PIANTOLA, 2009; AGOSTO, 2018). Além disso, especificamente num cenário de infodemia, isto é, de muitas informações falsas circulando, busca-se promover ações como investigar as fontes e autores da informação (seu histórico de confiabilidade, interesses, financiamentos, etc.), buscar sempre mais informações sobre o assunto, verificar se as fontes complementares comprovam os fatos, verificar a data da informação consultada, certificar-se de não ser

conteúdo satírico ou humorístico, avaliar os próprios preconceitos e consultar especialistas. Por fim, de forma complementar a esses dois conjuntos de ações, recentemente a competência crítica em informação vem se desenvolvendo desde a promoção de uma atitude de desconfiança, de verificação dos atores envolvidos na produção das mensagens das fontes de informação, de seu posicionamento político e econômico, de análise dos discursos explícitos e ocultos nas mensagens – isto é, das dimensões ideológicas presentes nos conteúdos informativos (BEZERRA e SCHNEIDER, 2022; ZATTAR, 2023). Isso implica a busca pela compreensão da lógica de funcionamento dos algoritmos das redes sociais e dos motores de busca, dos meios de comunicação de massa, e ainda a identificação de canais, veículos e serviços que veiculam, eventual ou sistematicamente, informações falsas – isto é, da própria dinâmica de produção da desinformação (KIRSCH e DILLEY, 2015).

3.4. A desinformação numa perspectiva estruturalista

Por fim, a perspectiva estrutural tem como ponto de partida o fato que a desinformação não é um fenômeno casual, um acidente, mas sim um processo intencional. Há sujeitos, grupos e coletivos que têm interesse na propagação de conteúdos mentirosos e enganadores – e, por isso mesmo, financiam e estruturam os indivíduos e grupos envolvidos na sua produção e disseminação, algumas vezes identificados como os "engenheiros do caos" (EMPOLI, 2019) ou os "mercadores da dúvida" (ORESTES e CONWAY, 2011).

Nesta última referência está um estudo clássico de um dos fenômenos mais importantes dessa perspectiva: o negacionismo científico. Trata-se de um fenômeno em que a autoridade da ciência passou a ser questionada por pessoas comuns, num processo motivado por interesses econômicos de determinados grupos empresariais e corporativos (MCINTYRE, 2018). O marco de origem desse processo se deu na década de 1950, quando a ciência descobriu os vínculos entre o ato de fumar e o câncer (MCINTYRE, 2018; WILBER, 2018). Uma vez estabelecida a verdade científica, a poderosa indústria do tabaco precisava garantir a sobrevivência de seu negócio. Grupos industriais do tabaco criaram uma fundação, começaram a financiar cientistas para dizerem que não era totalmente certo que o fumo causava câncer (porque, claro, não poderiam provar o contrário) e a disseminar a ideia de que qualquer debate sobre o tema, em universidades, escolas ou na mídia, deveria apresentar os dois "lados" da questão, isto é, o dos que têm certeza de que causa câncer, e dos que dizem que talvez cause. Isso foi conduzindo à ideia de que havia dois lados da questão e, para o público leigo, consolidava-se a ideia de que havia os cientistas que diziam que causa câncer e os que diziam que não. Isso foi suficiente para semear a dúvida e garantir a continuidade dos negócios. Nas décadas seguintes, estratégias semelhantes foram criadas por grupos empresariais, industriais e políticos para promover ideias como, por exemplo, a de que o aquecimento global não existe, de que vacinas causam doenças e, até mesmo, de que a Terra é plana.

Outro fenômeno é o que associa a desinformação com um determinado fenômeno político contemporâneo, associado com o enfraquecimento da democracia e ascensão de líderes demagogos com tendências autoritárias e que fazem uso constante de *fake news*, aproveitando-se do clima de desvalorização da verdade (MOORE, 2019; NOBLE, 2018; SILVA, 2020).

É o caso, por exemplo, da análise de Eatwell e Goodwin (2019) sobre o que chamam de fenômeno do “nacionalpopulismo”: a ascensão de líderes demagógicos que constroem sua popularidade com o uso de mentiras e apelos a emoções de ódio, medo e ressentimento junto a grupos que sentem que não são mais representados pelas elites políticas, econômicas e intelectuais. Os autores identificam as quatro palavras-chave que explicam esse fenômeno: a desconfiança dos políticos e das instituições democráticas, o temor da destruição das comunidades e da identidade histórica, o medo da privação com a globalização e o desalinhamento entre os partidos tradicionais e o povo.

Na obra organizada por Geiselberger (2017), pesquisadores de vários países chamam o momento político atual de “o grande retrocesso”, verificando a ascensão de demagogos autoritários, a “desglobalização anárquica”, os movimentos identitários, a xenofobia e os crimes de ódio como protagonistas de um cenário em que grupos de extrema-direita estariam tomando o poder em diversos países. Outras leituras semelhantes são as de Casara (2019) que entende a era atual como “pós-democrática” e Serrano Ojeda (2019) que a denomina “sociedade do desconhecimento”. Há também a definição destas consequências como a instauração de um “regime de pós-verdade”, expressão defendida por Broncano (2019) para designar o momento atual, tomando de empréstimo a noção de “regime de verdade” em Foucault, isto é, o conjunto de conhecimentos, dispositivos, atores, normas que geram categorizações, enquadramentos e condicionantes para o pensamento e a ação dos sujeitos.

A eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos é muitas vezes tomada como acontecimento paradigmático dessa tendência. Para Fukuyama, Trump representa uma tendência geral da política internacional que ele denomina ‘era do ressentimento’. Conforme o autor, outros líderes contemporâneos que podem ser incluídos nesta categoria são Vladimir Putin na Rússia, Recep Tayyip Erdogan na Turquia, Viktor Orbán na Hungria, Jaroslaw Kaczynski na Polônia e Rodrigo Duterte nas Filipinas (FUKUYAMA, 2019). Eatwell e Goodwin (2019) acrescentam a essa lista o presidente eleito do Brasil, em 2018, Jair Bolsonaro. Diagnóstico semelhante é levantado por Kakutani, que destaca que o fato de um vilão como Trump, “narcisista, mentiroso, ignorante e cheio de preconceitos, rude, demagogo e com impulsos tirânicos” ter tido um apoio popular tão grande “só se explica pelo desgosto, pelo cansaço que existe sobre a questão da verdade” (KAKUTANI, 2019:16, *tradução nossa*).

Na verdade, o sucesso de líderes autoritários e a emergência de formas de governo baseadas em disseminação em massa de informações falsas é tanto causa como consequência da pós-verdade, na medida em que criam um “ambiente perfeito para a proliferação de Fake News (notícias falsas – NF), motivada por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações. Quando a confusão e a falta de confiança nas fontes se instalam, as portas ficam abertas para que a desinformação tome o comando” (SANTAELLA, 2019:33).

Junto a esse fenômeno há, também, a existência de plataformas, aplicativos e serviços que possibilitam a disseminação em massa de notícias falsas (SOUZA, AVELINO e SILVEIRA, 2018). Embora isso não seja um fenômeno exatamente novo, há sim uma dinâmica nova, que é a sua circulação de maneira apócrifa, por meio de repasses feitos por pessoas comuns, verificando-se a ausência de regulações como aquelas que incidem sobre as instituições jornalísticas ou educacionais, numa lógica em que toda informação teria o mesmo peso ou valor, independentemente de sua qualidade, de sua checagem e do compromisso institucional por detrás de sua produção. Tal fenômeno se fortalece, ainda, com a ação dos

*clickbait*s, isto é, a divulgação de conteúdo falso ou inserção de títulos sensacionalistas para que os usuários acessem o conteúdo, com o objetivo de gerar tráfego e ter benefícios com publicidade (APRACICI e GARCIA-MARÍN, 2019). Nessa dinâmica de gigantesco volume de disseminação de informações falsas, mentiras acabam atuando para moldar a tomada de decisão das pessoas em diferentes esferas (na política, na economia, na educação, na saúde, na religião), em velocidade e quantidade nunca vistas (GÓMEZ DE ÁGREDA, 2019).

Tais dinâmicas se complementam com o cenário da informação pervasiva, isto é, a informação enquanto entidade e/ou processo presente em todas as nossas atividades, sejam elas profissionais, empresariais, culturais, educacionais, esportivas, médicas, amorosas, etc. de uma maneira ou em uma escala inédita até então, relacionada a aparelhos ou dispositivos tão diferentes como computadores, telefones celulares, casas, carros ou objetos, tendo relação inclusive com o surgimento da chamada Internet das coisas (LOVELUCK, 2018). Ligado a isso está também o fenômeno conhecido como *big data*, que se relaciona não apenas com a produção, em escala cada vez mais gigantesca, de informação, e do impacto dessa informação na nossa vida, mas também com a própria maneira como a informação é produzida. Esse fenômeno se relaciona com o fato de que, cada vez mais, há conjuntos de dados gerados de maneira não intencional, não programada, pelas pessoas (DURAN, 2019). Agora, há sistemas que estão capturando os passos, os trajetos, os indicadores biométricos, e estão transformando tudo isso em conjuntos de dados que são apropriados e utilizados com diferentes fins, desde a segurança e a comodidade à vigilância e controle político, representando também um desafio para a privacidade dos dados das pessoas (PRADO, 2022). Muitos estudos têm aproximado tais fenômenos das noções de capitalismo cognitivo e capitalismo de vigilância (SCHNEIDER, 2022).

Merecem destaque ainda a própria velocidade da informação e de necessidade de atualização, quando se medem em minutos ou segundos a defasagem de conhecimento das pessoas sobre determinado fato ou assunto que pode estar ocorrendo num contexto local ou mesmo em países distantes. O grande volume de informação que chega instantaneamente para os sujeitos, em formatos, linguagens e suportes muito diferenciados como textos, imagens, sons, imagens em movimento e outros derivados destes.

Outro fenômeno é o discurso do ódio. Diferente dos dois primeiros, ele não busca ser factual, ele não tem a intenção de apresentar um fato do mundo. É um fenômeno, portanto, diferente dos demais apresentados neste texto, pois ele independe da verdade. Antes, ele diz de intenções, desejos, necessidades e medos de determinado sujeito ou grupo de sujeitos – por exemplo, de que imigrantes voltem para os países deles, de que o feminismo desapareça e tudo volte a ser como antes, de que determinado grupo político seja exterminado (GREIFENEDER *et al.*, 2021; FUKUYAMA, 2019). Sua intenção, e nisso ele é complementar aos dois primeiros, é mobilizar as pessoas para agirem com a emoção e não com a razão, e por isso ele possui um papel importante na análise aqui empreendida. Mais especificamente, com determinadas emoções (medo, ressentimento, ódio) de forma a proporcionar reações de agressividade, sobretudo em relação à discordância. O outro deixa de ser visto como adversário, portador de ideias ou pontos de vista distintos, e se torna um inimigo a ser eliminado, e todo o objetivo dos espaços informacionais passa a ser vencer o outro (EMCKE, 2018). Nesta modalidade, os fatos mencionados podem ser verdadeiros ou não, a intenção é colocar as pessoas em estado de guerra – é justamente essa condição emocional que predispõe as pessoas a deixarem de lado a busca da verdade em prol do objetivo mais urgente de vencer a discussão a qualquer preço. Tiburi (2020) explica que o

ódio surge como um afeto redentor para sujeitos com medo ou ressentidos, ele proporciona a experiência de que se está fazendo algo contra o medo ou a fonte do medo.

4. Considerações finais

Como apontado no início deste texto, vários pesquisadores têm demonstrado que o cenário atual da desinformação é constituído de diferentes aspectos e dimensões, que algumas vezes se sobrepõem e/ou se complementam (COSENTINO, 2020; DALKIR e KATZ, 2020). As várias pesquisas realizadas até o momento vêm demonstrando que existem dimensões funcionais e conflituais do fenômeno da desinformação, assim como dimensões macro e microsociais, isto é, estruturais e socialmente construídas. A desinformação é, ao mesmo tempo, uma disfunção dos sistemas sociais de produção e distribuição de conhecimento, uma atitude deliberada de determinados atores para obter vantagens, uma construção social cotidiana por meio da atitude valorativa dos indivíduos e uma condição de alienação dos sujeitos no âmbito de sua vida coletiva. Essas tensões estão presentes na literatura do campo das ciências sociais de uma forma geral, nas quais existe o debate entre as perspectivas da ordem e do conflito e, também, das perspectivas da estrutura e do ator (LALLEMENT, 2004; GIDDENS, 2018; IZZO, 2021).

Um desafio para quem busca combater os efeitos nocivos da desinformação, nos vários ambientes em que ela atua (saúde, política, cultura, etc.) é, justamente, determinar suas causas, isto é, os fatores que a fazem existir e condicionam sua atuação. Isso é fundamental para o desenho de ações para combater a desinformação, sobretudo determinando os tipos de ações e seus âmbitos: políticas públicas, leis, programas educacionais, denúncias, regulamentações, comportamentos cotidianos, entre outras. O presente trabalho, buscando sistematizar os estudos sobre o fenômeno a partir das dimensões de Burrell e Morgan, procurou contribuir para a construção de um quadro que permita identificar essas diferentes dimensões e, como consequência, a construção de tais ações.

Referências bibliográficas

- ABBOUD, G.; NERY JUNIOR, N.; CAMPOS, R., org.**
2021 *Fake news e regulação*. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2021.
- AGGIO, C.**
2021 Teorias conspiratórias, verdade e democracia. In *Sociedade da desinformação e infodemia*. Org. G. Alzamora, C. M. Mendes, D. Ribeiro. Belo Horizonte, MG: Fafich; Selo PPGCOM, UFMG, 2021.
- AGOSTO, D., ed.**
2018 *Information literacy and libraries in the age of fake news*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2018.
- ALZAMORA, G.; ANDRADE, L.**
2019 A Dinâmica transmídia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade. *Matrizes*. 13:1 (2019) 109-131.

APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M, coord.

2019 *La Posverdad: una cartografía de los médios, las redes y la política*. Barcelona: Gedisa, 2019.

ARGEMÍ, M.

2019 *Los Siete hábitos de la gente desinformada*. Barcelona: Conecta, 2019.

BARBOSA, M., org.

2019 *Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BEZERRA, A.; SCHNEIDER, M., org.

2022 *Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis*. Rio de Janeiro: IBICT, 2022.

BRONCANO, F.

2019 *Puntos ciegos: ignorancia pública y conocimiento privado*. Madrid: Lengua de Trapo, 2019.

BURREL, G.; MORGAN, G.

1979 *Sociological paradigms and organizational analysis*. Londres: Heinemann, 1979.

CASARA, R.

2019 *A Era pós-democrática*. Porto: Exclamação, 2019.

COSENTINO, G.

2020 *Social media and the post-truth world order: the global dynamics of disinformation*. Cham: Palgrave, 2020.

D'ANCONA, M.

2018 *Pós-verdade*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DALKIR, K.; KATZ, R., ed.

2020 *Navigating fake news, alternative facts, and misinformation in a post-truth world*. Hershey: IGI Global, 2020.

D'ÁVILA, M., org.

2021 *Rede de mentiras e ódio: e se o alvo fosse você? : Relatos da violência promovida pelas redes de ódio, preconceito e fake news*. Porto Alegre: Instituto E se Fosse Você, 2021.

DURAN, X.

2019 *El Imperio de los datos*. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2019.

EATWELL, R.; GOODWIN, M.

2019 *Nacionalpopulismo: por qué está triunfando y de qué forma es un reto para la democracia*. Barcelona: Península, 2019.

EMPOLI, G.

2019 *Os Engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

EMCKE, C.

2018 *Contra el odio*. Bogotá: Taurus, 2018.

FERRARI, P.

2018 *Como sair das bolhas*. São Paulo: Educ; Armazém da Cultura, 2018.

FRANKFURT, H.

2019 *On Bullshit: sobre a conversa, o embuste e a mentira*. Lisboa: Bookout, 2019.

FROELICH, T.

2019 The Role of pseudo-cognitive authorities and self-deception in the dissemination of fake news. *Open Information Science*. 3:1 (2019) 115-136.

FUKUYAMA, F.

2019 *Identidad: la demanda de dignidad y las políticas de resentimiento*. Barcelona: Deusto, 2019.

FULLER, S.

2018 *Post-truth: knowledge as a power game*. London: Anthem, 2018.

GEISELBERGER, H., ed.

2017 *O Grande retrocesso*. Lisboa: Objectiva, 2017.

GIDDENS, A.

2018 *Problemas centrais em teoria social: ação, estrutura e contradição na análise sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2018.

GOMES, A.; BROENS, M.

2021 *A Formação das crenças na era das fake news*. São Paulo: FiloCzar, 2021.

GÓMEZ DE ÁGREDA, Á.

2019 *Mundo Orwell: manual de supervivencia para un mundo hiperconectado*. Madrid: Ariel, 2019.

GREIFENEDER, R. [et al.], ed.

2021 *The Psychology of fake news: accepting, sharing, and correcting misinformation*. London: Routledge, 2021.

IZZO, A.

2021 *História do pensamento sociológico*. Petrópolis: Vozes, 2021.

KAKUTANI, M.

2019 *La Muerte de la verdad: notas sobre la falsedad en la era Trump*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2019.

KEEN, A.

2008 *O Culto do amadorismo*. Lisboa: Guerra e Paz, 2008.

KEYES, R.

2018 *A Era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018.

KIRSCH, T. G.; DILLEY, R.

2015 Regimes of ignorance: an introduction. In *Regimes of ignorance: anthropological perspectives on the production and reproduction of non-knowledge*. Ed. R. Dilley, T. G. Kirsch. Oxford: Berghann, 2015.

LALLEMENT, M.

2004 *História das ideias sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LOVELUCK, B.

2018 *Redes, liberdade e controle: uma genealogia política da Internet*. Petrópolis: Vozes, 2018.

MAGALLÓN ROSA, R.

2019 *Unfaking news: cómo combatir la desinformación*. Madrid: Pirámide, 2019.

MAYOS, G.; BREY, A., ed.

2011 *La Sociedad de la ignorancia*. Barcelona: Península, 2011.

MCINTYRE, L.

2018 *Posverdad*. Madrid: Cátedra, 2018.

MENEZES, P.

2022 *Fake news: modernidade, metodologia, regulação e responsabilização*. São Paulo: Juspodivm, 2022.

MOORE, M.

2019 *Democracia manipulada*. Carcavelos: Self, 2019.

MUROLO, L.

2019 La Posverdad es mentira: un aporte conceptual sobre fake news y periodismo. In *La Posverdad: una cartografía de los medios, las redes y la política*. Coord. R. Aparici, M. García-Marín. Barcelona: Gedisa, 2019, p. 65-80.

NAEEM, S; BHATTI, R.

2020 The Covid-19 'infodemic': a new front for information professionals. *Health Information and Libraries Journal*. 37:3 (2020) 233-239.

NEMER, D.

2021 *Tecnologia do oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil*. Vitória: Milfontes, 2021.

NOBLE, S.

2018 *Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism*. New York: New York University Press, 2018.

O'CONNOR, C.; WEATHERALL, J.

2019 *The Misinformation age: how false beliefs spread*. New Haven: Yale University Press, 2019.

ORESTES, N.; CONWAY, E.

2011 *Mercadores de la duda*. Madrid: Capitán Swing, 2011.

PASTERNAK, N.; ORSI, C.

2023 *Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*. São Paulo: Contexto, 2023.

PELLICER ALAPONT, M.

2017 *La Comunicación en la era Trump*. Barcelona: UOC, 2017.

PETERS, M. [et al.], ed.

2018 *Post-truth, fake news, viral modernity & higher education*. Singapore: Springer, 2018.

PILATI, R.

2022 *Ciência e pseudociência*. São Paulo: Contexto, 2022.

PRADO, M.

2022 *Fake news e inteligência artificial: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação*. São Paulo: Edições 70, 2022.

PROCTOR, R.

2008 Agnotology: a missing term. In *Agnotology: the making and unmaking of ignorance*. Ed. R. Proctor, L. Schiebinger. Stanford: California Stanford University Press, 2008.

REIS, M.; RODRIGUES, R., org.

2022 *Pós-verdade e educação*. São Carlos: Edufscar, 2022.

RIEH, S.

2010 Credibility and cognitive authority of information. In *Encyclopedia of Library and Information Sciences*. Ed. M. Bates, M. N. Maack. 3rd ed. New York: Taylor and Francis Group; LLC, 2010, p. 1.337-1.344.

ROCHA, J.

2023 *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

SANTAELLA, L.

2019 *A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SCHNEIDER, M.

2022 *A Era da desinformação: pós-verdade, fake news e outra armadilhas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SERRANO OCEJA, J.

2019 *La Sociedad del desconocimiento: comunicación posmoderna y transformación cultural*. Madrid: Encuentro, 2019.

SILVA, F.

2020 *Sadopolulismo: de Putin a Bolsonaro*. Florianópolis: Insular, 2020.

SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S.

2018 *A Sociedade do controle: manipulação e modulação nas redes sociais*. São Paulo: Hedra, 2018.

TIBURI, M.

2020 *Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

VITORINO, E.; PIANTOLA, D.

2009 Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*. 38:3 (set./dez., 2009) 130-141.

WARDLE, Claire; DERAKSHAN, Hossein

2017 *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

WILSON, P.

1983 *Second-hand knowledge: an inquiry into cognitive authority*. Westport: Greenwood Press, 1983.

ZATTAR, M.

2020 Competência em informação e desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19.
Linc em Revista. 16:2 (dez. 2020).

Carlos Alberto Ávila Araújo | carlosaraujofmg@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

Resumo: A rápida evolução tecnológica que tem caracterizado os tempos mais recentes e particularmente o acelerado desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA) a que assistimos recentemente, marcado pela emergência de novas versões do ChatGPT, cada vez mais sofisticadas e eficientes, implicam, forçosamente, que façamos uma reflexão sobre o futuro da Ciência da Informação e a formação académica que as universidades estão a ministrar nesta área disciplinar. O futuro, que é já presente, exige de nós uma postura crítica, interveniente e socialmente responsável para dar resposta aos desafios que se colocam nos diversos contextos de atuação dos profissionais de informação que estamos a formar.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Formação académica; Inteligência Artificial.

Abstract: The rapid technological evolution that has characterized recent times and particularly the accelerated development of Artificial Intelligence (AI) that we have witnessed recently, marked by the emergence of new versions of ChatGPT, increasingly sophisticated and efficient, necessarily imply that we make a reflection on the future of Information Science and the academic training that universities are providing in this subject area. The future, which is already present, demands from us a critical, intervening and socially responsible attitude to respond to the challenges that arise in the different contexts where the information professionals we are training work.

Keywords: Information Science; Academic education; Artificial Intelligence.

1. Do sincretismo à formação unitária em Ciência da Informação

A formação dos profissionais da informação, mais concretamente dos que atuam nas áreas da Arquivística/Arquivologia, Biblioteconomia/Bibliologia e Museologia remonta à primeira metade do século XIX e começou por ser ministrada em contexto institucional/organizacional. Com efeito, aqueles que pretendiam trabalhar em arquivos, bibliotecas ou museus aprendiam o seu ofício trabalhando com os profissionais que já exerciam a sua atividade nestes organismos. Era uma formação “em serviço”, desprovida de ensino formal na academia ou em quaisquer outros tipos de escolas.

No caso português, já desde 1796 que existia na Universidade de Coimbra uma ‘Aula de Diplomática’, criada por João Pedro Ribeiro, a qual era frequentada por pessoas que trabalhavam nos arquivos. A necessidade de ligação à prática determinou a mudança desta aula para o Arquivo da Torre do Tombo (alvará de 21 de fevereiro de 1801), tendo passado a constituir formação obrigatória para todos os que pretendiam vir a tornar-se profissionais

dos arquivos¹. Situação idêntica ocorreu em diversos países da Europa, onde escolas de Diplomática e Paleografia foram criadas em ligação com os arquivos, como por exemplo a Scuola del Grande Archivio, de Nápoles (1811), a École des Chartes, instituída em Paris (1821), o Institut für Österreichische Geschichtsforschung, em Viena (1854), a Escuela de Diplomática de Madrid (1856) ou a Scuola di Paleografia e Diplomatica, criada em Florença por Francesco Bonaini (1857). Algumas destas escolas, como é o caso da École des Chartes, formavam também bibliotecários, os quais eram necessários para organizar e tratar os grandes volumes de documentação incorporados em bibliotecas estatais, após os processos de nacionalização ocorridos na sequência da instauração de regimes liberais em diversos países da Europa, inspirados pelo “modelo” posto em prática após a Revolução Francesa.

Na segunda metade de oitocentos, para além das necessidades administrativas que requeriam a organização da documentação nacionalizada, surgia o interesse cultural, em especial por parte dos historiadores, no quadro do Positivismo e do Historicismo, que progressivamente iam impondo a necessidade de consultar os documentos históricos, dando assim concretização efetiva ao acesso público às fontes documentais, consagrado na legislação francesa desde a lei de 7 Messidor.

Em paralelo, assistia-se à intensificação da atividade técnica para criar instrumentos de trabalho (índices, inventários, reportórios, etc.), na área meramente administrativa. Embora não haja uma ligação direta entre os dois movimentos, eles são expressão de uma mesma tendência tecnicista que não só se acentuou nos arquivos, mas também se fez sentir nas bibliotecas e nos museus, tendo por finalidade a disponibilização dos documentos e das peças museológicas para fruição do público.

Este acentuar da vertente técnica teve um forte impulso por via da constituição das associações profissionais, no 3º quartel do século XIX e na primeira metade do século XX², as quais assumiram um papel muito importante no que diz respeito à formação de profissionais, numa época em que praticamente não existia formação universitária para arquivistas, bibliotecários e museólogos, embora seja possível identificar casos isolados de formação académica. Em Itália, por exemplo, o ensino da Arquivística começou cedo a introduzir-se na universidade, deixando de estar sob a tutela exclusiva dos arquivos de Estado. Na Universidade de Bolonha, em finais do século XIX, Carlo Malagola deu o título de "Arquivística" a uma parte das suas lições e, na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Macerata, o professor de Paleografia e Diplomática, Lodovico Zdekauer, foi autor de um trabalho intitulado *Nozioni archivistiche generali*, o qual constituía um apêndice ao seu *Schema delle lezioni di paleografia e diplomatica* (SILVA *et al.*, 2009:114-115). Nos Estados Unidos, também no século XIX, por iniciativa de Melvil Dewey, surgiu

¹ Desde os finais do século XVIII que muitos arquivistas tinham formação em Diplomática e exerciam mesmo, no seu trabalho específico - ainda não designado por “Arquivística” - aquilo que, desde 1765, se convencionou chamar “diplomática prática”. A obra de Jeremias Jacob Oberlin, *Artis diplomaticae primae lineae* (OBERLIN, 1788) constitui a expressão desta afinidade entre as tarefas do arquivista e do diplomata, consideradas pelo autor como dois aspetos de uma mesma disciplina.

² Refiram-se as mais notáveis associações de profissionais na Europa e nos Estados Unidos da América: a ALA – American Library Association, criada em 1876; a Library Association, no Reino Unido, estabelecida em 1877; a Association des Bibliothécaires Français (ABF), fundada em 1906; a Fédération Internationale des Associations de Bibliothécaires et des Bibliothèques, em França, surgiu em 1927; a Society of American Archivists, nos EUA, foi instituída em 1936; a Society of Archivists, no Reino Unido, foi estabelecida em 1947; o International Council of Museums foi criado em 1946. Todas estas associações assumiram ao longo dos anos um importante papel na formação profissional.

na Universidade de Columbia um curso de formação para bibliotecários, que abriu oficialmente em 1887 na School of Library Economy³.

Apesar de se poderem identificar estes e outros casos de formação académica, a implantação da formação nas universidades só ocorreu, de forma mais generalizada, na 2ª metade do século XX, sendo ainda de vertente muito profissionalizante e, portanto, articulada com as tipologias dos serviços onde os formandos iriam desenvolver a sua atividade profissional. Assim, não é de estranhar que a formação se ministrasse em cursos distintos para as áreas da Arquivística/Arquivologia, da Museologia/Museografia e da Biblioteconomia/Bibliologia, com designações em consonância com a tradição de cada país.

2. A Formação em Portugal: um caso singular no panorama internacional

Portugal é um dos países da Europa, ou mesmo do mundo, onde mais cedo se iniciou a formação formal de bibliotecários e arquivistas. Em 1887, no mesmo decreto que determinou a criação da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos⁴, organismo do Estado instituído para tutelar o setor das bibliotecas e arquivos, foi criado “um curso de instrução superior, denominado de bibliothecario-archivista” (art. 13.º), destinado a habilitar profissionais para desempenharem funções nas bibliotecas e arquivos, o qual integrava disciplinas de carácter geral (História Pátria e Universal, Filologia, Literatura latina e grega, Literatura moderna da Europa e especialmente a portuguesa), lecionadas no Curso Superior de Letras, e disciplinas específicas (Diplomática, Numismática e Bibliologia), ministradas no Real Arquivo da Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional de Lisboa. Este curso, além de constituir uma formação especializada de nível superior, tinha também a prerrogativa de formar, de modo integrado, arquivistas e bibliotecários, o que, à época, era uma singularidade no panorama internacional, pois não se conhecem outros casos idênticos de formação conjunta para os dois tipos de profissionais.

O caso português constitui também exceção no que toca à inserção, bastante precoce, da formação para a área das bibliotecas e dos arquivos no ensino superior. Tal integração aconteceu após a criação da Universidade de Lisboa, pouco tempo depois da implantação da República em Portugal, a 5 de outubro de 1910, precisamente porque o Curso Superior de Letras esteve na origem da criação da Faculdade de Letras na nova Universidade. Foi assim que o Curso de Bibliotecário-Arquivista passou para a esfera universitária, dando-se a equiparação das cadeiras do curso às da recém-criada Faculdade de Letras de Lisboa (PORTUGAL, 1913).

Este curso sofreu várias reformas ao longo do tempo, passando da tutela da Universidade de Lisboa para a da Inspeção das Bibliotecas e Arquivos, em 1932, com a justificação de que era necessário reforçar a sua vertente profissionalizante, mas logo de seguida, em 1935, voltou à academia, desta vez à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

³ Sobre a evolução da formação dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas, ver: SILVA e RIBEIRO, 2002: cap. 4.

⁴ Decreto de 29 de dezembro de 1887 - ver: PORTUGAL (1888).

(PORTUGAL, 1935), onde se manteve até 1982, altura em que foi substituído pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais (PORTUGAL, 1982).

Este novo modelo formativo manteve a característica do anterior no que respeita ao nível formativo, isto é, continuou ao ser um curso de pós-graduação, que exigia como habilitação de acesso a posse de uma licenciatura em qualquer área do conhecimento. Contudo, a sua estrutura curricular passou a ser mais ampla, com maior número de disciplinas e uma grande atualização nos conteúdos das mesmas, tendo também introduzido alguma separação na formação de arquivistas e bibliotecários, por força dos requisitos de habilitação para as carreiras profissionais na administração pública, regulamentadas por diploma de 1980. Apesar disso, manteve a formação unitária no primeiro ano (tronco comum), dividindo-se em duas opções formativas no segundo ano, uma em “Arquivo” e outra em “Documentação e Biblioteca”.

A formação de arquivistas e bibliotecários em Portugal até esta altura nunca incluiu a formação de museólogos, os quais sempre tiveram uma formação autónoma. Segundo informação disponível na página *web* da APOM (Associação Portuguesa de Museologia),

Em Portugal a formação de conservador de museu foi feita ao nível universitário desde 1932, primeiro como um estágio (até 1945), reorganizado em 1953, funcionou até 1962 e transformado em curso de Conservador em 1965 pelo Decreto-Lei 46/758. Este curso começou a funcionar em 1968 sendo suspenso em 1974 para remodelação... (ASSOCIAÇÃO..., 2022).

Mantem-se até aos dias de hoje a formação autónoma em Museologia, sobretudo no âmbito de cursos de mestrado, já que não existe em Portugal nenhuma licenciatura específica para formar técnicos de museu.

O modelo formativo do Curso de Especialização em Ciências Documentais teve uma larga implantação no ensino superior português, sobretudo depois do ano 2000 (RIBEIRO, 2005 e 2008; PINTO, 2008), mas com a reforma do ensino superior, decorrente do Processo de Bolonha, a sua vigência terminou, pois tratava-se de um curso de pós-graduação, não conferente de grau e, por isso, deixou de ter sentido como habilitação profissional, numa altura em que já se tinha iniciado no ensino superior um novo modelo de formação, com início na licenciatura e progressão para mestrado e doutoramento. Este novo modelo surgiu em 2001 na Universidade do Porto e, pela primeira vez, a formação assumiu a designação de “Ciência da Informação”, uma mudança que teve por base uma profunda reflexão epistemológica e teórica, que foi depois plasmada na estrutura curricular da licenciatura (SILVA e RIBEIRO, 2002).

2. Um modelo formativo pós-custodial, informacional e integrado

Desde há cerca de 20 anos, em Portugal, tornou-se dominante um modelo formativo com a designação de **Ciência da Informação**, iniciado na Universidade do Porto em 2001 e, posteriormente, adotado em outras instituições de ensino superior com planos curriculares diversos, mas em todos os casos com a característica de terem sido abolidas as separações, consideradas artificiais, entre Arquivística, Biblioteconomia e Documentação, que existiam na formação anterior. Permanece, ainda hoje, como um modelo formativo algo singular no

panorama internacional, onde coexistem distintas abordagens, que seguem diversas tradições.

Na Europa continental, continua a ser predominante a separação entre Biblioteconomia/Ciência da Informação (*Library and Information Science*), Arquivística e Museologia. No mundo anglo-saxónico (USA, UK, Austrália, ...) a *Information Science*, com uma forte componente tecnológica (muitas vezes associada a escolas de *computer science*) tem uma grande implantação, sendo mesmo o modelo predominante nas escolas da rede *iSchools*, embora coexista nesses países a formação em *Library Science*, *Archival Science*, *Records Management* em cursos autónomos e não integrados no espaço formativo da *Information Science*. Na verdade, isso acontece porque o conceito de *Information Science* não tem um significado abrangente como aquele que é dado ao termo ‘Ciência da Informação’, que designa os cursos ministrados em Portugal. No espaço ibero-americano, onde surgiu e tem vindo a afirmar-se o CIIBERCID (Círculo Ibero-americano de Ciência da Informação Documental)⁵ predomina a separação entre Biblioteconomia e Arquivística, havendo, contudo, algumas exceções em que a formação é conjunta, sob a designação de Ciência da Informação.

Neste quadro de diversidade formativa ao nível internacional, o modelo concebido e posto em prática pela Universidade do Porto caracteriza-se, como já referimos, por continuar a ter alguma singularidade, desde logo por ter superado a separação, injustificável do ponto de vista epistemológico, entre as “opções” *Arquivo e Documentação e Biblioteca* existentes no anterior Curso de Especialização em Ciências Documentais e, ao invés, assentar numa perspetiva unitária e integradora das diversas disciplinas aplicadas (Arquivística, Biblioteconomia, Documentação e Museologia), que as formações de teor mais prático e profissionalizante continuam a ministrar de forma individualizada. Por outro lado, procura fazer a síntese com a área dos Sistemas (Tecnológicos) de Informação e, desse modo, assumir uma abordagem transdisciplinar, que visa formar um profissional da informação “híbrido”, isto é, com uma formação humanística, social e tecnológica, considerada indispensável e fundamental para responder aos desafios da era digital em que vivemos.

Este modelo fundamenta-se num paradigma pós-custodial, informacional e científico, sobre o qual existe bastante literatura de referência (por exemplo, SILVA e RIBEIRO, 2002; RIBEIRO e SILVA, 2016), o qual pode ser caracterizado em traços gerais por:

- valorizar a **informação** enquanto fenómeno humano e social;
- considerar o **dinamismo informacional**, em oposição ao “imobilismo” documental;
- dar prioridade ao **acesso** à informação, como fator que justifica a custódia e a preservação;
- indagar, compreender e procurar conhecer a informação social, através de modelos teórico-científicos;

⁵ Sobre o CIIBERCID, consultar: <http://tic.iibi.unam.mx/ciibercid/>.

- se fundamentar numa lógica científico-compreensiva em substituição da lógica instrumental;
- assumir uma abordagem própria das Ciências Sociais (compreender os problemas sociais e culturais), obviamente adequada para a área da Ciência da Informação.

Esta visão paradigmática, que enforma o modelo formativo, tem, naturalmente, consequências ao nível do desenho curricular dos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento e das competências que se pretende que os estudantes/futuros profissionais adquiram. A formação, nos seus diversos níveis, visa:

- preparar para a profissionalização (emprego) no fim da licenciatura (3 anos);
- reforçar a especialização profissional e a componente de investigação durante o mestrado (2 anos);
- desenvolver a componente de investigação no doutoramento (3 anos).

De acordo com os objetivos da formação, procura-se dotar os estudantes de uma formação transdisciplinar, na qual convivem diversas áreas científicas. A área *core* – Ciência da Informação – dá a matriz fundamental aos cursos e inclui, naturalmente, as componentes aplicadas de Arquivística, Biblioteconomia, Sistemas de Informação e Museologia. As áreas interdisciplinares – Ciências Sociais e Humanas, Ciências da Administração e da Gestão e Ciência da Computação – trazem o complemento indispensável à formação de um gestor/cientista da informação, que se caracteriza por ter um perfil em que convivem uma forte componente humanista e social com uma, igualmente forte, componente tecnológica.

3. Que formação na era digital face aos desafios da IA? – Reflexões...

A rápida evolução tecnológica a que assistimos desde meados do século XX, e particularmente nas últimas décadas, com o surgimento e generalização do uso da Internet, hoje reforçada pelo acelerado desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA) com a emergência recente e o uso democratizado do ChatGPT, bem como as alterações nos modos de trabalho e de vida, nas relações sociais e nos processos infocomunicacionais, implicam uma reflexão profunda sobre o futuro da Ciência da Informação e sobre a formação académica que as universidades estão a ministrar nesta área disciplinar.

Os problemas e as interrogações com que nos debatemos vão necessariamente implicar mudanças de fundo nos planos de estudos dos cursos de CI, no que toca às unidades curriculares que devem ser lecionadas e aos conteúdos que as mesmas terão de incluir e/ou eliminar. Áreas *core* do campo de estudos da CI, como a Produção e Organização da Informação, o Comportamento Informacional ou o Acesso e Recuperação da Informação serão inevitavelmente afetadas na sua importância, uma vez que muitas das tarefas que implicam serão realizadas por não-humanos. Mas será que isso significa que devem ser abolidas dos planos de estudos dos cursos de CI? E que todas as problemáticas e atividades inerentes à gestão da informação nas organizações, implicando avaliação, seleção, eliminação e decisões sobre o que preservar para memória futura, dispensam a intervenção humana? Não haverá lugar para os especialistas em gerir informação nas equipas que

desenvolvem os sofisticados algoritmos, para que os possam desenvolver e otimizar de forma cada vez mais fiável e sustentada?

Um estudo que efetuámos há já alguns anos (SILVA e RIBEIRO, 2004), baseado num levantamento não exaustivo, mas a título de amostragem, em diversas fontes de informação (*sites*, revistas da especialidade, estudos monográficos e imprensa periódica de carácter generalista) permitiu-nos, já nessa altura, identificar uma multiplicidade de designações para o que poderíamos classificar, de forma genérica, como “profissional da informação”. No Quadro 1 apresentam-se as designações que mais vezes surgiram nas fontes de informação consultadas⁶.

Quadro 1 - Designações mais frequentes para o “profissional da informação”

Administrador de dados	Gestor de conteúdos
Analista de informação	Gestor de documentos
Arquiteto de informação	Gestor de informação
Arquivista	Gestor de recursos de informação
Auditor de sítios web	Gestor de sistemas de informação
Bibliotecário	Informatólogo
Cibertecário	Mediador de informação
Cientista da informação	Produtor de conteúdos digitais
Cientista do conhecimento	Profissional da informação
Consultor em informação	Profissional do conhecimento
Documentalista	Técnico de documentação
Especialista em documentação	Tecnólogo da informação
Especialista em gestão do conhecimento	

Fonte: Elaboração própria.

Embora à diferença de terminologia nem sempre seja possível fazer corresponder uma diferença de perfis e competências, a verdade é que cada designação profissional pretende corresponder a uma especificidade própria e, como tal, diferenciar-se de outras designações para o mesmo tipo de profissionais.

Aparentemente é uma lista extensa, mas na verdade é bastante reduzida, quando comparada com a que Oswaldo Francisco Almeida Júnior elaborou alguns anos antes e que contava com 83 designações para nomear este mesmo profissional (ALMEIDA JÚNIOR, 2000:48-50). Talvez esta multiplicidade de designações que, em diversos países, começou a proliferar sem um consenso sobre o seu conteúdo funcional tenha contribuído para o esforço desenvolvido pelo European Council of Information Associations (ECIA), no sentido de introduzir alguma harmonização na referenciação dos profissionais, com base naquilo que considerou serem as suas funções, competências e aptidões. Com efeito, na

⁶ Numa amostra constituída por 20 *sites*, 5 revistas, 10 monografias relativas à temática da formação profissional, um jornal diário e um semanário, em que se analisaram os anúncios de empregos, durante o período de três meses, foram selecionadas as designações que surgiram mais do que 5 vezes.

viragem do séc. XX para o XXI, o ECIA sentiu necessidade de elaborar um *Referencial das competências dos profissionais europeus de informação e documentação*, que foi traduzido para português e editado pela INCITE – Associação Portuguesa para a Gestão da Informação, em 2001 (EUROPEAN..., 2001). Nesse documento, “a profissão em análise, a da Informação e Documentação, define-se pela sua missão fundamental de pesquisar, tratar, produzir e difundir informação – incorporando valor acrescentado – com vista a satisfazer as necessidades de informação, expressas ou não, de um público-alvo e propondo recursos informativos, geralmente constituídos por "documentos" (textos, imagens, sons)” (EUROPEAN..., 2001:1). Já se percebia no documento que a conceção dominante proposta se anunciava sujeita à acelerada decomposição profissional numa multiplicidade de ocupações, “cada vez mais numerosas e diferenciadas, à medida que a procura se diversifica e que o inventário das tecnologias aplicáveis se alarga” (EUROPEAN..., 2001:1).

O ‘Referencial Europeu’ procurava, sobretudo, colocar o enfoque nas **competências** do profissional, as quais eram entendidas como “o conjunto de capacidades necessárias ao exercício de uma atividade profissional e o domínio dos comportamentos necessários. Os componentes são os **conhecimentos** (saber e saber-fazer) e as **aptidões** (designadas como saber-ser). A distinção entre os conhecimentos implicados permite enumerar os domínios nos quais a competência pode ser exercida” (EUROPEAN..., 2001:3). E, no mesmo documento, o elenco das **aptidões** consideradas necessárias para o exercício da(s) profissão(ões) é enunciado como segue:

Quadro 2 – Aptidões necessárias para exercer atividade como profissional da informação

capacidade de comunicação	espírito de síntese
capacidade de ouvir	faculdade de adaptação
espírito de análise	perseverança
espírito crítico	rigor
espírito de curiosidade	sentido de antecipação
espírito de decisão	sentido de organização
espírito de equipa	sentido pedagógico
espírito de iniciativa	

Fonte: EUROPEAN..., 2001.

Estas aptidões continuam, certamente, válidas num tempo em que a IA tende a substituir muitas das tarefas técnicas e padronizadas acometidas aos profissionais da informação. A perspetiva fortemente assente na tecnologia, que nas últimas décadas já vem caracterizando a *Information Science*, de matriz anglo-saxónica e muito representada na rede das iSchools, tenderá certamente a reforçar-se num sentido em que acabará por se subsumir na *Computer Science*. Mas a visão social e humanista, que está na génese e no pensamento do CIIBERCID e que, de certo modo, se afirma em contraponto com a perspetiva anglo-saxónica, terá de encontrar o seu espaço de atuação e a sua “utilidade” social num mundo altamente “controlado” por algoritmos. É, por isso, urgente repensar a formação que estamos a ministrar.

Em jeito de reflexão, uma vez que ainda não existe um estudo aprofundado sobre a matéria, diríamos que a adaptação a este “novo mundo” passa não só pela reformulação dos conteúdos curriculares, mas fundamentalmente pela adaptação e alteração substancial dos métodos pedagógicos.

A reforma curricular implementada na Europa em 2007-2008, por força do chamado Processo de Bolonha, já apontava para um ensino mais centrado nos estudantes e nas competências que os mesmos devem adquirir, mas sabemos bem que esta mudança tem sido lenta e nem sempre fácil de concretizar, dada a resistência que os universitários manifestam para deixarem de ser o centro da aula, os detentores e transmissores do conhecimento, e passarem a ser os moderadores das atividades letivas, os coordenadores dos debates e os orientadores do trabalho de pesquisa que é suposto ser desenvolvido autonomamente pelos estudantes.

Num tempo em que a informação está à distância de um *click* e o saber teórico que o “mestre” transmite pode ser facilmente encontrado na Internet, o modelo pedagógico deverá, em nosso entender, assentar em quatro pilares fundamentais:

- Menos transmissão de conhecimento;
- Mais experimentação e maior desenvolvimento do espírito crítico;
- Ensino mais orientado às aptidões;
- Maior valorização dos princípios éticos.

A título de curiosidade, resolvemos perguntar ao ChatGPT o que deverá ser alterado nos cursos de CI e em que medida a IA poderá ajudar na mudança dos métodos pedagógicos. Entendemos que as respostas que o algoritmo produziria se baseariam na informação que já está disponível na Internet e que, de alguma forma, traduziriam o pensamento que vem sendo divulgado sobre esta problemática, mostrando precisamente que é um assunto que começa a preocupar aqueles que têm a seu cargo a formação na área de CI, nomeadamente em contexto de ensino superior.

As respostas obtidas são reproduzidas em Anexo a este texto e são bastante interessantes, na medida em que apontam precisamente para algumas das reflexões que acima expomos, certamente porque elas correspondem a preocupações já demonstradas por outros professores e investigadores da área de CI. Importa, doravante, acompanhar esta evolução, fazer estudos sobre o impacto da IA na CI e adequar a formação (*curricula* e modelos pedagógicos) por forma a enfrentarmos com sucesso os desafios com que nos debatemos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de

2000 Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In *O Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional*. Org. Marta Lígia Pomim Valentim. São Paulo : Editora Polis, 2000, p. 31-51.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEOLOGIA

2022 *APOM: História*. [Em linha]. 2022. [Consult. 12 fev. 2024]. Disponível em: <https://apom.pt/historia/>.

BUCCI, Oddo

[cop. 1992] Il Processo evolutivo dell'archivistica e il suo insegnamento nell'Università di Macerata. In CONFERENZA INTERNAZIONALE, Macerata, 1990 - *L'Archivistica alle soglie del 2000: atti...* Macerata : Università, cop. 1992.

EUROPEAN COUNCIL OF INFORMATION ASSOCIATIONS

2001 *Referencial europeu de informação e documentação: referencial das competências dos profissionais europeus de informação e documentação*. Lisboa : INCITE, 2001.

OBERLIN, Jeremias Jacob

1788 *Artis diplomaticae primae lineae*. Argentorati [i. e. Estrasburgo] : Typis Phil. Jacob Dannbach, 1788.

PINTO, Maria Manuela Gomes de Azevedo

2008 A Formação em informação e documentação : Portugal na contemporaneidade = Information and documentation education : Portugal in the actuality. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. 2ª série. 1 (2008) 7-62.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

1982 Decreto-Lei nº 87/82, de 13 de julho. *Diário da República*. 1ª série. 159 (13 jul. 1982) 2.089-2.090.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

1935 Decreto-lei n.º 26:026. *Diário do Governo*. 1.ª série. 258 (7 nov. 1935) 1.633-1.635.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

1913 Equiparação de cadeiras do Curso de Bibliotecário Arquivista às da Faculdade de Letras : Decreto de 14 de junho de 1913. In *Legislação de 1913*. Compil. da Inspeção das Bibliotecas Eruditas e Arquivos. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1913, p. 4-5.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc.

1888 Direcção Geral de Instrução Publica: 1.ª Repartição: [Decreto de 29 de dezembro de 1887]. *Diário do Governo*. 3 (4 jan. 1888) 18.

RIBEIRO, Fernanda

2008 LIS education in Portugal between academia and practice. *Education for Information*. 26:1 (mar. 2008) 33-42.

RIBEIRO, Fernanda

2005 *Formação e mercado de trabalho em Informação e Documentação em Portugal*. [Em linha]. 2005. [Consult. 12 fev. 2024]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11111.pdf>.

RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro da

2016 The Epistemological maturity of Information Science and the debate around the paradigms. In *Information cultures in the digital age : a festschrift in honor of Rafael Capurro*. Ed. Matthew Kelly, Jared Bielby. [S. l.] : Springer VS, 2016, p. 111-124. DOI 10.1007/978-3-658-14681-8.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda

2004 Formação, perfil e competências do profissional da Informação. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 8.º, Estoril, 2004 - *Nas encruzilhadas da Informação e da Cultura : (re)inventar a profissão : actas*. [Em linha]. Lisboa : BAD, 2004. [Consult. 12 fev. 2024]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4161.PDF>.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda

2002 *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação : ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto : Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, Armando Malheiro da [et al.]

2009 *Arquivística : teoria e prática de uma ciência da informação*. 3ª ed. Porto : Edições Afrontamento, 2009.

Fernanda Ribeiro | fribeiro@letras.up.pt

Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CITCEM, Portugal

Anexo

Pergunta 1: O que será preciso mudar nos cursos de Ciência da Informação em Portugal?

Resposta do ChatGPT

A necessidade de mudanças nos cursos de Ciência da Informação em Portugal, assim como em qualquer outra área acadêmica, pode ser influenciada por uma série de fatores, como avanços tecnológicos, mudanças nas demandas do mercado de trabalho, evolução das práticas profissionais e novas tendências na área. Aqui estão algumas áreas que podem precisar de atenção e possíveis mudanças nos cursos de Ciência da Informação em Portugal:

1. **Atualização Tecnológica:** À medida que a tecnologia evolui, os cursos de Ciência da Informação devem acompanhar essas mudanças. Isso pode incluir a integração de tópicos relacionados à inteligência artificial, aprendizado de máquina, ciência de dados e outras tecnologias emergentes que afetam a gestão da informação.
2. **Digitalização de Documentos:** Os cursos podem precisar focar mais na digitalização e preservação de documentos, especialmente à medida que as instituições estão migrando para ambientes digitais e precisam garantir a preservação a longo prazo das informações.
3. **Gestão de Dados:** Com o foco crescente em dados, é importante que os cursos abordem a gestão de dados, incluindo temas como privacidade, segurança e ética de dados.
4. **Transformação Digital:** À medida que organizações públicas e privadas buscam a transformação digital, os cursos de Ciência da Informação podem precisar incluir tópicos sobre estratégias de digitalização, gerenciamento de mudanças e inovação.
5. **Competências em Informação:** Os cursos devem continuar a enfatizar a importância das competências em informação para uma ampla gama de profissões, incluindo a capacidade de avaliar fontes de informação, analisar dados e comunicar eficazmente as descobertas.
6. **Abordagem Interdisciplinar:** A Ciência da Informação muitas vezes se beneficia da colaboração com outras disciplinas, como biblioteconomia, arquivologia, informática e ciências sociais. Os cursos podem promover abordagens interdisciplinares para abordar problemas complexos relacionados à informação.
7. **Formação Prática:** Os programas proporcionam oportunidades práticas, como melhorias, para que os estudantes possam aplicar ou aprender em situações reais de trabalho.
8. **Desenvolvimento de Habilidades de Comunicação:** Habilidades de comunicação são cruciais para os profissionais da Ciência da Informação, portanto, os cursos podem incorporar treinamento em comunicação escrita e oral.
9. **Abordagem Sustentável:** Considerando a crescente conscientização sobre a sustentabilidade, os cursos podem incorporar tópicos relacionados à gestão sustentável de informações e recursos.
10. **Educação Continuada:** Os profissionais da Ciência da Informação devem ser incentivados a buscar a educação continuada e atualização de suas habilidades ao longo de suas carreiras, portanto, os cursos podem incluir incentivos para o aprendizado ao longo da vida.

Estas são apenas algumas áreas que podem exigir mudanças ou aprimoramentos nos cursos de Ciência da Informação em Portugal. A adaptação dos programas de estudo às necessidades em constante evolução da área é essencial para garantir que os profissionais estejam bem preparados para enfrentar os desafios do mundo da informação.

Pergunta 2: Como pode a IA ajudar nas práticas pedagógicas no ensino superior na área da Ciência da Informação?

Resposta do ChatGPT

A Inteligência Artificial (IA) pode desempenhar um papel significativo nas práticas pedagógicas no ensino superior na área da Ciência da Informação de várias maneiras. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a IA pode ser útil:

1. **Personalização do Aprendizado:** A IA pode criar experiências de aprendizagem personalizadas, adaptando o conteúdo e o ritmo do ensino de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. Isso é particularmente importante em cursos com uma ampla gama de habilidades e conhecimentos dos estudantes.
2. **Recomendação de Conteúdo:** Sistemas de IA podem recomendar recursos de leitura, materiais de estudo, artigos acadêmicos e até mesmo projetos de pesquisa com base nas preferências e no progresso dos alunos, auxiliando na pesquisa e no desenvolvimento acadêmico.
3. **Análise de Dados Acadêmicos:** A IA pode analisar grandes volumes de dados acadêmicos para identificar tendências de desempenho dos alunos e áreas em que os estudantes podem precisar de apoio adicional. Isso ajuda os educadores a tomar decisões baseadas em dados.
4. **Avaliações Adaptativas:** A IA pode criar exames e avaliações adaptativas que se ajustem ao nível de habilidade de cada aluno, oferecendo uma avaliação mais precisa de seu conhecimento.
5. **Tutoria Virtual:** Sistemas de tutoria baseados em IA podem oferecer suporte personalizado aos estudantes, fornecendo respostas a perguntas e auxiliando na compreensão de conceitos complexos.
6. **Automatização de Tarefas Repetitivas:** A IA pode automatizar tarefas administrativas, como a correção de provas e a organização de horários de aula, permitindo que os professores dediquem mais tempo ao ensino e à pesquisa.
7. **Plataformas de Aprendizado Online:** A IA pode ser integrada em plataformas de aprendizagem online, fornecendo funcionalidades como *chatbots* para responder às perguntas dos alunos, sistemas de recomendação de cursos e acompanhamento do progresso.
8. **Suporte à Pesquisa:** A IA pode ajudar os estudantes e pesquisadores a identificar fontes de informação relevante, analisar dados, criar resumos de pesquisa e até mesmo gerar *insights* a partir de conjuntos de dados complexos.
9. **Deteção de Plágio:** A IA pode ser usada para identificar casos de plágio em trabalhos acadêmicos, tornando o processo de avaliação mais eficiente e eficaz.
10. **Tradução e Processamento de Linguagem Natural:** A IA pode facilitar a tradução de documentos e o processamento de texto, tornando mais fácil o acesso a recursos de pesquisa em diferentes idiomas.

No entanto, é importante sublinhar que a implementação da IA no ensino superior deve ser acompanhada por **considerações éticas**, como a **privacidade dos alunos** e a **transparência nas decisões** tomadas pela IA. Além disso, é fundamental que os educadores estejam envolvidos na concepção e na supervisão das aplicações de IA na educação para garantir que atendam às necessidades pedagógicas específicas da área da Ciência da Informação.

PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL: estudo de caso - uX User Experience Design

INFORMATION PROFESSIONAL AND DIGITAL TRANSFORMATION: case study - uX
User Experience Design

Francisco Carlos Paletta

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag2024a5>

Resumo: O artigo discute o impacto da transformação digital nos campos da informação e biblioteconomia, destacando as novas demandas e desafios impostos aos profissionais da área. Analisa como a adoção de novas tecnologias digitais pelas unidades de informação pode gerar inovações nos serviços aos usuários, por meio de soluções como inteligência artificial, realidade virtual, personalização e análise de dados. Apresenta como a tecnologia deve estar alinhada às necessidades dos usuários. O texto aborda ainda a integração entre os princípios de *User Experience Design* e a Ciência da Informação para desenvolver serviços centrados no usuário. São apresentadas as habilidades necessárias ao profissional da informação para atuar na era digital, como domínio tecnológico, gestão da informação digital, comunicação, trabalho em equipe e aprendizado contínuo. Conclui que, com formação adequada em competências técnicas, gerenciais e comportamentais, os profissionais podem lidar com os desafios da transformação digital de modo ético e estratégico.

Palavras-chave: Inovação; Profissional da Informação; Transformação Digital; User Experience Design; uX.

Abstract: The article discusses the impact of digital transformation in the fields of information and librarianship, highlighting the new demands and challenges imposed to professionals in the field. It analyzes how the adoption of new digital technologies by information units can generate innovations in user services, through solutions such as artificial intelligence, virtual reality, personalization, and data analysis. It presents how the technology should be aligned with the needs of the users. The text also addresses the integration between the principles of User Experience Design and Information Science to develop user-centered services. The skills necessary for the information professional to work in the digital age are presented, such as technological mastery, digital information management, communication, teamwork, and continuous learning. It concludes that, with adequate training in technical, managerial, and behavioral skills, professionals can deal with the challenges of digital transformation in an ethical and strategic way.

Keywords: Innovation; Information Professional; Digital Transformation; User Experience Design; uX.

Introdução

O mercado de trabalho global é caracterizado por uma complexidade significativa devido a uma série de fatores que influenciam as dinâmicas de emprego, demanda por habilidades e oportunidades profissionais em todo o mundo, abrangendo uma ampla gama de culturas, idiomas, contextos legais e práticas de trabalho. A diversidade cultural e geográfica exige que os profissionais se adaptem a diferentes ambientes e compreendam as nuances locais.

A transformação digital está alterando rapidamente a natureza do trabalho, com a automação, a inteligência artificial e outras tecnologias afetando muitas indústrias. Isso pode criar oportunidades, mas também desafios para os trabalhadores que precisam se

atualizar constantemente. A globalização econômica significa que as empresas operam em diferentes países e mercados, o que leva a uma competição global por talentos e recursos. Isso também pode resultar em movimentos de mão de obra em escala global.

As habilidades demandadas pelo mercado estão mudando rapidamente. A capacidade de aprender e adaptar-se a novas tecnologias e conceitos se tornou fundamental para se manter competitivo.

A complexidade do mercado de trabalho global também inclui desafios sociais, como a desigualdade de renda, a falta de acesso a oportunidades para certos grupos demográficos e a exploração de mão de obra em algumas indústrias. Políticas migratórias, regulamentações trabalhistas e questões relacionadas à imigração podem afetar a capacidade dos profissionais de encontrar trabalho em diferentes países. A competição por oportunidades de emprego pode ser intensa em setores altamente especializados e tecnologicamente avançados, onde profissionais de todo o mundo competem por posições.

Colaboração global exige habilidades de comunicação eficaz e trabalho em equipe virtual assim como mudanças na demografia, como o envelhecimento da população em alguns países, podem influenciar a oferta de mão de obra e a demanda por diferentes tipos de habilidades.

A complexidade do mercado de trabalho global destaca a importância de desenvolver habilidades transferíveis, como pensamento crítico, resolução de problemas, habilidades de comunicação e adaptabilidade. Os profissionais também devem estar dispostos a aprender ao longo da vida, se atualizar constantemente e adotar uma mentalidade flexível para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades desse ambiente dinâmico.

Metodologia

Pesquisa essencialmente teórica, exploratória, com abordagem qualitativa, baseada em métodos de revisão bibliográfica e análise documental, relacionando conceitos e conhecimentos multidisciplinares sobre os tópicos centrais do estudo: transformação digital, inovação em serviços de informação, competências do profissional da informação e *user experience design*. Avaliação de modelos, estratégias e boas práticas de inovação em serviços. Estudo de caso com foco em *User Experience Design* e sua integração com a Ciência da Informação para desenvolver serviços centrados no usuário.

Inovação e Transformação Digital

A transformação digital está impactando significativamente a forma como as unidades de informação operam e se envolvem com seus usuários. As estratégias de inovação (TIDD e BESSANT, 2015), que as unidades de informação podem explorar para enfrentar os desafios da transformação digital, devem estar alinhadas às necessidades e características específicas dos usuários e da instituição. A colaboração com especialistas em tecnologia, educadores e os próprios usuários é fundamental para identificar as melhores abordagens.

❖ Acesso Remoto e Recursos Digitais

- ✓ Inovação: Expandir e aprimorar o acesso a recursos digitais, como *e-books*, bases de dados, revistas *online*.
- ✓ Desafio: Garantir que os usuários possam acessar esses recursos remotamente de maneira fácil e eficaz.

❖ Inteligência Artificial (IA) e *Chatbots*

- ✓ Inovação: Implementar *chatbots* alimentados por IA para fornecer suporte instantâneo aos usuários, respondendo a perguntas comuns, auxiliando na pesquisa e encaminhando a assistência adequada.
- ✓ Desafio: Garantir que os *chatbots* sejam eficientes e capazes de compreender as necessidades dos usuários.

❖ Realidade Virtual (RV) e Realidade Aumentada (RA):

- ✓ Inovação: Utilizar RV e RA para criar experiências imersivas, como visitas virtuais a bibliotecas, interações com artefatos digitais e exploração de espaços virtuais de aprendizado.
- ✓ Desafio: Integrar tecnologias de RV e RA de maneira que aprimorem a experiência do usuário.

❖ Personalização e Recomendação

- ✓ Inovação: Utilizar algoritmos de recomendação para fornecer sugestões personalizadas de recursos com base no histórico de uso e nas preferências do usuário.
- ✓ Desafio: Equilibrar a personalização com a privacidade do usuário e a diversidade de recursos.

❖ Colaboração e Redes Sociais

- ✓ Inovação: Fomentar a colaboração entre usuários por meio de plataformas *online*, permitindo compartilhamento de recursos, discussões e coleta de informações em grupos.
- ✓ Desafio: Criar ambientes virtuais seguros e produtivos.

❖ Treinamento Digital

- ✓ Inovação: Oferecer *workshops* e treinamentos *online* para capacitar os usuários a utilizarem efetivamente ferramentas digitais de pesquisa e acesso a informações.
- ✓ Desafio: Adaptar os métodos de ensino para diferentes níveis de familiaridade com a tecnologia.

❖ Análise de Dados e Uso Estatístico

- ✓ Inovação: Utilizar análises de dados para entender os padrões de uso e preferências dos usuários, permitindo ajustes contínuos nos serviços.
- ✓ Desafio: Garantir a proteção e privacidade dos dados dos usuários.

❖ Aprendizado de Máquina e Indexação Automática

- ✓ Inovação: Utilizar aprendizado de máquina para indexar e categorizar automaticamente o conteúdo, facilitando a descoberta de informações relevantes.
- ✓ Desafio: Treinar algoritmos de aprendizado de máquina para entender contextos.

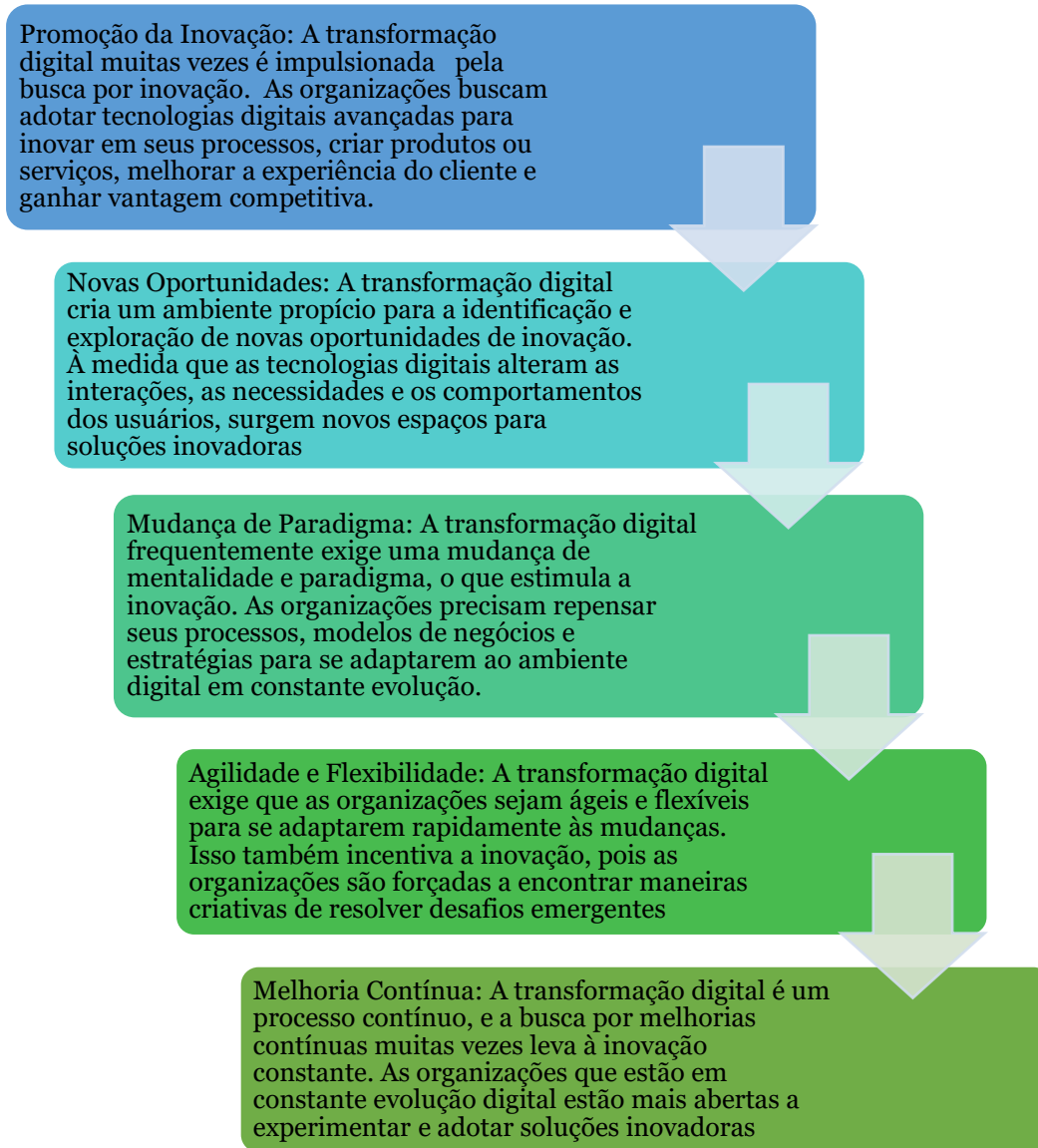
❖ Acessibilidade e Inclusão

- ✓ Inovação: Desenvolver soluções digitais acessíveis para usuários com necessidades especiais, como leitores de tela e interfaces adaptativas.
- ✓ Desafio: Garantir que todos os usuários possam se beneficiar das inovações digitais.

A inovação e a transformação digital estão interligadas de maneira intrínseca e têm um impacto significativo nas organizações e na sociedade como um todo. A transformação digital é um facilitador poderoso da inovação, fornecendo o cenário e as ferramentas para que as organizações pensem de forma criativa, testem novas ideias e se adaptem rapidamente às mudanças. A combinação de inovação e transformação digital pode levar a avanços significativos em várias áreas, impulsionando o crescimento e o sucesso a longo prazo.

A inovação se refere à introdução de novas ideias, métodos, processos, produtos ou serviços que resultam em melhorias significativas, mudanças positivas ou avanços em uma determinada área (FITZSIMMOS e FITZSIMMOS, 2014). A inovação pode ocorrer em diversos contextos, como tecnologia, negócios, ciência, educação, serviços, e desenvolvimento social. Ela não se limita apenas à adoção de tecnologias avançadas, mas também inclui a reestruturação de processos, abordagens criativas e a aplicação de novos conceitos para atingir objetivos específicos.

Fig. 1 - Conexões entre Inovação e Transformação Digital



Fonte: Elaboração própria.

A transformação digital (KANE *et al.*, 2016) envolve a aplicação de tecnologias digitais para recriar processos, operações, modelos de negócios e experiências para atender às demandas da era digital. Ela não é apenas a implementação de tecnologias digitais, mas também a reimaginação de como uma organização opera e se conecta com seus stakeholders em um mundo cada vez mais digitalizado. A inovação e a transformação digital estão fortemente relacionadas, na Fig. 1 apresentamos essas conexões.

UX user experience design

A integração da metodologia *User Experience (UX) Design* com os princípios da Ciência da Informação pode resultar em serviços informacionais mais eficazes, centrados no usuário e que atendam às necessidades e expectativas dos usuários da informação.

Assim como o *UX Design*, a Ciência da Informação pode começar com estudos de usuários para entender suas necessidades de informação, padrões de busca, comportamentos e preferências. Isso ajuda a adaptar os serviços informacionais para atender às demandas reais dos usuários. Apropriando-se da metodologia de *UX Design* que utiliza protótipos para testar interfaces, a Ciência da Informação pode criar protótipos de serviços informacionais, como sistemas de busca ou portais de informação, para avaliar a sua usabilidade e eficácia (GARRETT, 2011).

A jornada do usuário na busca e uso da informação pode ser mapeada, identificando os pontos de contato, desafios e oportunidades de melhoria. Isso ajuda a otimizar a experiência do usuário ao longo de sua interação com os serviços informacionais. A aplicação de princípios de *design* de interfaces amigáveis, como *layouts* intuitivos, cores agradáveis e organização lógica, ajuda os usuários a interagirem de maneira mais eficaz com os sistemas e recursos informacionais. A Ciência da Informação pode realizar testes com usuários em bases de dados e sistemas de informação para identificar problemas de busca, navegação e recuperação de informações.

A coleta contínua de *feedback* dos usuários sobre a eficácia dos serviços informacionais ajuda a ajustar e melhorar os sistemas, garantindo que eles atendam às necessidades em constante evolução (OSTROM *et al.*, 2004). Utilizar algoritmos de recomendação baseados nas preferências e históricos dos usuários pode aprimorar a entrega de informações relevantes, semelhante ao que é feito em plataformas de tecnologia. A abordagem iterativa do *UX Design*, com testes e refinamentos contínuos, também é aplicável à Ciência da Informação, permitindo ajustes baseados em dados e *feedback*.

A Ciência da Informação pode aproveitar tecnologias emergentes, como IA e análise de dados, para melhorar a entrega e os processos de recuperação da informação. Ao combinar os princípios do *UX Design* com a abordagem da Ciência da Informação, as instituições podem criar serviços informacionais mais eficazes, eficientes e agradáveis, alinhados às necessidades dos usuários e às práticas modernas de interação com a informação.

O *User Experience (UX) Design*, ou *Design* de Experiência do Usuário, é uma disciplina que se concentra em criar produtos, sistemas e serviços que ofereçam experiências positivas, eficientes e que agreguem valor aos usuários (UNGER e CHANDLER, 2023).

O principal fundamento do *UX Design* é colocar o usuário no centro de todas as decisões. Isso envolve entender as necessidades, objetivos, desafios e expectativas dos usuários para criar soluções que atendam a essas demandas. Antes de iniciar o *design*, é essencial realizar pesquisas – entrevistas, observações, análise de dados, para compreender quem são os usuários, quais são suas características, como eles interagem com os serviços informacionais.

Organizar a informação de maneira lógica e intuitiva é crucial. A arquitetura da informação lida com a estrutura e a organização dos elementos de um produto, como menus, categorias

e navegação. Cada produto ou serviço atende a tarefas específicas para os usuários. O design deve facilitar a conclusão dessas tarefas de maneira eficiente e eficaz.

O princípio da usabilidade visa garantir que os produtos sejam fáceis de aprender, usar e lembrar. Isso envolve a criação de interfaces intuitivas, *feedback* claro e minimização de erros. A criação de interfaces amigáveis e agradáveis é um dos aspectos mais visíveis do *UX Design*. Isso inclui *layouts*, cores, tipografia, ícones e todos os elementos visuais que compõem a experiência do usuário.

Construir protótipos interativos permite testar ideias e conceitos com os usuários antes de investir tempo e recursos no desenvolvimento completo. Isso ajuda a identificar problemas e aprimorar a experiência. Realizar testes com usuários reais ajuda a identificar problemas e pontos de melhoria no *design*. Observar como os usuários interagem com o produto proporciona insights valiosos. O processo de *UX Design* envolve iterações constantes, onde as ideias são testadas, avaliadas e refinadas com base no feedback dos usuários e nas análises de dados.

Compreender as emoções e motivações dos usuários é fundamental para projetar experiências significativas e agradáveis. Comunicação e Colaboração: O trabalho de *UX Design* frequentemente envolve colaboração com diferentes equipes, como desenvolvimento, *marketing* e pesquisa, exigindo uma comunicação clara e eficaz.

Ao incorporar esses princípios no processo de design, os profissionais de *UX* buscam criar produtos e serviços que não apenas atendam às necessidades funcionais, mas também proporcionem experiências positivas, relevantes e significativas para os usuários.

Profissional da Informação e a Transformação Digital

A transformação digital está redefinindo a natureza do trabalho nos campos da informação e biblioteconomia. Os profissionais da informação precisam desenvolver uma ampla gama de habilidades e competências para se adaptarem e contribuir de maneira eficaz nesse ambiente em constante mudança. No Quadro 1, apresentamos algumas das habilidades e competências mais demandadas pela transformação digital.

Quadro 1 – Competências e Habilidades do Profissional da Informação

Alfabetização Digital e Tecnológica: Os profissionais da informação devem estar confortáveis com tecnologias digitais, desde sistemas de gerenciamento de bibliotecas até plataformas de pesquisa avançada e ferramentas de análise de dados.

Gerenciamento de Dados: Com a explosão de informações digitais, a capacidade de gerenciar, organizar e curar dados é imprescindível. Isso inclui conhecimento sobre metadados, classificação, indexação e preservação de dados.

Análise de Dados: Compreender e aplicar conceitos de análise de dados pode ajudar a identificar padrões de uso, tendências de pesquisa e melhorar a tomada de decisões baseada em dados.

Inteligência Artificial e Aprendizado de Máquina: Familiaridade com IA e aprendizado de máquina pode permitir a automação de tarefas, análise preditiva e personalização de serviços.
Habilidades de Comunicação Digital: A capacidade de comunicar eficazmente através de canais digitais, como e-mails, mídias sociais e plataformas de colaboração, é essencial.
Design de Experiência do Usuário (UX): Compreender os princípios de UX Design ajuda a criar experiências informacionais eficazes e amigáveis.
Gestão de Projetos Digitais: A transformação digital frequentemente envolve a implementação de novas tecnologias e sistemas. Habilidades de gestão de projetos são necessárias para garantir implementações bem-sucedidas.
Pensamento Crítico e Solução de Problemas: A rápida evolução da tecnologia digital requer uma capacidade de avaliar criticamente as soluções disponíveis e resolver problemas complexos.
Aprendizagem Contínua: A transformação digital é contínua. A disposição de aprender novas tecnologias e conceitos é fundamental.
Colaboração e Trabalho em Equipe: Muitos projetos digitais envolvem colaboração entre diferentes equipes e departamentos. Habilidades de trabalho em equipe e comunicação são cruciais.
Conhecimento de Ética Digital e Privacidade: Compreender as implicações éticas e legais da transformação digital, incluindo questões de privacidade e segurança.
Adaptabilidade: A transformação digital é fluida e rápida. A capacidade de se adaptar a novas tecnologias e paradigmas é fundamental.
Criatividade e Inovação: Encontrar maneiras criativas e inovadoras de aplicar tecnologias digitais aos serviços informacionais é um diferencial.
Conhecimento de Tendências Tecnológicas: Estar atualizado sobre as tendências tecnológicas emergentes ajuda a antecipar mudanças e oportunidades.

Fonte: Elaboração própria.

A transformação digital está transformando a maneira como a informação é coletada, gerenciada e acessada. Portanto, os profissionais da informação precisam adotar uma abordagem de aprendizado contínuo e desenvolvimento de habilidades para atender às demandas do mundo digital em constante evolução (HOE, 2023).

A transformação digital tem enriquecido a Ciência da Informação ao oferecer novas ferramentas, abordagens e oportunidades para lidar com os desafios relacionados à gestão e disseminação da informação. Isso está impulsionando a evolução da área e sua capacidade de atender às necessidades informacionais da sociedade contemporânea.

Conclusões

A transformação digital pode gerar inovações nos serviços aos usuários em unidades de informação uma vez que abre novas e significativas oportunidades para inovar e aprimorar os serviços prestados pelas unidades de informação aos seus usuários.

A adoção de tecnologias como inteligência artificial, *machine learning*, realidade virtual e aumentada, robótica, Internet das coisas e análise de *big data* possibilita o desenvolvimento de soluções personalizadas, intuitivas e proativas para atender às necessidades informacionais dos usuários. Além disso, permite ampliar o alcance dos serviços, tornando-os omnicanais e ultrapassando barreiras físicas e temporais.

Entretanto, para que essas inovações gerem valor real, é preciso que a tecnologia seja implementada em alinhamento com a cultura organizacional, as necessidades dos usuários e os objetivos da unidade de informação. Portanto, a transformação digital representa uma evolução constante, que deve ser conduzida de forma estratégica, colocando as pessoas no centro das decisões. Assim, será possível desenvolver unidades de informação verdadeiramente centradas no usuário e capazes de entregar experiências personalizadas e impactantes por meio do uso inteligente da tecnologia.

A transformação digital impõe novos e significativos desafios ao profissional da informação. Para se adaptar a essa realidade em constante mudança, é fundamental que os programas de formação promovam o desenvolvimento de competências técnicas, gerenciais e comportamentais. Técnicas como domínio de ferramentas digitais, gestão da informação digital, curadoria de dados e uso de *analytics*. Gerenciais como liderança, visão estratégica e gestão da mudança. E comportamentais como criatividade, adaptabilidade, comunicação e aprendizagem contínua. Além disso, é essencial incentivar uma mentalidade inovadora e empreendedora, capacitando os profissionais a identificar oportunidades e soluções proativas diante dos desafios. Parcerias entre universidades, organizações da área e setor privado podem ajudar a alinhar a formação com as demandas do mercado. Com profissionais preparados para liderar a transformação digital de modo ético e humanizado, as unidades de informação podem cumprir seu papel estratégico na era digital.

Referências bibliográficas

BITNER, M. J.; OSTROM, A.; MORGAN, F. N.

2008 Service blueprinting: a practical technique for service innovation. *California Management Review*. [Em linha]. 50:3 (2008) 66-94. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/41166446>.

FITZIMMONS, James A.; FITZIMMONS, Mona J.

2014 *Administração de serviços: operações, estratégia e tecnologia da informação*. 8ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

GARRETT, J. J.

2011 *The Elements of user experience: user-centered design for the web and beyond*. [S. l.]: New Riders, 2011.

HOE, S. L.

2023 *Digital transformation: strategy, execution, and technology*. [S. l.]: CRC Press, 2023.

KANE, G. C. [et al.]

2016 Aligning the organization for its digital future. *MIT Sloan Management Review*. [Em linha]. (Jul. 2016). Disponível em: <http://sloanreview.mit.edu/digital2016>.

TIDD, Joe; BESSANT, John

2015 *Gestão da inovação*. 5^a ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

UNGER, R.; CHANDLER, Carolyn

2023 *A Project guide to UX design: for user experience designers in the field or in the making*. 3rd ed. Berkeley, CA: New Riders, 2023.

Agradecimento: FAPESP: Processo 22/11749-1.

Francisco Carlos Paletta | fcpaletta@usp.br

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumen: Se analiza la situación actual de las titulaciones de Información y Documentación (ID) en España, desde su creación hace menos de cuatro décadas hasta su adaptación al Espacio Europeo de Educación Superior (EEES). El análisis se hace sobre los datos estadísticos ofrecidos por el Gobierno de España, la Fundación BBVA-IVIE y el SEPE. Se destacan los cambios significativos que han sufrido las titulaciones de grado, tanto en sus contenidos como en sus denominaciones, así como la influencia de la transformación digital y la realidad laboral en la formación y las competencias de los profesionales de la información. Se aborda también la situación de la formación de postgrado y la inserción laboral de los egresados. Se concluye que es necesario articular una vía que garantice la permanencia y la solvencia de la titulación en el ámbito universitario, integrando la investigación, la transferencia y la interdisciplinariedad.

Palabras clave: Análisis de datos estadísticos; Ciencia de la información; Educación superior; España.

Abstract: The current situation of Information and Documentation (ID) programs in Spain is analyzed, from their creation less than four decades ago to their adaptation to the European Higher Education Area (EHES). The analysis is based on statistical data provided by the Government of Spain, the BBVA-IVIE Foundation and SEPE. The significant changes undergone by degrees are highlighted, both in their content and designations, as well as the influence of digital transformation and the reality of work on the training and skills of information professionals. It is also addressed the situation of postgraduate training and the employability of graduates. It is concluded that it is necessary to articulate a path that guarantees the permanence and solvency of the cycles of studies in university education, integrating research, knowledge transfer and interdisciplinarity.

Palavras-chave: Analysis of statistical data; Information Science; University education; Spain.

1. Introducción

En los cuarenta años transcurridos desde la puesta en marcha de los estudios oficiales en las Universidades de Barcelona y de Granada no ha existido ningún periodo superior a los 15 años sin que las titulaciones de grado se sometiesen a cambios significativos.

Menos aún si se considera que para la mayoría de las universidades este periodo se limita a treinta años. La Diplomatura en Biblioteconomía y Documentación (DBD) se crea en el año 1982, mientras que la Licenciatura en Documentación (LD) se inicia en 1994 y el Grado en Información y Documentación en el 2008. Sólo nueve años después surge una reforma profunda de sus contenidos bajo denominaciones diferentes y variadas. Este trabajo realiza una valoración sobre el estado actual de las titulaciones de Información y Documentación. El periodo elegido permite analizar datos procedentes de las administraciones públicas relativos a la situación del Grado en Información y Documentación (GID), pero también de

los grados evolucionados de ellos. Sin desatender, aunque sucintamente, a los postgrados, además de a una realidad laboral siempre vinculada a la formación y a las competencias de información de los profesionales que es la principal causa del atractivo o de la falta de gancho de los estudios. A fin de cuentas, aspira a ser una rápida observación del medio y la vitalidad de la profesión.

Los servicios de información están en transformación constante por influencia de las TIC sobre las que practican gran parte de las tareas diarias (PALETTA y MOREIRO-GONZÁLEZ, 2020). Para los profesionales de la información se ha vuelto obligatorio tener competencias tecnológicas, además de otras directamente relacionadas con ellas: educativas, éticas, jurídicas o comunicativas, sin las cuales no se lograría la orientación a los usuarios y al mercado laboral. Esto obliga a que cualquier reflexión sobre la formación y la experiencia profesional en España, tenga que considerar la confusión que genera la variedad de las denominaciones o la diversidad de programas de aprendizaje.

2. Inicios de la formación universitaria en Biblioteconomía y Documentación

Los estudios reglados para formar a profesionales de la información se implantaron hace menos de cuatro décadas. En ese corto periodo se han dado tres fases diferenciadas en su evolución: institucionalización de las titulaciones universitarias, la creación de los estudios de segundo ciclo con la Licenciatura en Documentación, su adaptación a la nueva realidad del Espacio Europeo de Educación Superior (EEES).

La fase de institucionalización va desde mediados de la década de 1980 hasta final de siglo, al implantarse la Ley de Reforma Universitaria (25-08-1983). Se inician entonces las diplomaturas en Biblioteconomía y Documentación (DBD), estudios de primer ciclo universitario con tres años de duración. Se había anticipado la Escola Universitaria Jordi Rubió i Balaguer, que en 1981 se adscribió a la Universitat de Barcelona (UB), manteniendo el profesorado con dependencia administrativa de la Diputació Provincial. Fue el ensayo inicial de alcanzar una formación profesional independiente (BOSCH, 1993). A partir de este momento, se crean centros bien como Escuelas universitarias o dentro de Facultades. La denominación de Escuela universitaria fue adoptada por las universidades de Granada (UGR), Salamanca (USAL), Murcia (UMU) y Complutense de Madrid (UCM). Como diplomatura se pone en marcha dentro de la Facultad de Letras de la Universidad de Zaragoza (UNIZAR) y de la Universidad de León (ULE), así como en la Carlos III de Madrid (UC3M), de inicio en la Facultad de Ciencias Sociales y Jurídicas, luego en la de Humanidades, Comunicación y Documentación.

En el curso 1994-1995 la DBD da comienzo en la Facultad de Ciencias de la Documentación y la Comunicación de la Universidad de Extremadura-Campus de Badajoz y en la universidad privada CEU San Pablo de Madrid (USP-CEU), en la entonces Facultad de Humanidades. Ya en 1996-1997 se inicia en la Facultad de Humanidades de la Universidade da Coruña (UDC) y en la Facultad de Geografía e Historia de la Universitat de València (UV). Otras universidades se van incorporando a lo largo del tiempo hasta alcanzar los 13 centros. El último en abrir los estudios es la Universitat de Vic (UVic), privada, en su Facultat de Ciències Humanes, Traducció i Documentació en el curso 1998-1999 (véase fig. 1).

Fig. 1 - Estudios de Diplomatura en Biblioteconomía y Documentación (1er. ciclo)



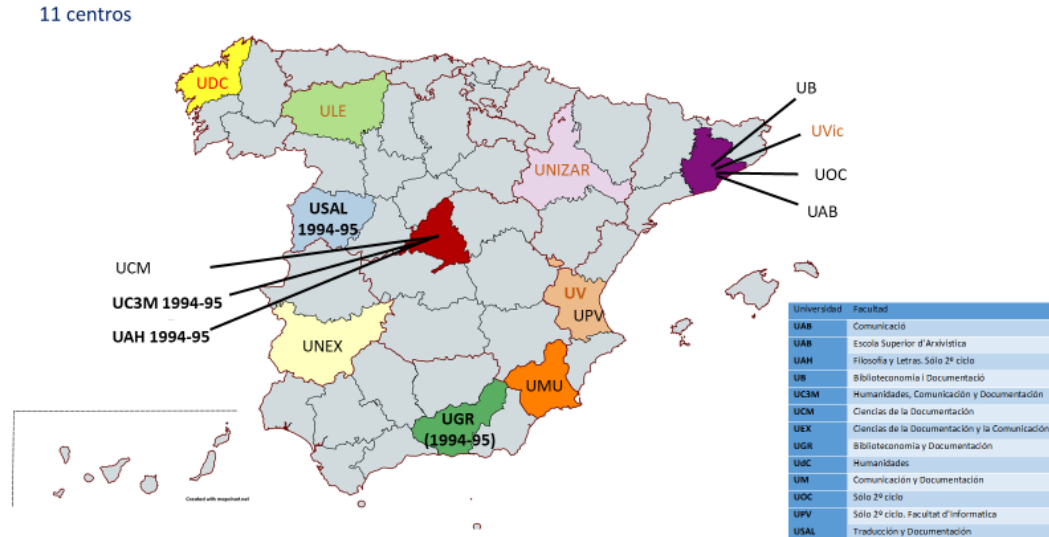
Fuente: Los autores.

La fuerte atracción de estudiantes favoreció prolongar los estudios con la Licenciatura en Documentación, de segundo ciclo, que permitía especializarse a universitarios provenientes de la DBD y de otros campos del conocimiento. Así como abrirse hacia los másteres y doctorados. Estos estudios eran de ciclo corto con una duración de dos años y se implantan en el curso 1994-1995 por las Universidades de Salamanca, Carlos III, Autónoma de Madrid y Granada. Se llegaron a establecer en 13 universidades.

A la par, se estancaban las matriculaciones de la Diplomatura, con un descenso significativo de los ingresos y un aumento de los abandonos durante el periodo 2000-2004. Si bien se compensó con las aportaciones de la LD que en 1999 superó a la Diplomatura en el número de matriculados. Ese año se alcanzó el número más alto de todo el ciclo, 3.096 estudiantes, 1.521 de ellos en la Diplomatura y 1.575 en la Licenciatura. La enseñanza de segundo ciclo se impartió desde el curso 1994-1995 en los centros que aparecen en la fig. 2.

En la desaceleración influyó que las universidades que contaban con DBD habían puesto en el mercado de trabajo un exceso de titulados que colmató las buenas perspectivas iniciales. Al igual que la licenciatura empezase con la duda de vaciar de contenido a la diplomatura, condicionada por proceder de la DBD la mayoría de sus afiliados y por no preparar para las fases del proceso técnico indispensables en el funcionamiento de las unidades de información (MOREIRO-GONZÁLEZ, 2014). De modo que se desconectaba la preparación para bibliotecario especializado-documentalista-gestor de la información de la del profesional de nivel medio.

Fig. 2 - Estudios de Licenciatura en Documentación (2º ciclo)



Fuente: Los autores.

A partir del curso 2005-2006 era evidente el desgaste que los primeros tropiezos habían supuesto a la atracción por los estudios. Urgía buscar soluciones en un momento coincidente con el proceso de adaptación de los estudios universitarios al Espacio Europeo de Educación Superior (EEES), que se abordó con un proyecto integrador de todas las universidades que contaban con estudios en Biblioteconomía y Documentación. Se llegó a un acuerdo de mínimos que servía de nexo entre las diferentes facetas del perfil profesional y que se denominó Grado en Información y Documentación (GID), cuya impartición comenzó en el curso 2008-2009 y que fue implantado paulatinamente en 11 centros (véase fig. 3). Pero sin lograr evitar la incertidumbre que se había apreciado en la desaceleración de la segunda etapa.

Se percibía ya entonces una merma en la atracción de alumnado y un notorio abandono. Como demuestra la desaparición de las titulaciones del CEU y Vic, dos centros privados. Y que el grado no se implantase en tres universidades que contaban con estudios de solo segundo ciclo: Alcalá de Henares, Autónoma de Barcelona y Politécnica de Valencia. Pese a la coincidencia con un momento de crisis financiera y laboral no se podía ocultar que la atracción disminuía, como demuestra que alrededor de la mitad de los estudiantes accedía en la segunda convocatoria, por lo que se rebajaba al mínimo la nota de corte y llegaban con escasa inclinación a los campos de conocimiento de la CI, incluso a veces faltos de motivación para seguir estudios universitarios (MOREIRO-GONZÁLEZ, 2014).

Fig. 3 - Estudios de Grado en Información y Documentación. EEES: 2008-2009



Fuente: Los autores.

Se establecen así los estudios de grado con 4 años de duración en 11 centros (véase fig. 3) lo cual en sí representa un indicador de la evolución, toda vez que en los cursos precedentes DBD y LD eran 17 los centros que ofertaban formación en el campo de conocimiento. El desgaste de las titulaciones y el cierre de centros también es una realidad en otros países ya desde los años 80 (ABADAL, OLLÉ y LÓPEZ-BORRULL, 2021).

3. Denominaciones evolutivas de los cursos universitarios en España

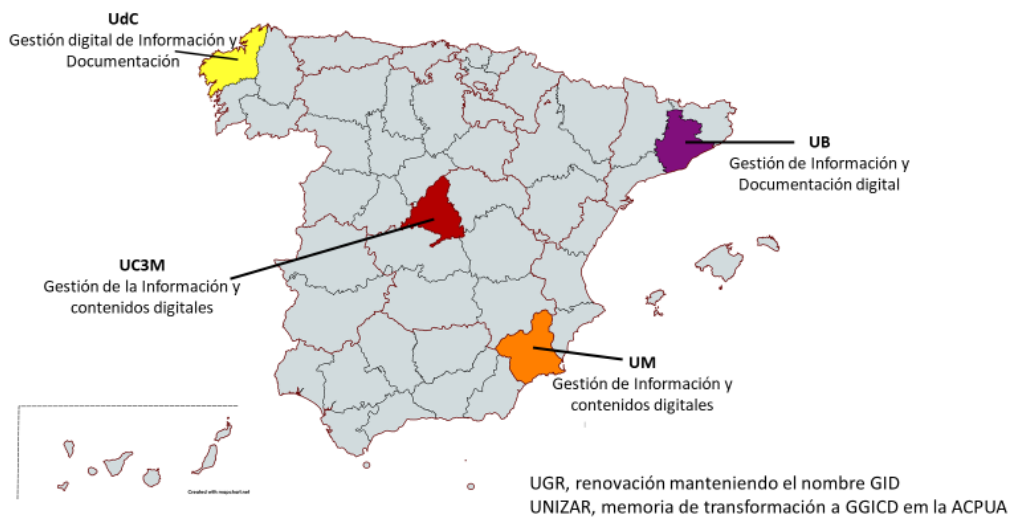
Denominar es distinguir los conceptos y ordenarlos sistemáticamente (UNE-ISO 1.087-1:2009). Cuando se singularizan de continuo tantos conceptos es porque no se alcanza un cauce que regularice la situación.

Denominar la Ciencia de la Información como Documentación es otro ancho de vía español. De forma que, cuando el grado es en Información y Documentación se dicen dos veces Información y Ciencia de la Información. Es muestra del desequilibrio de unos estudios incipientes, en cuya estabilización se interpuso el proceso de conversión al EEES y, en algunos casos, la necesidad de mantener un nivel de matrículas ante titulaciones más afianzadas (MUÑOZ-CAÑAVATE y LARIOS-SUÁREZ, 2018). Lo que se agudizó a partir de 2008 con una oferta laboral casi inexistente en las administraciones públicas cuyos puestos ni se reponían, otra causa del desinterés por cursar el GID y de la dificultad para cubrir las plazas ofertadas (ORTIZ-REPISO, CALZADA-PRADO y APORTELA-RODRÍGUEZ, 2013). Además, un porcentaje significativo de quienes ingresaban tenían la intención de cambiarse más tarde a otro grado, en especial de Comunicación social. Por otra parte, la sombra del paro lleva al 54% de los jóvenes a inclinarse por grados que les garanticen una salida laboral. Con lo cual solo el 18% de los desfavorecidos elige la titulación por vocación, frente al 29% de los más ricos, según un estudio de la Fundación SM (2023). A lo que se

añade el cansancio de un sistema educativo en renovación permanente de los métodos docentes y los contenidos sobre los que tiene que formar.

Si se analiza el caso de la UC3M, el rectorado cerró la oferta de plazas para cursar el GID en 2016, con apenas ocho años de recorrido, ante una caída continuada de la demanda cercana al 30% en dos años, con previsión negativa para el curso siguiente (HERNÁNDEZ-PÉREZ y MOREIRO-GONZÁLEZ, 2019). Fue definitivo que sólo seis estudiantes seleccionaran el GID como primera opción, pues indicaba el escaso interés por cursarlo. Además, muchos se matriculaban para servirse del GID como trampolín desde el que saltar a estudios que, *a priori*, les resultaban más atractivos. Otros entraban con la calificación de acceso mínima, al límite, por tanto, en su valoración y poco motivados. Por ello, el título se actualizó en el curso 2017-2018 como Grado en Gestión de la Información y Contenidos Digitales (GGICD), con escasas referencias a su precedente. La fig. 4 muestra las universidades en las que se han implantado los grados evolutivos.

Fig. 4 - Evolución a otros grados a partir de 2017



Fuente: Los autores.

Con la aparición de los grados evolutivos se diversifica la denominación de las titulaciones como se puede apreciar en la tabla 1.

Tabla 1 - Denominaciones evolutivas de los cursos de grado

	Características	Denominaciones
Años 80 y 90	Primer ciclo	Diplomatura en Biblioteconomía y Documentación
	Segundo ciclo	Licenciatura en Documentación
Desde 2008	EEES	Grado en Información y Documentación
Desde 2017	UC3M	Grado en Gestión de la Información y Contenidos Digitales
	UM	Grado en Gestión de Información y Contenidos Digitales
	UB	Grado de Gestión de Información y Documentación Digital
	UDC	Grado en Gestión digital de Información y Documentación

Fuente: Los autores.

4. Los grados evolutivos: una primera fotografía

La situación de los estudios en la UC3M en 2016 era similar a la experimentada en otras universidades que impartían el GID. Cada universidad ha buscado la solución más conveniente para sus características, atribuciones, idiosincrasia y situación. Incluso la de no cambiar nada. Desde luego, no es el caso del GGICD que la UM implantó en el curso 2020-2021 para dar a los profesionales las competencias necesarias para la gestión, tratamiento, intermediación y acceso a los contenidos y servicios de información (<https://www.um.es/web/estudios/grados/contenidos-digitales>), por lo que se diseñó un grado más cercano a la Ciencia de la Información y de las bibliotecas que el precedente de la UC3M. Se quería atender a las competencias técnicas de la información, a la vez que adquirir atributos transferibles a diferentes sectores de carácter digital. De forma que pudiesen actuar en todo tipo de empresas, en especial comerciales, y en las administraciones públicas a partir de una atención cuidada de las TIC. Al implantarse el GGICD se dejó de ofrecer el doble grado de GID y Periodismo que había servido para atraer estudiantes más allá de los interesados en cursar sólo el GID.

La demanda de ingreso tuvo un crecimiento inmediato tanto en el GGICD de la UC3M como en el de la UM, con estudiantes que manifestaron en primera opción su deseo de estudiar esos grados. Asimismo, fue positiva la respuesta de los indicadores de nota media de acceso de los estudiantes matriculados y de la nota de corte o calificación más baja del último estudiante admitido. Se observa un descenso de la nota de corte y de la media en los cursos 2022-2023 y 2023-2024 (véase tabla 2). Al reducirse dos años consecutivos, puede tratarse del comienzo, ¿otra vez?, de una dinámica negativa o, quizás, tan solo de que el ser está vivo y refleja la reducción general de las matrículas.

Tabla 2 - Notas de corte y media de acceso al GGICD-UC3M

Curso académico	UC3M	UM	Nota media UC3M
2023-2024	10,661	9,101	11,733
2022-2023	11,023	9,2	12,110
2021-2022	11,564		12,147
2020-2021	11,180		11,818
2019-2020	10,306		11,331
2018-2019	9,942		10,948
2017-2018	7,683		9,212

Fuente: Los autores.

Un último indicador surge de la motivación masiva para participar en el programa ERASMUS de movilidad de estudiantes, en comparación con el casi testimonial número de estudiantes del anterior GID. Este hecho ha llevado a los responsables académicos a incrementar la oferta de oportunidades de movilidad y a firmar más acuerdos con las universidades idóneas para realizar los intercambios pretendidos.

Parece corroborarse que, como contraparte, los estudiantes del GGICD no se sienten pertenecientes al campo de la Información, como puede derivarse de que no opten por continuar sus estudios en los programas de postgrado del departamento. Sin olvidarnos de que se forman para salir de inmediato al mercado de trabajo, por lo que buscan postgrados muy novedosos y de tendencias, en gran parte en universidades privadas. Tal vez sea el presente apremiante de la condición digital, conforme se deduce de las redes de identidad profesional.

En el curso 2019-2020 la UB comenzó con el Grado de Gestión de información y documentación digital (GGIDD), con la posibilidad de seguirse en la modalidad a distancia, y el doble grado de Comunicación audiovisual (GCA) y GIDD de 5 años académicos (COMALAT, VALL y SALSE, 2022). En la misma fecha la UDC crea el Grado en Gestión Digital de Información y Documentación (GGDID) impartido en el *campus* de Ferrol. GGIDD y GGDID, cuyas denominaciones se forman con los mismos términos en distinto orden, buscan reforzar la capacitación profesional para los entornos ampliados por la transformación digital, además de actualizar las competencias técnicas de la información.

Por su parte, la UGR modificó el plan de estudios en 2018 manteniendo el nombre de GID, pero dedicando una de sus menciones a los Archivos, Bibliotecas y Documentación y las otras dos a la Gestión de la Documentación en Empresas y de la Información en la Web (DE LA MONEDA y ARROYO MACHADO, 2022). Dentro de las universidades en las que el GID ha proyectado cambiar los contenidos y la denominación hacia GGICD se encuentra asimismo la UNIZAR, que tiene elaborada y completada una memoria de transformación del GID y que en la actualidad se está ajustando a las directrices de la Agencia de Calidad y Prospectiva universitaria de Aragón, ACPUA.

5. Los cursos de grado en España: notas de corte y acceso

Las notas de corte y media de acceso constituyen un excelente indicador para valorar la salud de las titulaciones de grado (ESPAÑA. Gobierno, 2023). Tal como se aprecia en la tabla 3 hay una acusada variación de los valores que no permite de antemano afirmar que existe un panorama especialmente alentador.

Tabla 3 - Notas de corte y media para el GID y denominaciones evolutivas

Universidad	Grado	Nota de corte 2022-2023	Nota media 2022-2023	Nota de corte 2023-2024
UB	GGIDD	6,280	7,79	7,01
UC3M	GICD	11,023	12,11	10,661
UCM	GID	5	8,29	5
UDC	GGDID	5	7,45	5
UEX	GID	5	<i>nd</i>	5
UGR	GID	5	7,69	5
ULE	GID (a distancia)	9,831	10,22	7,410
	GID (semipresencial)	5,782	6,86	
UM	GICD	9,2	9,94	9,101
USAL	GID	5	<i>nd</i>	5
UV	GID	5	7,2	5,237
UNIZAR	GID	5	8,2	5

Fuente: Los autores.

Una de las causas de las notas de corte de 5 puntos puede estar en que no se cubren todas las plazas ofertadas. Lo que afecta incluso a grados que han cambiado la denominación como el de la UDC. Se percibe como rasgo más general que la nota de corte de los grados evolutivos es más alta que en los que ha permanecido la denominación GID. Incluso que en el de la UGR, pese al cambio profundo del plan de estudios. Se exceptúa la ULE, aunque su nota de corte haya descendido en el curso 2023-2024. A fin de hacerse una idea del atractivo que tiene el GID para los estudiantes es clarificador considerar la nota media, pues además de que el acceso se hace en mejores condiciones, indica su inclinación a cursarlo.

Como fue apuntado antes en la UB y la UM, la impartición de dobles grados ha sido otra respuesta para mejorar la atracción. Así la USAL imparte dobles grados de 6 cursos académicos de duración en Información y documentación y en Ciencias políticas y de la administración pública (GCPAP) desde el curso 2015-2016; en el curso 2017-2018 se inició el de Educación social (GES) y GID, para en 2019-2020 ofrecer el de GID con Historia (GH). Por su parte, el doble Grado en GID con Pedagogía (GP), además del de Ingeniería Informática de Sistemas de Información (GIISI) en el *campus* de Zamora, han empezado a cursarse en el vigésimo año académico. Por más que en el doble grado GP con GID haya datos de estudiantes matriculados desde el curso 2017-2018 (ESPAÑA. Gobierno, 2023). La UEX ofrece desde el año 2018-2019 un doble grado en ID con Comunicación audiovisual y otro con Periodismo (GPER).

La tabla 4 permite comparar el acceso a los grados de las titulaciones de Comunicación social con las de ID, impartidas en los mismos centros. Se comprueba que las titulaciones de Comunicación muestran un poder de captación mayor, tanto en la UB como en la UEX. Pues la nota de corte para acceder a los dobles grados es superior en los grados vinculados ya sean de Periodismo o de Comunicación audiovisual, por más que presenten iguales o mayores problemas que el GID para que sus titulados accedan al mercado laboral. Tal como demuestra el descenso entre 2015 y 2023 del 18,4% en las matriculaciones el Grado de Periodismo que han pasado de 19.000 a 15.500 alumnos, cuando la bajada media de las titulaciones es de un 6%. La diferencia de puntuación en el acceso al doble grado en CA e ID de la UEX respecto al de CA y GGIDD de la UB sugiere que los estudiantes que desean cursarlo tienen en la UEX una presión de ingreso menor que en una universidad de mayor tamaño como la UB. Asimismo, puede pesar la duración de 5 años en la UB comparada con la de 6 años en la UEX. En ambos casos el GID y sus titulaciones derivadas se posicionan como protagonistas menores en la captación de estudiantes para los dobles grados.

Tabla 4 - Notas de corte para los dobles grados con GID y para los grados vinculados

Universidad	Doble Grado	Nota de corte 2022-2023	Nota de corte grado vinculado	Nota de corte 2023-2024	Nota de corte grado vinculado
UB	GCA + GGIDD	10,878	11,170	10,886	11,514
UEX	GCA + GID	5	6.080	6,877	9,449
	GPER + GID	6,200	8,823	6,525	9,328
USAL	GID + GH	6,657	5	7,696	5
	GID + GCPAP	5,735	5,960	6,310	7,259
	GES + GID	6,623	8,530	5,291	6,916
	GP + GID			6,774	8,421
	GIISI + GID			5	7,422

Fuente: Los autores.

Es una circunstancia que se reproduce en los diferentes dobles grados que imparte la USAL. En cuatro de ellos la nota de corte para acceder es inferior a la de los grados vinculados. Con la excepción de las 15 plazas del doble grado GID-GH donde la nota de corte se situó en 6,657, cuando en Historia fue tan solo de 5. Este hecho se repite en el curso 2023-2024 con las plazas de ese doble grado situadas en una nota de corte de 7,696, cuando en GH se abrió sin límite de plazas, por lo que podía accederse con un 5. Esta situación se repite en la reciente oferta del doble Grado en GIISI y GID para el que no hubo límite de plazas, mientras que el acceso al GIISI (*Campús* de Zamora) tiene una nota de corte de 7,422.

Por otro lado, el GID de la Universidad de León (ULE) se ha consolidado en su impartición a distancia tras una dilatada oferta comenzada el curso 2006-2007 en la modalidad semipresencial, aún con la DBD, y luego en línea desde el curso 2014-2015. La modalidad semipresencial se extinguió en el curso actual. El aseguramiento se debe a haber encontrado un nicho de estudiantes que buscan mayor autonomía en su aprendizaje, dentro de un entorno educativo confiable y con el apoyo de los espacios de colaboración con el profesorado y los colegas. Es una ventaja notoria la mayor flexibilidad horaria respecto a la formación convencional y contar con abundante material didáctico digital que

permite acompañar el aprendizaje al ritmo personal (BOLAÑOS MEJÍAS, BUENO DE LA FUENTE y ALVES, 2013). A ello contribuyen de manera definitiva las actitudes y condiciones adquiridas por el profesorado durante esa larga experiencia que allana la estrategia metodológica por su perseverancia en la adaptación, la comunicación virtual y el trabajo en equipo (RODRÍGUEZ LÓPEZ *et al.*, 2022). De forma que todos estos factores han afianzado el tirón por esta modalidad cuya diferencia está en la metodología docente empleada, por encima de los contenidos de las disciplinas impartidas.

6. Datos de matrícula en los cursos de ID

La tabla 5 se ha confeccionado con los datos ofrecidos por el Gobierno de España (2023) en relación con el número de estudiantes matriculados cada año académico en los grados en ID, los dobles grados que combinan con este y los grados derivados a los que puede referirse por su afinidad, aunque tal vez sólo como origen.

Tabla 5 - Número de estudiantes matriculados por titulación de grado

Universidad/Curso		15-16	16-17	17-18	18-19	19-20	20-21	21-22	22-23
	Grado								
UB	GID	241	222	213	218	135	94	54	26
	GIDD					64	106	142	165
	CA+GIDD					22	14	14	14
	<i>Total</i>	<i>241</i>	<i>222</i>	<i>213</i>	<i>218</i>	<i>221</i>	<i>214</i>	<i>210</i>	<i>205</i>
UC3M	GID	210	178	118	82	51	47	30	15
	GGICD			52	91	128	182	182	188
	<i>Total</i>	<i>210</i>	<i>178</i>	<i>270</i>	<i>173</i>	<i>179</i>	<i>229</i>	<i>212</i>	<i>203</i>
UCM	GID	290	296	281	269	272	274	250	256
UdC	GID	32	27	23	23	16	12	11	6
	GGDID					21	45	44	47
	<i>Total</i>	<i>32</i>	<i>27</i>	<i>23</i>	<i>23</i>	<i>37</i>	<i>57</i>	<i>55</i>	<i>53</i>
UEX	GID	122	123	105	93	82	80	70	62
	ID+CA	61	68	79	86	81	78	73	67
	PER+ID				7	9	14	23	25
	<i>Total</i>	<i>183</i>	<i>191</i>	<i>184</i>	<i>186</i>	<i>172</i>	<i>172</i>	<i>166</i>	<i>154</i>
UGR	GID	248	239	188	157	131	127	124	122
ULE	GID	94	85	108	129	139	154	176	188
UM	GID	102	88	74	73	71	44	26	11
	GGICD						55	83	123
	PER+ID	45	75	94	106	113	88	63	41
	<i>Total</i>	<i>147</i>	<i>163</i>	<i>168</i>	<i>179</i>	<i>184</i>	<i>187</i>	<i>172</i>	<i>175</i>
UOC	GID	392	400	290	225	170	123	82	39
USAL	GID	94	72	64	62	53	49	47	46
	GID+GCPAP	5	14	19	15	15	16	19	15
	GES+GID			5	10	15	29	29	25

	GP + GID			1	6	4	12	9	11
	GID + GH					11	8	14	16
	GIISI + GID						2	2	3
	<i>Total</i>	99	86	89	93	98	116	120	116
UV	GID	165	145	136	120	114	118	114	110
UNIZAR	GID	89	87	85	79	64	53	51	51
TOTAL		2.190	2.119	2.035	1.851	1.781	1.824	1.732	1.672

Fuente: Los autores.

Las universidades que han perseverado en el GID como denominación de referencia a los estudios de grado han seguido descendiendo en el número de matrículas, si bien con diferentes comportamientos. Se percibe que la UCM ha conservado la matrícula de estudiantes con un lento descenso del 11,73% en los ocho años analizados, lo que refleja, sin duda, ser la única de la Comunidad de Madrid que continúa dando el GID. Más notoria es la rebaja en el número de matrículas habida en la UGR que descendió en el periodo observado casi a la mitad, para estabilizarse luego en los cuatro últimos cursos tras reformar el plan de estudios. Se sitúan en un descenso más moderado los GID de la UV y la UNIZAR, sin ser ajenas a la bajada general de las matrículas del 23,66% durante ese periodo. En esta situación es patente la importancia que ha tenido la desaparición en el curso 2018-2019 del GID de la UOC en el descenso colectivo del número de matrículas. Aunque la toma de esa decisión se pueda justificar internamente por la reducción progresiva de las filiaciones, no deja de ser un reflejo concreto de la condición general (LÓPEZ-BORRULL, 2017). Al dejar de ofertarse el GID en la UOC, la ULE y la UB quedan como las únicas que lo atiende a distancia. En el caso de la ULE ha duplicado las matrículas durante el lapso temporal examinado. Por más que la rebaja en todos los centros haya sido superior al 80% desde los matriculados en el curso 2001-2002 (MOREIRO-GONZÁLEZ, 2014).

A su vez, la UEX compensa el descenso sostenido de matrículas en el GID con las correspondientes a los dobles grados en GID y GCA y en GPER y GID, aunque no son suficientes para evitar que el número de estudiantes acabe por remontar.

En la USAL se observa una trayectoria menguante de los estudiantes matriculados en el GID, que se ha podido retener en la centena gracias a las inscripciones en los dobles grados. Se nota el impulso habido tras efectivarse el doble grado GID y GH que ha permitido llegar en el curso 2021-2022 a la mayor cifra de registrados y conservarla durante los cuatro últimos años que muestra la tabla. Si bien, como en otros casos, sin alcanzar una cantidad que afiance la estabilidad si miramos a la distribución entre el número de los dobles grados atendidos y su lapso temporal.

7. La transformación digital en los grados

El Libro Blanco para el diseño de titulaciones universitarias en el marco de la Economía digital (Libro..., 2015) identificaba la ausencia de programas formativos universitarios para el desarrollo de contenidos digitales y la importancia de que se diseñasen con un marcado carácter transversal y multidisciplinar. Ya entre las universidades que han modificado la

denominación y la orientación curricular de los cursos, el GIDD de la UB ha conseguido mantener el número de estudiantes matriculados, pero para hacerlo ha necesitado contar con la aportación de estudiantes que hace el doble grado en GCA y GIDD.

En el año 2016, ante la exigencia de mantener una cuota de matrículas de estudiantes para subsistir en medio de esos cambios, la UC3M consideró oportuno abordar el reto de formar a los profesionales en competencias y habilidades digitales mediante la implantación del GGICD, que trajo estabilidad en el número de estudiantes matriculados según fue sustituyendo de manera progresiva al GID.

La implantación del GGICD en la UM ha conseguido estabilizar la pérdida del anterior GID, que en inicio se quería evitar con el complemento de matrícula que suponía el doble grado en GPER y GID, que entró en proceso de extinción desde que se oferta el nuevo grado. Se percibe que la pérdida gradual de las matrículas del GID junto a las del GPER y GID, como bien se refleja en la tabla, se van sustituyendo adecuadamente con los ingresos y permanencia en el GGICD.

La UDC cambió la denominación del GID a Grado en Gestión Digital de Información y Documentación (GGDID). La consecuencia ha sido duplicar el número de estudiantes matriculados respecto a la tendencia previa, de gran escasez. Bien es cierto que este número, en relación con los cuatro años académicos, ofrece tan sólo una cifra media ligeramente superior a los 10 estudiantes por año, aun así, es más elevada que en el anterior GID.

Si se comparan los planes de estudios de los grados evolutivos se observa que la UC3M, primera universidad que los cambió, diseñó un plan de estudios que arrinconó el carácter original del campo. Mientras que las siguientes, UM, UB y UDC, trataron de mantenerlo sin renunciar a profundizar en los atributos de digitalización e interdisciplinariedad. Respecto al número de estudiantes que cursaban estos grados renovados era de 669 en el curso 2022-2023, si se incluye la UGR. Lo que supone ya el 40%. Pese a las variadas soluciones buscadas, la desviación en el número total de estudiantes matriculados en los grados atendidos se mueve aún en sentido decreciente, pues ha menguado casi un 25% durante los ocho años académicos comprendidos entre el 2015-2016 y el 2022-2023. Debe de destacarse aquí que, en varios de los grados de renovados como en la UB y la UC3M, la merma de estudiantes se ha estabilizado con el nuevo plan de estudios en un número de ingresos entre 40 y 50 al año. En la UM se proyecta ese mismo camino al cumplirse el cuarto curso desde la implantación del nuevo grado. También en la UGR, aunque con un número alrededor de los 30 ingresados. Desde una visión en conjunto, se puede valorar de manera positiva la estabilización del número de estudiantes tras las revisiones de los planes de estudio. Tal vez con un menor número de estudiantes, si se logra la estabilidad que la tabla 5 permite deducir, se asegure la deseada permanencia.

Los datos de la evolución de la matrícula quedan reflejados en la tabla 6.

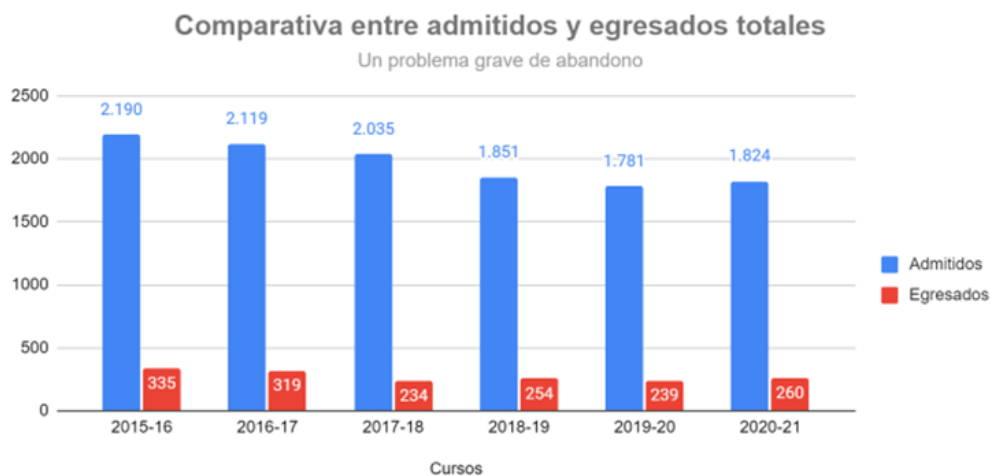
Tabla 6 - Número de estudiantes en los grados renovados

Curso	2017-18	2018-19	2019-20	2020-21	2021-22	2022-23
N.º	52	91	290	430	465	547
%	2,56	4,92	16,28	23,57	26,85	32,72
+UGR						669
%						40,01

Fuente: Los autores.

En el gráfico 1 se constata una realidad, la tasa de abandono de la titulación pone en riesgo su permanencia. Se percibe una gran diferencia entre los matriculados y los egresados en el GID y grados evolutivos. Es preciso considerar los 4 años de duración entre el acceso y el egreso de la universidad, por lo que se aprecia una tasa de abandono muy alta (ESPAÑA, 2022). De forma que el rendimiento de los grados está muy por debajo de lo admisible. Aunque resulta esperanzador que el número de egresos se haya estabilizado en los cuatro últimos años como consecuencia de la consolidación de varios de los programas renovados, aunque se haga en una cifra más limitada que las universidades se han autoimpuesto siendo prudentes en la oferta de plazas anuales

Gráfico 1 - El problema del abandono



Fuente: Los autores.

8. Los perfiles de los másteres universitarios

Dentro de la situación inicial de tanto impulso se incluye el comienzo de los estudios propios de tercer ciclo universitario. Era frecuente que tanto universidades como asociaciones profesionales impartiesen cursos de postgrado para preparar técnicamente a titulados de diferentes especialidades. Hasta que se aprobó la Licenciatura en Documentación, se consideraba que este aprendizaje era la mejor forma de capacitar a quienes atendiesen a las responsabilidades gestoras sobre conocimientos del campo

universitario de origen (PÉREZ ÁLVAREZ-OSSORIO, 1986). Se trató de cursos impartidos con irregularidad, muchos de los cuales revisaron sus programas o desaparecieron al implantarse la Licenciatura en Documentación (véase Tabla 7).

Tabla 7 - Inicios de la formación de postgrado mediante cursos de especialización

Nombre del curso	Universidad	Inicio
Curs d'Organització dels sistemes de documentació a l'empresa	UPC-UB	1982-1983
Curso de Documentación para postgraduados	UCM	1982-1983
Máster en Documentación	UA	1989-1990 (ed. única)
Máster en Documentación	UCLM	1989-1990 (ed. única)
Máster en Documentación pedagógica	UB	1987-1988
Máster en Documentación pedagógica	UCM	1987-1988
Máster en Documentación y Sistemas de Información Sanitaria Proyecto DOSIS 2000	UCM	1989-1990
Máster de Documentación e información científica	UM	1991-1992 (ed. única)
Curso de especialización en Documentación médica	UAB	1991-1992
Máster en Información y Documentación	UC3M-CINDOC	1991-1992
Curso especialista en Documentación Científica	UV	1992-1993
MASDOC: Máster en Documentación on-line y compact disk	UB	1990-1991
Documentación automatizada en la educación	ICE-UB	1987-1988
Máster en Tecnología de la Información y Gestión Documental	UGR	1993-1994 (ed. única)

Fuente: Los autores.

Para el curso 2023-2024 se ofertan 22 másteres distribuidos en 12 universidades en los que la organización y la docencia dependen mayoritariamente del campo de la Ciencia de la Información (véase Tabla 8). Se excluye de este listado los másteres propios y aquellos en los que participa profesorado del área, pero que corresponden a otros campos incluso cuando esa participación es mayoritaria como en los másteres en Gestión Cultural y en Humanidades Digitales de la UPV. Tampoco aparecen aquellos en los que no interviene profesorado ni departamento del campo como el de Documentos y libros. Archivos y bibliotecas de la Universidad de Sevilla, aunque se considera en la nube de palabras (véase fig. 5). Hay que puntualizar que la ULE no cuenta con un máster universitario, si bien varias profesoras colaboran en el Máster en Sistemas de información digital de la USAL.

Tabla 8 - Másteres universitarios impartidos en el curso 2023-2024

Universidad	Máster universitario
UAB	Archivística y gobernanza de la información
	Gestión Documental, Transparencia y Acceso a la Información
UAH	Documentación, Archivos y Bibliotecas
UB	Biblioteca Escolar y Promoción de la Lectura (UB-UAB)
	Bibliotecas y Colecciones Patrimoniales
	Gestión de Contenidos Digitales
	Gestión y Dirección de Bibliotecas y Servicios de Información
UC3M	Humanidades Digitales
UCM	Bibliotecas, Archivos y Continuidad Digital
	Documentación Fotográfica. Recuperación, Tratamiento y Difusión
	Gestión de la Documentación, Bibliotecas y Archivos
	Libro Antiguo y Patrimonio Bibliográfico
UDC	Patrimonio Histórico Escrito
	Estudios avanzados en museos, archivos y bibliotecas
UEX	Investigación en Ciencias Sociales. Especialidad Documentación y Comunicación
	Gestión de la Información en Redes Sociales y de los Productos Digitales en Internet
UGR	Información y Comunicación Científica
UNIZAR	Consultoría de Información y Comunicación Digital
UPF	Buscadores: <i>Marketing Online</i> , Posicionamiento, <i>Community Manager</i> y <i>Content Curator</i>
	Usabilidad, Diseño de Interacción y Experiencia de Usuario
UPV	Gestión de la Información
USAL	Sistemas de información digital

Fuente: Red de Universidades Españolas (RUE)

En la fig. 5 se presenta una nube de palabras elaborada a partir de las denominaciones de los 22 títulos de máster, a fin de identificar el énfasis de sus contenidos. El análisis muestra la prevalencia del término Información que aparece en ocho ocasiones. Mientras que son siete las presencias de Biblioteca, cinco las de Archivística o archivo, cuatro las de Documentación y museo, una vez. En tres de los títulos se incluye la perspectiva de Comunicación, cuatro si se considera una referencia directa a ese campo sin nombrarlo. Seis de los másteres califican alguno de estos sectores como digital y en otros seis se enfocan hacia la gestión, dos de ellas documental y otras dos de la información. El Patrimonio escrito y bibliográfico centra el eje temático en tres casos. Si bien los términos que asoman una sola vez son los que orientan hacia los límites del campo, tanto desde la innovación como en heredad de especialización. En su mayoría proponen contenidos que singularizan el enfoque de los másteres en que aparecen: Acceso a la información, Biblioteca escolar, Buscadores, Ciencias sociales, Colecciones patrimoniales, *Community Manager*, Comunicación digital, *Content Curator*, Consultoría de Información, Contenidos digitales, Continuidad digital, Diseño de interacción, Documentación fotográfica, Gobernanza de la información, Gestión documental, Humanidades digitales, Información digital, Internet, Experiencia de usuario, Fotografía, Libro, Libro antiguo, *Marketing online*, Museo,

Patrimonio bibliográfico, Patrimonio escrito, Posicionamiento, Productos digitales, Promoción de la lectura, Redes sociales, Sistemas de información, Transparencia, Usabilidad.

Fig. 5 - Nube de palabras en los títulos de máster universitario



Fuente: Los autores.

Los datos generales sobre matriculados en Másteres de Información y Documentación ofrecidos por De la Moneda y Arroyo (2022) resaltan un incremento del 10,25% durante el periodo 2015-2016 a 2020-2021, frente al 42% de incremento general. El número de matrículas pasó de las 499 en el curso 2019-2020 a las 667 en el 2020-2021. Siendo de 671 el número de matriculados en el curso 2022-2023, que no se ofrecen aún desglosados por campo de conocimiento ni por centros. Desde luego, se aprecia el crecimiento de los matriculados en másteres frente al descenso en esos mismos años del número de los estudiantes matriculados en los grados del campo.

Los másteres han tenido una buena acogida, como demuestra su número, variedad, especialidad y adaptabilidad. Quizás nunca hubo el convencimiento de que podían ser el

camino más conveniente al empezar aquí los estudios de Biblioteconomía y Documentación en los años ochenta, cuando ya era así en Estados Unidos que tendían hacia cursos de especialización bien acogidos en programas de máster, sobre todo en gestión del conocimiento (DEBONS, 1981). Tal vez sería ahora un buen momento para empezar a ofrecer másteres interuniversitarios de tendencias que evolucionasen, incluso en su denominación, conforme lo haga el propio campo y el mercado de trabajo para el que forman.

9. La evolución del GID desde la inserción laboral

No es infrecuente que los estudiantes y sus familias acaben contrariados con los grados cursados cuando muestran escasas oportunidades de empleo. Asimismo, decepciona a la sociedad que recibe a unos candidatos para los puestos de trabajo sin la formación deseada o sin la especialización precisa. De ahí que el ajuste de la oferta de estudios a las necesidades personales y sociales ha llevado a su modificación y al aumento considerable de titulaciones desde la mitad de la década pasada.

La formación para el GID y los grados evolucionados es una decisión de las universidades, de las instituciones reguladoras y de los estudiantes que prefieren unos estudios a otros por sus características y la inserción laboral que ofrecen. El Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades publicó un análisis de la Inserción Laboral de los Egresados Universitarios (2019), una vez transcurridos cuatro años desde su graduación en el curso 2013-2014, por tanto, hasta el año 2018. El análisis combina información procedente del Sistema Integrado de Información Universitaria (SIIU) con datos de la Encuesta de Inserción laboral de los titulados universitarios del INE. A su vez, estos datos se aprovecharon en el *U-Ranking* (2023a) que ofreció los datos del GID desagregados a partir del año 2020. Como en el curso 2013-2014 no habían surgido las denominaciones evolutivas, sus datos aluden sólo al GID, que ofreció estos indicadores para los 484 egresados: una tasa de empleo del 82,8 %; con un 57,4% de los egresados trabajando en su campo de estudio o relacionado; pero con solo un 23,8% de ingreso mensual superior a 1.500€ (véase tabla 9). Derivado de los tres indicadores mencionados, el GID alcanza un índice sintético de 0,731 y ocupa el puesto 93 entre las 101 titulaciones listadas.

Tabla 9 - Inserción laboral de egresados del GID en los *U-Rankings* 2020 y 2023

Curso	Egresados	Tasa de empleo	% trabajan en su campo de estudio o relacionado	% ocupados con ingreso mensual superior a 1500€	Índice sintético	Ranking
13-14	484	82,8 %	57,4%	23,8%	0,731	93
Curso	Egresados hasta 30 años	% de mujeres	% de autónomos		Índice sintético	Ranking
13-14	265	66,4%	4,1%,		0,821	75

Fuente: Los autores.

El *U-Ranking* (VILLAR, 2020) midió la inserción laboral, aunque sólo de los egresados en el curso 2013-2014 que tuviesen en el 2018 hasta 30 años. En este caso, el GID se sitúa en el puesto 75 de las 100 titulaciones listadas, pues en esa franja de edad se sitúan 265 de los egresados, el 54,75%, de los cuales son mujeres el 66,4% y autónomos el 4,1%, indicadores que mejoran casi un punto el índice de inserción, respecto a los que aparecen en el *U-Ranking* (2023a), al situarlo en 0,821.

Asimismo, el *U-Ranking* (2023b) compara la inserción laboral por grupos de estudio de grado y máster. Los datos de los titulados en ID aparecen sindicados en el grupo de Ciencias sociales, Periodismo y Documentación conformado por 21.241 titulados. Este agrupamiento, que se muestra en la tabla 10, impide conocer en detalle los datos correspondientes a los grados y másteres universitarios de ID. El informe permite comprobar que la inserción más baja se da en los grados de Artes y Humanidades; Periodismo y Documentación; y Servicios tanto en grado como en máster, al ser su tasa de empleo cercana al 85%; la mayoría de titulados tiene ingresos inferiores a 1.500€; y se obtienen datos negativos en el ajuste entre el título y las actividades atendidas, que suelen ser inferiores al 60%, aunque la situación entre los egresados en Cataluña y Madrid es diferente, pues esas comunidades demandan mayor capital humano cualificado.

Tabla 10 Inserción laboral de los titulados en grados y másteres de Ciencias sociales, Periodismo y Documentación

Grupo	Tasa de empleo	% ocupados con sueldo mayor o igual a 1.500€	% ocupaciones altamente cualificada	% trabajando en su área de estudio o relacionada	Nivel Grupo de estudio	Índice sintético	Ranking global (sobre 20)
Grados	85,1	39,9	72,1	63,5	0,89		18
Másteres	84,4	52,5	83,8	53,3	0,95		14

Fuente: Los autores.

En el grupo de Ciencias Sociales, Periodismo y Documentación se muestra una mejora en la inserción de los titulados cuando cursan un máster frente a los que poseen solo un grado. Sin que este hecho evite que sus índices se posicionen en la parte baja del *U-Ranking* (2023b). Desde luego, en la actualidad es difícil encuadrar en este grupo algunos de los grados derivados pues ni los titulados ni los planes de estudio parecen encajar en esa clasificación, ni al cursarlos ni en las salidas laborales.

Por más que GID no esté incluido en los campos con tasas de afiliación a la Seguridad Social más bajas el cuarto año después de egresar en el curso 2013-2014 (ESPAÑA, 2019). La tasa de afiliación es un indicador de la inserción laboral de los egresados universitarios e implica que los egresados de un grado tienen una mayor probabilidad de encontrar un empleo y cotizar a la Seguridad Social. Como se muestra en la tabla 11 estos datos han mejorado progresivamente entre 2015 y 2018. Tanto en la tasa de egresos como en la de afiliación el porcentaje de mujeres supera al de hombres casi en una relación de tres a uno.

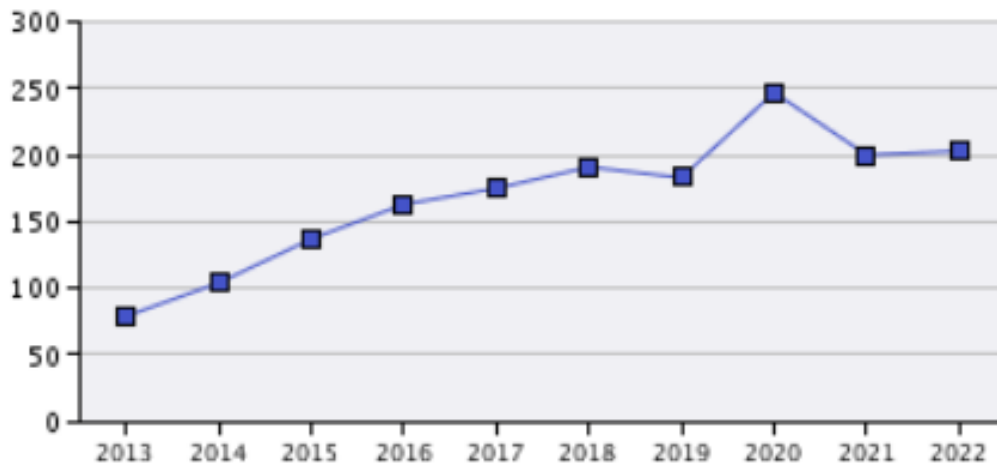
Tabla 11 - GID: tasa de afiliación a la Seguridad Social

Año	2015	2016	2017	2018
Tasa de afiliación	58,3	65,9	74,6	75,2
% de mujeres	70,7			
Base de cotización	17.986€			

Fuente: ESPAÑA (2019).

El gráfico 2 muestra la evolución del número de demandantes de empleo con GID entre los años 2013 y 2022, según los datos del Servicio Público de Empleo Estatal (SEPE). Se aprecia que la variación de los demandantes parados con GID durante ese periodo revela un crecimiento sostenido, con un punto álgido en el año 2020, durante la pandemia de COVID-19, que ha afectado igualmente a otros valores relacionados con la inserción laboral como se explica más adelante. El número de titulados registrados en el servicio de desempleo puede tener una primera lectura que es la reducción de la oferta de empleos. Ciertamente las titulaciones de ID han estado vinculadas con la formación de profesionales de las administraciones públicas donde el impulso de décadas anteriores fue decreciendo.

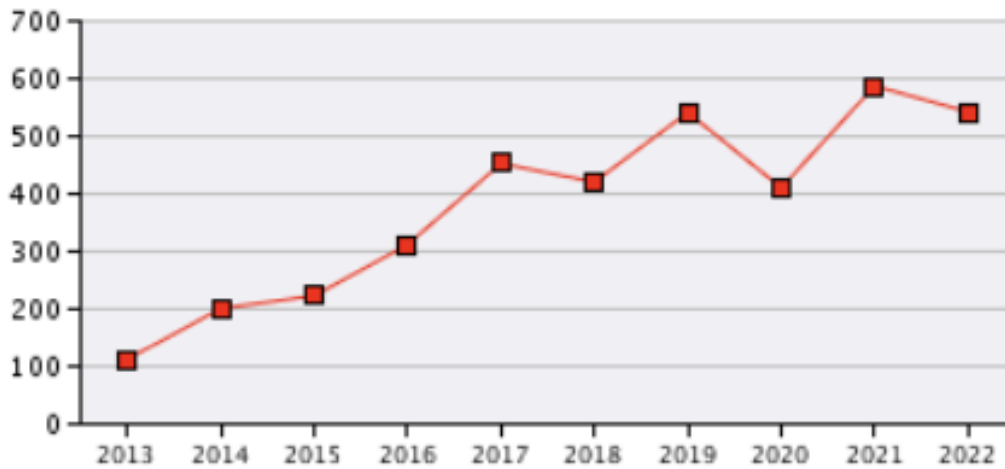
Gráfico 2 - Evolución de los demandantes parados con GID (2013-2022)



Fuente: SEPE, 2022.

El número de contratos de titulados en GID ha ido mejorando progresivamente, según el mercado absorbía los demandantes provenientes de la DBD y la LD. Se aprecia el breve rebote del empleo en el último trimestre de 2019 y el tobogán del año 2020 por la inmovilización laboral que causó la pandemia (véase gráfico 3). Hay que comparar el número de contratos con GID, cercano a los 600, con los 260 egresados en el 2021. Por más que, en el año siguiente, de los contratos para solicitantes de empleo con el GID, sólo 163 se aplicaron a ocupaciones directamente relacionadas con la CI (ESPAÑA, 2022).

Gráfico 3 - Evolución del n.º de contratos con GID (2013-2022)



Fuente: SEPE - Servicio Público de Empleo Estatal (ESPAÑA, 2022).

La tabla 12 indica que los titulados en GID realizan actividades propias de la CI en otros sectores, en especial el administrativo lo cual refuerza lo expresado anteriormente, pero la tabla refleja una actividad mayoritaria que no se relaciona con la CI. En 2022 la gran contratación de vendedores en línea y de camareros o similares en hostelería, junto a cuidadores en guarderías y centros educativos, así como de auxiliares en enfermería hospitalaria habla de salidas profesionales perentorias cuando se lleva tiempo sin poder acceder a perfiles específicos del grado de procedencia. Es un ejemplo concreto del desajuste entre el empleo y la sobretitulación universitaria.

Tabla 12 - Ocupaciones más contratadas en 2022 para titulados en GID

Ocupaciones	Nº total de contratos	Porcentaje
Bibliotecarios, documentalistas, ...	76	14,02%
Empleados de bibliotecas y archivos	61	11,25%
Empleados administrativos con atención al público	41	7,56%
Empleados administrativos sin atención al público	37	6,83%
Vendedores	35	6,46%
Hostelería	28	5,17%
Cuidadores centros educativos	19	3,51%
Archivistas y conservadores de museos	15	2,77%
Auxiliares enfermería	14	2,58%
Técnicos en galería, museos y bibliotecas	11	2,03%
Total en CI	163	30,07%
Total	337	64,18%

Fuente: Los autores.

10. Reflexión final

En las titulaciones de ID se verifica que a partir del año 2000 hubo un punto de inflexión en las matriculaciones. La solución al descenso en la atracción de estudiantes por parte de los GID se ha buscado mediante proyectos de enseñanza conjuntos con otros campos de conocimiento que se desempeñan bien respecto a captación y notas de acceso. Aunque se empezó por eso y se ha acabado sustituyendo la titulación original en varios centros creando grados evolutivos en ID en los que se afianza la componente digital y se diversifican las oportunidades de empleo. En esta tesitura, los grados propuestos se caracterizan por su interdisciplinariedad y por una función, a su término, no exclusiva de las unidades y servicios de información. La aceleración de la transformación digital ha llevado a una situación en la que formarse en competencias digitales ha dejado de ser opcional. Si los titulados se capacitan en perfiles laborales digitales y transversales pueden trabajar en cualquier tipo de empresa, administración pública o sector de actividad. A lo que se suma la actual demanda mundial de analistas de datos como otra de las funciones de los formados en CI y en sus disciplinas derivadas. De ahí que las universidades estén añadiendo titulaciones inéditas a sus catálogos. Ciertamente es que esto desdibuja algunos de los perfiles anteriores, como reflejan las propias denominaciones y la inclinación programática hacia campos con mejores resultados de inserción laboral.

De modo que las recientes propuestas y revisiones en grados se caracterizan por preparar para los procesos de digitalización y automatización de actividades. Se trata de grados en parte tecnológicos, pero al mismo tiempo implicados en la gestión del conocimiento empresarial y social, que exigen mejores calificaciones de ingreso. Y que, en su desarrollo, son más duros, conscientes de que van a servir en un entorno laboral cada vez más mestizo y multidisciplinar, como uno de los diferentes perfiles forzados a colaborar. Grados que el avance de la digitalización y la tecnología han traído para satisfacer los intereses de los propios estudiantes y que se han originado como respuesta a una búsqueda empleabilidad dentro de un mercado laboral cada vez más necesitado de unas competencias con atributos al mismo tiempo, blandos y duros. Pues se trabaja en equipos junto a otros profesionales provenientes de las Ciencias sociales, la Comunicación social, la Informática, la Gestión de empresas y el Análisis de datos. Abordando este proyecto en cuanto personas que se sitúan en el centro del avance tecnológico sin perder el origen humanístico y la sensibilidad social.

Pese a la actualización de los programas, los problemas de matrícula y de nota de acceso no se han eliminado en las universidades que imparten el GID. Por más que interese observar que la nota media suele ser superior a la de corte, pues la impulsa, sin duda, la mayor atracción de los estudiantes por esos estudios. De ahí la aparición de grados y másteres como diferentes caminos que pueden llevar a puestos de trabajo de alta demanda y con condiciones laborales generalmente más atractivas.

Volviendo a la reflexión sobre las denominaciones, al abrirse los grados desapareció el nombre de Biblioteconomía, sospechosa de ser poco comercial. Después, en los GGICD de la UC3M y UM ha desaparecido el nombre de Documentación, por su escasa atracción y confusa denominación, que no mejoró el GID pronto superado por la transformación digital de la sociedad. En los grados evolutivos se apuesta inequívocamente por información como eje descriptor. Lo que les acerca a la denominación más internacional y definidora de la ciencia y de la profesión. Sin dar el paso para alcanzar la denominación de Ciencia de la Información. Sin embargo, la raíz Bibliotec- permanece en Másteres

universitarios impartidos en UAH, UB, UC3M, UCM y UDC. También en el doctorado de la UC3M, pero subordinado a Documentación: Archivos y Bibliotecas en el entorno digital. Curiosamente, en esta universidad, lo único que une a los tres niveles – Grado, máster y doctorado – es el calificativo digital en el que se sistematiza la transformación de los objetos, la comunicación y la gestión. En los másteres universitarios se deja ver en ocho ocasiones el término información como reenvío al campo de pertenencia. Lo mismo sucede con la denominación de los doctorados, en los que aparece con propiedad la identificación de campo internacional de la “información”, en especial en los doctorados sobre estudios y aplicaciones comunes a la información y la comunicación.

¿Qué lectura es posible realizar de la diversificación de la denominación de las titulaciones a lo largo de estos casi 40 años? Un breve análisis de las carreras universitarias tanto del área de Ciencias Sociales y Humanas, como de Ciencias de la Salud, o de Ciencias Exactas y Aplicadas comprueba que se han mantenido en el tiempo pese a la adaptación de los contenidos a una nueva realidad científica, social, tecnológica.

Las diversas soluciones establecidas para socorrer las sucesivas crisis de las matriculas no han sido suficientes para consolidar la titulación, si bien los estudios de segundo y tercer ciclo al tener un perfil más amplio o vinculado con otras áreas de conocimiento atraen a otro perfil de estudiantes que eventualmente pueden sustentar estas formaciones. El análisis y la reflexión que cabe es la de articular una verdadera y definitiva vía que mantengan la titulación en el espacio universitario garantizando así lo que ha sido una visible carencia, la solidez de la investigación científica y la transferencia de conocimiento al sector empresarial y la sociedad. Una verdadera integración de los elementos que constituyen la propia esencia de la universidad será la alternativa para aspirar a un mejor futuro.

Referencias

ABADAL, Ernest; OLLÉ, Candela; LÓPEZ-BORRULL, Alexandre

2021 Library and Information Science in Spain: an assessment of 40 years of university studies. *El Profesional de la información*. [En línea]. 30:2 (2021). [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/85574/62946>.

BOLAÑOS MEJÍAS, María del Carmen; BUENO DE LA FUENTE, Gema; ALVES, Fernanda Melo

2013 The Role of information-documentation in development cooperation: open educational resources in e-learning processes, [En línea]. *Informação & Sociedade: Estudos*. 23:1 (2013) 105-115. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/15120/9269>.

BOSCH, Manel

1993 Els Estudis de biblioteconomia i documentació i la configuració dels futurs professionals a l'estat espanyol. *Item: revista de Biblioteconomia i Documentació*. [En línea]. 13 (1993) 39-60. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://raco.cat/index.php/Item/article/view/22430/22264>.

COMALAT, Maite; VALL, Aurora; SALSE, Marina

2022 El Grau de GIDD de la UB: adaptant la formació als nous temps. *Item: revista de Biblioteconomia i Documentació*. 72 (2022) 12-26. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://raco.cat/index.php/Item/article/view/398381>.

DE LA MONEDA, Mercedes; ARROYO-MACHADO, Wenceslao

2022 Las Cifras de la enseñanza universitaria en Información y Documentación en España: 2022. *Anuario ThinkEPI*. [En línea] 16 (2022) e16a22. [Consult. 17 jan. 2023]. Disponible en: <https://thinkepi.scimagoepi.com/index.php/ThinkEPI/article/view/91549/66309>.

DEBONS, Anthony

1981 *The Information professional: a survey of an Emerging Field*. New York: Marcel Dekker, 1981.

DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, Emilio

2003 Las Cifras de la documentación en España: 2002. *El Profesional de la información*. [En línea]. 12:5 (2003) 344-367. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <http://eprints.rclis.org/12858/>.

ESPAÑA. Gobierno

2023 *Estadísticas de la Educación: número de estudiantes en las universidades españolas, datos por titulación, matriculados*. [En línea]. Madrid: Ministerio de Educación y Formación Profesional, 2023. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://www.universidades.gob.es/estadistica-de-estudiantes/>.

ESPAÑA. Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades

2019 *Inserción laboral de los egresados universitarios : Curso 2013-14: análisis hasta 2018*. [En línea]. Madrid : Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades, 2019. [Consult. 17 jan. 2023]. Disponible en: https://www.universidades.gob.es/wp-content/uploads/2022/10/Insercion_laboral_egresados-2013-2014.pdf.

ESPAÑA. Ministerio de Trabajo y Economía Social. Servicio Público de Empleo Estatal – Observatorio de las Ocupaciones

2022 *Información anual de mercado de trabajo de titulados universitarios*. [En línea]. Madrid: Ministerio de Trabajo y Economía Social, Servicio Público de Empleo Estatal - Observatorio de las Ocupaciones. [Consult. 2 fev. 2023]. Disponible en: <https://www.sepe.es/HomeSepe/que-es-el-sepe/que-es-observatorio/informacion-titulaciones.html>

ESPAÑA. Ministerio de Universidades

2023 QEDU: Qué estudiar y dónde en la universidad [En línea]. 2023. [Consult. 17 Set. 2023]. Disponible en: siiu.universidades.gob.es/QEDU/.

FUNDACIÓN SM

2023 *Encuesta Flash: ¿Por qué estudiamos?* [En línea]. Madrid: Fundación SM, 2023. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://oji.fundacion-sm.org/>.

HERNÁNDEZ-PÉREZ, Tony; MOREIRO-GONZÁLEZ, José-Antonio

2019 La Transformación de los estudios en Biblioteconomía y Documentación en España: el caso de la Universidad Carlos III de Madrid. *Prisma.com*. [En línea]. 39 (2019) 3-13. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/6136/5918>.

Libro blanco para el diseño de titulaciones universitarias...

2015 *Libro Blanco para el diseño de titulaciones universitarias en el marco de la Economía digital*. [En línea]. Madrid: Ministerio de Industria, Energía y Turismo, 2015. [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <http://www.agendadigital.gob.es/planesactuaciones/Bibliotecacontenidos/Materia%20Formaci%C3%B3n%20de%20excelencia/Libro-Blanco.pdf>.

LÓPEZ-BORRULL, Alexandre

2017 Información y documentación: ¿hasta qué grado es una tormenta perfecta? In COMeIN. [En línea]. 68 (2017). [Consult. 15 jun. 2023]. Disponible en: <https://comein.uoc.edu/divulgacio/comein/es/numero68/articulos/Informacion-documentacion-grado-tormenta-perfecta.html>.

MOREIRO-GONZÁLEZ, José-Antonio

2015 Al Hilo de las noticias sobre planes de estudio y mercado de trabajo. *Anuario ThinkEPI*. [En línea]. 9 (2015) 13-24. [Consult. 17 nov. 2022]. Disponible en: <https://thinkepi.scimagoeipi.com/index.php/ThinkEPI/article/view/thinkepi.2015.02/19103>.

MOREIRO-GONZÁLEZ, José-Antonio

2014 Aún en torno a la formación universitaria, el empleo y la recesión. *Anuario ThinkEPI*. [En línea]. 8 (2014) 15-23. [Consult. 17 nov. 2022]. Disponible en: <https://thinkepi.profesionaldelainformacion.com/index.php/ThinkEPI/article/view/29560/15669>.

MUÑOZ-CAÑAVATE, Antonio; LARIOS-SUÁREZ, Verónica

2018 Los Estudios de Grado en Información y Documentación en España: De los antecedentes a la situación actual: una visión crítica. *Transinformação*. [En línea]. 30:3 (2018) 336-347. [Consult. 17 nov. 2022]. Disponible en: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/wQmr6pHbWSQxBK9kV9dHX3z/?lang=es>.

ORTIZ-REPISO, Virginia; CALZADA-PRADO, Javier; APORTELA-RODRÍGUEZ, Ivett M.

2013 ¿Qué está pasando con los estudios universitarios de Biblioteconomía y Documentación en España? *El Profesional de la información*. [En línea]. 22:6 (2013) 505-514. [Consult. 5 abr. 2023]. Disponible en: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2013.nov.02/17764>.

PALETTA, Francisco; MOREIRO-GONZÁLEZ, José-Antonio

2020 O Reflexo da transformação digital nas atividades e conhecimentos requeridos nos concursos públicos para profissionais da Informação no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*. [En línea]. 30:2 (2020). [Consult. 5 abr. 2023]. Disponible en: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/52154>.

PÉREZ ÁLVAREZ-OSSORIO, José Ramón

1986 Formación profesional del documentalista. *Boletín de la ANABAD*. 36:1-2 (1986) 315-323.

RODRÍGUEZ LÓPEZ, María del Carmen [et al.]

2022 Effects of Covid-19 on the online library and Information Science degree at the University of León (Spain). *The Journal of Academic Librarianship*. [En línea]. 48:6 (2022). [Consult. 5 abr. 2023]. Disponible en: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0099133322000428?via%3DihubE>.

U-Ranking Universidades Españolas

2023a U-Ranking Universidades Españolas: *Análisis de la inserción laboral de los universitarios: diferencias entre titulaciones*. Dir. Francisco Pérez, Joaquín Aldás. [En línea]. [S. l.]: Fundación BBVA-IVIE, 2023. [Consult. 10 ago. 2023]. Disponible en: [FBBVA-Ivie U-Ranking Informe Insercion laboral 2023 def.pdf](#).

U-Ranking Universidades Españolas

2023b U-Ranking Universidades Españolas: *Inserción laboral de los graduados en el Sistema Universitario Español*. [En línea]. [S. l.]: Fundación BBVA-IVIE, 2023. [Consult. 10 ago. 2023]. Disponible en: <https://www.u-ranking.es/insercion-SUE>.

VILLAR, Antonio

2020 U-Ranking 2020: La inserción laboral de los egresados universitarios en España 2018: Documento de trabajo U-Ranking 1/2020. [En línea]. [S. l.]: Fundación BBVA-IVIE, 2020. [Consult. 14 dez. 2022]. Disponible en: <https://www.fbbva.es/wp-content/uploads/2020/09/La-inserci%C3%B3n-laboral-de-los-egresados.pdf>.

"Acción financiada por la línea de "Excelencia del Profesorado Universitario" - Comunidad de Madrid, a través del Convenio Plurianual con la UC3M (EPUC3M02), V Plan Regional de Investigación Científica e Innovación Tecnológica".

José Antonio Moreiro González | jamore@bib.uc3m.es

Universidad Carlos III de Madrid, España

Viviana Fernández Marcial | vmarcial@letras.up.pt

Universidade do Porto, Faculdade de Letras – CITCEM, Portugal

Resumen: Se refieren las actividades asociadas al proyecto pedagógico Litokingos para el tratamiento de casi dos mil matrices litográficas de los siglos XIX y XX, almacenadas en el Taller de Gráfica de La Habana. Se justifica su caracterización como documentos efímeros y la pertinencia de la metodología de paisajes comunicativos para el análisis del *corpus*. Se presentan los presupuestos utilizados de la metodología del aprendizaje significativo con estudiantes de primer año del curso diurno de Ciencias de la Información en la Universidad de La Habana. Se evidencian las fortalezas del aprendizaje memorable de técnicas documentales y su vinculación con estrategias comunicacionales que permiten generar discursos positivos sobre la importancia de los datos humanísticos, el trabajo en equipo, el descubrimiento de tradiciones, así como la gestión de contenidos para distintas redes sociales digitales. Se demuestra la importancia de las infraestructuras digitales de acceso abierto para ejecutar modelos pedagógicos en el Sur global.

Palabras-clave: Aprendizaje significativo; Matrices litográficas; Pedagogía digital.

Abstract: The activities associated with the Litokingos pedagogical project are referred to for the treatment of almost two thousand lithographic matrices from the 19th and 20th centuries, stored in the Havana Graphic Workshop. Their characterization as ephemeral documents and the relevance of the communicative landscapes' methodology for the analysis of the *corpus* are justified. The budgets used for the meaningful learning methodology with first-year students of the Information Science day course at the University of Havana are presented. The strengths of memorable learning of documentary techniques and their link with communication strategies that allow generating positive discourses on the importance of humanistic data, teamwork, the discovery of traditions, as well as content management for different digital social networks are evident. The importance of open access digital infrastructures for executing pedagogical models in the global South is demonstrated.

Keywords: Meaningful learning; Lithographic matrices; Digital pedagogy.

Introducción

El proceso de enseñanza-aprendizaje en las universidades es cada vez más complejo, especialmente después de la pandemia de Covid-19. Por ello, es necesario innovar constantemente el conjunto de propuestas curriculares y considerar a los estudiantes como actores esenciales en todas las etapas de su formación profesional.

En Cuba, los estudios de lo que hoy se denomina Ciencias de la Información cuentan con siete décadas de experiencia. Sin embargo, la enseñanza más ortodoxa de los contenidos todavía prevalece en detrimento de experiencias más creativas que generen en los alumnos el deseo y la necesidad de desarrollar ideas originales y creativas, con una perspectiva crítica.

Por lo anterior, y como resultado de la actividad práctica de la asignatura *Fundamentos de la Organización y Representación de la Información y el Conocimiento* (FORIC), correspondiente al primer año del curso regular diurno, en 2023 nace el proyecto pedagógico *Litokingos* (<https://www.facebook.com/watch/?v=964714308190037>).

Litokingos es un acrónimo compuesto por los elementos lito (piedra) y kingos (vikingos), que alude al espíritu guerrero de los estudiantes involucrados en esta iniciativa. Es una propuesta con un corte cognitivo-constructivista, con el triple objetivo de incentivar la pasión por el patrimonio documental, utilizar elementos de la realidad cultural cubana en la investigación digital y abordar problemas aún no resueltos con la participación activa de los estudiantes.

Este proyecto pretende colocar en el dominio público los datos obtenidos del procesamiento del patrimonio litográfico habanero y para ello atiende la digitalización, el inventario y la descripción razonada de cerca de 2.000 piedras localizadas en el Taller de Gráfica de La Habana, en las cuales se preserva información visual de productos y servicios que caracterizaron a diversas industrias emplazadas en la ciudad durante los siglos XIX y XX, con énfasis en la tabaquera y cigarrera.

La idea de partida es que los estudiantes participaran activa y creativamente en las diversas etapas del proceso, adquirieran las competencias informacionales esenciales para desarrollar una investigación digital en condiciones complejas y reales desde los primeros momentos de su formación académica y que ese aprendizaje generara una memoria sentimental positiva sobre el rol de los profesionales de la información.

Al desarrollar este proyecto, que vincula la memoria histórica y elementos de pedagogía digital, se evidenció que no existían en el país soluciones para promover el acceso abierto y establecer soluciones infocomunicacionales para las piedras litográficas habaneras.

Una propuesta sólida, moderna y ecológica sobre la organización de las piedras litográficas habaneras servirá para explotar ampliamente los datos obtenidos a través de infraestructuras digitales y aprender significativamente los elementos básicos del análisis documental asociados a recursos de información efímeros.

El contexto litográfico

La litografía es una técnica de grabado en piedra que fue descubierta accidentalmente por el dramaturgo e inventor alemán Aloys Senefelder en 1796, cuando buscaba un sistema de impresión barato para sus propias obras de teatro.

Durante mucho tiempo, la impresión en piedra caracterizó el desarrollo del grabado hasta que los avances tecnológicos propiciaron la entrada de otros materiales, como el aluminio. También se denomina litografía a cada una de las muestras obtenidas por ese procedimiento, así como al taller donde se realiza este tipo de trabajo.

Como afirma Pas (2011), la técnica y el arte litográfico marcaron el rumbo de las publicaciones periódicas en el siglo XIX, tanto en Europa como en América, toda vez que el registro de elementos no verbales en el diseño de las publicaciones estimulaba otras modalidades de comunicabilidad.

Uno de los rasgos novedosos que caracterizó el espesor discursivo de la prensa periódica a principios y mediados del siglo XIX fue la incorporación de lo que algunos estudiosos llamaron “cultura de lo visible”, que fue explotando y expandiéndose con el desarrollo de nuevas técnicas de reproducción pictórica, como fue el caso de la litografía, que suplantó a la xilografía y a la práctica tradicional del huecograbado (PAS, 2011:14).

Cuando los periódicos asumieron la impresión de imágenes (periódicos ilustrados), se expandieron los horizontes simbólicos de la lectura y se estableció un nuevo mecanismo de mediación pública. Luego, la litografía y las técnicas que relacionan a tipógrafos, cajistas y dibujantes, fueron decisivas en la impresión de partituras musicales, mapas y toda suerte de reproducciones y rótulos con fines informativos, propagandísticos y comerciales. En consecuencia, la historia del cartelismo y de la publicidad tienen un decisivo origen en la litografía.

El libro *La memoria en las piedras* (2002), de la historiadora cubana Zoila Lapique, fue publicado después de una vida dedicada a la investigación sobre el tema en archivos y bibliotecas. Esta obra constituye la referencia más completa del origen y desarrollo de la litografía en Cuba.

Los primeros grabados litográficos en Cuba datan del propio siglo XVIII, pero es en el siglo XIX cuando proliferan los talleres por toda la ciudad de La Habana y cuando, gracias a la presencia (y competencia) de renombrados artistas franceses y españoles, como Federico Mialhe, Louis Marquier y Eduardo Laplante, se dan a conocer una serie de grabados de gran impacto cultural que permiten reconstruir buena parte de la historia de esa época y que forman parte del patrimonio visual cubano.

En la Biblioteca Nacional de Cuba se encuentra la edición facsimilar de *Isla de Cuba pintoresca*, libro publicado en La Habana en 1838. Desde esta obra de Mialhe, por ejemplo, se asentaron hasta hoy en el imaginario colectivo los paisajes campestres y los estereotipos populares, como el guajiro cubano. Fue el propio Mialhe quien ilustraría las *Memorias sobre la historia natural de la isla de Cuba*, de Felipe Poey en 1851, a la vez que participaría en distintas revistas literarias hasta llegar a ser director de la reconocida academia habanera San Alejandro, dedicada a las artes plásticas (LAPIQUE, 2002:61).

Los álbumes litográficos y los propios talleres fueron grandes promotores de la imagen de la isla pues representaban todas las dimensiones de la realidad que le estaban proscrita a la norma pictórica academicista. Por esta razón, en los grabados litográficos se encuentran en igualdad de condiciones escenas cotidianas, obras de ingeniería, artefactos, tipos populares o marquillas cigarreras.

En la segunda mitad del siglo XIX, se comenzó a utilizar el color en los grabados litográficos (cromolitografía) y en la producción de los rótulos de los más variados productos, como los tabacos y cigarros, los cuales comenzaron a destacarse como objetos de gran valor estético. Fue José Susini, quien implementó esa técnica de impresión a varios colores en su fábrica La Honradez hacia 1860 (LAPIQUE, 2002:210).

La exactitud y belleza de los detalles asociados a las vitolas y las habilitaciones tabacaleras, es consecuente con la “centralidad de la actividad económica” (GOLDGEL, 2015:140) de una industria que caracterizaría el desarrollo de las exportaciones y buena parte de la naturaleza de la cubanía.

Es en Cuba donde surge y se reglamenta en 1884 el uso de las habilitaciones que acompañan a las cajas de puros para por protegerlas contra fraudes y falsificaciones, así como para distinguir y propiciar el coleccionismo. Como expresa Calzadilla (2023): “Cada una de estas etiquetas cumple una función determinada que puede ser de carácter identificativo, estético o para proteger las cualidades fundamentales del habano” (CALZADILLA, 2013:23).

Difícilmente podrá encontrarse otro producto con tantos requerimientos de diseño gráfico en su etiquetado que fuera implementado por técnicas de impresión litográfica realizadas en el país de origen. Lo mismo para las anillas que para los envases, en especial para las cajas de madera, los habanos se reconocen mundialmente por el juego o conjunto de habilitaciones que han acompañado cada desarrollo técnico y tecnológico desde el siglo XIX hasta la actualidad.

Las marquillas cigarreras, por su parte, son las envolturas o papeletas que identifican las cajetillas. Tanto las marquillas como las habilitaciones siguen siendo objeto de deseo de coleccionistas en todo el mundo.

La Compañía Litográfica de La Habana, que había sido fundada en 1827, introduce el *offset* en 1920. A partir de ese momento comienza el declive de la litografía y el inicio de una nueva etapa en la historia del grabado cubano (RODRÍGUEZ, 1981).

El Taller Experimental de Gráfica de La Habana se funda en 1962 y preserva desde entonces casi 2.000 piedras litográficas de aquella mítica Compañía. “No se conoce una colección mayor en América y se sospecha que apenas en Alemania pudiera encontrarse alguna semejante”, refiere la artista Yamilis Brito, su actual directora y colaboradora imprescindible para la realización de esta experiencia pedagógica (Y. Brito, comunicación personal, 5 de marzo de 2023).

Esta dotación, en un por ciento muy destacado, contiene diseños de habilitaciones tabaqueras y marquillas cigarreras con un potencial informativo que permite el abordaje multidisciplinar y aconseja su representación en una infraestructura digital que garantice su más amplia difusión y acceso.

El corpus: las matrices litográficas como documentos efímeros y paisajes comunicativos

La litografía es una técnica que, como en muchas otras, la base es simple pero su desarrollo y aplicaciones son muy complejas (GUTIÉRREZ FERNÁNDEZ, 2015:17). Por eso cada ciencia social recurre a los grabados para reunir informaciones visuales que apoyen diferentes hipótesis de investigación.

La investigación sobre los grabados litográficos se ha centrado tradicionalmente en sus valores culturales, particularmente costumbristas. Desde esta perspectiva, los estudios iconográficos han resaltado sus personajes, lugares y actividades, alimentando el conocimiento sobre la sociedad habanera.

Para reconocer motivos, temas y valores simbólicos de los grabados litográficos, se suele recurrir al método de Panofsky (1962), pero también pueden explorarse otras referencias

metodológicas ajustadas a las condiciones de uso y acceso a la información en el siglo XXI. En todo caso, esos estudios se suelen realizar con los grabados que resultan de la impresión o arte final y no con los grabados de partida que aparecen en el objeto o instrumento de la impresión (las matrices).

Desde la perspectiva de las Ciencias de la Información, las matrices litográficas han sido poco estudiadas e insuficientemente representadas. Tanto su comprensión como documento como su alcance informacional exigen mayor sistematización para generar instrumentos de consulta y una base de conocimiento que dinamice la investigación desde las ciencias sociales y humanísticas, de acuerdo con las tendencias más actuales en la investigación y la comunicación digital.

La asociación de lo efímero con lo inestable está en el origen de la percepción negativa o secundaria, menor o dispensable, según el caso, con el que ciertas tipologías han sido tratadas desde las disciplinas documentales. Las matrices litográficas habaneras del siglo XIX permiten reconstruir el proceso artesanal del grabado y califican como registros efímeros en tanto no pretenden sobrevivir al soporte definitivo que es el papel.

Como medio provisional o efímero, en las matrices litográficas se suele simplificar el proceso creativo y maximizar la rentabilidad productiva. Por causa de la simplificación, se reiteran las soluciones técnicas y estéticas en los diseños, Por causa de la rentabilidad, se utiliza el anverso y el reverso de la piedra, e incluso, pueden aparecer diseños desconectados técnica y temáticamente en la misma cara para aprovechar todo el espacio gráfico.

El análisis estético de las matrices litográficas se relaciona con su función publicitaria en una naciente sociedad de consumo con grandes paralelismos entre Cuba y Europa. Al ser la parte más atractiva de la economía de mercado y un componente central de la sociedad de consumo, la publicidad ha sido estudiada desde diversas disciplinas, pero raramente a partir de las referencias de la Organización del conocimiento.

Hasta el surgimiento del *marketing*, las intenciones de la publicidad comercial pudieran ser clasificadas como informativas pero el siglo XX cambiaría drásticamente esta situación, particularmente en Cuba, con una entrada intensiva de la producción publicitaria de origen norteamericana.

Las matrices litográficas habaneras son representaciones gráficas que cumplieron funciones comerciales y no tuvieron pretensiones de posteridad. Como afirma Bouza (2008), los grabados comerciales son magníficos testigos de la cultura y de la oferta visual de su tiempo. Profundizando la naturaleza de estos documentos como materiales efímeros, el propio autor confirma que “su valor fundamental reside en la capacidad de tornar constante lo efímero, de crear memoria de las cosas, hechos, afectos y personas” (BOUZA, 2008:339).

Tanto para el grabador como para el comerciante, más allá de las distancias temporales y espaciales, lo fundamental es que los grabados atiendan las lógicas del mercado, esto es, que incentiven y convezan en el espacio público.

La dimensión espacial a partir de la cual la sociedad es estudiada está siendo profundamente revolucionada. Tanto el espacio como la propia existencia humana son

consideradas en plena, constante y multidimensional transformación (MASSEY, 2005), que opera en un mosaico de relecturas temporales.

En el siglo XIX, gracias a los viajes de Humboldt, el concepto de paisaje pasó del mundo de las artes para el de la ciencia, particularmente de la geografía, y ahí se forma como una categoría que estudia los elementos naturales y humanos. El paisaje, como orden geográfico, según Ortega (2009), “expresa fisonómicamente una organización, el resultado unitario e integrador de un conjunto de combinaciones y relaciones ente sus componentes”. (ORTEGA CANTERO, 2009:27).

En la segunda mitad del siglo XIX, los criterios de los militares y los ingenieros influyeron significativamente en las consideraciones sobre el paisaje, fruto de una reorganización territorial que las guerras de la época impusieron en casi todo el mundo. Con el siglo XX, se inicia una visión holística del paisaje que también se relaciona con la dimensión documental, su descripción y la gestión de metadatos.

Nogué *et al.* (2007:12) definen al paisaje como “un producto social, como resultado de una transformación colectiva y como una proyección cultural de una sociedad en un cierto espacio”. De esta forma, el paisaje se aleja de la superficie y se compromete con modelos científicos abstractos.

Con el viraje lingüístico de la ciencia y a partir de un abordaje posmoderno, el paisaje es concebido como una creación cultural del ser humano y está asociado al texto (BARNES y DUNCAN, 1992:6). El texto está más allá de lo escrito y también se relaciona con pinturas, grabados, procesos e instituciones sociales, vistos como prácticas complejas de significación.

Estas relaciones conducen a un concepto de paisaje más democrático, participativo y plural, con responsabilidades compartidas, donde los actores ya no son solamente los técnicos en la materia, sino que es la propia sociedad la que atribuye valores a determinados paisajes.

El compromiso con la definición de Mitchell (2000), que ve en el paisaje una forma de seleccionar, representar y atribuir un significado particular al mundo, se percibe que en la variedad de espacios donde se registra una interacción entre grupos humanos y su ambiente, es posible vislumbrar un gran texto, viable de ser estudiado a partir de distintos abordajes infocomunicativos.

El paisaje se sostiene como una herramienta metodológica que, a partir de una perspectiva holística, permite dar sentido y explicar la integración de los elementos de un determinado lugar. El análisis de este concepto va más allá de una lectura geográfica, de una contextualización histórica o estética. Esto se refleja en un concepto ampliamente desarrollado: el paisaje de la comunicación, un acercamiento interdisciplinar que proporciona una visión multifacetada del patrimonio documental.

Al comprender el paisaje como medio de difusión donde los individuos interactúan con su ambiente, es necesario registrar las actividades y estructuras que contienen enunciados discursivos como las actividades y oficios, los eventos sociales, las obras de ingeniería y arquitectura, los asentamientos y las rutas.

En los estudios comunicativos del paisaje, las contribuciones de la Etnometodología son importantes para captar los mensajes, leerlos e interpretarlos, manteniendo la singularidad

en cada caso. A partir de estos elementos pueden desarrollarse los taxones para una infraestructura digital de conocimiento sobre las matrices litográficas habaneras, entendida como un *corpus*.

Aprendizaje significativo y pedagogía digital con matrices litográficas

El desarrollo académico en tiempos de pospandemia involucra estrategias, medios y recursos para diversificar y profundizar las competencias y los conocimientos de los futuros profesionales de la información documental. El regreso a la presencialidad ha supuesto una oportunidad para replantear elementos-clave en la enseñanza de materias que tienen una componente teórico-práctica y que se relacionan con la gestión del patrimonio cultural.

Para enfrentar diáfano los fundamentos de la asignatura *Organización y Representación de la Información y el Conocimiento*, correspondiente al primer año del curso de Ciencias de la Información en la Universidad de La Habana, se optó por un proyecto pedagógico basado en el aprendizaje significativo.

Este tipo de aprendizaje se basa en la teoría de la asimilación y la acomodación, propuesta por Jean Piaget. Para este psicólogo, el aprendizaje es un proceso mediante el cual el sujeto, a través de la experiencia, la manipulación de objetos, la interacción con las personas, genera o construye conocimiento, modificando, en forma activa sus esquemas cognoscitivos del mundo que lo rodea, mediante el proceso de asimilación y acomodación (MOREIRA, 1997).

Para llevar a cabo esta experiencia se identificó un material relevante y un contexto sorprendente para los estudiantes. La colección de matrices litográficas habaneras entronca temáticamente con esencias de la cubanidad y se localiza en el centro del entorno fundacional de la ciudad de La Habana. Para conectar emocionalmente con este *corpus*, los estudiantes recibieron información previa y estratégica a cargo de expertos de excepción y desde el primer momento se gestionó la memoria gráfica de cada actividad para garantizar el recuerdo.

Al hacer partícipe a los estudiantes de un proyecto pionero y original, rápidamente fue percibido como un escenario útil y novedoso para crear una experiencia de formación privilegiada y relevante pragmáticamente. A ello contribuyó la antigüedad de las piedras, el desarrollo de tareas que fueron in crescendo y la personalización de las rutinas. Primero asumieron el traslado físico de las piedras a un emplazamiento provisional, luego las digitalizaron con aplicaciones gratuitas y finalmente las catalogaron a través de un formulario en línea.

En el proceso y bajo supervisión, los estudiantes organizaron el trabajo y distribuyeron las fuerzas, controlaron los tiempos y los instrumentos, enfrentaron las complejidades del trabajo en equipos en escenarios reales, colaboraron entre sí y negociaron a través del diálogo cada modificación en la agenda.

Como el aprendizaje significativo engloba la dimensión emocional, motivacional y cognitiva de las personas, con este proyecto se fortalecieron los lazos entre los estudiantes, se idearon nuevos proyectos y se afianzaron los conocimientos adquiridos.

Una vez que los estudiantes aceptaron el reto de trabajar con recursos informacionales de alta complejidad como las matrices litográficas, no sólo comenzaron una espiral de conocimientos, sino que participaron directamente en la resolución de un problema que incorporarán a sus historias de vida.

Sus profesores, entre tanto, pusieron en práctica varias competencias genéricas, pedagógicas y disciplinares que sirvieron de inspiración a los estudiantes y se comportaron como facilitadores y cocreadores de las condiciones para que los estudiantes pudieran explorar ampliamente, aprender significativamente y potenciar sus capacidades e intereses.

A su vez, la revolución digital es un desafío continuo para el sistema educativo. La enseñanza universitaria participa gradualmente de la transformación digital con las mismas lógicas de las brechas Norte-Sur. El proyecto *Litokingos* optimiza el uso de las tecnologías disponibles, en especial de la telefonía móvil, de las aplicaciones y de las narrativas digitales.

En la sede del Taller de Gráfica de La Habana, los estudiantes participaron en diversas etapas del procesamiento de información de las matrices litográficas y adquirieron competencias informacionales imprescindibles para el ejercicio de su profesión, como el uso de estándares y formatos para la digitalización en abierto.

La convergencia tecnológica que se evidencia en los teléfonos celulares permite realizar los procesos de reproducción que antes realizaban los escáneres. Con las cámaras integradas a los teléfonos es posible procesar imágenes de diversas maneras. Aun cuando este proyecto no cuenta con fuentes de financiamiento ni con un laboratorio de digitalización, todas las matrices litográficas inventariadas y catalogadas se digitalizaron gracias a los estándares abiertos que permiten la interoperabilidad en los teléfonos móviles y al uso que los estudiantes hicieron de CamScanner, una aplicación basada en la tecnología OCR que digitaliza rápidamente todo tipo de contenidos.

En el espíritu del aprendizaje significativo, de la enseñanza por proyectos y desde las buenas prácticas de la pedagogía digital, conjuntamente a la obtención de los datos que identifican y caracterizan físicamente las matrices litográficas, su estado de conservación y los elementos de contenido de los gráficos registrados, los estudiantes se involucraron en el diseño de alternativas digitales para comunicar la existencia, originalidad y valores de estos recursos. Todo ello propició el diseño de un ecosistema digital para las matrices litográficas y la participación en acciones de extensionismo y divulgación del proyecto, las cuales han servido como parte del reconocimiento a la calidad del trabajo realizado.

Al participar en un proyecto que vincula la memoria histórica e infraestructuras para la investigación digital, se encontraron soluciones creativas para promover el acceso abierto a la información y enfrentar las complejidades de la creación y comunicación del conocimiento científico. Algunas de las propuestas pueden ser consultadas en el siguiente código QR.

Fig. 1 - Código QR que enlaza evidencias audiovisuales del proyecto Litokingos



Fuente: Grupo de investigación HDCICuba.

Sin dejar de reconocer las más variadas limitaciones del contexto nacional, este proyecto pedagógico dialoga con reconocidas experiencias pedagógicas, metodológicas e infraestructuras de conocimiento. Se trata de una implementación curricular que forma parte de las tendencias globales para la acción local.

Referencias

BARNES, T.; DUNCAN, J., ed.

1992 *Writing Worlds*. London: Routledge, 1992.

BOUZA, F.

2008 *De lo efímero a lo permanente, Biblioteca Hispánica: obras maestras de la Biblioteca Nacional de España*. [En línea]. Madrid: BNE, 2008, p. 337-365. Disponible en:

<http://www.bne.es/export/sites/BNWEB1/es/Actividades/Exposiciones/Exposiciones/Exposiciones2007/BDHvisitavirtual/artic/artic11.pdf>.

CALZADILLA, Y.

2013 El Juego de habilitaciones: habanos, arte y seducción. *Opus Habana*. [En línea]. 15:1 /feb./jun. 2013) 58-63. Disponible en: <https://toaz.info/doc-view-3>.

DÍAZ GONZÁLEZ, M. M.

2019 Instrumentos metodológicos para el análisis científico de los ephemera: Inventariado y catalogación de los impresos y de las matrices de estampación. *Tsantsa: revista de Investigaciones Artísticas*. [En línea]. 8 (2019). Disponible en: <https://publicaciones.ucuenca.edu.ec/ojs/index.php/tsantsa/article/view/3081>.

DÍAZ GONZÁLEZ, M. M.

2004 *Asturias litografiada: el comercio y la industria en imágenes: 1900-1970*. Gijón: Ediciones Trea, 2004.

DÍAZ GONZÁLEZ, M. M.

2002 El Patrimonio litográfico asturiano y el proceso de catalogación de los depósitos de matrices litográficas y metalográficas. *Mérida: Ciudad y Patrimonio*. [En línea]. 6 (2002) 191-204. Disponible en: <https://www.academia.edu/41269346/>.

GOLDGEL, V.

2015 Una Isla pintoresca y su horroroso colorido: aproximaciones a la modernización y la violencia en la cultura visual cubana del siglo XIX. *Decimonónica*. [En línea]. 12:1 (2016) 134-150. Disponible en: https://www.decimononica.org/wp-content/uploads/2015/02/Goldgel_12.1.pdf.

GUTIÉRREZ FERNÁNDEZ, M.

2015 *La Litografía, ayer y hoy: lección inaugural en la Solemne Apertura del Curso Académico 1993-1994 en la Universidad de Sevilla*. Disponible en: <https://editorial.us.es/es/detalle-libro/30003/la-litografia-ayer-y-hoy>.

LAPIQUE, Z.

2002 *La Memoria de las piedras*. La Habana: Ediciones Boloña; Publicación de la Oficina del Historiador de la Ciudad, 2002.

MASSEY, D.

2005 La Filosofía y la política de la espacialidad: algunas consideraciones. En *Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias*. Comp. L. Arfush. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 102-127. Disponible en: <https://periferiaactiva.files.wordpress.com/2019/03/massey.pdf>.

MOREIRA, M. A.

1997 Aprendizaje significativo: un concepto subyacente. En ENCUENTRO INTERNACIONAL SOBRE EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO, Burgos, 1997 - *Actas*. [En línea]. Coord. M. A. Moreira, M. C. Caballero, M. L. Rodríguez. Burgos: Universidad de Burgos, Servicio de Publicaciones, 1997, p. 19-44. Disponible en: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubesp.pdf>.

NOGUÉ, J., ed.

2007 *La Construcción social del paisaje*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2007.

ORTEGA CANTERO, N.

2009 Paisaje e identidad: la visión de Castilla como paisaje nacional: 1876-1936. *Boletín de la A. G. E.* [En línea]. 51 (2009) 25-49. Disponible en: <https://www.juntadeandalucia.es/educacion/vscripts/wginer/w/rec/3045.pdf>.

PANOFISKY, E.

1962 *Estudios sobre iconología*. [En línea]. 1962. Disponible en: https://www.academia.edu/32127744/Estudios_sobre_Iconolog%C3%ADa_Erwin_Panofsky.

PAS, H.

2011 La Seducción de las imágenes: el ingreso de la litografía y los nuevos modos de publicidad en Latinoamérica. *Caracol*. [En línea]. 2 (2011) 11-41. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9910/pr.9910.pdf.

RAMOS PÉREZ, R.

2014 La Permanencia de lo efímero: Colección de la Biblioteca Nacional de España. *Grabado y edición: revista especializada en grabado y ediciones de arte*. 45 (2014) 24-35.

RIGOL, J.

1982 *Apuntes sobre la pintura y el grabado en Cuba: de los orígenes a 1927*. La Habana: Ed. Letras Cubanas, 1982.

RODRÍGUEZ, J.

1981 Los Primeros impresores y grabadores en Cuba. *Revolución y Cultura*.10 (oct. 1981) 23-26.

RODRÍGUEZ MARTÍN, N.

2008 El Nacimiento de la publicidad y los orígenes de la sociedad de consumo en la España del primer tercio del siglo XX. En *Seminario de Investigación del Departamento de Historia Contemporánea de la Universidad Complutense de Madrid*. [En línea]. 2008. Disponible en:
https://www.ucm.es/data/cont/media/www/pag-13888/Nuria_Rodriguez.pdf

Ania R. Hernández Quintana | aniahdez@fcom.uh.cu

Universidad de La Habana - Facultad de Comunicación - Departamento de Ciencias de la Información, Cuba

PROBLEMAS Y DESAFÍOS ACTUALES DE LA INFORMACIÓN: perspectivas académicas desde la Ciencia de la Información en Uruguay

CURRENT INFORMATION PROBLEMS AND CHALLENGES: academic perspectives
from Information Science in Uruguay

Carol Guilleminot

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag2024a8>

Resumen: A partir del análisis de contenido cualitativo de entrevistas en profundidad a académicos de la Ciencia de la Información, este trabajo se centra en los problemas y desafíos disciplinares y profesionales de la información en Uruguay. Las perspectivas analizadas presentan una clara preocupación por el gran impacto de las TIC en un contexto informativo afectado por problemas de confiabilidad y calidad, que se consideran centrales, y por la degradación del uso social de la información. Plantean la necesidad de una alfabetización en información que atienda estos nuevos contextos y de una ética de la información en la inteligencia artificial destacando la importancia del rol y la responsabilidad social de bibliotecas, archivos y centros de documentación como espacios democráticos para acoger la diversidad, ayudar a comprender e interpretar la información y para la generación de flujos de información confiable que incluyan la mirada de los sectores vulnerables y las minorías.

Palabras clave: Ciencia de la Información; Perspectivas académicas; Problemas de la información; Uruguay.

Abstract: Based on qualitative content analysis of in-depth interviews with academics in the field of Information Science, this paper focuses on the disciplinary and professional problems and challenges of information in Uruguay. The perspectives analyzed show a clear concern for the great impact of ICTs in an information context affected by problems of reliability and quality, considered to be central, and by the degradation of the social use of information. They raise the need for an information literacy that addresses these new contexts and for information ethics in artificial intelligence, highlighting the importance of the role and social responsibility of libraries, archives and documentation centres as democratic spaces to embrace diversity, to help understand and interpret information and for the generation of reliable information flows that include the perspective of vulnerable sectors and minorities.

Keywords: Information Science; Academic perspectives; Information problems; Uruguay.

1. Introducción

La producción de conocimiento en Ciencia de Información en Uruguay se realiza exclusivamente en el Instituto de Información de la Facultad de Información y Comunicación (FIC) de la Universidad de la República (UdelaR), creado en 2013, con la integración de la Bibliotecología y la Archivología, disciplinas sobre las cuales se enseña e investiga en el país desde mediados del siglo XX.

Sabelli (2023) afirma que en la historia reciente de la Ciencia de la Información en Uruguay convergen como procesos fundamentales la profundización de aspectos teórico-metodológicos de la disciplina y la integración de la Bibliotecología y la Archivología; y, por otro lado una interdisciplinariedad creciente en el contexto de la creación de la referida facultad en 2013, con sus dos institutos (Instituto de Información e Instituto de Comunicación) y

otras unidades académicas asociadas de las facultades de Ingeniería, Humanidades y Ciencias de la Educación, y Ciencias Sociales, el Archivo General y el Programa de Desarrollo Académico de la Información y la Comunicación (PRODIC) de la Universidad de la República. A su vez, considera que la puesta en marcha del Plan de Estudios 2012 de las Licenciaturas en Bibliotecología y Archivología – impartidas hasta entonces en la Escuela de Bibliotecología y Ciencias Afines (EUBCA) – es una acción fundamental hacia la consolidación de la nueva visión de la Ciencia de la Información a nivel nacional con una perspectiva interdisciplinaria, holística e integral.

Al describir la Ciencia de la Información en el país, Sabelli (2019) señala la existencia de tres áreas muy desarrolladas con líneas de investigación consolidadas, grupos de investigación y nexos internacionales: Organización del Conocimiento, Alfabetización en Información y Comportamiento Informativo, destacando los siguientes grupos de investigación (surgidos en el ámbito del PRODIC): Grupo de Investigación Alfabetización en Información (AlfaInf.uy), Grupo de Investigación en Terminología y Organización del Conocimiento (GTERM) y el Grupo de Investigación en Información y Comunicación para la Inclusión y la Integración Social (GIISUR).

Actualmente el Instituto de Información posee una estructura integrada por cuatro departamentos propios (Información y Sociedad; Fuentes Documentales, Recursos y Servicios de Información; Gestión y Planeamiento; Tratamiento y Transferencia de la Información) que nuclean un total de 55 docentes (12 hombres y 43 mujeres) y un departamento compartido (Metodología de la Investigación, integrado por 14 docentes: 10 mujeres y 4 hombres) con el Instituto de Comunicación de la misma facultad (Facultad..., 2024). Se trata de una comunidad pequeña y altamente feminizada (78% considerando los departamentos propios del Instituto de Información) que se inició con la integración de los académicos provenientes de la EUBCA y la incorporación de nuevos docentes e investigadores en los últimos años. El cuerpo docente realiza las tres funciones universitarias que desarrolla la UdelaR (enseñanza, investigación y extensión) teniendo a su cargo los cursos de grado de las licenciaturas en Archivología y Bibliotecología y participación en dos de los posgrados que ofrece la facultad (Maestría en Información y Comunicación, Especialización y Maestría en Patrimonio Documental: Historia y Gestión).

La noción de comunidad en la que se basa esta comunicación proviene de la propia Ciencia de la Información: es la de los estudios de análisis de dominio (HJØRLAND y ALBRECHTSEN, 1995), que toma como concepto central a las comunidades discursivas, es decir, grupos sociales que poseen en común ciertas formas de pensar, conocer y describir la realidad y comparten una determinada construcción intersubjetiva y social. Las comunidades disciplinares tienen un significado sociocognoscitivo (HJØRLAND y ALBRECHTSEN, 1995), dado que son las que establecen las bases sociales del conocimiento a través de una relación dialéctica entre la comunidad y sus miembros, una interacción de tipo sociocultural relacionada con su práctica social.

El presente artículo aborda las perspectivas de docentes del Instituto de Información (FIC, UdelaR) sobre problemas y desafíos disciplinares y profesionales del contexto actual de la información. Se trata de uno de los resultados obtenidos en el análisis de entrevistas en el marco del Proyecto de Iniciación a la Investigación *Ciencia de la Información en Uruguay: perspectivas de la comunidad académica sobre el concepto de información*, financiado por la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC) de la Universidad de la República. El mismo se centra en la identificación de los rasgos conceptuales de la noción

de Información y su categorización a partir de la producción y perspectivas y/o percepciones de los académicos de los campos disciplinares de la Ciencia de la Información presentes en el mencionado Instituto de Información considerando el período 2010-2020, tratándose de una investigación exploratoria y descriptiva con abordaje cuali-cuantitativo y con estrategia metodológica de métodos combinados que incluyó Revisión Sistemática de Literatura y Análisis de contenido cualitativo de publicaciones y entrevistas.

2. Marco conceptual

La información es un derecho humano fundamental, pero la existencia de barreras tecnológicas, educativas, culturales, idiomáticas y políticas (MARCELLA y CHOWDHURY, 2020) hacen que la desinformación constituya un obstáculo para el desarrollo e integración social de las personas. Si bien nunca antes ha habido tantas posibilidades de acceso a la información, una serie de problemas que presenta el escenario informacional constituyen importantes desafíos para las sociedades actuales. No obstante, algunos de estos problemas vienen siendo estudiados desde hace muchos años. Por ejemplo, la pobreza de información constituye un foco de investigación para los científicos de la información desde hace 50 años (MARCELLA y CHOWDHURY, 2020). En este sentido, cabe recordar los estudios sobre la información en grupos desfavorecidos y las propuestas teóricas de la investigadora norteamericana Elfreda Chatman sobre *information poverty* (CHATMAN, 1996) y su concepto de *life in the round* (CHATMAN 1987, 1996 y 1999).

En la actualidad, el desarrollo tecnológico, el aumento exponencial de la información y la posibilidad de acceso a diferentes tipos de dispositivos conectados a Internet, los algoritmos y, más recientemente, los importantes desarrollos de la inteligencia artificial impactan fuertemente en las maneras en que las personas producen, hacen circular, organizan, usan y se apropian de la información, generando nuevos problemas y desafíos. En este sentido, el permanente riesgo ante la desinformación debido a la sobreexposición a grandes volúmenes de información y la práctica intencional de la posverdad y las noticias falsas (*fake news*) facilitan la manipulación de la información originada sobre bases falsas o parcialmente erróneas (ESTRADA-CUZCANO, ALFARO-MENDIVES y SAAVEDRA VÁZQUEZ, 2020) y dificultan discriminar lo falso de lo verdadero (MORALES CAMPOS, 2018:105).

El término posverdad hace referencia a una condición o contexto en el que actitudes de desinterés o desprecio por la verdad se vuelven naturales, cotidianas e incluso estimuladas (ARAÚJO, 2022:66). Este autor analiza siete términos y conceptos utilizados para describir el escenario informacional contemporáneo: *fake news* (noticias falsas), *false testimonials* (falsos testimonios), *hate speech* (discurso del odio), *scientific negationism* (negacionismo científico), *disinformation* (desinformación), *post-truth* (posverdad) e *infodemic* (infodemia) señalando el desafío de “identificar sus diferentes aspectos, analizar los términos, conceptos y categorías de análisis utilizados para estudiarlos, y proponer un marco conceptual general capaz de interrelacionarlos (ARAÚJO, 2022:60).

Aunque los antecedentes de su uso han sido identificados por Richard Hofstadter (*apud* MORALES CAMPOS, 2018:86) desde desde 1963, el término “posverdad” fue acuñado en 1992 y en 2016 fue elegido como palabra del año por el *Diccionario de Oxford* en 2016. Este hecho, así como los dichos en modalidad de posverdad y los “hechos alternativos” en la

campana presidencial del ex presidente estadounidense Donald Trump – a los que se apela considerando burbujas de tiempo y espacio del total del hecho (MORALES CAMPOS, 2018:87), constituyen hitos que expusieron ante la opinión pública el uso de la posverdad.

El *Diccionario de la Real Academia Española* (REAL..., 2014) define posverdad como “distorsión deliberada de una realidad, que manipula creencias y emociones con el fin de influir en la opinión pública y en actitudes sociales” y *Diccionario de Oxford* llamó “posverdad” (*post-truth* en inglés) a un adjetivo “relativo o que denota circunstancias en las que los hechos objetivos son menos influyentes en la formación de la opinión pública que las apelaciones a la emoción y la creencia personal” (OXFORD..., 2024). La posverdad también es conceptualizada como una nueva forma de denominar los discursos que no tienen sustento objetivo y se basan en la mentira (ESTRADA-CUZCANO, ALFARO-MENDIVES y SAAVEDRA VÁZQUEZ, 2020). En tanto “mentira emotiva” y “expresión de fraude premeditado” que propicia la manipulación de la información, la posverdad representa también la evasión de una audiencia para “privilegiar las creencias sobre los acontecimientos científicos o hechos plenamente comprobables” (MORALES CAMPOS, 2018:86).

Para mayor complejidad en este panorama, hay que tener en cuenta que la información falsa no es producida exclusivamente por los humanos sino también por la inteligencia artificial generativa, lo cual constituye actualmente un tema de debate debido a la gran cantidad de herramientas que en los últimos meses se ha puesto a disposición del público (ChatGPT, Bard, DALL-E y BingAI, entre otras). En este sentido, es significativo que el *Diccionario de Cambridge* designara como palabra del año 2023 al verbo *hallucinate* (alucinar, en español) el cual ha adquirido un nuevo significado: “Cuando la inteligencia artificial alucina produce información falsa” (Cambridge..., 2024) que es presentada como verdadera y objetiva aunque no haya sido esa la intención del usuario.

Los autores utilizan términos, como “problemas de la información”, “patologías de la información” o “desórdenes informativos” para designar la amplia variedad de fenómenos y prácticas antes mencionados. Morales Campos (2018:106) se refiere a “la problemática” generada por la posverdad, noticias falsas y los hechos alternativos, mientras que Bawden y Robinson (2009; 2022) utilizan el término “patologías del entorno de información actual” (*pathologies of the current information environment*) y “patologías de la Sociedad de la Información” (*pathologies of the information society*). Afirman que a medida que se desarrollan “sociedades de la información maduras” se ven afectadas por una serie de problemas o patologías de la información y mencionan como más significativas la pobreza de información (*information poverty*), las brechas digital y generacional (*digital divide and the divide by generation*), la sobrecarga de información (*information overload*), la ansiedad de la información (*information anxiety*) y la prevalencia de *misinformation*, *disinformation* y *malinformation*, especialmente en las redes sociales y las fuentes de noticias digitales (BAWDEN y ROBINSON, 2022:322). La caracterización desde una dimensión informacional patológica (ARAÚJO, 2022) también está presente en el término “infodemia”, creado en 2020 por la Organización Mundial de la Salud para referirse al papel de la información en el contexto de la pandemia desatada por el COVID-19 (ORGANIZACIÓN..., 2021), el cual remite a la enorme velocidad y alcance de la difusión de información falsa, con mayor presencia e influencia en la vida y decisiones de las personas, que la información verdadera y de calidad.

La desinformación, *fake news*, hechos alternativos y posverdad también son considerados “desórdenes informativos” (DEL-FRESNO-GARCÍA, 2019), los cuales conceptualiza como “producciones intencionales cuya estregia consiste en la fabricación de la duda y falsas controversias con el fin de conseguir beneficios económicos o ideológicos”. Interrelacionados entre sí, dependen de las tecnologías post Internet, lo que lo que “ha modificado la naturaleza misma de la intercomunicación personal colectiva” (DEL-FRESNO-GARCÍA, 2019:1) y suponen efectos indeseados con un potencial catastrófico (ESTRADA-CUZCANO, ALFARO-MENDIVES y SAAVEDRA VÁZQUEZ, 2020) ya que se comportan como cascadas de desinformación que pueden afectar a grandes audiencias durante similares períodos de tiempo que la información verdadera (VOSOUGHI, ROY y ARAL, 2018).

3. Metodología

El presente trabajo se basa en el análisis cualitativo de 9 entrevistas en profundidad semiestructuradas a académicos (2 hombres y 7 mujeres) del Instituto de Información (FIC, Udelar). Por tratarse de una comunidad académica pequeña los integrantes de la muestra fueron seleccionados cuidadosamente – procurando mantener la representación porcentual de hombres y mujeres de la comunidad estudiada y de minimizar los sesgos – en base a un muestreo deliberado basado en el juicio de la investigadora. Si bien esto constituyó un desafío, en especial por investigarse una comunidad de la cual también se forma parte, el conocimiento de la misma resultó fundamental ya que los integrantes de la muestra no fueron elegidos al azar.

Fueron seleccionados docentes/investigadores con maestrías y/o doctorados de los cuatro departamentos académicos propios del Instituto de Información. La selección también se apoyó en los resultados de una revisión sistemática de literatura sobre el concepto de información en la producción bibliográfica de docentes/investigadores del referido Instituto (realizada por la investigadora en el marco del proyecto mencionado en la Introducción), optándose como segundo criterio de selección la inclusión los autores que contribuyeran de forma más consistente a la delimitación del referido concepto.

Las entrevistas fueron realizadas entre agosto y octubre de 2022, grabadas con consentimiento informado y posteriormente transcritas. Cabe aclarar que a los efectos del presente artículo han sido tomadas en cuenta exclusivamente las respuestas y perspectivas relacionadas con los problemas y desafíos actuales de la información.

El análisis de contenido cualitativo de las entrevistas fue realizado con apoyo del *software* MAXQDA 2020 Plus. Se tomó la transcripción de entrevistas como unidad de muestreo, el tema “tipo de problema y/o desafíos de la información” como unidad de registro y el pasaje donde está situada la unidad de registro (párrafo o frase) como unidad de contexto. El análisis de contenido temático atendió especialmente a la mención de los diferentes problemas o desafíos actuales de la información, buscando y analizando las unidades donde estaba presente el tema como regla de selección.

Como una técnica aplicable a la reelaboración y reducción de datos, que se beneficia del enfoque emergente propio de la investigación cualitativa (CÁCERES, 2003), el análisis de contenido cualitativo se sitúa en un proceso que no es lineal sino iterativo (GONZÁLEZ TERUEL, 2015; HERNÁNDEZ SAMPIERI, FERNÁNDEZ COLLADO y BAPTISTA LUCIO,

2014), con construcción de códigos y categorías analíticas a partir de datos, no de hipótesis preconcebidas. Se trata de un proceso analítico humano de descontextualización (separar los datos del contexto original y asignar códigos a unidades de significado) y luego, de recontextualización con apoyo del software para el examen de los códigos a fin de identificar patrones que reintegran, organizan y reducen los datos en torno a temas centrales (GONZÁLEZ TERUEL, 2015).

Se trabajó en un proceso de codificación abierta, es decir, libre e inductivo, a partir de los datos para definir reglas que justifiquen su agrupamiento y, posteriormente permitan clasificarlos. La codificación abierta requiere que el texto sea leído detenidamente y dividido en fragmentos que luego se comparan entre sí y se agrupan en categorías que tratan el mismo tema y se etiquetan con un código (término o frase) (GONZÁLEZ TERUEL, 2015). Por tratarse de un proceso de afinación recurrente, esta etapa debe encararse con la suficiente flexibilidad y ser capaz de incorporar datos emergentes.

En el análisis de las 9 entrevistas fueron considerados un total de 208 segmentos codificados y se establecieron 26 códigos y 2 categorías. Para buscar conexiones y relaciones de códigos que permitieran la interpretación del discurso de los entrevistados y entrevistadas se utilizaron las herramientas de MAXQDA denominadas MAXMapas (módulo Herramientas visuales), “Resúmenes con segmentos codificados” (módulo “Informes”) y “Paráfrasis” (módulo Análisis).

Los resúmenes con segmentos codificados consisten en una tabla generada en forma automática por el *software* que permite contar con resúmenes basándose en la codificación temática ya existente de los datos. Otro método eficaz de resumen en el contexto del análisis de contenido es el parafraseo. Para su ejecución, el *software* cuenta con una herramienta llamada “Paráfrasis” que permite al analista escribir paráfrasis que se vinculan a fragmentos específicos del texto de la transcripción para luego crear mapas conceptuales, realizar clasificaciones inductivas y categorizar dichas paráfrasis en una ventana interactiva identificando relaciones y nodos temáticos, lo cual es posible dado que todo lo que se considera importante desde cierta perspectiva ha sido parafraseado y, en consecuencia, esas paráfrasis continen la sustancia del texto.

4. Resultados

4.1. Explorando los resultados con herramientas visuales

A partir de un total de 208 segmentos codificados, el sistema de códigos se sintetizó en 26 códigos temáticos, asignándole a cada uno un número, nombre y color en el *software* MAXQDA 2020 Plus. La estrategia analítica incluyó la exploración de los resultados con herramientas visuales del *software* para apoyar el análisis en el proceso de dotar de significado a los datos mediante la observación de tendencias o la obtención de nuevas pistas a partir la identificación de frecuencias o a través de la indagación de sus relaciones.

A continuación (Fig. 1) se presenta una matriz de códigos por documentos en la que se incluye el sistema de códigos utilizados y la distribución del mismo en las transcripciones de entrevistas analizadas (no incluye frecuencia, sino que identifica los códigos presentes en cada documento).

Fig. 1 - Matriz de códigos por documento

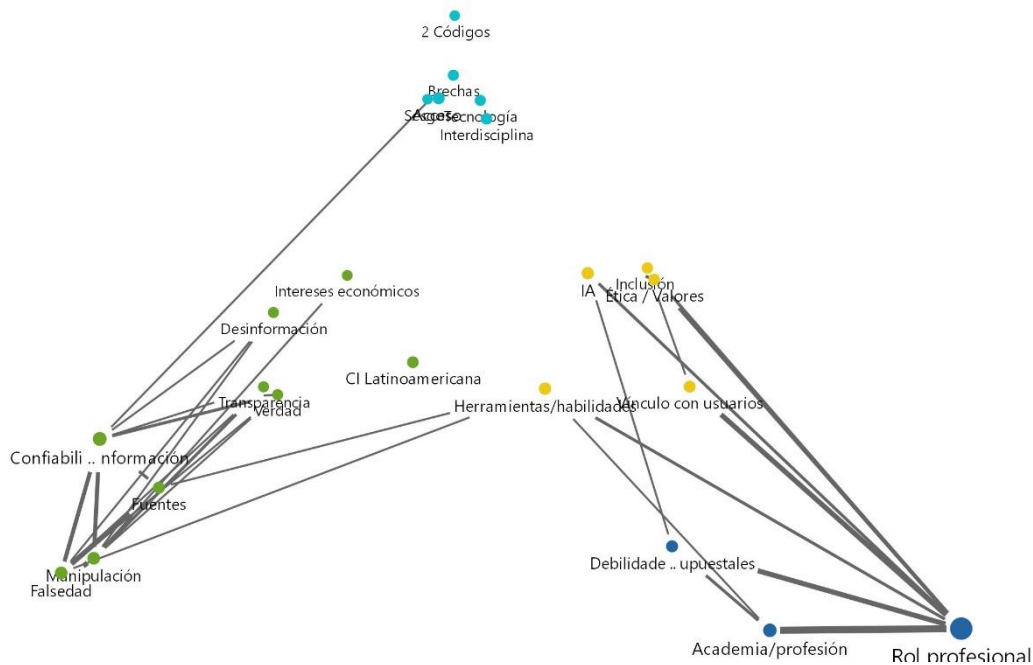
Sistema de códigos	E1 c...	E2 c...	E3 c...	E4 c...	E5 c...	E6 c...	E7 c...	E8 c...	E9 c...	SUMA
Tomar decisiones	■									1
Derechos	■									1
Herramientas/habilidades	■				■			■		3
Confiabilidad y valor de información	■	■						■	■	4
Fuentes	■	■						■	■	4
Desinformación		■							■	2
Brechas	■	■					■		■	4
Manipulación		■							■	2
Debilidades institucionales / presupues		■	■							2
Sesgos		■						■		2
Intereses económicos		■							■	2
Ética / Valores		■	■							2
Acceso	■	■			■			■		4
Verdad		■							■	2
Inclusión		■	■							2
Transparencia		■							■	2
Infoxicación									■	1
Empoderamiento									■	1
Interdisciplina				■	■		■	■		4
Vínculo con usuarios			■							1
Academia/profesión			■			■	■	■		4
Tecnología		■						■	■	3
Falsedad		■						■	■	3
IA		■						■		3
CI Latinoamericana		■	■		■			■	■	5
Rol profesional		■	■	■	■	■	■	■	■	7
SUMA	7	18	7	3	5	2	4	12	13	71

Fuente: Elaboración propia en base a la codificación introducida en MAXQDA 2020 Plus.

Otro apoyo visual utilizado para el análisis de la información obtenida fueron los mapas de códigos, que ofrecen una síntesis visual y permiten elaborar conclusiones. Este tipo de mapas es útil para visualizar las relaciones entre códigos. Cuanto más frecuentemente se asignen dos códigos al mismo tiempo, más cerca estarán en el mapa. Las relaciones se muestran como líneas y las líneas oscuras identifican la mayor frecuencia. La frecuencia refiere a la cantidad de segmentos de texto de las entrevistas codificadas con una misma etiqueta o código en el sistema de códigos. La Fig. 2 muestra relaciones de co-ocurrencia en un mapa de intersección de códigos considerando el total de documentos analizados.

Este mapa permite identificar dos grandes y bien diferenciados *clusters* de códigos ubicados a la derecha e izquierda. El de la izquierda concentra una serie de códigos fuertemente interrelacionados en el cual el código Confiabilidad/Valor de la información tiene una posición central y se vincula principalmente los códigos Manipulación, Falsedad, Transparencia, Verdad, Desinformación, Fuentes e Intereses económicos, que se encuentran en una posición más próxima, y otros que conforman un segundo *sub-cluster* algo más alejado y ubicado en la parte superior del mapa: Sesgos, Brechas, Acceso y Tecnologías. Muy próximo a este cluster pero no vinculado por una línea está el código Interdisciplina y otros identificados como “dos códigos” (Infoxicación y Toma de decisiones) que debido a su baja frecuencia no se individualizan.

Fig. 2 - Mapa de intersección de códigos



Fuente: Elaboración propia en base a la codificación introducida en MAXQDA 2020 Plus.

En el *cluster* de la derecha ocupa una posición central el código Rol profesional que se vincula fuertemente con los códigos Inclusión, Ética y Valores pero también con otros como Inteligencia Artificial, Vínculo con los usuarios, Herramientas/Habilidades, los cuales conforman un *sub-cluster*. Un segundo *sub-cluster* de códigos vinculados al código Rol profesional está integrado por los códigos Academia/Profesión y Debilidades presupuestales.

El *cluster* de la izquierda del mapa concentra los códigos más directamente relacionados a los problemas actuales de la información, mientras que el de la derecha reúne asuntos referidos a cuestiones disciplinares y profesionales (función social, prácticas, aspectos éticos y desafiantes novedades como la inteligencia artificial).

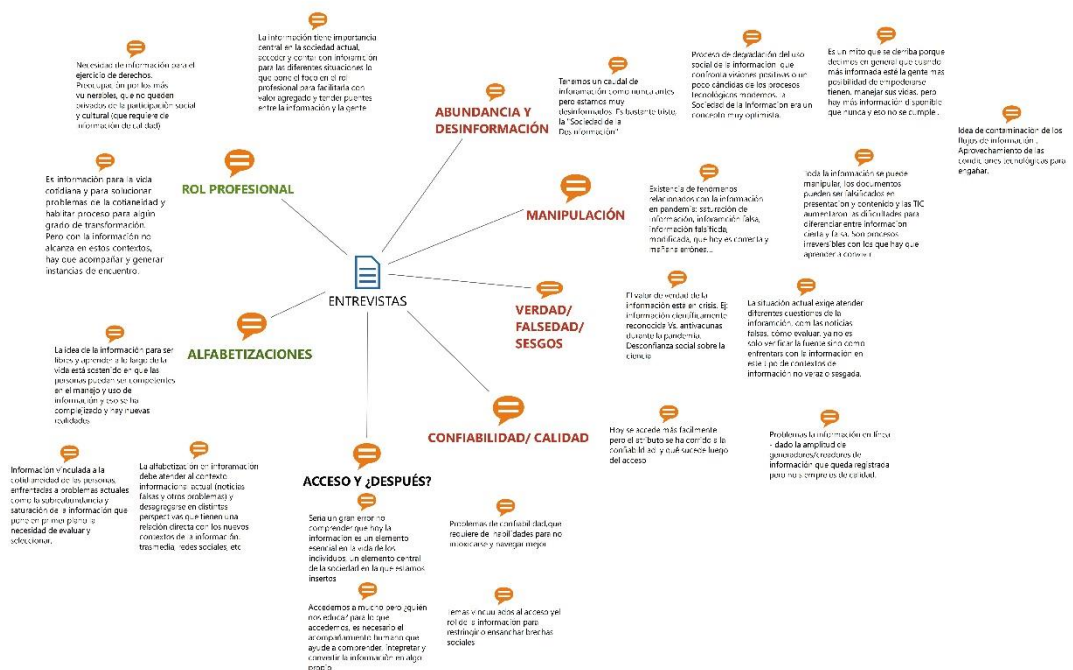
Se interpreta como muy significativa la posición central que ocupa en el mapa el código Herramientas/habilidades, el cual oficia como articulador entre ambos *clusters* principales, por lo que es posible considerarlo un código bisagra. Si pensamos en una puerta de dos hojas, este código estaría ocupando el lugar de la cerradura principal, justo allí donde hay que accionar la llave maestra para que la puerta cumpla su función de abrir o cerrar. Este código, que representa las habilidades y herramientas de información, se vincula al *cluster* de los “Problemas de la Información” a través de sus relaciones con los códigos Fuentes (relacionado a su vez con el código Confiabilidad/Valor de la información) y los códigos Falsedad y Manipulación (a su vez este último se relaciona con prácticamente todos los otros códigos de este *cluster* siendo el segundo más importante). También se vincula con el *cluster* de la derecha (cuestiones disciplinares y profesionales) a través de sus vínculos con los códigos Rol profesional” y Academia/profesión.

Un análisis más profundo a la interna de cada cluster revela una serie de microrrelaciones entre sus diferentes códigos. En el cluster de la derecha se identifican tres *sub clusters* referidos a asuntos disciplinares y profesionales: a) Rol profesional – Inclusión – Ética – Valores - Vínculo con los usuarios”; b) Rol profesional - Inteligencia Artificial - Debilidades presupuestales, c) Rol profesional – Herramientas/habilidades - Academia/profesión.

En el *cluster* de la izquierda, centrado en los problemas de la información se identifican cuatro sub núcleos internos de relaciones: a) Confiabilidad/Valor de la información – Desinformación – Transparencia – Verdad – Manipulación – Falsedad; b) Fuentes – Confiabilidad/Valor de la información – Transparencia – Verdad; c) Manipulación – intereses económicos; d) Sesgos – Acceso – Brechas – Tecnología.

A partir del este análisis de posicionamiento relacional del sistema de códigos emergen las categorías “Problemas de la información” y “Desafíos disciplinares y profesionales”. Una distribución similar fue obtenida al realizar un mapa a partir de las paráfrasis redactadas a partir del texto de cada una de las nueve entrevistas (Fig. 3), que agrupan por un lado una serie de nodos temáticos referidos a los problemas de la información (abundancia y desinformación, manipulación, verdad, falsedad, sesgos, confiabilidad, calidad, acceso) y por otro cuestiones referidas al rol profesional y las alfabetizaciones necesarias para ser competentes en el contexto informacional actual.

Fig. 3 - Mapa de paráfrasis



Fuente: Elaboración propia en base a la codificación introducida en MAXQDA 2020 Plus.

4.2. Problemas actuales de la información

Los docentes entrevistados coinciden en señalar el impacto de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC) en un contexto informacional de gran producción y circulación afectado por problemas de confiabilidad y calidad que se consideran centrales.

Desde distintas miradas y abordajes se refieren a problemas como: manipulación de la información, información falsa, desinformación, crisis del valor de verdad de la información, a problemas relacionados a la transparencia y calidad, la existencia de sesgos y brechas informativas, sobreabundancia y saturación de información, pérdida de confiabilidad y la necesidad de nuevas habilidades para interactuar en forma crítica y eficaz en un contexto informacional que se ha vuelto más complejo.

En general se considera que la expansión del acceso a las TIC y el contexto informacional post Internet aumentó la dificultad para diferenciar la información verdadera de la falsa y creando nuevos obstáculos para informarse ya que “existe un gran caudal de información pero estamos muy desinformados” (E9). “Es un mito que se derriba porque en general se dice que cuanto más informada esté la gente tiene una mayor posibilidad de empoderarse y manejar sus vidas pero hay más información disponible que nunca antes y eso no se cumple (...) es la sociedad de la desinformación” (E9).

Al respecto, algunos expresan perspectivas críticas de las TIC así como la preocupación por los problemas asociados a la desinformación, la manipulación y la saturación de información falsa en la esfera digital: “la información digital puede ser accesible, abierta, sin restricciones, sin costo, reutilizable... pero la han convertido en todo lo contrario” (E2).

Si bien en prácticamente toda la información se ha podido manipular siempre, falsificando documentos en presentación y contenido, se entiende que actualmente las TIC facilitan tales prácticas aumentando la dificultad para distinguir lo verdadero de lo falso. En este sentido, E9 compara el contexto informacional de la posverdad con la idea de “flujos de información contaminados” en los que se sitúan fenómenos nuevos y regresivos como la saturación de información, la información falsa, falsificada o modificada.

Un núcleo temático recurrente en las entrevistas refiere a la degradación del uso social de la información y la crisis del valor de verdad de la información, lo cual “confronta visiones positivas o cándidas de los procesos tecnológicos modernos y afirma que la Sociedad de la Información era un concepto muy optimista” (E9).

La pérdida de confiabilidad tiene un rol central en estas problemáticas (E1 y E3), razón por la cual hoy en día no es suficiente con tener la posibilidad de acceso a la información sino que tiene mucha importancia qué hacen las personas luego de acceder a la información y si cuentan con habilidades para evaluar, verificar y seleccionar y las ponen en práctica. “Este asunto se perfila con un rol central en relación a los problemas de la información, tan central como antes era el acceso (...) hoy se accede más fácilmente pero el atributo se ha corrido a la confiabilidad y qué sucede luego del acceso”(E1). En el mismo sentido, se entiende que el acceso ya no es suficiente porque “accedemos a mucho pero ¿quién nos educa para lo que accedemos? Es necesario un acompañamiento humano que ayude a comprender la información, a interpretarla y convertirla en algo propio” (E3).

En tanto, se señalan problemas referidos a la confiabilidad de la información en un contexto de gran producción y circulación, la calidad de la información en línea –que queda

registrada por una multiplicidad de creadores-, y la sobreabundancia de la información ponen en primer plano la necesidad de evaluar y seleccionar (E1).

En las entrevistas también se hace mención a los diferentes intereses que permean la información, a la noción de información como dispositivo de poder, como bien o factor económico que “genera brechas importantes ya que organizaciones y empresas controlan la información, incluso la información científica” (E7) y se plantea que el acceso debería estar garantizado como derecho humano sin restricciones impuestas por factores económicos o sociales.

Varios entrevistados entienden que la idea de la información para ser libres y aprender a lo largo de la vida está sostenida en que las personas puedan ser competentes en información pero esto es algo que se ha complejizado debido a las nuevas realidades y problemas antes mencionados (E1, E3, E6, E8) por lo que se visualiza la necesidad “no solo la tradicional contrastación de la información en fuentes registradas, sino también atendiendo a los nuevos contextos de información como el trasmedia y las redes sociales” (E8).

4.3. Desafíos disciplinares y rol profesional

Los desafíos disciplinares que emergen del discurso de los entrevistados se vinculan por una parte, a la esencia y delimitación del campo disciplinar de la información y la incidencia en el mismo del fenómeno de la posverdad y, por otra, a la necesidad de “nuevas alfabetizaciones” y una ética de la información en la inteligencia artificial, y al rol de los profesionales y las instituciones y servicios de la información (bibliotecas, archivos, centros de documentación).

“Antes, el concepto de información estaba ligado directamente con la información registrada – datos concretos o información contrastable en fuentes o personas que podrían brindar información – pero ahora es necesario abordarlo en un sentido más amplio e incorporar aspectos comunicacionales atendiendo al contexto de las noticias falsas y los procesos de creación y difusión y apropiación de noticias sobre bases que no son ciertas” (E8).

La incidencia de la tecnología en la información registrada que se digitaliza o nace digital y las nuevas modalidades de registro y difusión en el objeto de la Archivología y la Bibliotecología también son mencionadas destacando un acercamiento entre ambas disciplinas: “Las TIC son herramientas pero han implicado un cambio de la esencia del objeto de ambas disciplinas y en Uruguay el contexto institucional de la FIC ha promovido esa integración” (E1).

También emergen cuestiones referidas a la identidad y delimitación del campo disciplinar de los profesionales de la información en cuanto a identificar qué los diferencia de otras profesiones que trabajan con la información. En este sentido, E3 entiende que la diferencia está en la capacidad de brindar servicios (que integren la información cotidiana, bibliográfica, estadística, registrada y potencialmente registrable) desde un único servicio llamado biblioteca, archivo o centro de documentación. Por su parte, E4 plantea la necesidad de atender a las nuevas funciones de los archivos – como la difusión – desde perspectivas poscustodiales y el desarrollo de un rol profesional activo en relación a los usuarios y las nuevas formas en que se crea, procesa y circula información que nace o se transforma en digital. Al respecto, E5 reivindica el rol social del profesional de la

información para facilitar, hacer accesible o “traducir” la información difícil o compleja. “No solo es conservar sino servir y lo que se sirve es información”.

La necesidad de “nuevas alfabetizaciones” que atiendan a los nuevos contextos de la información (alfabetización en información, alfabetización mediática y digital) es mencionada como un desafío disciplinar y profesional como una posible vía de solución a los problemas antes señalados.

Se entiende necesario trabajar no sólo en el sentido tradicional de la Alfabetización en Información, sino “atendiendo también a la información tanto veraz como sesgada y en relación directa con los nuevos contextos de la información: trasmedia, redes sociales, etc.” (E8). “No es sólo informarse sino cómo comunico la información, qué y cómo hago para difundirla ... en ese sentido es importante trabajar desde la profesión hacia el ciudadano común que necesita información no para escribir un artículo científico sino para tomar decisiones cotidianas” (E8).

Está presente el planteo de una ética de la información en la inteligencia artificial (equilibrar las colecciones de datos para que no sean sesgadas, atender problemas de opacidad y trabajar en políticas de inteligencia artificial en los gobiernos) considerándose muy importante en este sentido el rol a desempeñar por bibliotecas y archivos (E2).

Bibliotecas, archivos y centros de documentación son entendidos como espacios democráticos que deben acoger la diversidad social y brindar “información registrada y potencialmente registrable” (E3) pero también se les adjudica la función de educar y acompañar a las personas a “comprender la información, a interpretarla y convertirla en algo propio” (E3), “traducir” la información difícil o compleja (E5) dadas las complejidades del contexto informacional antes mencionado.

En este sentido, se destaca la confianza social y la credibilidad del bibliotecario y la biblioteca, considerándose éste como “el espacio social por excelencia donde circula información y cultura, siendo uno de sus mandatos garantizar la igualdad, apoyar el trabajo de otros actores comunitarios y habilitar procesos con algún grado de transformación” sin descuidar la atención de “la mirada de los vulnerables y las minorías” (E3). Se visualiza al profesional bibliotecólogo como un actor clave para habilitar flujos de información confiable y procesos informativos en el escenario comunitario porque “con bibliotecas confiables y personas confiables trabajando en ellas, es donde la cultura comienza a tener cierta respetabilidad social” (E3).

5. Discusión

Se comparan los resultados obtenidos en el análisis cualitativo de las entrevistas con la revisión documental realizada por Estrada-Cuzcano, Alfaro-Mendives y Saavedra Vásquez (2020) sobre los principales términos utilizados actualmente en el manejo de la información (*disinformation*, *misinformation*, *posverdad* y *fake news*), con las reflexiones y propuestas de Morales Campos (2018), fundamentalmente en los aspectos referidos a los desafíos profesionales y disciplinares, y el análisis de Araújo (2022) en lo que respecta al abordaje y estudio de estos asuntos por la Ciencia de la Información desde un marco conceptual general capaz de interrelacionarlos.

Las entrevistas y los trabajos académicos antes mencionados comparten la opinión respecto al crecimiento exponencial de problemas relacionados con la información -cuya ubicuidad transversaliza todos los espacios sociales y culturales- en un contexto fuertemente impactado por las TIC, que ponen en tela de juicio la veracidad afectando su valor y dificultando la elección de la información veraz y correcta (MORALES CAMPOS, 2018; ESTRADA-CUZCANO, ALFARO-MENDIVES y SAAVEDRA VÁZQUEZ, 2020; ARAÚJO, 2022).

También hay puntos de acuerdo en cuanto a la existencia de una transformación en la naturaleza misma de la comunicación interpersonal o colectiva debido a la conjunción de problemas o desórdenes informativos con las nuevas tecnologías post internet (ESTRADA-CUZCANO, ALFARO-MENDIVES y SAAVEDRA VÁZQUEZ, 2020) y de un ambiente de inseguridad y dificultad para la toma de decisiones, problemas de desconfianza y credibilidad (MORALES CAMPOS, 2018).

Aunque los entrevistados no mencionaron explícitamente el término posverdad, varios de los problemas de la información que aparecen en su discurso corresponden a la mayoría de los señalados en el capítulo de Morales Campos (2018) y los artículos de Estrada-Cuzcano, Alfaro-Mendives y Saavedra Vásquez (2020) y Araújo (2022).

La situación de crisis de la verdad referida en varias entrevistas es otro punto fuerte de acuerdo. En este sentido, Morales Campos (2018: 105) se refiere a la “práctica indiscriminada de la posverdad y las noticias falsas” a partir de una manipulación originada sobre bases falsas o parcialmente erróneas y Araújo (2022: 63) sostiene que la posverdad es un fenómeno que se produce en la confluencia de tres condiciones: la difusión generalizada de información completamente falsa “con un soporte tecnológico que permite un alcance inimaginable en la era de los chismes y los rumores”, la posibilidad de verificar la información en cualquier momento en teléfonos inteligentes portátiles (*fact checking*) y la actitud de desinterés en verificar la veracidad de la información, o “valorar lo que confirma ideas preconcebidas y seleccionar sólo lo que resulta cómodo” en un evidente desprecio por la verdad.

Respecto al impacto de estos problemas Morales Campos (2018) lo califica como “moda o mal rato por la que está pasando la sociedad de la información y el conocimiento” aunque artículos más recientes y las opiniones de los entrevistados van en otro sentido. Si bien Estrada-Cuzcano, Alfaro-Mendives y Saavedra Vásquez (2020) no realizan valoraciones explícitas sobre el posible desarrollo future, visualizan la posverdad como “un síntoma del estado actual de las sociedades o la sociedad moderna” derivado de la globalización, la crisis económica o crisis política y en el que la banalización hace que “dejen de funcionar los filtros, la corroboración de las fuentes y la objetividad de la información”. En tanto, los discursos de los entrevistados podrían resumirse en la comparación expresada por uno de ellos en cuanto a que así como existen muchos ríos, ciudades y océanos contaminados, también los flujos de información están contaminados y hay que aprender a convivir con ellos ya que son procesos irreversibles. La idea de contaminación en relación a la veracidad de la información también está presente en el trabajo de Morales Campos (2018) mientras que, al conceptualizar la infodemia, Araújo (2022: 63) señala como nota distintiva el carácter “pandémico” de los fenómenos informacionales, desde la perspectiva de sus efectos adversos o disfunciones.

El artículo de Araújo (2022) presenta un marco para estos fenómenos como objeto de estudio de la Ciencia de la Información con base a los modelos físico, cognitivo y social identificando sus contribuciones al estudio del escenario informacional contemporáneo, a la vez que plantea la discusión sobre un posible giro veritista en el campo disciplinar –que sitúe la verdad en el centro de la actividad científica y profesional- en procura de contribuir a una adecuada comprensión y diagnóstico de los fenómenos y problemas antes señalados. En este sentido, concluye respecto a la urgencia de que la Ciencia de la Información desarrolle herramientas adecuadas para comprenderlos y pueda proponer intervenciones adecuadas para combatir sus efectos nocivos, identificando a los bibliotecarios y agentes de alfabetización en información como responsables de un papel protagónico al respecto.

La educación, fundamentalmente a través de diferentes alfabetizaciones (en información, mediática, digital) que aumenten las competencias y habilidades de los ciudadanos para interactuar en un ambiente tan complejo y para concientizar respecto a la necesidad de un comportamiento ético en relación a la información, está muy presente en las entrevistas visualizándose como un desafío disciplinar, académico y profesional.

Por su parte, Estrada-Cuzcano, Alfaro-Mendives y Saavedra Vásquez (2020) afirman que el papel de los profesionales de la información y las bibliotecas es alfabetizar informacional y digitalmente para facilitar que las personas puedan evaluar la información, manejar fuentes y discernir críticamente entre información verdadera y falsa. En sintonía con Morales Campos (2018) – que plantea la necesidad de valores como la verdad, el bien común y el respeto al otro – , el análisis cualitativo de entrevistas evidencia un fuerte vínculo entre el rol profesional, la ética y los valores como vía para enfrentar los desafíos sin precedentes del escenario informacional actual, incluyendo la necesidad de una ética de la información en la inteligencia artificial.

Sin desconocer que los flujos informativos también circulan por otros canales informales e Internet, hay acuerdo en cuanto a la necesidad de establecer un vínculo de compromiso proactivo con los usuarios de los denominados “lugares” oficiales de la información (bibliotecas, archivos, centros de documentación) para “privilegiar los hechos, la información probada y la formación de valores éticos en la producción, difusión y uso de información” (MORALES CAMPOS, 2018:105).

En algunas entrevistas se expresa también un firme posicionamiento en cuanto a que la inclusión o el acceso a información de calidad no es una cuestión opinable, sino que debe ser una postura ética. En este marco se requiere un compromiso profesional efectivo basado en el valor de confiabilidad de la biblioteca en el escenario cultural comunitario y en una reflexión que problematice en forma realista y situada a las realidades locales, el rol profesional y la construcción identitaria de la disciplina en el siglo XXI. Resulta ilustrativo al respecto el comentario de E3: “Todos decimos que está muy bien el profesional comprometido en comunidad pero es necesario examinar qué exige eso. Qué herramientas metodológicas, qué herramientas teóricas, qué costos económicos y psicológicos tiene... Qué costos sociales tiene ‘poner cuerpo’ a eso que llamamos un profesional en comprometido con su quehacer cotidiano. Porque no se trata de reproducir consignas”.

6. Consideraciones finales

La exploración de las perspectivas de una comunidad del campo de la Ciencia de la Información sobre temas de gran impacto para la academia y el ejercicio profesional como lo son los problemas y desafíos de la información, pretendió contribuir a un mayor conocimiento referido a este asunto y se vería enriquecida si es profundizada a través de la indagación de sus conexiones otros nodos del campo disciplinar, o ampliada a través del estudio de la producción bibliográfica con la finalidad indagar perspectivas teóricas en Uruguay y/o la región en los últimos años. Asimismo, es significativo el planteo formulado por algunos de los docentes entrevistados en cuanto a la necesidad de reflexión y debate en torno a las diferentes cuestiones disciplinares como una vía posible para el fortalecimiento de puentes entre los temas emergentes del campo profesional y el campo académico.

Los problemas de la información abordados en este trabajo involucran grandes desafíos para la disciplina en general, la academia y el ejercicio de las profesiones de la información así como en relación a su responsabilidad social y ética y el rol de bibliotecas, archivos y centros de documentación, los cuales se conciben como espacios democráticos que deben acoger la diversidad social y acompañar a las personas a comprender e interpretar la información dadas las complejidades del escenario informativo actual. Por otra parte, estos “lugares de la información” ocupan un rol central en la generación/habilitación de flujos de información confiable, especialmente atendiendo a una perspectiva inclusiva y a la defensa de la mirada de las poblaciones vulnerables y las minorías.

Referencias bibliográficas

ARAÚJO, Carlos A.

2022 Infodemic: the new informational reality of the present times. *Journal of Information Science Theory and Practice*. [En línea]. 10:1 (2022) 57-72. [Consult. 25 ene. 2024]. Disponible en: <https://doi.org/10.1633/JISTaP.2022.10.1.5>.

BAWDEN, David; ROBINSON, Lyn

2022 *Introduction to Information Science*. 2nd ed. London: Facet Publishing, 2022.

BAWDEN, David; ROBINSON, Lyn

2009 The Dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. *Journal of Information Science*. [En línea]. 35:2 (nov. 2009) 180-191. [Consult. 25 ene. 2024]. Disponible en: <https://doi.org/10.1177/0165551508095781>.

CÁCERES, Pablo

2003 Análisis cualitativo de contenido: una alternativa metodológica alcanzable. *Psicoperspectivas: Individuo y Sociedad*. [En línea]. 2:1 (2003) 53-82. Disponible en: <https://psicoperspectivas.cl/index.php/psicoperspectivas/article/view/3>.

Cambridge Dictionary Hallucinate

2024 Cambridge Dictionary Hallucinate. [En línea]. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment 2024. [Consult. 28 ene. 2024]. Disponible en: <https://dictionary.cambridge.org/editorial/woty>.

CHATMAN, Elfreda A.

1999 A Theory of life in the round. *JASIS: Journal of the American Society for Information Science*. [En línea]. 50:3 (jan. 1999) 207-2017. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(1999\)50:3<207::AID-ASI3>3.0.CO;2-8](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(1999)50:3<207::AID-ASI3>3.0.CO;2-8).

CHATMAN, Elfreda A.

1996 The Impoverished-life world of outsiders. *JASIS: Journal of the American Society for Information Science*. [En línea]. 47:3 (mar. 1996), 193-206. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199603\)47:3<193::AID-ASI3>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199603)47:3<193::AID-ASI3>3.0.CO;2-T).

CHATMAN, Elfreda A.

1987 Opinion leadership, poverty, and information sharing. *RQ*. [En línea]. 26:3 (Spring 1987) 341-353. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/25827886>

DEL-FRESNO-GARCÍA, Miguel

2019 Desórdenes informativos: sobreexposiciones e infrainformados en la era de la posverdad. *El Profesional de la información*. [En línea]. 28:3 (2019) 1-11. . [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2019.may.02/43980>.

ESTRADA-CUZCANO, A.; ALFARO-MENDIVES, K.; SAAVEDRA VÁZQUEZ, V.

2020 Disinformation y misinformation, posverdad y fake news: precisiones conceptuales, diferencias, similitudes y yuxtaposiciones. *Información, cultura y sociedad: revista del Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas*. [En línea]. 42 (jun. 2020) 93-106. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1851-17402020000100093&lng=es&nrm=iso&tlng=es

Facultad de Información y Comunicación

2024 *Facultad de Información y Comunicación*. [En línea]. Montevideo: FIC, UDELAR, 2024. [Consult. 8 ene. 2024]. Disponible en: <https://fic.edu.uy/node/864>.

GONZÁLEZ TERUEL, Aurora

2015 Estrategias metodológicas para la investigación del usuario en los medios sociales: análisis de contenido, teoría fundamentada y análisis del discurso. *El Profesional de la información*. [En línea]. 24:3 (mayo 2015) 321-328. Disponible en: <https://doi.org/10.3145/epi.2015.may.12>.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, María del Pilar

2014 *Metodología de la investigación*. 6ª ed. México: Mc Graw Hill, 2014.

HJØRLAND, Birger; ALBRECHTSEN, Hanne

1995 Toward a new horizon in information science: Domain-analysis. *JASIS: Journal of the American Society for Information Science*. [En línea]. 46:6 (1995) 400-425. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199507\)46:6<400::AID-ASI2>3.0.CO;2-Y](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199507)46:6<400::AID-ASI2>3.0.CO;2-Y)

MARCELLA, R.; CHOWDHURY, G.

2020 Eradicating information poverty: an agenda for research. *Journal of Librarianship and Information Science*. [En línea]. 52:2 (jun. 2020) 366-381. [Consult. 12 ene. 2024]. Disponible en: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0961000618804589>.

MORALES CAMPOS, Estela

2018 Desinformación en la Sociedad de la Información y el Conocimiento. In MORALES CAMPOS, E. – *La Posverdad y las noticias falsas: el uso ético de la información*. [En línea]. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2018, p. 81-109. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: https://ru.ibi.unam.mx/jspui/bitstream/IIBI_UNAM/L151/2/posverdad_noticias_falsas_s.pdf.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD

2024 *Infodemic*. [En línea]. Ginebra: OMS, 2024. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: https://www.who.int/health-topics/infodemic#tab=tab_3.

OXFORD UNIVERSITY PRESS

2026 *Word of the Year 2016*. [En línea]. New York: University of Oxford, 2024. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: <https://global.oup.com/academic/content/word-of-the-year/?cc=ca&lang=en&>.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

2014 *Diccionario de la lengua española*. 23^a ed. [En línea]. Madrid: RAE, 2023. [Consult. 15 ene. 2024]. Disponible en: https://dle.rae.es/posv_2014erdad. Actualización 2023.

SABELLI, Martha

2023 Escuela Universitaria de Bibliotecología y Ciencias afines: una historia a reconstruir e interpretar desde la ciencia de la información: 1943-2013. In UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Información y Comunicación - *La Construcción de la FIC: apuntes de una historia compartida*. Montevideo: FIC, 2023, p. 11-24.

SABELLI, Martha

2019 La Ciencia de la Información en Uruguay: 2013-2017: Líneas de investigación y producción académica. *Bibliotecas: Anales de Investigación*. [En línea]. 15:2 (2019) 179-211. [Consult. 18 ene. 2024]. Disponible en: <http://revistas.bnjm.sld.cu/index.php/BAI/article/view/130>.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan

2018 The Spread of true and false news online. *Science*. [En línea]. 359: 6.380 (2018) 1.146-1.151. [Consult. 29 ene. 2024]. Disponible en: DOI:[10.1126/science.aap9559](https://doi.org/10.1126/science.aap9559).

Carol Guilleminot | carol.guilleminot@fic.edu.uy

Universidad de la República - Facultad de Información y Comunicación, Uruguay

MARCOS DE ENUNCIACIÓN: una clave para abordar los desafíos disciplinares y profesionales de la bibliotecología y la ciencia de la información

ENUNCIATION FRAMEWORKS: a key to facing the disciplinary and professional challenges of library science and Information Science

Natalia Duque Cardona

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag2024a9>

Resumen: Ante los desafíos y amenazas comunicacionales que encara la bibliotecología y la CI, es necesario preguntarse desde qué lugar de enunciación se están abordando estas disciplinas y sus prácticas. Lo cual es un llamado a observar de manera diferencial los lugares de producción de conocimiento, reconociendo que hoy día sujetos y comunidades se sitúan en territorios y espacialidades no geográficas, más sí políticas, evidenciado en los diversos modos de concebir y nombrar Latinoamérica y el Caribe: Abya-Yala, América Ladina, Indoamérica, Ñamérica, Milpamérica. Este artículo presenta los marcos de enunciación como un elemento fundamental en relación con el territorio, una vez los desafíos respecto a la comunicación de cada espacialidad están ligados al territorio. Para ello, la bibliotecología y la CI dialogan con De Certeau (1980, 1999), Lefèbvre (2000) y Massey (2007, 2005 y 1999). Finalmente se exploran algunas experiencias comunicacionales y se presentan ideas respecto a cómo la info-comunicación puede fortalecerlas.

Palabras-clave: Bibliotecología; Ciencia de la información; Espacio; Territorio.

Abstract: Given the communication challenges and threats faced by library science and IS, it is necessary to ask from what place of enunciation these disciplines and their practices are being addressed. Which is a call to observe in a differential manner the places of knowledge production, recognizing that today subjects and communities are located in non-geographic, but rather political, territories and spatialities, evidenced in the diverse ways of conceiving and naming Latin America and the Caribbean: Abya-Yala, América Ladina, Indo-America, Ñamérica, Milpamérica. This article presents enunciation frames as a fundamental element in relation to the territory, since the challenges regarding the communication of each spatiality are linked to the territory. To this end, library science and IS dialogue with De Certeau (1980, 1999), Lefèbvre (2000) and Massey (2007, 2005 and 1999). Finally, some communication experiences are explored and ideas are presented regarding how info-communication can strengthen them.

Keywords: Library Science; Information Science; Space; Territory.

1. Introducción

Inventar patrias, es, antes que nada, establecer diferencias entre tierras que era una y la misma. Convencernos de que un argentino correntino que habla en guaraní es algo radicalmente distinto de un paraguayo que habla guaraní y vive al otro lado del río y debía incluso ir a la guerra contra él, cuando había guerras, o recordarlas y cantarlas cuando no. Y que un peruano que habla quechua es una orilla del lago Titicaca es enemigo de un boliviano que habla quechua en la otra. Y que un colombiano que habla el mejor castellano en Cúcuta debe pelearse y rechazar a un venezolano que habla tan parecido cruzando el puente de San Antonio - y así seguido en todo el continente. Las naciones, el gran mito moderno. Sus fronteras

CAPARRÓS, 2021:17

Propone Rendón-Rojas (2005:46) que la fundamentación filosófica de una ciencia consiste en utilizar categorías, principios y teorías de la filosofía para solucionar problemas ontológicos, gnoseológicos, y axiológicos de la disciplina analizada. Estos dependen de una fundamentación teórica, filosófica, gnoseológica, extra teórica y metodológica y deben de ser capaces de estimular el desarrollo de la ciencia, dar una explicación de su existencia, estimular su desarrollo y coadyuvar a su utilización práctica.

Empero, en estos marcos subyace una idea implícita, la de generalizar y universalizar el conocimiento para campos disciplinares o problemas particulares, sin embargo, posterior a la inflexión decolonial hemos comprendido que se hace necesario considerar la singularidad en la producción de conocimiento y procurar el desarrollo de conocimientos situados que procuren no solo dar repuestas a problemáticas específicas, sino incluso que lo hagan bajo escalas de justicia donde el reconocimiento, la redistribución y la participación signifiquen un sentido social en el desarrollo científico que supere los círculos académicos egocentristas y pueda trabajar de manera organiza con las comunidades a las cuales se debe la ciencia, y en particular las ciencias humanas y sociales.

Es así como en el marco disciplinar de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información (CI) hemos propuesto una revolución paradigmática, que en ningún caso desconoce el trabajo precedente de la comunidad científica, y da lugar a movilizaciones que posibiliten desarrollos futuros en el marco de los desafíos que Locke, Given y Buschman (2010) en *Critical Theory for Library an Information Science: exploring the social form across the disciplines* nos anuncian, alrededor de la necesidad de producir discursos metateóricos a través del diálogo y vinculación con otras perspectivas y disciplinas. Así como la urgencia de lograr que la bibliotecología y la CI no respondan a políticas aislacionistas que implican su segregación de las ciencias humanas y sociales. Y finalmente tanto la investigación como la práctica en el campo puedan articularse y adaptarse responsablemente con las demandas sociales. Para lo cual no es suficiente la Teoría Crítica¹ propuesta por la escuela de Frankfurt, o la escuela de Chicago, para el caso de Latinoamérica, retomando las ideas fundantes de la teoría crítica han implicado virar hacia la configuración de un conocimiento y saber propio y situado que responda a un paradigma intercultural como lo es la región, que insista en por qué y para qué de la bibliotecología y la CI que:

(...) posibilite más que reinventar, observar con un lente diferente al que se usa habitualmente, dando lugar a otros saberes, epistemes y discursos, los cuales permiten ampliar la mirada sobre la información, por ejemplo, en términos de producción y transferencia de saberes locales (DUQUE-CARDONA, 2020:66).

¹ Al referirse a la suficiencia de la Teoría Crítica para Latinoamérica, se está haciendo alusión a la necesidad de que si bien esta es fundamental para las Ciencias Humanas y Sociales, conocerla implica para los desafíos históricos y de decolonialidad del conocimiento, dar un paso adelante en su comprensión y sobre todo en la producción de nuevos significados de esta en un contexto no euro centrado o anglosajón, como lo es la región. Es importante anotarlo, pues existe una confusión recurrente al señalar que las propuestas situadas en perspectivas críticas latinoamericana, por un lado, buscan ignorar el conocimiento previo existente, lo cual es falso, una vez el desarrollo científico necesariamente implica la interpelación, reconfiguración y proposición a partir de propuestas precedentes. Y en segundo lugar esta suficiencia implica escalas de justicia social alrededor de conocimientos que no han estado presentes en su constitución como las filosofías del Sur o saberes propios, lo que implica la necesidad de tramitar propuestas que se sitúen en una perspectiva de justicia epistémica.

En este orden de ideas, la línea de investigación Bibliotecas desde Abya-Yala: sociedades y culturas desde el Sur ha desarrollado en los últimos diez años una propuesta epistemológica para una bibliotecología desde, con y para una bibliotecología y CI latinoamericana y el Caribe, en la cual se ha realizado un ejercicio extra-disciplinar vinculando diversos campos del conocimiento como los Estudios Culturales, la Ciencia Política, la Sociología, la Geografía, entre otros. Y ha propuesto en sintonía con las fundamentaciones que Rendón-Rojas expone para el desarrollo de conocimiento (teórica, filosófica, extra teórica, gnoseológica y metodológico), una más; un marco de enunciación-correspondiente a una fundamentación territorial que permita contextualizar diferencialmente los fenómenos de acuerdo con el espacio, territorio e historia en la configuración de la ciencia vinculada con el devenir histórico, cultural y político de las comunidades.

Tabla 1 - Componentes de propuesta epistemológica, Bibliotecas desde Abya-Yala

Fundamentación teórica – Andamiaje conceptual	El marco teórico que fundamenta la propuesta epistemológica retoma categorías conceptuales que se han considerado fundamentales para la bibliotecología y la CI partiendo de la hipótesis de considerar que ambas disciplinas trabajan fundamentalmente con lenguaje, memoria e información . Y en tanto que su núcleo duro en la perspectiva de Lakatos está constituido por estos. Estas tienen su génesis en el Programa de investigación acción, producto de la Tesis Doctoral: La incidencia de la biblioteca en la reducción de las desigualdades sociales (2019) y consideran: biblioteca-dispositivo cultural, lenguajes políticos de la lectura, tecnologías de poder y técnicas de dominación/emancipación.
Fundamentación filosófica – Epistemologías insurgentes, filosofías del Sur	El énfasis de las filosofías seleccionadas tiene como rasgo común la posición protagónica del lenguaje, en las que su valor instrumental sirve para salvaguarda sus cosmovisiones sobre el mundo, este es el motivo de selección, pues la comprensión filosófica de la Bibliotecología y la CI desde América Latina y El Caribe se propone aquí como: una disciplina que reflexiona y trabaja sobre las distintas expresiones del lenguaje humano, especialmente el registrado y organizado, a la vez que reconoce en la oralidad una posibilidad para el progreso disciplinar teórico y un aumento en el alcance de la práctica profesional entre las comunidades del sur global (DUQUE-CARDONA y RESTREPO-FERNÁNDEZ, 2021:18).
Fundamentación extra teórica – marcos analíticos	Está compuesta por cinco teorías provenientes de diversas áreas del conocimiento desarrolladas por mujeres activistas, feministas y académicas: interculturalidad crítica (Catherina Walsh, 2010), interseccionalidad (Patricia Hill Collins, 2020 y Kimberlé Crenshaw, 2017), conocimiento situado (Donna Haraway, 1991), capacidades (Martha Nussbaum, 2012) y justicia social (Nancy Fraser, 2000 y 2012).
Fundamentación metodológica – marco de investigación y acción	Está orientado por el anarquismo metodológico retomando el pluralismo metodológico como posibilidad de caminar lo que se ha conocido como el método no limitado a un único camino, sino al contrario abierto a diversas perspectivas y

	posibilidades. Para ello Feyerabend (2017) y Broncano (2020) son los principales referentes.
Marcos de enunciación – Lugares de enunciación	Estos lugares de enunciación implican el territorio. En este sentido, el territorio es un espacio definido y delimitado por y a partir de relaciones de poder. Tras la inflexión decolonial, pero no consecuencia exclusiva de ello, y el descentramiento de los centros de producción de conocimiento de Europa el concepto de territorio en Latinoamérica se ha reconfigurado, no sólo como un espacio no limitado geográficamente, sino como un campo en el que acontecen disputas alrededor de la configuración de un sistema mundo y de formas de organización social que buscan aportar a la disminución de profundas brechas de desigualdad existentes en la región (DUQUE-CARDONA, 2022:6), entre ellos están: Abya-Yala, América Ladina, Indoamérica, Ñamérica, Milpamérica

Fuente: Elaboración propia.

Así, este artículo pretende explorar los marcos de enunciación como una posibilidad para reconocer que desde donde los pies pisan se produce conocimiento particular, arraigado, desarraigado, con sentido, singular y en diálogo no sólo con las necesidades informacionales sino con los sujetos y comunidades a los cuales se debe la ciencia, lo cual implica tener en cuenta además de la información, las comunidades y sentidos que las mismas dan a esta.

2. Marcos de enunciación

Para el desarrollo de los marcos de enunciación se retoman los aportes desarrollados por teóricos como De Certeau (1999), Lefèbvre (2000), Massey (2007, 2005 y 1999) y Haraway (1991), que en diálogo con la bibliotecología y la CI, posibilitan identificar la necesidad de una mirada territorial y espacial a la construcción de conocimiento.

Tabla 2 - Referentes teóricos para marcos de enunciación

Autor(a)	Conceptos desarrollados
De Certeau (1999)	Tácticas, estrategias
Lefèbvre (2000)	Producción del espacio
Massey (2005)	Geometría del poder
Haraway (1991)	Conocimiento situado

Fuente: Elaboración propia.

Los marcos de enunciación corresponden a la comprensión territorial de los espacios sociales (LEFÈBVRE, 2013) que nuestros pies pisan y el modo en que estos inciden en las relaciones entre saber, poder y subjetividades. Reconociendo que hay un espacio del decir y un decir en el espacio que resulta de la producción social del espacio, sea concebido, vivido o percibido. Lo anterior implica partir de una comprensión de territorio, que como nos lo han enseñado los pueblos negros de Colombia implica tres dimensiones de este: proyecto

de vida, proyecto político y perspectiva de futuro, desligándolo de ideas acartonadas y situadas en una geografía tradicional de corte decimonónica exclusivamente. Dando con esto paso a la comprensión del territorio como es un espacio,

(...) resultado de la acción social, de las prácticas, las relaciones, las experiencias sociales, pero a su vez es parte de ellas. Es soporte, pero también es campo de acción. No hay relaciones sociales sin espacio, de igual modo que no hay espacio sin relaciones sociales. El espacio debe considerarse, por tanto, un producto que se consume, que se utiliza, pero que no es como los demás objetos producidos, ya que él mismo interviene en la producción (LEFÈBVRE, 2013:14).

Y es por ello fundamental reconocer que al ser el territorio una construcción espacial, en tanto social, no puede generalizarse, sino que implica el reconocimiento de los saberes, sujetos y poderes que habitan cada lugar y en tanto la producción de este implica las prácticas espaciales (espacio percibido), las representaciones del espacio (el espacio concebido) y los espacios de representación (el espacio vivido). Es decir, el territorio se presenta como una intersección entre realidad, pensamiento y posibilidad, donde hay una relación entre objetos, acciones y símbolos, que convierten al espacio en algo más que un contenedor de la existencia, lo presentan como condición y posibilidad de un ejercicio en el que la tierra se hace tiempo y el tiempo se hace memoria en el espacio convirtiéndose por ello en *terrae* o territorio.

Tabla 3 - Tríada conceptual para el espacio

Prácticas espaciales	Espacio percibido	Espacio de la experiencia material, que vincula realidad cotidiana (uso del tiempo) y realidad urbana (redes y flujos de personas, mercancías o dinero que se asientan en —y transitan— el espacio), englobando tanto la producción como la reproducción social.
Representaciones del espacio	Espacio concebido	Espacio de los expertos, los científicos, los planificadores. de los signos, de los códigos de ordenación, fragmentación y restricción.
Espacios de representación	Espacio vivido	Espacio de la imaginación y de lo simbólico dentro de una existencia material. Es el espacio de usuarios y habitantes, donde se profundiza en la búsqueda de nuevas posibilidades de la realidad espacial.

Fuente: Elaboración propia.

En general, los modos de nombrar espacialmente el territorio han correspondido a las concepciones del espacio que provienen de una ciencia occidental y hegemónica; las cuales condicionan en cierta manera las prácticas espaciales y el cómo experimentamos y nos vinculamos cotidianamente con los lugares, objetos, personas. Obligándonos a crear tácticas y estrategias que siguiendo a (DE CERTEAU, 1980) buscan generar un orden social

particular, el cual a veces es un efecto sincrónico, pero con una recurrente manifestación de desequilibrio donde lo estratégico es interrogado por lo táctico, en tanto condición y proposición de las formas en las que el discurso se hace espacio y el espacio se hace discurso. En razón de ello, emergen los espacios de representación del territorio, que como construcción social, en las últimas décadas, posterior a la configuración de Estados Nacionales en Latinoamérica y en el contexto académico después de la inflexión decolonial, han implicado la deconstrucción y reconfiguración de un conocimiento situado respecto al mismo, lo que implica una necesidad de revolucionar lo percibido y vivido a la luz de proyectos de vida, políticos y de futuro de los sujetos y comunidades que habitan diversos contextos. Es decir, la tensión solidaria y contradictoria que se produce entre lo táctico y lo estratégico en clave de las concepciones del espacio ha generado modos y formas del hacer y el decir habitadas por producciones simbólicas, que en y a través del espacio lo convierten en territorio, implicando con ello la existencia no sólo de un modo singular de habitar sino formas disímiles de crear y vivir el espacio, gracias a la historicidad misma en la que se ha configurado la presencia, movilidad, las métricas y la sustancia de la producción social del espacio.

Teniendo en cuenta lo planteado, debemos recordar que la bibliotecología y la CI, como disciplinas científicas cuyas categorías fundamentales son el lenguaje, la memoria y la información han contribuido, a través de sus prácticas e instituciones a la universalización de conocimientos y relatos en relación con una memoria nacional, a la vez que han insistido en la parametrización y universalización de circuitos de circulación de la información puestos a disposición de los sujetos y comunidades, más no construidos con ellas. Olvidando en repetidas ocasiones, que lenguaje, memoria e información como parte de la universalización del conocimiento es un proceso de producción espacial del decir, que dice cómo se ha producido el espacio, en tanto causa y finalidad del modo en como socialmente la ciencia, en su sentido singular, es la huella indeleble de un sistema de interpretación que se corresponde en tiempo y lugar con un contexto, unos sujetos, unos y solo unos discursos e instituciones. En otras palabras, se ha desconocido el territorio y espacialidades singulares, en las que germinan las formas del decir, el hacer, el pensar y el sentido. Esto implica el reconocimiento de una necesidad en la bibliotecología y la CI, la de preguntarse por el espacio como construcción social qué subyace a la producción, circulación, y apropiación de los conocimientos y prácticas que ellas albergan.

Es inminente, en este orden de ideas la necesidad de cartografiar el territorio, para develar los lugares de enunciación, y en tanto los efectos intelectuales y políticos de este en la ciencia, y en específico en las disciplinas de interés de esta disertación. Doreen Massey (1999), plantea que la comprensión espaciotemporal no es igual para todos, y en tanto el lugar de enunciación de la ciencia implica ambas dimensiones (espacio y tiempo).

(...) Hay grupos que están a cargo del movimiento y de las comunicaciones, son ellos los que tienen un máximo de control sobre las dinámicas de lo global, y, en este sentido, se genera una “geometría del poder” que Massey caracteriza y cuestiona, dejando en evidencia que es un orden no natural, no inevitable, sino construido y, por lo mismo, transformable (RODRÍGUEZ-MARTÍNEZ, 2013).

Así mismo es claro que el territorio como construcción social incide en el desarrollo disciplinar una vez que las tácticas (métodos) que usa el conocimiento científico

condicionan la producción del mismo valores y creencias particulares. Y en consecuencia las tácticas que buscan la generación de conocimiento situado, en la perspectiva de Donna Haraway (1991), abrazan la parcialidad de conocimientos concretos y localizables en sujetos y objetos encarnados, pues:

(...) solo la afirmación de la parcialidad creará y sostendrá, la posibilidad de proveer un futuro responsable, no totalizador y genuinamente enriquecedor (HARAWAY, 1991:15).

Y en vista de ello, lo propuesto en este artículo, enmarcado en una propuesta epistemológica como Bibliotecas desde Abya-Yala, no se limita a las tareas asociadas con un rol de investigadora, docente o académica, sino que responde a la necesidad irremediable de develar las estrategias de poder que han promovido el desarrollo de conocimientos abstraídos del territorio y el espacio, esperando con ello encontrar alternativas que privilegien las funciones sociales de la ciencia y darles un lugar singular en una realidad que no es única e inamovible, empero es parcial, dinámica y amnésica, y en tanto se hace vital recordar desde que lugar estamos produciendo conocimiento. Qué ciencia para qué territorio? El conocimiento situado implica situar el saber de entrada y siempre como experiencia, la cual se da en la configuración de los espacios sociales, a través de sujetos, cuerpos y realidades. Y reconocer que los saberes son singulares a la luz de la configuración del territorio.

(...) Creo que mi problema y nuestro problema es cómo lograr simultáneamente una versión de la contingencia histórica radical para todas las afirmaciones del conocimiento y los sujetos conocedores, una práctica crítica capaz de reconocer nuestras propias tecnologías semióticas para lograr significados y un compromiso con sentido que consiga versiones fidedignas de un mundo real que pueda ser parcialmente compartido y que sea favorable a los proyectos globales de libertad finita, de abundancia material adecuada, de modesto significado en el sufrimiento y de felicidad limitada (HARAWAY, 1991:321).

Y en la pregunta por las singularidades, es cuando aparecen otras formas de nombrar eso que hemos conocido como territorio, espacios de representación otros como: Abya-Yala, América Ladina, Indoamérica, Milpamérica, Latinoamérica y con estas por supuesto diversas formas vinculadas con el lenguaje, la memoria y la información que no habían sido consideradas previamente, muchas de ellas distantes de la cultura escrita que ha sido predominante en la bibliotecología y la CI.

Tabla 4 - Lugares de enunciación epistemología bibliotecas desde Abya-Yala

<p>Abya-Yala</p>	<p>Forma de nombrar un territorio fértil y en plena madurez alude a Tierra Madura, Tierra Viva o Tierra en Florecimiento y fue el término utilizado por los Kuna, pueblo originario que habita en Colombia y Panamá, para designar al territorio comprendido por el Continente Americano. De acuerdo con el momento histórico vivido, se referían a este territorio de diferente forma: Kualagum Yala, Tagargun Yala, Tinya Yala, y Abya Yala, siendo este último el que coincidió con la llegada de los españoles. El término Abya Yala es en sí mismo un símbolo de identidad y respeto hacia las raíces de los pueblos originarios; y en ese sentido, el poema Abya Yala Wawgeykuna (Hermanos Americanos), originario del pueblo quechua de Argentina, hace un llamado a la unidad de los pueblos a mantener presente su origen y a continuar su camino siguiendo las huellas de sus ancestros” (CARRERA y RUIZ, 2016:12).</p> <p>Más que un nombre, Abya Yala es una postura ética, política y epistémica que busca enaltecer, reconocer, redistribuir y generar participación en relación con la existencia de formas de vida y conocimientos antes de la Modernidad europea y del proceso de saqueo sistemático de la región. Con sentido político fue usado por primera vez en la II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de <i>Abya Yala</i>, realizada en Quito en 2004. Y desde 2007, en la III Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de <i>Abya Yala</i> realizada en Iximche, Guatemala, se consolidó una Coordinación Continental de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas de <i>Abya Yala</i> como espacio permanente de enlace e intercambio, para compartir experiencias y propuestas y se autoconvocaron como Abya Yala.</p>
<p>América Ladina</p>	<p>América, como sistema etno-geográfico de referencia, es una creación nuestra y de nuestros antepasados en el continente en el que vivimos, inspirados en modelos africanos. Consecuentemente, el término amefricanas/amefricanos designa toda una descendencia: no solo la de los africanos traídos por el tráfico negrero, sino también la de aquellos que llegaron a AMÉRICA mucho antes de Colón (GONZÁLEZ, 2021:141).</p>
<p>Indoamérica</p>	<p>Indoamérica es un término más amplio, va más lejos, entra más hondamente en la trayectoria total de nuestros pueblos. Comprende la prehistoria, lo indio, lo ibérico, lo latino y lo negro, lo mestizo y lo «cósmico» (DE LA TORRE, 2008:31).</p>
<p>Milpamérica</p>	<p>Propuesta desarrollada por la Red de Futuros Indígenas (2023) principalmente de Centroamérica, Alude a esta idea como un territorio del nosotros, plural declarando que: Somos Milpamérica, un territorio que existe mucho antes que las fronteras. Aquí vivimos las personas del maíz de todos los colores, del ayote, del izote y el frijol, del tomate, el chile, el loroco, el chipilín, el pataxte, el cacao, el aguacate, el amaranto, los zapotes, las anonas, jocotes, nances, quelites, yuca y miel; somos los territorios más biodiversos de esta región del planeta.</p> <p>Somos <i>Afroindígenas, Garífunas, Lencas, Nawats, Kaqchikel, K'iche', Q'eqchi', Chortí, Xinka, Ayuujk, Biinnizá, Nahuas, Ch'oles, Nñuu Savi, Mayas Peninsulares, Kiliwa, Cucapá, Acolhua, Tzeltal, Tzotzil, Hñatho, Amuzga, Purépecha, Popoluca, Zoque, Diásporas</i></p>

	<p><i>urbanas y más de las 40 naciones indígenas</i> que hoy defienden sus territorios.</p> <p>Somos una historia de 500 años de resistencia frente al despojo. Nuestras abuelas fueron violadas por la colonización, nuestros abuelos fueron esclavizados por el racismo.</p>
Ñamérica	<p>Caparrós (2021) propone la idea de Ñamérica aludiendo hacer uso de la ñ como una letra común para el castellano. En más de 600 páginas, el escritor y cronista hace una de las fotografías más recientes del estado actual de la región, excluyendo de esta a Brasil, pues incluirlo como parte de este ejercicio implicaría crear la ilusión de que la región es mucho más productiva, más amplia y sin embargo olvidar que Brasil fue el único territorio de la región que se mantuvo unido tras las guerras de independencias, el único que conserva una lengua en medio del castellano. Propone Caparrós que si Ñamérica existiese (2021:27) sería un: arco de 12.000 Km de largo que se extiende de sur a norte o de norte a sur, desde Ushuaia hasta Tijuana. Con un ancho máximo de 2.000 km desde Valparaíso en Chile hasta el Chuy en Uruguay y un mínimo de 60 en Panamá. Tendría 12 millones de km² y 420 millones de habitantes. En ella habitan los andinos – Bolivia, Perú, Ecuador y medio Colombia- quienes fueron antes de la conquista el imperio Inca. Los caribeños – medio Colombia, Venezuela, Cuba, República Dominicana y digamos que Puerto Rico. Centroamérica – Panamá, Costa Rica, Nicaragua, El Salvador Honduras, Guatemala – México y Paraguay que es una anomalía en medio del Sur.</p>

Fuente: Elaboración propia.

3. Lugares de enunciación

Ahora bien, proponer la necesidad de marcos de enunciación no busca ser una imposición o un único camino, de hecho, está en sintonía con el pluralismo metodológico y la diversidad cultural existente en lo que hoy conocemos como Latinoamérica, en las formas de enunciar la región en la posibilidad de cartografiarla y con ello recuperar, conocer e identificar no sólo los sujetos y comunidades, sino las diversas formas, lenguajes y textualidades articuladas con el lenguaje, la memoria y la información. Esto puede posibilitar el desarrollo de conocimiento con-sentido y singular.

Al respecto, Doreen Massey (2007) en su charla *Geometrías del poder y la conceptualización del espacio* propone que, en relación con el espacio, y lo que para este artículo hemos considerado lugares de enunciación, hay cuatro elementos a considerar:

- Estos lugares de enunciación son abiertos a la política, lo que implica que la generación de conocimiento no es neutral, y que por supuesto hablar de América Latina, Indoamérica o Abya-Yala devela de entrada formas otras de conocimiento y saberes en relación con el epistemicidio producido en la región, los procesos de colonialidad del ser y el saber. Por ello es fundamental situarse no sólo epistemológicamente en la producción de conocimiento, sino también territorialmente para develar el *locus* de enunciación en el que se conceptualiza, aplica o experimenta la existencia misma como un conocimiento con escala, métrica y configuración.

- Los lugares de enunciación implican poder social, de hecho, en la bibliotecología y la CI, este ha estado históricamente situado en la escuela anglosajona representada por Margareth Egan (1978) y Jesse Shera (1976 y 1990), aun cuando existen otras como la soviética que no han sido priorizadas. No se trata solamente de propuestas teóricas ubicadas geográficamente, implican construcciones sociales vinculadas al espacio, y en términos de poder social han emergido con los poderes hegemónicos. Ahora, este ejercicio busca que los lugares de enunciación se descentren de los centros de producción de conocimiento históricamente dominantes nombrando y explicitando formas otras de construir el espacio vinculadas con saberes situados, prácticas, sujetos y experiencias diversas.
- El poder social se materializa en la relación entre una cosa y otra, lo que da lugar para este caso en formas particulares de configuración de la bibliotecología y la CI, que, puestos en el plano de lo práctico y estratégico, universalizan formas de comunicación y circulación social de la información independientes de los lugares de enunciación.
- Empero como el poder tiene una geografía, se hace necesario mapear en los lugares de enunciación las formas relacionales de las mismas que aporten a la reducción de las brechas cognitivas, culturales e informacionales, para lo cual es imperativo reconocer que hoy día los sujetos y comunidades responden a territorios y espacialidades no geográficas, ni universales, pero sí revestidas de un efecto de recurrencia que alude a veces a la globalidad y al flujo de las posibilidades de la comunicación que la era digital ha permitido.

Estos lugares de enunciación podrían eventualmente posibilitar a través de la mediación de información y comunicación generar acciones intencionadas para informar, bajo ideales democráticos a sujetos y comunidades. Pirela Morillo (2021), al respecto plantea el concepto de la info-comunicación:

(...) La noción de info-comunicación pudiese parecer tautológica porque ciertamente no es posible plantear la comunicación sin la información; sin embargo, no toda información llega a comunicarse porque se pueden crear contenidos informativos que no llegan a ser comunicados. En sí misma, la información no es comunicación, a pesar de que esta última existe gracias a la información. Reconociendo la visión de la información como producto cognitivo; es decir, como resultado de integrar datos y darles sentido; y también destacando la idea de que la comunicación es un proceso que plantea bidireccionalidad a partir de acciones de mediación y reconocimiento de emisores y receptores como interlocutores activos, entonces parece que el concepto de info-comunicación hace alusión a la producción informativa (su intencionalidad, naturaleza y estructura) y, al mismo tiempo, a la comunicación que ha estado inundando, tal vez como nunca antes, la totalidad de los escenarios humanos y sociales (PIRELA MORILLO, 2021:82).

El reto fundamental al respecto es preguntarse qué formas de comunicar para qué espacio, qué lenguas, lenguajes, textualidades requieren los espacios para informar, cómo comunicar según el espacio, esto con la intención de promover contenidos significativos y

con esto asegurar el incremento de los niveles de intervención y propuesta de opciones diversas para consolidar alternativas que impulsen el desarrollo y uso productivo, constructivo y efectivo de la información en todos los ámbitos y sectores que configuran lo social (PIRELA MORILLO, 2021:84). Así, la info-comunicación situada puede convertirse en una táctica que aporte a la configuración social del espacio en relación con las singularidades de este.

4. Algunas experiencias de infocomunicación situadas

A continuación, se presentan algunas experiencias consideradas en el marco de la info-comunicación, las cuales de manera abierta y explícita declaran sus lugares de enunciación y en este orden de ideas se genera producción de contenidos e información singular.

Tabla 5 - Experiencias comunicacionales

Nombre	País - Región	Lugares de enunciación
Red de futuros indígenas	Centroamérica	Milpamérica
Bibliotecas A La Calle	Colombia	Latinoamérica, Abya-Yala
Revista Hekatombe	Colombia	Latinoamérica
Aprender 3C	Argentina	Latinoamérica
Quilombo intelectual	Brasil	América Ladina

Fuente: Elaboración propia.

Red de futuros indígenas. Futuros Indígenas es una red de resistencias narrativas. En tiempos de crisis climática sembramos historias y acciones en defensa de nuestros territorios – cuerpos – espíritus. Los principales recursos que usa para la difusión de información están situados en la gráfica y el podcast, recurriendo en ambos casos a declaraciones y manifiestos.

Fig. 1 - Milpamérica resiste



Fuente: Red de Futuros indígenas

Su lugar de enunciación corresponde a Milpamérica, la cual es la primera parte de su declaración *Milpamérica resiste*:

(...) Somos Milpamérica, un territorio que existe mucho antes que las fronteras. Aquí vivimos las personas del maíz de todos los colores, del ayote, del izote y el frijol, del tomate, el chile, el loroco, el chipilín, el pataxte, el cacao, el aguacate, el amaranto, los zapotes, las anonas, jocotes, nances, quelites, yuca y miel; somos los territorios más biodiversos de esta región del planeta. Somos una historia de 500 años de resistencia frente al despojo. Nuestras abuelas fueron violadas por la colonización, nuestros abuelos fueron esclavizados por el racismo. Nos duelen en cada célula del cuerpo – territorio – espíritu los trenes que atropellan las selvas, mineras que parten los cerros, las petroleras que incendian el mar, hidroeléctricas que apresan los ríos, los corredores interoceánicos que abren grietas en la península, eólicas que dejan estéril la tierra, monocultivos que taladran bosques, megaproyectos que secan los lagos, ciudades que devoran pueblos enteros, religiones que satanizan nuestra espiritualidad, fronteras que cercenan la tierra con alambres de púas, Estados Nación que erradican la diversidad, corporaciones que nos exterminan, militares y paramilitares que invaden el territorio. Este, nuestro dolor, es la última advertencia.

Así, en todos sus productos comunicacionales hay una intención declarada en la resistencia ancestral, el cuidado de la madre tierra y la preocupación y trabajo por asuntos de orden global como el cambio climático (al que también nombran terricidio), las violencias sistemáticas y la necesidad de soluciones vivas. En este trabajo, además de un claro lugar de enunciación, es evidente que los procesos de info-comunicación buscan no solo generar conciencia en las comunidades sino también generar procesos de empoderamiento y resistencia de estas.

Bibliotecas A La Calle. Planten Duque Cardona, Mazón Zuleta, Acevedo Echeverri, Agudelo Muñoz, Velásquez Yepes & Monsalve Carvajal (2023) en el artículo *Bibliotecas A La Calle: un camino en espiral*, que este es un colectivo social compuesto en su mayoría por usuarios de bibliotecas, bibliotecarios, estudiantes y bibliotecólogos de diversos lugares de Colombia, quienes buscan que la cultura, la educación la información como acciones afirmativas, aporten al permanente desarrollo social y comunitario, a la disminución de las brechas de desigualdad social, generar ambientes de paz y una educación de calidad. Para tal fin en la producción de contenidos comunicacionales desarrollan un ejercicio en perspectiva de gráfica, especialmente fanzines y contenido audiovisual. Su lugar de enunciación es Latinoamérica.

Fig. 2 - Publicaciones de Facebook



Fuente: Bibliotecas A La Calle

Revista Hekatombe. Se define como: un medio de comunicación contra-informativo. Nuestra línea editorial es de Izquierdas y no creemos que exista la información neutral. Propondemos por la democratización de la información y la libertad de opinión a partir de la puesta en común de distintas perspectivas críticas, que cuestionen y satiricen los sentidos comunes hegemónicos. Nos constituimos como críticos mordaces de las posiciones políticas tradicionales que desde una u otra postura reproduzcan los vicios político-culturales que perpetúan un statu quo corrupto y desigual. Defendemos un periodismo de fronteras borrosas, esto es: un periodismo alternativo que desborda los cánones establecidos para entrar en diálogo con la pedagogía crítica, las ciencias sociales y el espíritu fanzinerero del “¡hazlo tú mismo!”. En el segundo semestre del año 2015 *Revista Hekatombe* “Renace”, al contar con un equipo de trabajo renovado: nuevos integrantes, nueva imagen y nuevos contenidos. En sus propuestas comunicacionales encontramos un *locus* de enunciación declarado en relación con la contracultura y especialmente con procesos informativos vinculados con la justicia social a través de diversas líneas editoriales:

- Opinión: un espacio abierto porque hay mucho que decir
- Contexto: información con contexto para tenerla clara
- Feminishka: ideas y opiniones de mujeres para el mundo
- Demokracia: un espacio para el poder de la ciudadanía y la democracia real
- Aprendiendo cositas: El mundo no es ni blanco ni negro, por eso para entenderlo mejor es necesario aprender cositas.

Al igual que la Red de Futuros Indígenas sus procesos comunicacionales tienen un fuerte énfasis en la gráfica

Fig. 3 - Publicaciones de Instagram *Revista Hekatombe*



Fuente: Instagram *Revista Hekatombe*

Quilombo intelectual. Es un proyecto social creado para divulgar información étnico-racial científica (tesis, artículos, monografías, entre otras) gestionada y creada por la Dra. Franciéle Carneiro Garcês da Silva², que tiene como lema: informar para liberar, retoma la idea de Quilombo, el cual está asociado a territorios libres, los cuales eran lugares donde las personas que huían o eran libertas del sistema esclavista, convivían con personas indígenas. Eran espacios autogestionados social, política y económicamente, donde resistieron y construyeron comunidades. Este es un concepto vinculado con la resistencia cultural negra (NASCIMENTO, 1985). De hecho, hoy día es la forma de nombrar en Brasil, corresponde a las comunidades formadas mayoritariamente por personas que descienden de personas africanas que fueron esclavizadas. En tanto hay un claro *locus* de enunciación en sus propuestas, vinculado con la justicia social y lo étnico racial, particularmente en relación con poblaciones racializadas como pueblos negros e indígenas. Debido a ello se presupone que su lugar de enunciación implica América Latina, Abya-Yala y Latinoamérica. Divulga y difunde contenidos con contenido académico y social como libros, ensayos, tesis, entre otras. Esta experiencia ha sido estudiada y documentada en el contexto disciplinar de la CI por autores como Garcês da Silva y Fideles (2021), Rufino Fevrier *et al.* (2022) y Silva, Garcez y Almeida (2003).

Fig. 4 - Publicaciones de Instagram *Quilombo intelectual*



Fuente: Instagram Quilombo intelectual.

² Profesora colaboradora del Programa de Posgrado en Gestión de la Información, en la Universidad del Estado de Santa Catarina (PPGInfo/UDESC). Doctora en Ciencia de la Información por el Programa de Pos-Graduación en Ciencia de la Información de la Universidad Federal de Minas Gerais. Es creadora y gerente del proyecto social *Quilombo Intelectual*, coordinadora del sello editorial Nyota. Coordina el Grupo de Trabajo Relaciones Étnico-Raciales y Decolonialidades, vinculado a FEBAB. Compone el cuadro de integrantes del Grupo de Investigación *Ecce Liber: Filosofia, linguagem e organização dos saberes* como miembro del *Satélites em Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S².sat)*

Aprender 3C. Es un proyecto vinculado al mundo de las ciencias de la información, gestionado por Fernando Ariel López³, Fernando Gabriel Gutiérrez⁴ y Cristian Maturana⁵, que busca colaborar en la formación de competencias transversales e innovadoras que apoyen su desarrollo académico y profesional, al mismo tiempo que genera un espacio alternativo de encuentro e intercambio de experiencias entre colegas de toda la región. Este se ha constituido como una comunidad de aprendizaje con un énfasis en la producción de conocimiento disciplinar en perspectiva latinoamericana que ha producido más de 170 *webinars* gratuitos. Entre sus especialidades se destaca: Formación y actualización profesional, Investigación & Desarrollo, *Networking*, *E-learning*, Comunidad de Bibliotecología y Ciencias de la Información, TICS, Tecnología Social, Alfabetización Informacional y Digital, Acceso Abierto y Recursos Educativos Abierto.

Fig. 5 - Publicaciones de Facebook Aprender 3C



Fuente: Facebook Aprender 3C

³ Licenciado en Bibliotecología y Ciencias de la Información con orientación en Tecnología de la Información (Universidad de Buenos Aires). Cursando la Maestría en Bibliotecas y Servicios de Información Digital (Universidad Carlos III de Madrid). Actualmente, dirige la Biblioteca (UMET), es investigador (IIGG-UBA), docente de maestría UNA-POL (Paraguay) y docente (GCBA, CABA) y autor (InfoTecarios). Además, integra el Comité Expertos del Sistema Nacional de Repositorios Digitales (MINCYT, Argentina), CoLaBoRa, RECIARIA (red de redes de información argentinas).

⁴ Licenciado en Comunicación Social (Universidad de Buenos Aires), especialista y diplomado en Educación y Nuevas Tecnologías (FLACSO), máster en Redes Sociales (UNED), bibliotecólogo (Instituto Mignone) y bibliotecario de Instituciones Educativas (Instituto "Ciudad de Mercedes"). Actualmente es bibliotecario de la Universidad Nacional de Luján, docente en las carreras de Técnico en Bibliotecología y Relaciones Públicas del Instituto Mignone, y docente de escuelas secundarias de la zona de Luján.

⁵ Bibliotecario Documentalista (Universidad Tecnológica Metropolitana). Coordinador de Innovación y Tecnología en la Biblioteca de Santiago de Chile. Fue docente en la Universidad Tecnológica Metropolitana, Universidad Alberto Hurtado y otros Centros de Educación Técnico- Profesional. Es docente del Centro de Formación Técnica ENAC. Ha participado en distintos proyectos en la región vinculados a la Cultura Libre: *SocialBiblio*, *SoftwareLibreChile*, *Aprender3c*, *Infoconexión*, *Infotecarios*, *InnovaLibre*. Hoy se dedica al trabajo colaborativo en torno a la transformación inteligente y la inteligencia artificial aplicada a la gestión de información.

Es así como a través de procesos formativos y comunicacionales buscan además de ampliar la comunidad de aprendizaje aportar en la configuración de una sociedad informada a través de la disminución de brechas informacionales. Sus procesos comunicacionales tienen un fuerte énfasis en lo audiovisual y un lugar de enunciación situado en Latinoamérica.

Estas experiencias situadas, en términos comunicacionales dan cuenta de los desafíos disciplinares y profesionales de la bibliotecología y la CI, los cuales no sólo aluden al informar sino también al formar. En todas ellas se destaca “una perspectiva transdisciplinar que subyace en la concepción y diseño de las estrategias, en las cuales la información, la comunicación y la educación se integran para generar acciones que puedan fortalecer habilidades de alfabetización informacional, cognitiva y mediática para hacerle frente al problema de la desinformación” (PIRELA MORILLO, 2021:92). Y para ello será fundamental develar a través de las geometrías de poder los lugares de enunciación con el fin de desarrollar estrategias significativas de acuerdo con el contexto. Y así mismo generar conocimiento situado.

5. A modo de conclusión

La propuesta de marcos de enunciación como posibilidad del desarrollo de conocimiento situado no es imperativa, al contrario, es una posibilidad de interpelar la forma en la que la ciencia ha desarrollado conocimiento científico y ha materializado sus prácticas y estrategias. Ahora bien, para la bibliotecología y la CI se constituye como una parte fundamental de la propuesta epistemológica *Bibliotecas desde Abya-Yala*, enmarcada en un paradigma intercultural que propende por el desarrollo de una ciencia social y epistémicamente justa, y sobre todo que promueva condiciones dignas para la configuración de sociedades democráticas.

Los lugares de enunciación propuestos son sólo algunas de las maneras de comprender el territorio, que hoy conocemos como Latinoamérica, en términos de configuraciones espaciales, sin embargo, queda abierta la posibilidad no sólo a la inclusión de otras, sino al debate respecto a las mismas.

Es importante anotar que estas formas de nombrar en su génesis están vinculadas, en general, a comunidades y grupos asociados a categorías étnico-raciales, por supuesto en relación con lo que significa la región y sus primeros pobladores, empero hoy día la comprensión y configuración de estas formas de nombrar la región trasgrede esta dimensión. Si bien se remite a ella, da cuenta de los procesos de mestizaje que como sociedades hemos vivido, insistiendo en las posibilidades que nos unen como región y no en las que nos distancian como Estados Nacionales.

Retomando las palabras de la maestra Silvia Rivera Cusicanqui (2018) alrededor de lo *ch'ixi* e, con lo cual se refiere a

(...) el esfuerzo por superar el historicismo y los binarismos de la ciencia social hegemónica, echando mano de conceptos-metáfora que a la vez describen e interpretan las complejas mediaciones y la heterogénea construcción de nuestras sociedades (RIVERA CUSICANQUI, 2018:17).

De esto se tratan los marcos de enunciación. Ahora, respecto a las discrepancias que pueden existir en sentirnos identificados como parte de territorios nombrados como: Abya-Yala, América Ladina, Indoamérica, Ñamérica, Milpamérica, es importante anotar que en ningún caso se pretende la imposición de un discurso indigenista o africano, empero si se declara en primer lugar la necesidad de visibilizar que la configuración de la ciencia moderna invisibilizó el saber y conocimiento ancestral de los pueblos originarios de la región, en tanto hoy es imperativo un ejercicio de justicia social que nos permita dialogar y constelar colaborativamente con todos los pueblos, comunidades y sujetos históricamente vulnerados. La construcción y desarrollo de la ciencia no debe hacerse al margen de estos si creemos que la misma responde a funciones sociales, es la insistencia de porqué y para qué.

Y, en segundo lugar, no se trata de que el nombrar lugares de enunciación nos implique reconocernos como negros o indígenas, aunque en muchos casos puede ocurrir, pues el mestizaje es uno de los principales rasgos del saqueo cultural de la región. Y al respecto los marcos de enunciación propuestos son solo una posibilidad a lo *ch'ixi e* que nos interpela e invita

(...) a reflexionar acerca de las realidades y coyunturas latinoamericanas. Tal como lo plantea Silvia Rivera Cusicanqui lo *ch'ixi* “literalmente se refiere al gris jaspeado, formado a partir de infinidad de puntos negros y blancos que se unifican para la percepción, pero permanecen puros, separados”, y le sirve para “admitir la permanente lucha en nuestra subjetividad entre lo indio y lo europeo.

Referências bibliográficas

BARBER, Kattalin

2019 Silvia Rivera Cusicanqui: tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano. *El Salto*. [En línea]. 17 (2019). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena>.

BRONCANO, Fernando

2020 *Conocimiento expropiado: epistemología política en una democracia radical*. España: Ediciones Akal, 2020.

CAPARRÓS, Martín

2021 *Ñamérica*. Madrid: Random House, 2021.

CARRERA, Beatriz; RUIZ, Zara

2016 *AbyaYala Wawgeykuna: artes, saberes y vivencias de indígenas americanos*. [En línea]. México: Acer-VOS, Patrimonio Cultural Iberoamericano, 2016. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://crespial.org/wp-content/uploads/2019/09/Abya-Yala-Wawgeykuna-Artes-saberes-y-vivencias-de-indigenas-americanos.pdf>.

COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma

2020 *Intersectionality*. [EUA]: John Wiley & Sons, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé Williams

2017 Race, reform, and retrenchment: transformation and legitimation in antidiscrimination law. En *Law and social movements*. [USA]: Routledge, 2017.

DE CERTEAU, Michel

1999 *La Cultura en plural*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.

DE CERTEAU, Michel; JAMESON, Frederic; LOVITT, Carl

1980 On the oppositional practices of everyday life. *Social text*. 3 (1980) 3-43.

DE LA TORRE HAYA, Victor Raúl

2008 *Indoamérica*. [En línea]. México: Comisión del Centenario del Nacimiento de Víctor Raúl Haya de la Torre, 2008. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: http://www.pueblocontinente.com/libros/obrasescogidas_tomo1.pdf.

DUQUE CARDONA, Natalia

2022 Una Mirada amefricana a la bibliotecología y la CI: fundamentación desde el Sur. *Revista EDICIC*. [En línea]. 2:1 (2022). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://ojs.edicic.org/index.php/revistaedicic/article/view/187>.

DUQUE CARDONA, Natalia

2020 *¿Ciencia de la información para qué y para quién?: Aproximación a los paradigmas de la Ciencia de la Información en el contexto universitario*. [En línea]. Florianópolis: Selo Nyota, 2020. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://bit.ly/3RP652k>.

DUQUE CARDONA, Natalia

2019 *La Incidencia de la biblioteca en la reducción de las desigualdades sociales: el caso del Sistema de Bibliotecas Públicas de la ciudad de Medellín a partir del Acuerdo 079 de 2010*. Medellín, 2019.
Tesis Doctoral en Ciencias Humanas y Sociales - Universidad Nacional de Colombia.

DUQUE CARDONA, Natalia; RESTREPO FERNÁNDEZ, María Camila

2021 Bibliotecología para América Latina y el Caribe: propuesta teórica y filosófica para la discusión. *Liinc em Revista*. [En línea]. 17:2 (2021). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5727>.

DUQUE CARDONA, Natalia [et al.]

2023 Bibliotecas A La Calle, un camino en espiral. *Anuario Basta Biblioclastia*. [En línea]. 1:1 (2023) 88–109. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/abb/article/view/40064>.

EGAN, Margareth

1978 *The Library and social structure*. London: Clive Bingley, 1978.

FEYERABEND, Paul

2017 *Tratado contra el método*. Madrid: Tecnos, 2017.

FRASER, Nancy

2012 *Escalas de justicia*. [España]: Herder Editorial, 2012.

FRASER, Nancy

2000 ¿De la redistribución al reconocimiento?: Dilemas de la justicia en la era postsocialista. *New left review*. (2000) 126-155.

GONZÁLEZ, Lélia, CABANZO CHAPARRO, María Pilar; DANIEL, Camila
2021 La Categoría político-cultural de amefricanidad. *Conexión*. [En línea]. 10:15 (2021) 133-144. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en:
<https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/conexion/article/view/24056>.

HARAWAY, Donna
1995 *Ciencia, cyborgs y mujeres: la reinención de la naturaleza*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.
1ª ed.: London: Free Association Books, 1991.

LECKIE, Gloria. J.; GIVEN, Lisa. M.; BUSCHMAN, John E.
2010 *Critical theory for library and information science: exploring the social from across the disciplines*. [USA]: Bloomsbury Academic, 2010.

LEFÈBVRE, Henri
2000 *La Production de l'espace*. Madrid: Anthropos, 2000.

LÓPEZ, Fernando-Ariel; GUTIÉRREZ, Fernando-Gabriel; MATURANA, Cristian
2014 Aprender 3C la comunidad de conocimiento colaborativo: una oportunidad de formación permanente para profesionales de la información. *De bibliotecas y bibliotecarios: boletín electrónico ABGRA*. [En línea]. 6:2 (2014). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://www.aacademica.org/fernando.ariel.lopez/17.pdf>.

MASSEY, Doreen
2007 *World city*. UK: Polity Press, 2007.

MASSEY, Doreen
2005 *For space*. London: Sage Publications, 2005.

MASSEY, Doreen
1999 Philosophy and politics of spatiality: some considerations: the Hettner-Lecture in Human Geography. *Geographische Zeitschrift*. 87:1 (1999) 1-12.

NASCIMENTO, Beatriz
1985 O Conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *Revista Afrodiáspora*. [En línea]. 3:6/7 (1985) 41-49. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20oculturl%20negra.pdf.

NUSSBAUM, Marta
2012 *Crear capacidades*. Barcelona: Paidós, 2012.

PIRELA MORILLO, Johan
2021 *Info-comunicación educativa para contrarrestar la desinformación*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2021.

RED FUTUROS INDÍGENAS
2023 *Declaración: Milpámerica resiste*. [En línea], (2023). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://futurosindigenas.org/milpamerica/>.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel
2005 *Bases teóricas y filosóficas de la bibliotecología*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia

2018 *Un Mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Marisol

2013 Doreen Massey y la creación de conceptos como lugares: un punto de encuentro entre trayectorias diversas. *Biblio 3W: revista bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. 18:14 (2013). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7373278>.

RUFINO FEVRIER, Priscila [et al.]

2022 Direitos humanos, informação e racismo: uma análise do perfil do Instagram do Quilombo Intelectual. In XXII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22º, PORTO ALEBRE, 2022 – *Anais*. [En línea]. (2022). [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/viewFile/961/766>.

SHERA, Jese

1990 *Fundamentos de la educación bibliotecológica*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.
Traducido al español de: *The Foundations of Education for Librarianship*, por P. Sánchez Macgregor.

SHERA, Jese

1976 *The Library and society: introduction to library science: basic elements of library service*. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1976.

SILVA, Francièle Carneiro Garcês da; FIDELES, Lindiwe Sophia

2021 Quilombo Intelectual, informação étnico-racial científica e a valorização intelectual da população negra. *Informação@Profissões*. [En línea]. 10:3 (2021) 34-50. [Consult. 3 ene. 2024]. Disponible en: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/44859>.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcez da; GARCEZ, Dirnele; ALMEIDA, B.

2003 Quilombo Intelectual e a promoção da autoria e protagonismos negros: a experiência do Momento Griôt com pessoas bibliotecárias negras. *Bibliotecári@s negr@s: pesquisas e experiências de aplicação da Lei*, 10, 381-403.

RECESSÃO DEMOCRÁTICA À BRASILEIRA: a Lei de Acesso à Informação (LAI) entre 2019 e 2022

BRAZILIAN-STYLE DEMOCRATIC RECESSION: Brazil's Law on Access to Information between 2019 and 2022

Rodrigo Fortes de Ávila

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag2024a10>

Resumo: A partir da noção de recessão democrática, este texto instaura um debate sobre a Lei de Acesso à Informação (LAI) no Brasil entre 2019 e 2022. Sua natureza exploratória, qualitativa e reflexiva ativa o entendimento de que o registro arquivístico instrumentaliza procedimentos operacionais, reconstituindo os elos orgânicos de seu contexto de surgimento, e viabilizando-o como evidência das atividades institucionais. Dessa maneira, a *accountability* é mobilizada como essencial à democracia, sendo que a gestão informacional pode orientar tanto a prestação de contas quanto a responsabilização das condutas ilícitas. O viés autoritário da recessão democrática, no entanto, desvigorou o acesso informativo, instrumentaliza a institucionalidade, desarticula o sistema de pesos/contrapesos da democracia e desarmoniza seus poderes constitucionais. A dinâmica desse corrompimento articulou: (a) o aumento das negativas de acesso e das respostas evasivas; (b) a utilização desmesurada da Lei Geral de Proteção de Dados para intensificar o “secretismo”; (c) a ampliação dos agentes públicos que podem atribuir sigilo às informações, sem consulta prévia; (d) a dificuldade de condenar as condutas ilícitas; (e) a cooptação política dos órgãos fiscalizadores, e; (f) o desafio de se definir “interesse público” para fortalecer a transparência ativa. Esses pontos demonstram a necessidade de vigilância permanente dos mecanismos de direito de acesso à informação.

Palavras-chave: Acesso à informação; Informação arquivística; Lei 12.527/2011; Recessão democrática.

Abstract: Based on the notion of democratic recession, this text institutes a discussion about the Access to Information Law (AIL) in Brazil between 2019 and 2022. The exploratory, qualitative and reflective nature of this text activates the understanding that the archival record instrumentalizes operational procedures, reconstituting the organic links of its context of emergence, making it viable as evidence of institutional activities. In this way, accountability is mobilized as essential to democracy, and information management can guide both transparency and accountability for illicit conduct. The dynamics of this corruption articulated: (a) the increase in denials of access to information and evasive responses; (b) the excessive use of the Brazilian General Data Protection Law to intensify “secrecy”; (c) the expansion of public agents who can attribute confidentiality to information without a previous consultation; (d) the difficulty of condemning illegal conduct; (e) the political co-optation of supervisory bodies, and; (f) the challenge of defining “public interest” to strengthen active transparency. These points demonstrate the need for permanent surveillance of the mechanisms for the right of access to information.

Keywords: Access to information; Archival information; Law 12.527/2011; Democratic recession.

Introdução

A partir da segunda metade do século XX, o direito de acesso à informação se consolida na América Latina (MENDEL, 2009). Esse momento intensifica a produção dessas normativas, orientadas pela *Lei Modelo Interamericana de Acesso à Informação Pública*, elaborada pela Organização dos Estados Americanos - OEA. A proliferação dessas

regulamentações ativou o direito à informação como direito humano. A partir dos anos 1980, esse movimento coloca tanto a democratização dos acervos arquivísticos quanto a proteção da privacidade, além da liberdade de expressão, como pontos renovadores dos processos políticos desses países (CASARETO e RUBIO, 2023).

Na realidade brasileira, a LAI sugere uma medida de correção aos problemas de opacidade da agenda governamental. Não por acaso, os vinte e um anos de ditadura militar suscitaram novas maneiras de participação social e práticas de transparência à democracia emergente. Nessa trajetória, o direito à informação se converteu em obrigação legal. A partir dele, cidadãos e cidadãs acessam as maneiras de condução das administrações públicas¹, tendo como referência dois pilares essenciais. O primeiro permite a qualquer pessoa física ou jurídica requerer dados sem expor justificativa. O segundo indica que as informações fiquem disponíveis à consulta, independente de solicitação. Este último demarca a transparência ativa, apresentando a divulgação voluntária das informações a partir de um “giro conceitual” inédito: o segredo vira exceção e não mais a regra.

Para garantir esse “deslocamento”, o Estado necessita tratar suas informações a fim de disseminar as ações organizacionais (CASARETO e RUBIO, 2023). Foi com esse intuito que o Brasil, em um período de vinte anos, aprovou as Leis 8.159/1991 e 12.527/2011, duas normativas instituintes da formalidade de acesso aos documentos públicos ostensivos e sigilosos². Considerada o maior empreendimento para melhoria da qualidade das instituições governamentais, a segunda diretriz é a principal garantia de acesso à informação no país. Também é uma ferramenta indispensável na luta contra os resquícios autoritários do Estado brasileiro (BERNARDI *et al.*, 2022). Embalada pela “euforia” internacional, sua materialização reflete a preocupação com a regulação do acesso, já respaldado pela Constituição Federal de 1988. Mesmo assim ela inova ao estabelecer “[...] mecanismos de administração desses dispositivos constitucionais, descendo a detalhes no caso da administração pública federal” (ABRAMO, 2012:10).

A despeito de sua contribuição à solidez institucional, “lubrificando as engrenagens” democráticas, percebe-se, contudo, ameaças às liberdades informativas. Este trabalho avalia ser fundamental entender quais foram as estratégias utilizadas para mitigar os efeitos da Lei 12.527/2011. Diante dessa inquietação, esta reflexão busca investigar as adversidades enfrentadas ao seu funcionamento entre 2019 e 2022, ponderando criticamente sobre o acesso à informação na recessão democrática. Sendo assim, questiona como essa dita recessão fragilizou o direito de acesso nesse período. Para isso, articula três partes. A primeira discutirá o “caráter reflexivo” dos conjuntos arquivísticos e a inspeção das instituições. Tal particularidade abordará a *accountability*. A segunda apresentará a recessão democrática como estímulo às ameaças ao direito de acesso à informação. A terceira e última discutirá as recentes tentativas para se deslegitimar as medidas oferecidas pela LAI. Quanto ao aspecto metodológico, seu perfil crítico, reflexivo, exploratório e qualitativo realizará uma revisão de literatura entrecruzando as perspectivas arquivística,

¹ O Art. 7º da LAI, alíneas a) e b), compreende os direitos de acessar: a) o acompanhamento e resultados dos programas, projetos e ações dos órgãos e entidades públicas, bem como metas e indicadores propostos; b) o resultado de inspeções, auditorias, prestações e tomadas de contas realizadas pelos órgãos de controle interno e externo, incluindo prestações de contas relativas aos exercícios anteriores.

² Acompanha esse movimento a criação do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), órgão vinculado ao Arquivo Nacional (AN), cuja missão envolve a coordenação do Sistema Nacional de Arquivos (SINAR).

política e jurídica. Além dessas análises, utilizará as seguintes fontes: Dados da Organização Não Governamental (ONG) Transparência Brasil, a *Lei Geral de Proteção de Dados* (LGPD) - 13.709/2018, o *Decreto Presidencial* 9.690/2019, a *Lei de Improbidade Administrativa* (LIA) - 14230/2021, a *Ley Modelo Interamericana 2.0 sobre acceso a la Información Pública* da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o *Relatório sobre a implementação da Lei 12.527*, publicado pela Controladoria-Geral da União (CGU) em 2021.

Arquivos e democracia

A trajetória da democracia, embora sujeita a incessantes bravatas, envolve o controle do autoritarismo pela restrição aos abusos de poder, exigindo o aprimoramento dos instrumentos de combate à corrupção (BOBBIO, 2011). Esses pensamentos encerram a remoção de privilégios para ampliar a capacidade interventora da sociedade sobre a vida pública. Para que isso ocorra, o sistema democrático não pode prescindir de sua tríade primordial: *accountability*, transparência e participação social. Ao permitir o controle das ações governamentais, calcados na comunicação entre os governantes e a sociedade civil, esses fatores tornam as políticas públicas de informação preponderantes à soberania popular. Entretanto, se a democracia é o subsídio à liberdade de determinação da participação dos povos, sua noção não pode ser tomada como “consolidada”. O recomendável é entendê-la em sua provisória incompletude (ZIBLATT, 2018; DIAMOND, 2016).

É essa “incerteza existencial” sobre o funcionamento democrático que demarca esta reflexão. Isso porque esse caráter inacabado da democracia permite analisar os registros arquivísticos como elementos “naturais”, condizentes às funções e/ou atividades, cuja existência prossegue após finalizados seus atos constitutivos (YEO, 2007). Nessa ideia, sua produção corresponde a um aspecto objetivo: a qualidade evidencial como desdobramento de suas circunstâncias de gênese. Esse olhar consubstancia a capacidade de condução dos processos de decisão e/ou ainda a possibilidade de substituir as atividades que constituem a rotina das entidades acumuladoras do acervo. Nesses dois caminhos, esse objeto reforça seu vínculo com as transações comunicadas. Naturalmente, se esses indícios viabilizam os procedimentos operacionais, eles se apresentam como “certidões de nascimento” da natureza do fato. Tal atributo ilustra seus modos de surgimento para reconstituir os elos orgânicos de suas referências causais expressando

[...] o desejo de deixar um rastro, um testemunho, tanto para si como para o outro; a necessidade de afirmar ou defender a sua autoridade, o seu direito; a vontade ou esperança de concluir uma transação e obter um benefício econômico ou moral; a necessidade de documentar um objeto ou tarefa cuja complexidade requer ajuda externa; e às vezes, os propósitos se sobrepõem (LÓPEZ GÓMEZ e GALEGO DOMÍNGUEZ, 2007:75, *tradução nossa*).

Todos esses anseios de produção retomam particularidades que exemplificam as especificidades temporais de um registro arquivístico (CAMARGO, 2009). Na primeira sua gênese corresponde ao propósito instrumental de regulação das etapas de uma ação juridicamente formalizada. Na segunda, esse mesmo registro é apresentado como um produto dessa mesma ação. A última etapa envolve sua capacidade de reconstruir as

escolhas passadas. Esses três momentos (controle, produção e reflexo) elucidam o processo de determinada transação. Sendo assim, não seria demais afirmar que essa “natureza instrumental” tenha uma relação “umbilical” com a estrutura de funcionamento de quem produziu a informação. A professora Ana Camargo elucida bem esse caráter com as palavras “ação da qual se originou” (CAMARGO, 2009: 424). Esse “ato” não é outra coisa senão a consequência de um processo formal, regulado por procedimentos padrões. Tudo isso indica que a compreensão do contexto de condução dos processos de negócio viabiliza tal registro como evidência da atividade que o produziu (EASTWOOD, 2010; DURANTI, 1989)³.

Há um “salto” interessante aqui: explorar como o “caráter reflexivo” desses acervos possibilita fiscalizar e responsabilizar os tomadores de decisão. Se certa espontaneidade “traíçoira” recai sobre eles, pode-se brincar com a sutileza das palavras e dizer que a informação produzida se torna, ironicamente, reflexo de sua própria produção. Como “espelhos de seu próprio espelho”, esses conjuntos documentais mobilizam as noções de transparência e *accountability*⁴, que estão no cerne das preocupações atuais. Em termos mais simples: se a transparência é essencial à democracia, tais indícios permitem analisar as eficácias administrativa e financeira das instituições. Possibilitam ainda acessar as evidências autênticas das decisões, assim como reconstruir as escolhas das gestões passadas. Com o olhar para o futuro, também asseguram o estabelecimento dos direitos e deveres sociais. Desse modo, as perspectivas de presente e futuro se ajustam ao paradigma atual: vinculada à justiça social, a memória reformula o passado servindo na reconstrução dos direitos humanos, da transparência e da responsabilização institucionais (COOK, 2013).

Nesses termos, a definição de *accountability* é primordial aos serviços arquivísticos. Apesar disso, não parece tarefa simples defini-la, tornando-se muitas vezes um *cliché* “que substitui o pensamento” (BEHN, 2001:1, *tradução nossa*). Outrossim, segundo Kenosi (2012), o conceito investe expectativas para com os serviços públicos ao observar sua capacidade de resposta às demandas sociais. Ao pesquisador, o direito internacional também se utiliza dessa noção atuando diante das transgressões na justiça criminal. Fato é que a sua concepção se enreda às expectativas sobre a transparência organizacional, encerrando três formas de se impedir os abusos de poder (ABRUCIO, 2012): **i**) a obrigação de tornar públicas as atividades organizacionais; **ii**) a necessidade de prestar contas justificando ações; e **iii**) a subordinação de atos ilícitos às sanções. Nessas três maneiras, a *accountability* encerra um processo ou uma condição onde uma parte de determinada “relação” é demandada a apresentar como cumpriu seus deveres regimentais (FLINDERS, 2001). Essa forma de pensar ecoa a responsabilização de uma das partes por suas ações, requerendo explicações. Percebe-se em tais noções a *accountability* como elemento fortificante da arena democrática, “travando” os excessos no exercício do poder público.

³ A ideia clássica da defesa moral da evidência, defendida pelo britânico Hilary Jenkinson (1922), é retomada nesses trabalhos. O primeiro sustenta o objetivo central da função arquivística: ser servidora da evidência cujo valor probatório antecede os prováveis e futuros valores culturais. Já a pesquisadora italiana relaciona a qualidade da evidência ao curso das atividades do produtor.

⁴ O *Cambridge Advanced Learner's Dictionary* a define como “o fato de alguém ser responsável por coisas que acontecem, sendo capaz de dar razões satisfatórias para elas” (ACCOUNTABILITY, 2018, *tradução nossa*). O *Longman Dictionary* a esboça enquanto relação com a “responsabilidade pelos efeitos das ações e a disposição em explicá-las ou ser criticado por elas” (ACCOUNTABLE, 2018, *tradução nossa*).

Uma vez que o registro arquivístico reflete o desempenho das funções e atividades organizacionais, a fiscalização de suas ações pode subordinar as condutas ilícitas a determinadas sanções legislativas. Naturalmente, se a informação arquivística serve de testemunho das realizações dos produtores, ela dinamiza a noção da *accountability*⁵. Por esse motivo, mantê-la acessível como unidade indivisível de seu contexto produtivo é a garantia da integridade de sua evidência. Em outras palavras, é a análise dessa relação contextual que possibilita sua utilização enquanto tal. Ou seja, essa informação não é evidência em si, mas pode fornecê-la (MEEHAN, 2006).

Nesse sentido, a noção de *accountability* passa a ser primordial por mobilizar o papel instrumental dos conjuntos arquivísticos. Essa concepção permite explicitar aquilo que foi feito, por quais razões e por quem. Como tal instrumentalidade se atrela à sua lógica de produção, condicionando um “espelho” dos procedimentos, ela viabiliza as evidências. Essa capacidade reflexiva reveste-se então da operacionalização do “agora” para originar um agrupamento de resíduos orgânicos ao futuro. Assim, se os conjuntos arquivísticos são “instrumentos nos quais a informação está registrada para que dela se faça uso” (BELLOTTO, 2012:5), sua instrumentalidade credibiliza os regimes democráticos, cujas práticas arquivísticas também podem ser preponderantes à reparação das injustiças sociais (DIRKS, 2005).

Todas as condições apontadas anteriormente potencializam a ideia de que o acesso à informação fortalece a noção cidadã. Basta pensar que a disseminação informativa remodela as formas de aproximação entre os atores sociais ao apontar as decisões da esfera pública. Essa responsabilidade fiscalizadora também envolve arcar pelas consequências de suas próprias ações, chegando-se muitas vezes às vias judiciais. Em termos simples: não há democracia saudável sem direito informativo. Por isso, a noção de *accountability* denota o entendimento do papel instrumental dos conjuntos arquivísticos, uma vez que a suspeição ou insuspeição das democracias também se atrela à disseminação de registros arquivísticos confiáveis. A gestão informacional, por conseguinte, permite subsidiar a prestação de contas, bem como responsabilizar as más condutas dos agentes públicos, contribuindo para que o conceito de *accountability* não seja um “*status* de privilégio” (PARKINSON, 1993:129, *tradução nossa*). Agora é preciso dar um passo adiante para investigar o fenômeno da recessão democrática. Posteriormente, entender como esse cenário debilitou o acesso às informações no Brasil.

A Recessão democrática

O caráter inacabado da democracia, enfatizado anteriormente, perfaz a premência de um arcabouço jurídico para fiscalizar os procedimentos institucionais. Tal sistema instaura a confiabilidade no “contrato tácito” entre os atores sociais. Naturalmente, a possibilidade de exercício pleno desse “acordo coletivo” se condicionada a um cenário cuja circulação de informações oficiais seja confiável. Não por acaso, desde os anos 1960 se revigora a arena pública com dispositivos que garantam a fiscalização das organizações (RODRIGUES,

⁵ Essa ideia defende a *accountability* como fator essencial da gênese documental nos sistemas de gestão ao fortificar o jogo democrático (BEARMAN, 1992). Isso porque a responsabilização institucional deve adotar parâmetros de gestão nas políticas de evidência das transações e dos fluxos informativos.

2012). Entretanto, o cenário atual deflagra as controvérsias da democracia (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018; DIAMOND, 2016; RUNCIMAN, 2018). Nele, a utilização desmesurada dos recursos de desestabilização enfraquece a confiança em seus mecanismos de controle, sendo recorrente o uso de pontos cegos da lei contra a própria democracia. Essa “legalidade forçada” torce os limites de suas normas tácitas, exaurindo a credibilidade das instituições.

O ponto central na perspectiva da recessão democrática é que a corrosão dos regimes democráticos ocorre de “dentro para fora”, sem a necessidade de tanques nas ruas para efetuar um golpe de Estado. Desse modo, a eleição de líderes autoritários pela via democrática revela a sutileza das ferramentas empreendidas para se colocar em risco a própria democracia. Tal “subversão” condicionou certa fragilização das normativas por líderes autoritários – o foco deste texto é a LAI. Essa “implosão interna” é efeito colateral dessa recessão, cuja fragilização viria com as mais nobres intenções democráticas. Em outros termos, os governantes eleitos democraticamente subvertem as instituições aprovando leis que respondam a outras prioridades de poder. Como a existência dessas regras “invisíveis” se torna essencial ao funcionamento democrático, essa quebra de confiança no “acordo tácito” entre os atores impossibilita o manejo da arena democrática. Assim, a fim de ocultar sua faceta autoritária, as democracias são fragilizadas de forma gradativa com processos travestidos de um certo “verniz” de legalidade.

Em síntese, os efeitos da recessão democrática são: **(a)** um fenômeno governamental com vertente autoritária que se utiliza da institucionalidade democrática; **(b)** a desarticulação do sistema de pesos e contrapesos da democracia para intimidar o judiciário; **(c)** a condução de reformas que intensifiquem as prerrogativas autoritárias da gestão; **(d)** o silenciamento de vozes críticas ao governo autocrático; e **(e)** o comprometimento da harmonia entre os poderes executivo, legislativo e judiciário. Esses pontos reiteram que instrumentos legislativos como a LAI são essenciais ao restabelecimento da confiança no processo democrático. Ferramentas como essa ocupam centralidade na transformação do cenário deflagrado pela corrupção. No fundo, mecanismos dessa ordem surgem devido ao desatendimento das necessidades sociais. Se a democracia precisa “entregar mais”, a participação cidadã força estruturas de diálogo com movimentos coletivos que inspecionem o funcionamento das instituições. Por isso, a próxima etapa desta reflexão é analisar os efeitos dessa recessão democrática à brasileira sobre o acesso informativo.

A Lei de Acesso à Informação no Brasil: de 2019 a 2022

Conforme visto, a Lei 12.527/2011 tem centralidade na concretização de um regime de transparência informativa, tornando-se imprescindível tanto aos direitos constitucionais quanto à demarcação dos direitos humanos. Estes últimos reconhecem o direito à verdade como elemento reparador das atrocidades sofridas pelas vítimas do autoritarismo ditatorial brasileiro. Essa conjuntura de reconhecimento da informação como elemento vital à consolidação do Estado Democrático de Direito concebeu a Comissão Nacional da Verdade (CNV)⁶.

⁶ Os litígios sobre a memória ditatorial brasileira ganharam intensidade a partir de 2016. O *impeachment* de Dilma Rousseff dinamizou certo “revisionismo histórico”, uma tentativa de suprimir as violências perpetradas pelo Estado. Schettini (2023) analisa as dificuldades enfrentadas para a construção de um legado sólido da CNV.

No entanto, desde 2019 são observados retrocessos substanciais para efetivação do direito à informação no Brasil. Pode-se perceber uma série de estratégias utilizadas para interferir na transparência das decisões governamentais. Esse encadeamento de ações vem mitigando os efeitos das medidas de acesso oferecidas pela Lei 12.527/2011. Dados da Organização Não Governamental (ONG) Transparência Brasil (2021) demonstram o aumento no número de negativas de acesso e de respostas evasivas. Como se percebe abaixo, entre 2019 e 2020, as negativas de acesso estavam em torno de 9%, mesmo patamar de 2012, quando a LAI entrou em vigor. Esse número só foi superado pelos 12% de 2013 e 2014. Tais dados revelam que, durante o recorte desta reflexão, tornou-se frequente a abertura de precedentes para dificultar o acesso à informação, deflagrando um cenário que interferiu na transparência administrativa.

Fig. 1 - Pedidos de acesso à informação (2012-2021)



Fonte: (TRANSPARÊNCIA BRASIL, 2021:4)

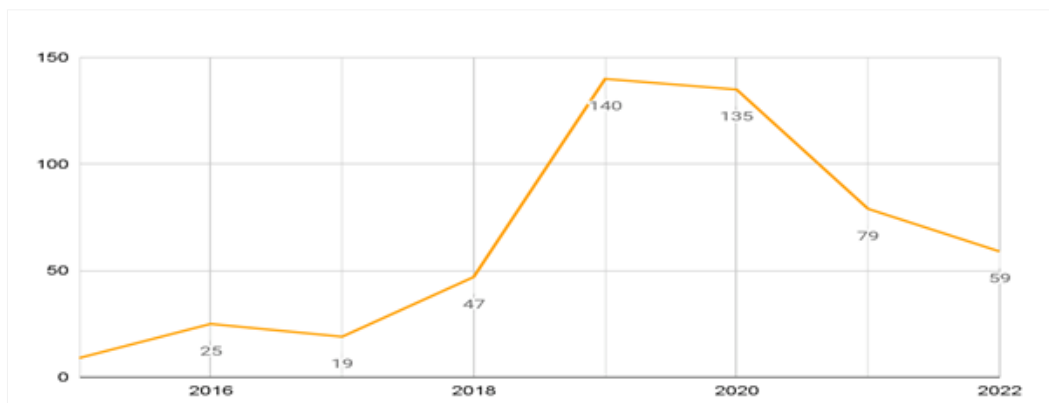
Nesse período também foram registrados recordes no uso indevido da restrição de acesso aos dados pessoais⁷. Esse foi o argumento recorrente para se negar o acesso a informações de interesse público, somando 413 casos, ou seja, 80% das 513 negativas identificadas desde 2015. Sendo mais incisivo: os anos de 2019 e 2020 registraram a maior quantidade de uso indevido do artigo 31 da LAI. Segundo a *Transparência Brasil* (2022), na maioria dos casos (71%) o órgão deveria conceder ao menos o acesso parcial – ocultando a vida privada,

⁷ O artigo 31º, §1º, inciso I da LAI afirma que as informações pessoais “relativas à intimidade, vida privada, honra e imagem: terão seu acesso restrito, independentemente de classificação de sigilo e pelo prazo máximo de 100 (cem) anos a contar da sua data de produção, a agentes públicos legalmente autorizados e à pessoa a que elas se referirem”.

intimidade, honra e imagem. Isso porque já havia a garantia legislativa ou precedentes de divulgação da mesma informação⁸.

O princípio da LGPD é que a pessoa titular do dado deve ter uma consulta integral e facilitada do mesmo, sem qualquer ônus, contribuindo para a segurança dos brasileiros. Seu artigo cinco define um dado pessoal como informação relacionada à pessoa natural “identificada” ou “identificável”, que respeita os princípios de finalidade, adequação, necessidade, acesso livre, qualidade, transparência, segurança, prevenção, não discriminação e responsabilização. A partir desses princípios, essa diretriz estabelece a garantia da privacidade demonstrando como esses dados foram tratados e armazenados. A entrada em vigor dessa lei, não obstante, facilitou o argumento de que a divulgação de determinadas informações afetaria a intimidade e a imagem dos envolvidos. Segundo a *Transparência Brasil (2022)*, houve um aumento no uso inadequado da ideia de “proteção aos dados pessoais”. O fato é que a elasticidade interpretativa da expressão, intencional ou não, foi utilizada em excesso para se negar os pedidos de acesso, impondo um sigilo de até 100 anos. Isso significa que a LGPD foi acionada amplamente como forma de justificar o “secretismo” e negar ao público dados que deveriam ser de amplo acesso.

Fig. 2 - Uso descabido do sigilo de 100 anos (2015-2022)



Fonte: TRANSPARÊNCIA BRASIL, 2022:10

Outro mecanismo que afetou diretamente o funcionamento da LAI nesse período foi o *Decreto Presidencial 9.690/2019*, que ampliou a quantidade de servidores públicos capazes de atribuir sigilo⁹. Segundo tal decreto, a categoria “ultrassegredo” pode hoje ser definida por servidores públicos com cargos comissionados do Grupo de Direção e Assessoramento Superiores (DAS). Também podem identificá-la os chefes das autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista. Anteriormente, essa ação cabia apenas ao presidente/vice-presidente, aos ministros e aos comandantes das Forças Armadas. Tal ampliação também ignora o princípio de concepção da norma: o acesso como

⁸ O Gabinete de Segurança Institucional (GSI), o Comando da Marinha e o Ministério da Defesa negaram acesso a documentos cujo sigilo já havia expirado (ARTIGO 19º, 2022), transgredindo o art. 24º, § 4º da LAI.

⁹ A classificação nos graus de sigilo (reservado, secreto ou ultrassegredo) pode variar a quantidade de tempo (entre 5 e 25 anos) que o documento ficará “fechado” ao público externo.

fundamento essencial e o sigilo como exceção. O mais surpreendente é que tal alteração ocorreu à revelia da vontade pública. Nem mesmo o Conselho de Transparência da CGU teve a oportunidade de debater sobre a mudança do número de servidores com a capacidade de “classificar” as informações ultrassecretas.

Soma-se a esses dois fatores a *Lei de Improbidade Administrativa (LIA) 14.230/2021*, que alterou drasticamente os efeitos da Lei 8429/1992. Os reflexos de suas modificações tornaram-se um fator relevante, uma vez que a improbidade surge quando se descumpra a satisfação do interesse público. A questão é que a “injustificada extirpação da modalidade culposa de improbidade administrativa” (OLIVEIRA e GROTTI, 2022:137), ilustrada em seu décimo artigo, dificultou a condenação das condutas ilícitas. Em outros termos, a supressão dessa modalidade enfraqueceu as sanções aos agentes públicos violadores da transparência. Assim, os danos causados por imprudência e/ou negligência tornaram-se mais difíceis de serem considerados infrações. Desse modo, a alteração dos requisitos de intenção para se prestar contas impossibilitou punições. Tampouco pode ser sancionada uma ação ou omissão diante da divergência na interpretação da lei. Agora deve-se provar a vontade consciente do agente, impossibilitando sancionar as condutas ilícitas.

Outro fator de enfraquecimento do cumprimento da LAI é a dependência dos órgãos supervisores. No caso brasileiro, a CGU deveria monitorar o exercício de acesso à informação. Mas basta a mínima omissão no controle das atividades exercidas pela instituição para que se debilite a transparência. Por esse motivo, torna-se fundamental um órgão que reitere sua autonomia política e garanta diretrizes concretas para a boa governança das informações públicas.

Por fim, alinhada ao obstáculo de cooptação dos órgãos de controle está a dificuldade de definir “interesse público”. Tendo por base a UNESCO, *A Ley Modelo Interamericana 2.0 sobre acceso a la Información Pública* (2021:13, tradução nossa) afirma que tal ideia se refere “[...] às questões ou áreas de gestão que devem ser resolvidas por intermédio de decisões políticas governamentais, em qualquer nível de organização política administrativa, legislativa ou judicial, que procurem satisfazer o máximo interesse da comunidade”. Como se percebe, a amplitude dessa noção parece justificar o fato de que a política de transparência passiva se tornou mais exitosa que a ativa. Essa última evidenciou o desafio de se definir o que seria uma informação de flagrante interesse público.

Considerações finais

Esta breve reflexão decorre do “V Seminário Internacional CIIBERCID: Conocimiento y democracia, perspectivas desde la Información”. Ela partiu do pressuposto de que o fenômeno da recessão democrática intensificou retrocessos ao direito informativo brasileiro entre 2019 e 2022. Tal dinâmica interferiu na transparência dos órgãos públicos e reduziu os efeitos das medidas da LAI. Para atingir essa constatação, investigou-se como o registro arquivístico pode prover evidências das ações institucionais. Registros íntegros carregam evidências dos compromissos assumidos pelas instituições. Sem acesso a eles é impossível avaliar o cumprimento dos critérios de boa governança governamental.

Conforme observado, a LAI é fruto de uma intensa mobilização social, tornando-se essencial ao manejo dos direitos constitucionais e humanos. Sua concepção se vincula à constituição da cidadania, uma vez que o acesso informativo permite fiscalizar as políticas

públicas com evidências confiáveis. Sendo assim, a fim de dar credibilidade aos regimes democráticos, empregam-se meios de aproximação da sociedade civil com os governantes, possibilitando uma institucionalidade mais sólida.

Embora represente um avanço considerável, a regulamentação do acesso tentou avançar na ideia de “sigilo eterno”. No entanto, ao que parece, intensificaram-se as “brechas” dessa categoria, remetendo o país ao “fantasma” do autoritarismo ditatorial. Tanto que o sigilo por prazo indeterminado termina apenas em 2011, demarcado pelas promulgações da LAI e da CNV. Ambas revitalizaram a memória nacional intercedendo para que não ocorressem novas violações aos direitos humanos.

Diante do exposto, a existência de um marco legal regulador do acesso à informação concede um espelho das experiências da esfera pública. A inspeção das funções públicas subordina determinadas condutas ilícitas a sanções. Naturalmente, não há democracia saudável sem evidências informativas que assegurem os direitos e os deveres sociais. Por esse motivo, a *accountability* também baliza o processo de constituição das políticas públicas ao estimular o exercício do jogo democrático. Porém, há a complexidade dos princípios norteadores da liberdade informativa confrontarem-se ao ambiente de recessão democrático. Esse conflito fez com que o acesso à informação sofresse reveses. Entre 2019 e 2022 registrou-se alta nas negativas de acesso, bem como nas respostas evasivas. Ademais, o *Decreto Presidencial 9.690/2019* ampliou o número de agentes públicos que podem tornar um dado sigiloso, negligenciando a prerrogativa do acesso como norma. Também ocorreu o incremento do uso inadequado da justificativa de “proteção aos dados pessoais”.

Além disso, a LIA tornou mais intrincada a condenação das condutas ilícitas ao suprimir a tipificação culposa da improbidade administrativa. Da mesma maneira, a elasticidade conceitual de “interesse público” e a tímida regularização da transparência ativa fizeram com que a transparência passiva alcançasse lugar de destaque. Há ainda a percepção equivocada de que a LAI expõe falhas de gestão, dificultando o princípio de acesso que rege a ação pública. Por último, é necessário garantir que os órgãos fiscalizadores da LAI não sejam “cooptados” pela agenda política de ocasião.

Sendo assim, este texto aferiu a vinculação entre a recessão democrática e a liberdade informativa. Os elementos articulados aqui são efeitos colaterais de um fenômeno global, que reverbera sua “implosão” interna para subverter as regras institucionais. Desse modo, as ameaças ao acesso informativo fragilizam a transparência estatal e comprometem a prestação de contas. É preciso compreender que a imposição legal de publicidade aos atos do Estado brasileiro não substituirá o necessário processo de amadurecimento da democracia. Ao que parece, a “euforia” deve ser contida para se observar a Lei 12.527/2011 como mola propulsora de uma transformação institucional. Somente esse empenho potencializará avanços na luta pelo exercício pleno dos direitos informativos no Brasil.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Claudio Weber

2012 Condicionantes econômicos do acesso à informação. *Revista*. 12-Direito à informação (2012).

ACCOUNTABILITY

2018 Accountability. In *Cambridge Advanced Learner's Dictionary on-line*. [Em linha]. (17 out. 2018). [Consult. 05 mar. 2024]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/accountability>.

ACCOUNTABLE

2018 Accountable. In *Longman Dictionary on-line*. [Em linha]. (17 out. 2018). [Consult. 05 mar. 2024] Disponível em: https://www.ldoceonline.com/dictionary/accountable#accountable_2.

BEARMAN, D.

1992 Documenting documentation. *Archivaria*. 34 (1992).

BELLOTTO, Heloísa Liberalli

2012 O Papel instrumental dos arquivos e as qualidades profissionais dos arquivistas. *Revista Ágora*. 22:44 (2012).

BEHN, Robert D.

2001 *Rethinking democratic accountability*. Washington D. C.: Brookings Institution Press, 2001

BERNARDI, Ana Júlia [et al.]

2022 *10 anos da lei de acesso à informação : de onde viemos e para onde vamos*. [Livro eletrônico]. São Paulo: Artigo 19, 2022.

BOBBIO, Norberto

2011 *Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política*. São Paulo: Imprensa Paz e Terra, 2011.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

2021 *Lei nº 14.230/2021*. Altera a Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992, que dispõe sobre improbidade administrativa. 2021.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

2018 *Lei nº 13.709 : Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)*. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

2014 *Lei 12.527/2011*. Regula o acesso a informações. 2014.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

2012 *Decreto 9.690/2019*. Altera o Decreto nº 7.724. 2012.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

2011 *Lei nº. 12.528*, de 18 de novembro de 2011. Cria a Comissão Nacional da Verdade no âmbito da Casa Civil da Presidência da República. 2011.

BRASIL. Poder Executivo Federal

2021 *Relatório sobre a implementação da Lei 12.527*. [Brasil] : Controladoria Geral da União, 2021.

CAMARGO, A. M. A.

2009 Os Arquivos e o acesso à verdade. In *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*. Org. C. M. Santos et al. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 424-443.

CASARETO, L. M.; RÚBIO, V. G. L.

2023 Los Archivos como garantes de Derechos Humanos: políticas públicas de memoria, acceso y archivos en Argentina. *Revista Histórias Públicas*. 1:2 (2023).

COOK, Terry

2013 Evidence, memory, identity, and community: four shifting archival paradigms, *Archival Science*. 13:2/3 (jun. 2013) 95-120.

DIAMOND, Larry

2016 *In Search of Democracy*. Londres: Routledge, 2016.

DIRKS, J. M.

2005 Accountability, History, and Archives: conflicting priorities or synthesized strands? *Archivaria*. 57 (2005).

DURANTI, Luciana

1989 The Odyssey of Records Managers. Part I & II. *Records Management Quarterly*. 23;3/4 (1989).

EASTWOOD, Terry

2010 A Contested realm: the nature of archives and the orientation of archival science. In *Currents of archival thinking*. Ed. Terry Eastwood, Heather Macneil. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2010.

FLINDERS Matthew

2001 *The Politics of accountability in the modern state*. Aldershot: Ashgate Publishing Company, 2001.

JENKINSON, Hilary

1922 *A Manual of archive administration*. Oxford: Clarendon Press, 1922.

KENOSI, Lekoko

2012 *Accountability in archival science since Parkinson's thesis*. [Em linha]. 2012. [Consult. 01 mar. 2024]. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275991001>

LÓPEZ GÓMEZ, Pedro ; GALLEGO DOMÍNGUEZ, Olga

2007 *El Documento de archivo: un estudio*. A Coruña: Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións Monografías, 2007.

MEEHAN, J.

2006 Towards an archival concept of evidence. *Archivaria*. 61 (2006).

MENDEL, Toby

2009 *El Derecho a la información en América Latina: comparación jurídica*. Quito, Ecuador : UNESCO, 2009.

OLIVEIRA J. R. P; GROTTI, D. A. M.

2022 Panorama crítico da Lei de Improbidade Administrativa, com as alterações da Lei 14.230/2021. *Revista de Direito Administrativo, Infraestrutura, Regulação e Compliance*. 6:20 (jan./mar. 2022) 97-141.

ORGANIZACIÓN DE LOS ESTADOS AMERICANOS

2021 *Ley Modelo Interamericana 2.0 sobre Acceso a la Información Pública*. 2021.

PARKINSON, J.

1993 *Accountability in archival science*. 1993.

Master of Archival Studies thesis, University of British Columbia.

RODRIGUES, Georgete Medleg

2012 O Acesso aos arquivos: evolução de um conceito. In *Arquivologia: configurações de pesquisa no Brasil*. Org. G. M. Rodrigues, M. G. Costa. Brasília: Editora Universitária, Universidade de Brasília, 2012.

RUNCIMAN, David

2018 *How democracy ends*. London: Profile Books, 2018.

SCHETTINI, Andrea Bandeira de Mello

2023 O Legado da Comissão Nacional da Verdade: as disputas pelo significado jurídico, histórico e político de seus trabalhos. *Revista Histórias Públicas*. 1:2 (2023).

TRANSPARÊNCIA BRASIL

2022 *Sigilos de 100 anos: o uso do artigo 31 da LAI em negativas*. [S. l.]: Transparência Brasil, 2022.

TRANSPARÊNCIA BRASIL

2021 *10 anos de LAI: atendimento em risco*. [S. l.]: Transparência Brasil, 2021.

UNESCO

2020 *Propuesta de ley modelo interamericana 2.0 sobre acceso a la información pública: nota explicativa*. 2020.

YEO, Geoffrey

2007 Concepts of record. 1 - evidence, information, and persistent representations. *The American Archivist*. 70 (2007).

ZIBLATT, D; LEVITSKY, S.

2018 *How democracies die*. New York: Crown, 2018.

Rodrigo Fortes de Ávila | rodrigo.avila@ufba.br

Universidade Federal da Bahia (UFBA) / Instituto de Ciência da Informação (ICI), Brasil

Resumen: Este trabajo parte de la premisa de que la desigualdad en América Latina y El Caribe es una problemática multidimensional que profundizó más las brechas existentes. Ante esta situación, la democratización del conocimiento constituye una estrategia fundamental para abordar la desigualdad, y su acceso democrático y equitativo debe estar garantizado por políticas de Estado coherentes e integrales. Se analizan tres programas y políticas públicas surgidas en Argentina en las primeras décadas del siglo XXI, que garantizan el acceso y uso de la información y la democratización del conocimiento: el Programa Conectar Igualdad; la ley de repositorios digitales de acceso abierto, y la ley de acceso a la información pública. Finalmente, se reflexiona acerca de los aportes que pueden efectuar los profesionales de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información para afianzar estos lineamientos y contribuir efectivamente con la construcción de sociedades más inclusivas, equilibradas y democráticas.

Palabras clave: Argentina; Bibliotecología y Ciencia de la Información; Democratización del conocimiento; Políticas de información.

Abstract: This contribution is based on the premise that inequality in Latin America and the Caribbean is a multidimensional problem that further deepened existing gaps. Faced with this situation, the democratization of knowledge is a fundamental strategy to address inequality, and its democratic and equitable access must be guaranteed by coherent and comprehensive State policies. It analyzes three programs and public policies that emerged in Argentina in the first decades of the 21st century, which guarantee access to and use of information and the democratization of knowledge: the Conectar Igualdad Program; the Open Access Digital Repositories law, and the Access to Public Information law. Finally, it reflects on the contributions that Library and Information Science professionals can make to strengthen these guidelines and effectively contribute to the construction of more inclusive, balanced and democratic societies.

Keywords: Argentina; Library and Information Science; Democratization of knowledge; Information policies.

Introducción

La problemática de la desigualdad es uno de los temas que ha cobrado auge en América Latina y El Caribe en los últimos años y que ocupa un lugar destacado en las agendas internacionales. Según diversos estudios realizados por organismos como la Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL) o Naciones Unidas, se trata de una de las regiones más desigual del planeta y dicha desigualdad se constituye en un rasgo identitario común de su evolución histórica. Los sucesivos Informes Regionales de Desarrollo Humano, elaborados por el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD) insisten en que las crisis económicas junto a otros factores como la baja movilidad social, la concentración del poder y la riqueza y los bajos índices de crecimiento, generan

un círculo vicioso, una especie de “trampa de desigualdad” difícil de romper y que se replica a las futuras generaciones.

Desde diversas asociaciones internacionales vienen llamando la atención acerca de los peligros que representa la desigualdad para los sistemas democráticos, para el crecimiento económico y la sostenibilidad social, por lo tanto, resaltan la importancia de combatirla integralmente para alcanzar otros objetivos, como el equilibrio ambiental, la justicia social, la resolución de conflictos, el acceso a derechos básicos, entre otros. Esta responsabilidad de hacer frente a la desigualdad no recae solamente en el aparato político ni en los dirigentes sociales, sino que debe constituirse en un compromiso colectivo de la ciudadanía, involucrándonos en estudios que nos permitan comprender mejor las diferentes aristas de la problemática y aportando voluntades, conocimientos y herramientas disponibles desde cada grupo social.

El Consejo Internacional de Ciencias Sociales (CICS) sostiene que para lograr sociedades más equitativas es necesario un profundo conocimiento de la desigualdad en general y de las distintas vinculaciones que se generan entre la desigualdad económica con las otras formas que adopta, a fin de elaborar políticas adecuadas a cada situación. El CICS (2016) señala siete dimensiones de la desigualdad: económicas, políticas, sociales, culturales, ambientales, territoriales y cognitivas.

De estas siete dimensiones, la desigualdad de conocimientos es sin duda la que nos toca más de cerca como profesionales de la información y en la que debemos enfocar nuestros esfuerzos reflexivos y resolutivos para intentar reducir las grietas que provoca en numerosos ámbitos, ya que contamos con las capacidades y competencias para hacerlo.

En este sentido, la democratización del conocimiento se convierte en una estrategia fundamental para abordar multidimensionalmente este aspecto particular de la desigualdad, porque democratiza las vías de acceso y de aprehensión de la información, fomentando un saludable ejercicio de la ciudadanía e incrementando las posibilidades de decidir en diversos contextos cotidianos y de mejorar las condiciones de vida.

En Argentina, particularmente, en las últimas décadas se registraron ejemplos de políticas de información que contribuyeron directamente con la democratización del conocimiento y con la reducción de la brecha digital e informacional, las cuales nos ofrecen a bibliotecarios y profesionales de la información un terreno propicio para reflexionar cómo podemos participar con nuestros saberes y experticias, qué limitaciones debemos considerar y qué recursos aportamos desde la perspectiva de la Ciencia de la Información para contribuir efectivamente a la reducción de las desigualdades.

La desigualdad: una problemática multidimensional

Durante mucho tiempo, la pobreza fue vista como el principal indicador de desigualdad y el foco del problema por resolver, pero en los últimos años se ha enfatizado en la necesidad de realizar un abordaje multidimensional de las desigualdades, ya que acotar la desigualdad a los indicadores de ingresos económicos o a la riqueza es dejar de lado un sinnúmero de factores que hacen a la raíz y a la esencia de la problemática. Cuando hablamos de desigualdades, podemos referirnos a las disímiles posibilidades de acceso a recursos, de oportunidades educativas y formativas, de participación política, social y

cultural, de logros laborales o de ingresos económicos, entre mucho otros. “En todos los casos, la desigualdad es resultado de una combinación de elementos y no puede ser explicada por una causa aislada” (PROGRAMA..., 2010).

La implementación de la Agenda 2030 para el desarrollo sostenible contribuyó notoriamente a la revisión y a la propuesta de acciones para aspirar a conseguir sociedades más igualitarias, solidarias e inclusivas; puntualmente, el objetivo 10 “Reducir la desigualdad en los países y entre ellos”, plantea directamente la cuestión, abriendo así un espacio importante para el debate y la reflexión que ameritan los ejes estructurales de la desigualdad, así como las gestiones necesarias por parte de diversos actores sociales para la consecución de dicho objetivo¹.

Desde el enfoque de los derechos humanos también se busca reducir las desigualdades mediante políticas y procesos de desarrollo basados en un sistema de deberes y derechos de carácter internacional, tendientes a promover una serie de principios tales como la igualdad, la no discriminación y la atención a los grupos que se encuentran en situación de mayor vulnerabilidad; la rendición de cuentas; la participación; y el empoderamiento (PROGRAMA..., 2010).

La CEPAL (2016) también recurre al enfoque de derechos como vía para garantizar el bienestar de la ciudadanía. La promoción de la igualdad alcanza no solo a la realización de los derechos económicos, sociales y culturales, sino fundamentalmente la promoción integral de las personas a través de una mayor y mejor participación laboral, productiva y ciudadana, con sólidas bases que les permita utilizar todo su potencial y gozar de autonomía para la toma de decisiones. Para eso es necesario reconocer y profundizar el diagnóstico y la caracterización de la matriz de la desigualdad social en la región e incorporar ese análisis, en forma estructurante, al diseño, la implementación, el monitoreo y la evaluación de las políticas públicas (idem, p. 10). En definitiva, se recomienda la articulación de las distintas esferas, para una mejor formulación e implementación de políticas desde una perspectiva de derechos.

El CICS (2016) insiste en invertir en estudios que permitan comprender intrínsecamente las diferentes aristas y la dinámica que presenta este fenómeno y examina la desigualdad desde siete dimensiones:

- La desigualdad económica: diferencias entre niveles de ingresos, bienes, patrimonio y capital, estándares de vida y empleo.
- La desigualdad social: diferencias entre el estatus social de distintos grupos de población y desequilibrios en el funcionamiento de los sistemas de educación, salud, justicia y protección social.
- La desigualdad cultural: discriminaciones basadas en el género, la etnia y la raza, la religión, la discapacidad y otras identidades grupales.
- La desigualdad política: capacidad diferenciada de los individuos y grupos para influir en los procesos de elaboración de decisiones en materia de

¹ <https://www.undp.org/es/latin-america/objetivos-de-desarrollo-sostenible>.

políticas, así como para beneficiarse de esas decisiones y tomar parte en la acción política.

- La desigualdad territorial: disparidades territoriales y regionales entre núcleos centrales y periferias, entre zonas urbanas y rurales, y entre regiones con mayor o menor diversidad de recursos.
- La desigualdad cognitiva (sic: i.e.: ambiental): disparidad en el acceso a los recursos naturales y los beneficios de su explotación; grado de exposición a contaminaciones y riesgos; y diferencias en los medios necesarios para adaptarse a esos riesgos.
- La desigualdad de conocimientos: disparidad en el acceso y la contribución a distintos tipos y fuentes de conocimiento, así como las consecuencias de esas disparidades (CONSEJO..., 2016:5).

Por otra parte, desde el PNUD (2021) también se advierte que la pandemia del COVID-19 contribuyó a acentuar y a modificar las formas de las desigualdades a lo largo de 2020 y 2021. En particular, señala que uno de los aspectos más preocupantes recae sobre los estudiantes y las tendencias de desigualdad a largo plazo: “Los cambios hacia métodos remotos de enseñanza y aprendizaje han estado marcados por las disparidades preexistentes en el acceso a herramientas tecnológicas y académicas en el hogar, así como por disparidades en el apoyo al aprendizaje por parte de las madres y los padres” (PROGRAMA..., 2021:5). Si bien, de momento, la desigualdad económica –no contar con los recursos tecnológicos y los recursos educativos necesarios en el hogar – acentúa e incide directamente en la desigualdad de conocimientos, a largo plazo, estas barreras puntuales de acceso a la educación formal registradas durante la pandemia se traducirán en otras inequidades sociales y culturales. Por lo tanto, “La confluencia de múltiples desigualdades y discriminaciones caracteriza a los “núcleos duros” de la pobreza, de la vulnerabilidad y de la exclusión social y hace que persistan y se reproduzcan” (COMISIÓN..., 2016:8), se trata de un ciclo intrínsecamente relacionado donde cada aspecto de la desigualdad no se registra de forma aislada, sino que afecta a todo el sistema de vida de los individuos.

Es imperante emprender acciones y coordinar políticas que aborden sistémicamente las múltiples facetas de las desigualdades desde un enfoque comprensivo, involucrando a distintos sectores sociales y aplicando diferentes estrategias participativas. En este sentido:

También es importante considerar medidas subjetivas de desigualdad relacionadas con cómo la percibe la gente. Esto es esencial, porque las percepciones de la gente sobre la desigualdad moldean tanto sus posturas políticas (y por lo tanto su respaldo a diferentes enfoques de política) así como sus aspiraciones (y por lo tanto su esfuerzo por alcanzarlas). Comprender lo que la gente piensa sobre la desigualdad en ALC es particularmente crucial en el momento actual, dada la ola de malestar social que azotó la región a fines de 2019 y principios de 2020 (PROGRAMA..., 2021:7).

Más que tomar medidas basadas en estudios externos y cuantitativos de algunos indicadores de la desigualdad “del otro”, se deben buscar métodos etnográficos que permitan aprehender desde el interior de los marcos socioculturales e institucionales el sentido que los sujetos otorgan a ciertas prácticas que perpetúan las desigualdades.

Sin lugar a dudas, coincidimos en que es apremiante efectuar un análisis integral de la desigualdad con la expectativa de que reconociéndola endógenamente será posible formular políticas acordes para combatirla y alcanzar valores esenciales a que aspira toda sociedad democrática, como son la equidad, la justicia social, el acceso a la información, la participación ciudadana, la reducción de la pobreza, entre otros.

Políticas para la democratización del conocimiento

El conocimiento es una de las características esenciales de las sociedades contemporáneas, determina nuevas formas de organización laboral, industrial y social, y gran parte de esas estructuras informacionales se organizan y mediatizan a través de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC). Es claro que cuando hablamos de conocimiento, semánticamente se sitúa en un nivel superior al de la información, supone en primera medida la capacidad transformadora de la información en un recurso que nos permita a las personas tomar decisiones y actuar de forma que sea posible mejorar integralmente nuestra calidad de vida; por lo tanto, la información y las TIC se convierten en elementos necesarios, pero por sí solo no son suficientes, se requiere de la intervención humana, la capacidad de reflexión, de síntesis, de evaluación, de contextualización de la información y de marcos regulatorios que identifiquen qué actores generan conocimiento, en qué condiciones, quiénes pueden acceder al mismo y bajo cuáles circunstancias.

A pesar de las miradas divergentes con las que abordamos el espacio disciplinar de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información, podemos coincidir en que el elemento que nos nuclea es la información documental, por lo tanto, de las siete dimensiones de la desigualdad enunciadas por el CISC, la desigualdad cognitiva es la que nos toca más de cerca como colectivo profesional, sin desconocer que la amplitud social de nuestra disciplina tal vez nos facilita actuar en varias dimensiones, incluso por el propio carácter holístico de la información. La democratización del conocimiento deviene en una práctica de gran relevancia para reducir las brechas cognitivas y para garantizar un acceso equilibrado y universal a la información; la participación ciudadana debe ser promovida y acompañada por el Estado mediante la formulación y regulación de políticas que aseguren el proceso de democratización de los saberes que se generan y circulan en una comunidad.

Cuando nos referimos a democratizar el conocimiento queremos decir, en primer lugar, que todos podamos tener acceso libre y en igualdad de condiciones a productos informativos y de investigación, además de la posibilidad de apropiarse de esos recursos para participar democráticamente en los procesos sociales, políticos, económicos, etc. y tomar decisiones acertadas que nos permitan combatir las desigualdades. Está intrínsecamente relacionado con la investigación científica y tecnológica, con el acceso abierto a la producción generada en diversos contextos educativos, académicos y con la formación para utilizar adecuadamente los conocimientos obtenidos.

Como venimos diciendo, es preciso contar con políticas regulatorias que universalicen el acceso a la información y a otros recursos necesarios. En este sentido, es interesante destacar y analizar tres casos de políticas informativas de carácter nacional que se registraron en Argentina en las últimas décadas. Las mismas se formularon para tres ámbitos que son clave para la producción, el acceso y el uso de la información, como lo son el sector académico, el sector público y el educativo, los cuales, en su conjunto, permiten

establecer una interacción complementaria para encaminar los procesos de democratización deseados.

Programa Conectar Igualdad

El adecuado manejo de la tecnología es un factor estratégico para avanzar hacia una sociedad del conocimiento inclusiva, por lo tanto, se debe trabajar fundamentalmente con los sectores sociales más vulnerables a fin de desarrollar sus habilidades y competencias para generar, compartir y evaluar información y conocimiento, mediante la apropiación y utilización de las herramientas digitales.

En 2010, el gobierno nacional presentó una política de inclusión tecnológica a través del Programa denominado *Conectar Igualdad*, aprobado mediante el decreto 459/10, cuyos destinatarios directos son los estudiantes y docentes del nivel medio de las escuelas públicas, de educación especial y de institutos de formación docente del país. Con este programa, se procura recuperar y valorizar la escuela pública con el fin de reducir las brechas digitales, educativas y sociales, asegurar la inclusión, la calidad y la soberanía pedagógica, dotando de las competencias necesarias para el manejo de las TIC.

El programa inició distribuyendo a lo largo del país 3.000.000 de *netbooks* en tres etapas, entre 2010 y 2012, y avanzó en el tendido de una red LAN y de redes de fibra óptica en lugares donde las empresas de telecomunicaciones no llegaban, debido a su baja rentabilidad, permitiendo así que muchas escuelas tuvieran acceso a Internet (NECUZZI, 2017). La entrega de las computadoras se realizó a través de la escuela, siguiendo una planificación tentativa en base a los acuerdos del Consejo Federal de Educación.

En simultáneo con la distribución de equipamiento, se proyectaron instancias de capacitación docente para el uso de las herramientas tecnológicas y la elaboración de propuestas educativas que favorezcan la incorporación de las mismas en los procesos de enseñanza y de aprendizaje dentro del aula y los bibliotecarios escolares han sido clave en el proceso de implementación del programa, apoyando desde sus saberes y experticia.

Entre los numerosos objetivos del programa, se enuncian los siguientes:

- Promover la igualdad de oportunidades a todos los jóvenes del país proporcionando un instrumento que permitirá achicar la brecha digital, además de incorporar y comprometer a las familias para que participen activamente;
- Formar sujetos responsables, capaces de utilizar el conocimiento como herramienta para comprender y transformar constructivamente su entorno social, económico, ambiental y cultural, y de situarse como participantes activos en un mundo en permanente cambio;
- Reducir las brechas digitales, educativas y sociales, contribuyendo a mejorar los indicadores de desarrollo de nuestro país;
- Construir una política universal de inclusión digital de alcance federal, incorporando equipamiento tecnológico y conectividad;

- Garantizar la inclusión social y el acceso de todos a mejores recursos tecnológicos y a la información;
- Incrementar la calidad educativa incentivando los procesos de transformación institucional, pedagógica y cultural necesarios para el mayor aprovechamiento de las TIC en las escuelas;
- Dotar a los alumnos de mayores posibilidades de inserción laboral;
- Producir un cambio en las formas de comprender y relacionarse con el mundo;
- Promover el fortalecimiento de la formación de los docentes para el aprovechamiento de las TIC en el aula (ARGENTINA, 2011:8).

De acuerdo con estudios regionales, los jóvenes que finalizan la educación secundaria en América Latina, no solo presentan menos probabilidades de vivir en condiciones de pobreza más adelante, sino que el egreso de la escuela media se constituye en una valiosa herramienta para achicar las brechas de desigualdad social relacionadas con otros derechos vitales (como la salud, la participación cívica y el acceso al trabajo decente) que tienen impacto para las generaciones actuales y futuras (COMISIÓN..., 2016). Por lo tanto, el programa promueve la continuidad y terminalidad de la educación secundaria, al tiempo que proporciona a los jóvenes las competencias digitales tan demandadas en el mercado laboral actual. Además, su desarrollo ha llevado a establecer otras políticas que apoyan la consecución de sus objetivos y la generación de alianzas estratégicas con diversos sectores de la sociedad civil, empresarial y gubernamental. También ofrece asistencia mediante una plataforma en Internet:

En tanto política educativa, Conectar Igualdad diseña propuestas pedagógicas que articulan el uso de netbooks, celulares y plataformas con el sentido de apuntalar todos los procesos necesarios de reorganización curricular y de intensificación de la enseñanza en los distintos niveles y modalidades del sistema educativo. En consecuencia, esta plataforma es accesible desde celulares, sin necesidad de consumir datos, gracias a la colaboración del Ente Nacional de Comunicaciones (ENACOM), de la ARSAT y otras empresas de telecomunicaciones de la Argentina. Así, se logró alcanzar una infraestructura soberana, con datos protegidos y una navegación gratuita (<https://conectarigualdad.edu.ar/acercade>).

Tras haber sufrido diversos vaivenes y cambios de denominación con el paso de los diferentes gobiernos y las revisiones de las políticas públicas, el programa se sostuvo hasta 2023, con sus objetivos básicos de revalorizar la escuela pública y reducir las brechas digitales, sociales y educativas. Bajo el actual gobierno del presidente Javier Milei queda la incógnita si el mismo sufrirá alguna reestructuración o será definitivamente suspendido.

Ley de Repositorios Digitales Institucionales

Los repositorios digitales son una herramienta estratégica y necesaria para promover el acceso democrático a la información, ya que ponen a disposición de los usuarios información científica, tecnológica y académica de manera gratuita, garantizan la

preservación digital de recursos cuya conservación de otro modo sería más difícil, otorgan visibilidad a la producción institucional, nacional o regional – según sea el alcance del repositorio –, favoreciendo el desarrollo y la creación de nuevo conocimiento y promueven la igualdad en el acceso al conocimiento, entre otras múltiples ventajas que ofrecen. El movimiento del acceso abierto, que busca eliminar las barreras y restricciones de accesibilidad a la información científica y académica, cobró fuerza en Argentina a principios del siglo XXI y fue trascendente en la creación de los primeros repositorios digitales a través de la denominada vía verde, estrategia que busca promover el acceso gratuito a la literatura científica y técnica, mediante el autoarchivo de producciones generadas por especialistas, científicos e investigadores en repositorios temáticos o institucionales.

Los repositorios institucionales, a diferencia de los repositorios temáticos – que reúnen documentos científicos y/o académicos de una disciplina específica, proveniente de autores afiliados a diversas instituciones –, se ocupan almacenar producciones de una o varias instituciones como resultado de la actividad docente e investigadora de sus miembros, preservando, divulgando y dando acceso abierto a los recursos allí archivados. Los países latinoamericanos tienen como característica que la mayor parte de la investigación que producen no proviene de organismos privados, sino que es generada principalmente en universidades; se estima que las tres cuartas partes de los investigadores latinoamericanos se radican en universidades públicas y las investigaciones son financiadas con fondos públicos (BABINI, 2019). Por lo tanto, las iniciativas como el acceso abierto no solo son importantes, sino democráticas y necesarias para alcanzar un adecuado equilibrio entre producción y acceso al conocimiento.

En esta primera década del siglo, De Volder (2008) hacía mención de seis repositorios argentinos tanto temáticos como institucionales, registrados respectivamente en el *Registry of Open Access Repositories* y en el *Directory of Open Access Repositories*, entre estos algunos tan conocidos como SciELO Argentina o la Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe de CLACSO. En tanto, la autora identificó otros 15 repositorios que no se hallaban registrados en ningún directorio.

Aún así, estos ejemplos eran aislados y no respondían a una política de Estado, más bien eran fruto del trabajo cooperativo entre diferentes actores comprometidos con el acceso al conocimiento y su difusión, entre ellos, los profesionales bibliotecarios que desde los inicios asumieron un activo papel protagónico en el desarrollo de iniciativas de acceso abierto y en la materialización y regulación de los repositorios. En 2011, el Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación Productiva (MINCYT), formalizó la creación del Sistema Nacional de Repositorios Digitales – SNRD – en cuyo marco se creó un Comité de expertos que avanzó en la formulación de protocolos y políticas comunes (FUSHIMI *et al.*, 2021).

En este contexto y con la firme intención de promover el acceso equitativo a la producción científico-tecnológica y a los datos abiertos, en 2013 finalmente se aprobó la ley 26.899, de creación de Repositorios digitales institucionales de acceso abierto.

Esta ley establece que los organismos e instituciones públicas que conforman el Sistema Nacional de Ciencia, Tecnología e Innovación (SNCTI) y reciben financiamiento estatal, por un lado, deben desarrollar repositorios digitales institucionales de acceso abierto, propios o compartidos, para alojar la producción científico-tecnológica de investigadores, tecnólogos, docentes, becarios y estudiantes de posgrado, resultantes de la realización de

sus actividades de investigación, siempre que fuesen financiados con fondos públicos. Por otro lado, dichas instituciones deben establecer políticas para el acceso, gestión y preservación a largo plazo de los datos primarios, entendidos como “todo dato en bruto sobre los que se basa cualquier investigación y que puede o no ser publicado cuando se comunica un avance científico pero que son los que fundamentan un nuevo conocimiento”². La ley fue reglamentada tres años más tarde, en 2016, mediante Resolución 753/2016 del MINCYT.

Este modelo de acceso abierto aspira a que los usuarios puedan realizar una serie de acciones y usar los datos y artículos con propósitos de investigación científica, tecnológica, educativa, o relacionados con la innovación y la gestión de políticas públicas, sin mayores barreras. La política pública implementada por el Estado nacional canalizó la colaboración de las universidades con sus bibliotecarios, gestores y especialistas en repositorios, de las editoriales académicas, de los organismos de Ciencia y Técnica, de los investigadores, docentes y autores, entre otros actores, para hacer realidad la creación paulatina y sostenida de nuevos repositorios en los últimos años. En una investigación realizada entre los años 2018 y 2019 sobre Repositorios digitales de acceso abierto en las universidades nacionales argentinas, se identificaron 153 iniciativas de acceso abierto en las universidades que componían el sistema público universitario en el momento del relevamiento, de las cuales 61 eran repositorios digitales abiertos, es decir, prácticamente el 40% de las iniciativas relevadas (FUSHIMI *et al.*, 2021).

Ley de Derecho de Acceso a la Información Pública

El derecho a la información es clásicamente entendido en el mundo bibliotecario como el derecho fundamental que poseen las personas de buscar, acceder y difundir información; pese a ser considerado un derecho natural de la humanidad, fue necesario que se lo reconociera entre los denominados derechos de tercera generación y fue incorporado en 1948 a la *Declaración Universal de los Derechos Humanos*, en términos del derecho a la libertad de opinión y de expresión, como un mecanismo de defensa y reivindicación jurídica para asegurar la vigencia y el cumplimiento efectivo ante la necesidad innata que tienen los seres humanos de informarse y comunicarse. Estos derechos y libertades de tercera generación, reconocidos aproximadamente hacia la segunda mitad del siglo XX, van más allá de las garantías individuales, buscando garantizar el bienestar colectivo y promover la justicia, el desarrollo y la equidad de las comunidades.

En el transcurso del siglo XX, el derecho a la información fue evolucionando y adaptándose a las necesidades de las diversas sociedades, con mayores o menores restricciones que consideraban las libertades individuales, la privacidad y la seguridad nacional, entre otras, y fue paulatinamente reconocido y consagrado en diferentes instrumentos jurídicos internacionales y locales.

Una de las materializaciones más recientes del derecho a la información, en un sentido amplio, lo hallamos en el derecho de acceso a la información pública. Este es definido como:

² Art. 3° de la ley 26.899.

la facultad que tiene todo ciudadano, como consecuencia del sistema republicano de gobierno, de acceder a todo tipo de informaciones en poder tanto de entidades públicas como de personas privadas que ejerzan funciones públicas o reciban fondos del estado, con la consecuente obligación estatal de instrumentar un sistema administrativo que facilite a cualquiera la identificación y el acceso a la información solicitada (DÍAZ CAFFERATA, 2009:153-154).

Esta prerrogativa permite que cualquier persona pueda buscar, solicitar y acceder a la información pública y se considera un derecho clave para el desarrollo pleno de una sociedad democrática y transparente, e imprescindible para ejercer plenamente otros derechos, como el acceso a la salud, a la vivienda digna, a servicios básicos, así como a la participación ciudadana, al control y a la toma de decisiones en materia de la administración pública.

En los países latinoamericanos, desde la década de los ochenta se empezaron a gestar interesantes procesos que más tarde derivaron en el reconocimiento jurídico del acceso a la información pública, mediante la sanción de proyectos de ley de jerarquía nacional. Sin embargo, dicho reconocimiento fue desigual a lo largo del subcontinente. Uno de los países precursores en este sentido fue México, quien en 2002 pudo concretar la Ley Federal de Transparencia y Acceso a la Información Pública Gubernamental, como resultado de diversos intentos de reglamentaciones emprendidos desde 1980, con el fin de sustentar la modificación del artículo 6° de la Constitución Nacional, introducida en 1977, que explicitaba que el Derecho a la información debía estar garantizado por el Estado (GAMBOA MONTEJANO, AYALA CORDERO y GUTIÉRREZ SÁNCHEZ, 2007). En otro extremo, nos encontramos con países como Bolivia o Cuba, que aún no cuentan con una ley nacional de acceso a la información pública.

En Argentina, el derecho a la información se encuentra reconocido de manera implícita en la Constitución Nacional, al reconocer la jerarquía constitucional de una serie de tratados y acuerdos internacionales, como la *Declaración Universal de Derechos Humanos*, o la *Convención Americana sobre Derechos Humanos*. En tanto que uno de los antecedentes explícitos fue el Decreto 1172, publicado en 2003, que permitió que toda persona tenga acceso a la información bajo la jurisdicción del Poder Ejecutivo Nacional, también aplicable para las organizaciones privadas que ejecuten fondos del PEN. Como limitaciones obvias, nos encontramos con que este decreto dejaba fuera de reglamentación a los poderes legislativo y judicial, además de los poderes ejecutivos provinciales, salvo caso que adhirieran al decreto nacional mediante la sanción de leyes o decretos provinciales.

Pasó más de una década hasta la aprobación de la ley nacional 27.275, de Derecho de Acceso a la Información Pública, publicada en 2016 y reglamentada parcialmente en 2017. En el marco de dicha ley, concebida como un mecanismo para "garantizar el efectivo ejercicio del derecho de acceso a la información pública, promover la participación ciudadana y la transparencia de la gestión pública"³, se obliga a los tres poderes del Estado a brindar información y documentos de carácter público que obren en su poder. Entiende por información pública a todo tipo de dato contenido en documentos de cualquier formato que los sujetos obligados generen, obtengan, transformen, controlen o custodien.

³ Art. 1° de la Ley 27.275.

La solicitud puede ser efectuada por cualquier persona humana o jurídica, de carácter público o privado. El pedido se realiza por escrito, o por medios electrónicos y deben hacer constar los datos de identificación y localización del solicitante para efectuar la respuesta; sin embargo, no es necesario fundamentar el pedido.

Entre los sujetos obligados a brindar información, se listan:

- Órganos de los poderes Legislativo, Ejecutivo y Judicial;
- Empresas y sociedades del Estado;
- Concesionarios, permisionarios y licenciatarios de servicios públicos;
- Organizaciones empresariales, partidos políticos, sindicatos, universidades y cualquier entidad privada a la que se le hayan otorgado fondos públicos;
- El Banco Central de la República Argentina;
- Otros detallados en el Art. 7° de la ley.

Entre las excepciones, se halla detallada la información reservada o confidencial, por razones de defensa o política exterior; los secretos bancarios, industriales, comerciales, financieros, científicos, técnicos o tecnológicos; la información en poder de la Unidad de Información Financiera, que pudiera poner en riesgo las investigaciones sobre actividades ilícitas; informaciones protegidas por el secreto profesional, o que contengan datos personales, así como información que pudiera poner en riesgo la seguridad o la vida de una persona.

La información debe ser brindada en el estado en el que se encuentre al momento de la solicitud, en un plazo máximo de 15 días hábiles. El acceso es gratuito, no así los costos de reproducción, que eventualmente corren a cargo del solicitante.

A los fines de gestionar y monitorear el cumplimiento de la ley, se creó la Agencia de Acceso a la Información Pública, ante la cual puede reclamarse en caso de incumplimiento o denegatoria por parte de alguna entidad a brindar información. Actualmente, la Agencia cumple un papel muy activo en el fortalecimiento de políticas que favorezcan el acceso a la información y en la prestación de servicios vinculados con la obtención de la información establecida en la ley.

Pese a que la sanción de la ley 27.275 fue muy publicitada y celebrada en su momento, a pocos años de su entrada en vigencia, una gran parte de la población desconoce que tiene derecho a solicitar información en poder del Estado, que se encuentra amparado bajo este instrumento legal y que las distintas dependencias de la administración pública están obligadas a brindarles la información solicitada. Más grave aún, muchos ciudadanos no saben exactamente cuál es la finalidad de dicho derecho, cómo pueden aplicarlo en su cotidianeidad para informarse acerca de otros derechos elementales, qué impacto tiene el acceso a la información en sus vidas y las posibilidades que les ofrece de participar, opinar, juzgar, elegir e intervenir activamente en la construcción de una verdadera democracia y un gobierno transparente y más justo.

Reflexiones finales

Se puede afirmar que estos tres casos de políticas de información contribuyeron eficazmente con la democratización del conocimiento, con la inclusión y con la reducción de la brecha digital e informacional, en primer lugar y, subsidiariamente, con la reducción de otras desigualdades educativas y socioculturales.

Por un lado, el Programa *Conectar Igualdad*, visibilizó como sujetos de derecho a una parte de la población – niños y jóvenes – que frecuentemente no es tomada en cuenta para el establecimiento de políticas públicas; permitió que los sectores sociales más vulnerables puedan apropiarse y utilizar herramientas digitales; proveyó de redes de fibra óptica en lugares donde las empresas de telecomunicaciones no llegaban, por cuestiones de rentabilidad, permitiendo así que muchas escuelas tuvieran acceso a Internet. En tanto que los jóvenes que egresan de la escuela media mejoran y aumentan sus posibilidades de una rápida inserción laboral, en un mercado regido por las tecnologías digitales, gracias a las competencias adquiridas durante el desarrollo del programa.

En cuanto a la ley de repositorios digitales, permitió el desarrollo de canales alternativos de distribución y acceso al conocimiento científico e hizo posible la integración y consolidación de diversas iniciativas que ya se habían registrado en materia de acceso abierto en el país. Además de poner en agenda la cuestión y destinar presupuesto a la creación de repositorios digitales, otorga una mayor visibilidad a la producción y circulación científica y tecnológica, incrementando su uso e impacto y promueve una mayor calidad y confiabilidad en la producción de nuevo conocimiento.

Por su parte, el derecho de acceso a la información pública significó la concreción de la transparencia democrática, largamente buscada; nos legitimó jurídicamente para acceder a una serie de derechos, tomar decisiones basadas en información oficial y fidedigna, ser económicamente productivos e innovadores, ejercer nuestras manifestaciones culturales, mantener nuestra identidad y poner en práctica una participación ciudadana activa.

Llegados a este punto, surge el cuestionamiento que propusimos en la introducción, ¿cómo podemos contribuir desde la Bibliotecología y la Ciencia de la Información con estas tres situaciones presentadas? ¿De qué manera utilizamos estas políticas de información como herramientas para reducir las desigualdades y democratizar el acceso al conocimiento?

En primer lugar, hay que reconocer que la formulación de estas legislaciones y programas, además de ser recientes, por sí sola no soluciona todas las cuestiones en materia de accesibilidad informativa y tecnológica y quedan múltiples aspectos por reforzar, trabajar, mejorar y reestructurar, con los cuales los profesionales de la información podemos colaborar desde nuestra experticia y nuestras capacidades.

Concretamente, en el caso del Programa *Conectar Igualdad*, las bibliotecas y los bibliotecarios y bibliotecarias escolares deben asumir el desafío de acompañar las trayectorias educativas mediadas por tecnologías y colaborar con el desarrollo de habilidades informacionales. Para ello, la alfabetización informacional es una actividad clave y más necesaria que nunca, tanto para estudiantes como para docentes, ya que uno de los aspectos que muchas veces se criticó al programa es relegar el desarrollo de habilidades para el uso, manejo y evaluación de la información. Debemos recordar que la infraestructura por sí sola no genera conocimiento, se requiere de la capacidad humana y

allí es fundamental el apoyo del profesional. Además, abre un espacio importante para la reflexión, para plantearnos y plantear a los usuarios: ¿qué buscamos con las tecnologías? ¿Cómo nos ayudan, cómo se insertan en los planes educativos? ¿De qué modo estas prácticas tecnológicas afectan y modifican nuestras interacciones socioculturales?

Con relación, a la ley de repositorios, los bibliotecarios son los actores centrales que vienen sosteniendo y desarrollando la iniciativa. La propia reglamentación de la ley delega a bibliotecarios y curadores de datos, entre otros, la tarea de gestionar los repositorios y este no es un dato menor. Por lo tanto, la comunidad bibliotecaria debe continuar desplegando un rol activo, tal como lo ha hecho hasta el momento. Este trabajo está en sus inicios y hay muchas barreras por superar, desde las tensiones y contradicciones existentes en las políticas científicas y en el sistema de evaluación y publicación que ponen en jaque el acceso abierto, así como la resistencia demostrada por una parte importante de los investigadores quienes se muestran reticentes a depositar sus producciones en los repositorios. Ante este escenario, los profesionales de la información debemos trabajar de manera interdisciplinar con otros actores involucrados, replantearnos el alcance de nuestro campo disciplinar e involucrarnos activamente en el delineamiento de las políticas que contribuyan con el acceso, uso y transformación de la información, preguntarnos ¿cómo hacer de los repositorios instrumentos para democratizar la ciencia?, para no perder de vista que nuestra disciplina tiene una finalidad social e interdisciplinar que trasciende los aspectos operativos técnicos y tecnológicos.

En cuanto a la ley de acceso a la información pública, la principal debilidad a señalar es el desconocimiento de su existencia por parte de la ciudadanía, e incluso de las entidades obligadas a brindar información. Demás está decir que debemos ejercer nuestro rol de comunicadores y difusores por excelencia para dar a conocer a la sociedad los derechos que le asisten y trabajar mancomunadamente con otros organismos estatales, sociales y culturales, a fin de que el ejercicio de este derecho se ponga en práctica y sirva a los propósitos para los cuales fue promulgado.

En conclusión, la información y las TIC se convierten en elementos necesarios, pero no suficientes, necesitamos de la intervención humana, de la capacidad de reflexión permanente que nos permita cuestionarnos por la finalidad de nuestra disciplina, evaluar cuánto hemos avanzado con estos marcos regulatorios, a dónde nos encaminamos, cuáles son las acciones más convenientes frente a cada contexto, hasta qué punto puede hacerse realidad un conocimiento efectivamente democrático y en qué medida los regímenes de información vigentes nos lo permiten.

Referencias Bibliográficas

ARGENTINA. Leys, decretos, etc.

2016 *Ley 27.275 de Derecho de acceso a la información pública, publicada el 29 de septiembre de 2016*. [En línea]. 2016. [Consult. 2 sep. 2022]. Disponible en: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-26899-223459>.

ARGENTINA. Leys, decretos, etc.

2013 *Ley 26.899 de Repositorios Digitales Institucionales de acceso abierto, publicada el 9 de diciembre de 2013*. [En línea]. 2013. [Consult. 28 ago. 2022]. Disponible en: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-26899-223459>.

ARGENTINA. Subsecretaría de Educación de Buenos Aires. Dirección de Educación Especial

2011 *Programa Conectar Igualdad en las escuelas de educación especial: documento de apoyo n° 3*. [En línea]. Buenos Aires: DGCE, 2011. [Consult. 30 ago. 2022]. Disponible en: http://servicios.abc.gov.ar/lainstitucion/sistemaeducativo/educacionespecial/documentos/documento_de_apoyo_3.pdf.

BABINI, Dominique

2019 La Comunicación científica en América Latina es abierta, colaborativa y no comercial: desafíos para las revistas. *Palabra clave*. [En línea]. 8:2 (jun. 2019) 5-6. [Consult. 10 feb. 2023]. Disponible en: <https://doi.org/10.24215/18539912e065>.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE

2016 *La Matriz de la desigualdad social en América Latina*. [En línea]. Santiago: Naciones Unidas, 2016. [Consult. 30 ago. 2022]. Disponible en: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/40668>.

CONSEJO INTERNACIONAL DE CIENCIAS SOCIALES

2016 *Informe Mundial sobre Ciencias Sociales 2016: Afrontar el reto de las desigualdades y trazar vías hacia un mundo justo: resumen*. [En línea]. París: UNESCO, 2016. [Consult. 5 sep. 2022]. Disponible en: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245995_spa.

DE VOLDER, Carolina

2008 Los Repositorios de acceso abierto en la Argentina: situación actual. *Información, Cultura y Sociedad*. [En línea] 19 (2008) 79-98. [Consult. 10 jul. 2023]. Disponible en: http://repositorio.filo.uba.ar/bitstream/handle/filodigital/11053/uba_ffyl_INI_BI_Informaci%3fb3n%2c%20Cultura%20y%20Sociedad_19_pp.%2079-98.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

DÍAZ CAFFERATA, Santiago

2009 El Derecho de acceso a la información pública: situación actual y propuestas para una Ley. *Lecciones y Ensayos*. [En línea]. 86 (2009) 151-185. [Consult. 26 jul. 2023]. Disponible en: <http://www.derecho.uba.ar/publicaciones/lye/revistas/86/06-ensayo-diaz-cafferata.pdf>.

FUSHIMI, Marcela [et al.]

2021 *Situación de los repositorios digitales en las universidades nacionales argentinas de gestión pública*. [En línea]. La Plata: Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales, 2021. [Consult. 22 jul. 2023]. Disponible en: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.4722/pm.4722.pdf>.

GAMBOA MONTEJANO, Claudia; AYALA CORDERO, Arturo; GUTIÉRREZ SÁNCHEZ, Miriam

2007 *Transparencia y acceso a la información pública: estudio de antecedentes, marco jurídico actual, derecho comparado de diversos países y de las entidades federativas, y de las iniciativas presentadas en el tema*. [En línea]. México: Subdirección de Política Interior; Servicios de Investigación y Análisis; Centro de Documentación, Información y Análisis, 2007. [Consult. 5 ago. 2023]. Disponible en: <https://www.diputados.gob.mx/sedia/sia/spi/SPI-ISS-03-07.pdf>.

NECUZZI, Constanza

2007 El Programa Conectar Igualdad y las políticas de inclusión del estado argentino. En *Formar en el horizonte digital*. Comp. María Eugenia Collebechi y Federico Gobato. [En línea]. Bernal: Universidad Virtual de Quilmes, 2017, p. 107-116. [Consult. 5 sep. 2022]. Disponible en: http://libros.uvq.edu.ar/assets/formar_en_el_horizonte_digital_-_collebechi_gobato.pdf.

PROGRAMA DE NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO

2021 *Informe regional de desarrollo humano 2021: Atrapados: alta desigualdad y bajo crecimiento en América Latina y El Caribe*. [En línea]. New York: N.U., 2021. [Consult. 2 sep. 2022]. Disponible en: <https://www.undp.org/es/latin-america/publications/informe-regional-de-desarrollo-humano-atrapados-alta-desigualdad-y-bajo-crecimiento-en-america-latina-y-el-caribe#>.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO

2010 *Informe Regional sobre Desarrollo Humano para América Latina y el Caribe 2010: Actuar sobre el futuro: romper la transmisión intergeneracional de la desigualdad*. [En línea]. San José, C.R.: PNUD, 2010. [Consult. 2 sep. 2022]. Disponible en: <https://www.undp.org/es/latin-america/publications/informe-regional-sobre-desarrollo-humano-para-am%C3%A9rica-latina-y-el-caribe-2010>.

María Arminda Damus | marydamus@gmail.com

Universidad Nacional de Misiones - Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales, Argentina

Resumo: A pesquisa parte do problema: como podemos reconhecer os dilemas filosóficos históricos e o desenvolvimento sociocrítico contemporâneo de uma filosofia da informação em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), a partir de uma epistemologia histórica transgeográfica, para-territorial, no contexto de Iberoamérica e Caribe? O marco teórico básico do projeto ancora-se nas dimensões da relação entre epistemologia em BCI e a pluralidade teórica da organização do conhecimento (OC), a fundamentação epistemológica e a constituição institucional de uma dada “organização do conhecimento” no contexto internacional e sua repercussão no Brasil, bem como da influência da plataforma da filosofia da linguagem sob os construtos epistemológicos em BCI. Os procedimentos metodológicos sustentam-se na abordagem metodológico-filosófica de Ludwig Wittgenstein (1979, 1992a,b, 2002, 2005). A operacionalização das etapas de coleta da pesquisa se dá a partir de três perspectivas metodológicas: bibliográfica, teórica e conceitual. Para fins de construção dos *corpora* desta etapa da pesquisa a base consultada foi a *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI) do Brasil. A procura por uma dada “filosofia da informação” em contexto para-territorial (foco em Iberoamérica e Caribe) tecida em BCI partiu dos descritores: filosofia da informação; filosofia; teoria social; epistemologia; teoria; teoria da cultura; teoria crítica; teoria do conhecimento; teoria política, presentes na literatura do campo em conjugação com os descritores de demarcação geográfica (continente, país, província, estado, cidade, território). As fontes do estudo foram compiladas e gerenciadas pelo *software* Zotero. Os resultados trazem evidências da produção filosófico-epistemológica no contexto geográfico investigado, demonstrando os caminhos de uma produção bibliográfica estrutural, de fundamentação, ao crescente conjunto de enfoques filosófico-informacionais de abordagem política, social e cultural.

Palavras-chave: Biblioteconomia e Ciência da Informação em Iberoamérica e Caribe; Epistemologia histórica; Filosofia da Informação; Fundamentação filosófico-epistemológica.

Abstract: The problem research is: how can we recognize the historical philosophical dilemmas and the contemporary socio-critical development of a philosophy of information in Library and Information Science (LIS), based on a historical epistemology, in Caribbean-Iberoamerican context? The basic theoretical framework is anchored in the dimensions between LIS epistemology and the theoretical plurality of knowledge organization (KO), the epistemological foundation and the institutional constitution of the KO in the international context and its repercussion in Brazil, as well as the influence of the philosophy of language platform under the epistemological constructs in LIS. The methodological procedures are based on the Ludwig Wittgenstein (1979, 1992 a,b, 2002, 2005) methodological-philosophical approach. The operationalization of the research collection stages takes place from three methodological perspectives: bibliographic, theoretical and conceptual. For the purposes of constructing the *corpora*, for this stage of the research, the database consulted was the *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI) from Brazil. The search for a given “philosophy of information” in a para-territorial context (focus in Caribbean-Iberoamerican context) in LIS from the descriptors: philosophy of information; philosophy; social theory; epistemology; theory; culture theory; critical theory; theory of knowledge; political theory, present in the field literature in conjunction with geographic demarcation descriptors (continent, country, province, state, city, territory). The study sources were compiled and managed by Zotero software. The results bring evidence of philosophical-epistemological production in the geographical context investigated, demonstrating the paths of a structural bibliographical production, of foundation, to the growing set of philosophical-informational approaches with a political, social and cultural approach.

Keywords: Caribbean-Iberoamerican Library and Information Science; Historical epistemology; Philosophy of Information; Philosophical-epistemological foundation.

1. Introdução às cartografias filosófico-epistemológicas em Biblioteconomia e Ciência da Informação: rotas para Iberoamérica e Caribe

La fundamentación de una disciplina abarca diversos aspectos que muchas veces no se aprecian. Se debe realizar una fundamentación filosófica, una fundamentación lógica, una fundamentación metodológica, una fundamentación del cuerpo teórico y una fundamentación extrateórica. Esto no implica decir que sean pasos que se deban efectuar con una secuencia determinada, sino que son aspectos de un todo que se complementan e interrelacionan, dependiendo unas de otras; si se realizan unas, se estarán realizando otras. Nuestro objetivo final será encontrar las respuestas a las preguntas ¿ qué es esa ciencia ? ¿ qué estudia ? ¿ cómo lo estudia ? ¿ para qué lo estudia ? (RENDON ROJAS, 1994:7).

Como se constitui uma filosofia da informação em, de e para Ibéria, América Latina e Caribe a partir de suas próprias configurações autorais, institucionais, teóricas, metodológicas, processuais e técnicas no contexto da formação epistemológica em Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI)? A ampla pergunta de partida do presente estudo é fruto de uma etapa da pesquisa “Cartas filosófico-epistemológicas em Ciência da Informação: cartografias narrativas das teorias da informação do século XXI para ciência, sociedade e inovação”, investigação científica sob fomento da Chamada CNPq Nº 04/2021 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa – Nível 1 – C – do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do Brasil.

O projeto realiza uma incursão teórica, conceitual e bibliográfica sobre a filosofia da informação (ou seja, a construção de ideias e de conceitualidades para o plano epistemológico de reforma contínua de nossa *episteme*) constituída em BCI no século XXI, com vistas à compreensão de seu impacto aplicado nos âmbitos social, cultural e político na realidade contemporânea via transformações sociotécnicas.

As “Cartas filosófico-epistemológicas em Ciência da Informação” procuram tecer o mapa teórico-conceitual de construção de nosso pensamento, em sentido amplo (a filosofia antevista, por exemplo, da lógica às dinâmicas culturais), sobre a informação, via a produção científica em BCI orientada para os aportes filosóficos e epistemológicos, com foco nas mutações teóricas, conceituais e metodológicas. O objetivo geral do projeto é constituir a cartografia narrativa filosófica e epistemológica, sob a base da historicidade das ciências humanas e sociais, da filosofia da informação tecida em BCI no contexto do século XXI.

Os itinerários permitem-nos, na hipótese do estudo, um quadro complementar aos olhares sobre as formas de configuração da construção das ideias em BCI a cada contexto histórico, geográfico, autoral, institucional. O presente recorte procura identificar, via a pesquisa no território ibérico, latino-americano e caribenho, tendo como recorte a tradição da produção e da recepção da pesquisa brasileira, esse panorama intelectual, em estudos que, através de seus metadados, enunciam a intencionalidade geográfica (ou seja, manifestam-se como orientados para o mapeamento de uma dada espacialidade, como “Brasil”, “América Latina”, “Cuba”, “Portugal”, “Mercosul”).

A pesquisa justifica-se a) pela compreensão dos caminhos filosófico-informacionais no século XXI nas reformulações do pensamento em BCI; b) pela necessidade de entendimento de uma forma de pensar e de agir dos territórios aqui mapeados sobre si e sobre as transformações mundiais; c) pela profunda e vasta produção ibero-americana e caribenha, teórica e aplicada, em BCI, internacionalmente reconhecida em seu plano qualitativo, porém pouco disseminada dado o recorte do preconceito e do viés linguístico fundamentado em língua inglesa no plano da comunicação científica global.

2. Percursos filosófico-metodológicos: viagem pelos caminhos filosófico-epistemológicos de Iberoamérica e Caribe em BCI

Não é evidentemente “pura” ou ideológica e politicamente asséptica esta configuração do objeto da Ciência da Informação pelos pressupostos que a originam e fundamentam, tais como o impasse profissional e teórico da Biblioteconomia e da Arquivística, o desenvolvimento teoricamente insustentável das novas tecnologias da informação sem um contributo epistemológico das ciências sociais e a subsequente distinção entre informar, conhecer e comunciar (SILVA e RIBEIRO, 2002:85).

O estudo evidencia as dimensões da filosofia da linguagem na conformação epistemológica em BCI que incide na Organização do Conhecimento (OC) como metamétodo capaz de nos conduzir ao foco de conceitos que evidenciam teorias e abordagens empíricas do campo, e a estrutura crítica aberta pela pragmática e pelos desafios sociais e culturais da interpretação do mundo construído e reconstruído na e pela linguagem. A proposta integra os esforços internacionais para compreensão do processo de formação das ideias do campo, em pesquisas epistemológico-filosóficas em BCI como Schrader (1983), Capurro (1992, 2003), Nitecky (1993, 1995, 1997), Couzinet (2011), também interessadas em mapeamentos de nosso pensamento.

A questão de pesquisa infraestrutural é: como podemos reconhecer os dilemas filosóficos históricos e o desenvolvimento sociocrítico contemporâneo de uma filosofia da informação em BCI, a partir de uma epistemologia histórica, pela via da pragmática da linguagem? A hipótese central a partir da qual os caminhos teórico-metodológicos se desenvolveram pressupõe a fundamentação da linguagem como estrutura histórica da configuração das futuras abordagens sociocríticas de nossa filosofia em BCI. No plano macroinvestigativo, o objetivo geral é constituir uma reflexão filosófica e epistemológica, sob a base da historicidade das ciências humanas e sociais, com foco na compreensão dos dilemas em BCI via uma filosofia da informação elaborada no campo. O marco teórico básico do projeto ancora-se nas dimensões, a) relação entre epistemologia em BCI e a pluralidade teórica da OC; b) a fundamentação epistemológica e a constituição institucional de uma dada “organização do conhecimento” no contexto internacional e sua repercussão no Brasil, a influência da plataforma da filosofia da linguagem sob os construtos epistemológicos tanto da CI como da OC em suas mais diferentes configurações teóricas e aplicadas; o desenvolvimento na CI, a partir da OC, de uma teoria crítica dos gestos classificatórios, interligando as condições simbólico-dialéticas, permitindo o reencontro de estruturas históricas e contemporâneas de abordagens da CI.

Os procedimentos metodológicos sustentam-se na abordagem metodológica do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1979, 1992a,b, 2002, 2005). O método que provém do pensamento do filósofo aqui abordado é a “apresentação panorâmica”. Já a operacionalização das etapas de coleta da pesquisa se dá a partir de três perspectivas metodológicas: bibliográfica, teórica e conceitual.

O foco aqui está em tecer, a partir do olhar wittgensteiniano da “apresentação panorâmica”, uma compreensão da realidade que não afasta a relação entre lógica e linguagem ordinária. Ao contrário, permite compreender a lógica nas estruturas ordinárias, e as capacidades do mundo social de subverter a própria lógica das elaborações conceituais, conduzindo-nos a uma compreensão não apenas lógico-positivista da formação de ideias na construção das ciências, mas um olhar sobre as comunidades científicas como coletivos em movimento, comunidades pragmáticas (ou seja, comunicativas, por princípio, socialmente tecidas e inseridas em seus contextos econômico-políticos de produção). Esse olhar metodológico-filosófico conjuga as relações entre BCI e as abordagens metalinguísticas da OC, correlacionado-se, como base de fundamentação e metametodologia, de um lado, da primeira fase do pensamento do filósofo austríaco, com o *Tratado Lógico-Filosófico* (Wittgenstein, 2002), focado da filosofia analítica e em uma “conceitografia” baseada da lógica da linguagem; de outro lado, em sua segunda fase, a passagem de uma crítica do neopositivismo à compreensão do poder de transformação do mundo através da pragmática, questionamentos que vemos em obras como *Livro Azul* (WITTGENSTEIN, 1992a) e *Livro Castanho* (WITTGENSTEIN, 1992b), *Observações filosóficas* (WITTGENSTEIN, 2005), chegando a sua principal obra da fase derradeira de sua produção teórica, o texto póstumo *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1979, 2002).

Para fins de construção dos *corpora*, as bases de dados consultadas no macroprojeto foram, até o momento, *Library, Information Science and Technology Abstracts* (LISTA/EBSCO); *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD IBICT); *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI); *Repositório IIBI UNAM*; *CAIRN.INFO*; *Library & Information Science Abstracts* (LISA); *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD).

O passo inicial do projeto se dá a partir da identificação, do cotejamento e do estudo de fontes bibliográficas referentes aos domínios da epistemologia histórica no escopo da CI e de sua epistemologia contemporânea. A segunda etapa foca-se no estudo da reflexão sobre o nascimento, sob a plataforma da filosofia da linguagem, dos conceitos em seu movimento de emancipação, de apagamento e de permanência no campo. O *corpus* estrutural será retirado das principais bases de dados que repercutem a produção epistemológica da CI no e do Brasil dentro do contexto do e para o plano internacional.

Para visualização e popularização dos dados para uso e reuso científico, a produção da pesquisa está disponível em acesso aberto através da produção do TriviumLab – laboratório de transgramáticas, do grupo de pesquisa *Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes* (CNPq MCTI, IBICT, UNIRIO, UFRJ). A visualização em rede, desde 2022, é apresentada no formato de linha do tempo. Especificamente, dentro do contexto do TriviumLab, concebeu-se, ainda em 2108, o *Liber Lexicon – Linguagens em Filosofia da Informação e Epistemologia da Ciência da Informação*, através do endereço em rede <https://www.lexiconeceliber.org/>.

Fig. 1 - Portal *Liber Lexicon* – *Linguagens em Filosofia da Informação e Epistemologia da Ciência da Informação* - Primeira página



Fonte: TriviumLab - Ecce Liber. Disponível em: <https://www.lexiconeceliber.org/>. [Consult. 4 jan. 2024.]

O portal LiberLexicon tornou-se um veículo de exposição e de popularização dos estudos filosófico-epistemológicos em BCI do *Ecce Liber*, a partir da IBICT, da UNIRIO e da UFRJ, no Brasil, tendo primeiro produto de suas experiências entre filosofia da informação e organização do conhecimento, o programa Capurrianas, com foco na compreensão da produção de conceitos, análise e classificação das ideias do pesquisador uruguaio-alemão Rafael Capurro, junto às cartografias epistemológico-históricas elaboradas pelo filósofo. Como parte do LiberLexicon, o Capurrianas é um projeto analítico-metafórico debruçado sobre o dilema do signo. Os conceitos são, aqui, consequências do movimento (e não fonte de natureza), das transformações do sentido (como o próprio sentido amplo de “filosofia da informação”, da lógica às culturas, da técnica à política, das linguagens à economia).

No contexto do Capurrianas, identificou-se um pensamento de Rafael Capurro provindo da agudeza simbólica da imagem de Hermes – o mensageiro – no âmbito da pragmática da linguagem. Da Angélica, seu programa filosófico inaugural, à ética intercultural da informação, passando pelas cartografias filosóficas e epistemológicas capurrianas em BCI (SALDANHA e MENEZES, 2018), nós encontramos uma teoria do conhecimento que se estabelece sob uma teoria da mensagem aos metamapas epistemológicos do campo (CAPURRO, 1992, 2003). Observa-se aqui, no plano do exercício do Capurrianas, um modelo (não único ou pioneiro) do nascedouro simbólico por onde se desdobram não apenas os conceitos e as metáforas epistemológicas em BCI, mas um modo de constituição de sua filosofia da informação.

Fig. 2 - Liber Lexicon – Linguagens em Filosofia da Informação e Epistemologia da Ciência da Informação – Página Capurrianas



Fonte: TriviumLab - Ecce Liber. Disponível em: <https://www.lexiconecceliber.org/capurrianas>. [Consult. 4 jan. 2024].

No contexto temporal (2022-2024) da investigação até à fase dos resultados do projeto aqui apresentada, o esquema cronológico está estruturado a partir dos dados obtidos na BRAPCI. Foram utilizados nove descritores na pesquisa, combinados com o descritor “Ciência da Informação”, a saber: filosofia da informação; filosofia; teoria social; epistemologia; teoria; teoria da cultura; teoria crítica; teoria do conhecimento; teoria política. O resultado foi compilado e está sendo gerenciado pelo Programa Zotero, um *software* gerenciador de referências em *software* livre e de código aberto que serve para gerenciar dados bibliográficos e materiais relacionados a pesquisa (como PDFs).

No âmbito da visualização de dados no LiberLexicon, a linha do tempo da produção filosófico-informacional em BCI a partir da BRAPCI está representada na Fig. 3.

Fig. 3 - Liber Lexicon – Linguagens em Filosofia da Informação e Epistemologia da Ciência da Informação – Página Cartas filosófico-epistemológicas da Ciência da Informação



Fonte: TriviumLab - Ecce Liber. Disponível em: <https://www.lexiconecceliber.org/capurrianas>. [Consult. 4 jan. 2024].

Como mencionado, para essa etapa, o foco está na pesquisa oriunda no recorte geográfico cultural da expressão de uma filosofia constituída na e da informação, em BCI, nos, para e sobre os territórios de Ibéria, América Latina e Caribe, a partir da produção identificada na base de dados brasileira BRAPCI, no período de 2000 a 2020. Ao todo, nesta base, foram localizados 513 (quinhentos e treze artigos) no plano geral da pesquisa (ou seja, estudos filosófico-epistemológicos, não necessariamente vinculados ao plano para-espacial dos limites geográficos selecionados). A pesquisa ora apresentada pressupõe um olhar geográfico-cultural, fundado na pergunta sobre estudos “para-territoriais”, isto é, que procuravam uma compreensão de um dado fenômeno filosófico-informacional previamente demarcado pela(s) autoria(s) do texto em seus metadados. Logo, os *corpora* podem revelar, em outras lentes analíticas, muitas outras “filosofias” em curso que não previamente demarcadas nas constantes para-territoriais (demarcadas pela manifestação de discursos geográficos, como identificação metarrepresentacional de nomenclaturas de continentes e de países, de províncias e de estados, de cidades e de territórios específicos). Dado o número de resultados limitado, e sendo o foco da pesquisa qualitativo e não quantitativo (menos interessados estamos em variáveis tangíveis e, sim, nas ideias que apontam para conceitualidades na esfera espacial), apresentamos qualitativamente (textualmente) os dados neste documento, descrevendo e interpretando suas condicionantes e singularidades, similaridades e afastamentos.

Sobre a BRAPCI, a base de dados brasileira em BCI nos permite uma conjugação importante para os propósitos da pesquisa e do recorte aqui apresentado. Como projeto constituído no e voltado inicialmente para o Brasil, um dos territórios mundiais com maior número de programas de pós-graduação em Ciência da Informação, primeiro contexto geográfico onde se constitui, em América Latina e Caribe, a pós-graduação *stricto sensu* no citado campo, a BRAPCI permite o mapeamento de uma produção científica oriunda dos anos 1970.

Do recorte temporal das cinco décadas de mapeamento ao enfoque no século XXI, quando já reconhece-se uma vasta produção filosófico-epistemológica no país via revistas científicas ali consolidadas, como *Ciência da Informação*, do Instituto Brasileiro de

Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e *Transinformação*, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), de Campinas, São Paulo, ambas do Brasil, e podemos apontar para um amplo horizonte poliespacial de circulação de pessoas de diferentes tradições de pesquisa do Brasil e do mundo, dado que, a partir do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação criado no então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual IBICT, em 1970, docentes e discentes de outros territórios (tanto de Iberoamérica e Caribe, como outros países o mundo) estiveram no contexto brasileiro realizando pesquisas, ministrando disciplinas e publicando desde então, como a circulação de pessoas doutoras pesquisadoras de diferentes países estabeleceram relações profícuas de produção via experiências pedagógicas e científicas, incluindo epistemólogos do campo como Rafael Capurro, Miguel Ángel Réndon Rojas, Fernanda Ribeiro, Armando Malheiro, Jaime Robredo, Antonio García Gutiérrez.

3. Cartas da filosofia da informação nos, dos e sobre os territórios de Iberoamérica e Caribe: travessias transatlânticas

El objeto, que nos traemos entre manos, cumple con creces, y doblemente, esas exigencias epistemológicas pues no solamente la Documentación, llamemos inicialmente así al objeto en cuestión, como disciplina que ha buscado desoladamente un estatuto científico – un estatuto exclusivo y autónomo, además –, ha debido someterse a severas directrices epistemológicas, sino que la naturaleza de su constitución misma y de sus herramientas más consagradas son definidoras, demarcadoras, clasificadoras, hiperreguladoras y, por lo tanto, disyuntoras, excluyentes, mutilantes, difusas a bases de tanta carga de rigor y autoexigencia. A medida que el ojo se acerca a un objeto, éste se vuelve borroso y desaparece a la vista (GARCÍA GUTIERREZ, 2011:13).

Como apontado no recorte dos *corpora*, essa etapa da pesquisa procurou um olhar sobre o contexto ibérico, latino-americano e caribenho para a compreensão da produção de uma dada filosofia da informação como componente de formação do pensamento em BCI, a partir do reconhecimento orientado ao recorte geográfico-cultural das expressões do território. Antes, porém, tecemos uma breve paisagem da cartografia de exercícios de fundamentação filosófico-epistemológica, ora de foco historiográfico, ora de foco conceitual, ora de foco educacional, ora de foco metodológico, na própria expressão geográfica que cerca nosso campo empírico. A experiência, não exaustiva, apresentada em 3.1., logo a seguir, procura lançar à superfície da discussão dos mapas de nosso pensamento em BCI no plano internacional a vastidão da produção teórica de construção de uma filosofia da informação via fundamentação de uma dada ciência a partir do pensamento de Iberoamérica e Caribe, posicionando seu lugar de profundidade e amplitude teórico-metodológica para construção do campo.

3.1. Rotas transatlânticas: a riqueza de um vasto pensamento filosófico-epistemológico de Iberoamérica e Caribe em BCI

Em diferentes momentos do percurso epistemológico-histórico que nos traz até a presente pesquisa, é possível compreender a profunda e prófua pesquisa científica, ou seja, a qualidade e a quantidade de um olhar filosófico-epistemológico em BCI em Iberoamérica e

Caribe. Ao contrário de um pressuposto de demarcação de ausência de fundamentação do campo em sua construção histórica, argumenta-se, com os elementos aqui descritos panoramicamente, a complexidade quanti e qualitativa dos exercícios filosófico-epistemológicos em BCI. Dentro da configuração de verificabilidade de tal argumento, os dados preliminares que nos trazem até o presente projeto e seus resultados já nos levaram, por exemplo, à compreensão da riqueza filosófica, epistemológica, teórica e metodológica da pesquisa em BCI no recorte intercontinental “América Latina”, a partir da filosofia da linguagem com foco em pensamentos como os de Miguel Ángel Réndon Rojas, Solange Mostafa e Maria Nélide González de Gómez (SALDANHA e GRACIOSO, 2014), e a construção de um conceito de informação com suas especificidades no âmbito do pensamento brasileiro pela via das teorias de Regina Marteleto e Maria Nélide González de Gómez (FERNANDES e SALDANHA, 2012). Em travessias semelhantes, encontramos, por exemplo, em Martínez Rider e Redón Rojas (2004), na reflexão sobre os construtos latino-americanos de objetos de investigação científica em BCI.

A travessia da produção filosófico-epistemológica de Iberoamérica e Caribe nos apresenta, ainda, os aportes de obras de fundamentação que procuram, a partir de sua trajetória bibliográfica de formação, dentre bases internacionais (fora do eixo ibero-americano e caribenho), problematizar o local e o global na construção de nosso pensamento. Desdobra-se aqui a rede de mapas de uma profunda produção bibliográfica ao longo das últimas décadas como as pesquisas, no México, em estudos filosóficos abertos por Rendón Rojas (1996a,b, 1997, 1999); em Portugal, na produção epistemológica e histórica como de Silva & Ribeiro (2002); na Espanha, em Lasso de la Vega (1969), López Yepes (1993, 1995), García Gutiérrez (2011); no Brasil, em Robredo (2003, 2005); Fonseca (1979, 2004), Mostafa (1985), Pinheiro (1997), González de Gómez (2001), Araújo (2003, 2014, 2018), Gracioso (2008), Gracioso & Saldanha (2010) e Saldanha (2021).

Das rotas e viagens, de intercâmbios e exercícios de pluralidade epistemológica a partir de Iberoamérica e Caribe, chegamos ao desenvolvimento no século XXI de diálogos profícuos de análise e crítica da formação em BCI. No momento do olhar de e para Iberoamérica e Caribe no plano dos estudos filosófico-epistemológicos destaca-se, no contexto contemporâneo, o desenvolvimento do Círculo Ibero-Americano de Ciência da Informação Documental (CIIBERCID). A partir das frentes de produção em filosofia e epistemologia do Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información (IIBI) da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), via o pensamento e a rede de diálogos de Miguel Ángel Rendón Rojas, expande-se um *locus* de análise, de crítica e de reflexão partilhada sobre construção das diferentes filosofias em BCI, ou seja, a formação de uma “epistemologia como diálogo”, como ao término deste trabalho procuraremos enfatizar.

- Uma produção em território brasileiro
 - a) ora geográfico-cientocêntrica, “internalista”, quando encarado o conjunto de dados perante um olhar latino-americano, caribenho e ibérico. Chamamos aqui a atenção para as proximidades culturais, manifestadas pelo idioma e as expressões simbólicas que desta derivam, como pelas características geográficas, políticas e históricas que aproximam tais contextos territoriais. A produção identificada nos *corpora* via BRAPCI aponta para baixa reflexividade tecida do Brasil (aqui, especificamente, não apenas de pessoas pesquisadoras brasileiras, mas estruturalmente da produção dos periódicos científicos brasileiros), para os dilemas filosóficos da Ibéria, do Caribe e da América Latina, ou seja, o olhar da pesquisa brasileira para a regionalidade intercontinental ibero-americana e caribenha;
 - b) ora histórico-globalizada, “internacionalista” em demasia, ou seja, extremamente vinculada à tradição ocidental de produção sobre filosofia até os contextos de produção filosófico-informacional dos séculos XX e XXI, sem aprofundamento, quanti e qualitativo, na própria produção dos territórios investigados (dito em outras palavras, um olhar que aponta para correlacionais locais via fontes de fundamentação internacionais, sem a devida contextualização social comunitária). Assim, por exemplo, da filosofia grega aos pós-estruturalistas de origem francesa, passando pela tradição crítica alemã e de fontes anglo-americanas, a pesquisa manifestada no *corpus* representa sua vasta produção sobre um olhar global em filosofia, demonstrando, de um lado, seu teor crítico, amplo e atualizado em uma interface internacional, de outro lado, a mencionada ausência de produção de um metaolhar sobre as fontes de pensamento do campo no contexto íbero, latino-americano e caribenho, cuja expressão ganha tendências nos últimos anos para um ponto de vista hiperlocal, via dinâmicas teóricas decoloniais e contra-coloniais.

Outro aspecto observado é a relação do local para o global. Destacamos aqui estudos que apontam para características locais que permitem olhar, no plano para-territorial, macro-reflexões qualitativas sobre a realidade filosófico-informacional produzida a partir dos territórios investigados nessa pesquisa.

Além disso, nos *corpora* encontramos o foco no profissional bibliotecário no Brasil no plano socioecocômico, pesquisas orientadas para aspectos de sistemas, como repositórios digitais, aspectos políticos entre território e feminismo nos estudos informacionais, para os dilemas de políticas educacionais de formação no, do e para o campo, para o recorte geográfico “Brasil” na produção bibliográfica, respondendo pela relação entre fonte espacial da base de dados deste mapeamento da pesquisa – a BRAPCI, produzida no e a partir da tradição de pesquisa e de pós-graduação em BCI do Brasil – e tendências de campo empírico espacial, ou seja, o próprio território brasileiro, como, após a descrição textual dos artigos recuperados, retomaremos na discussão do presente documento.

No plano do recorte geográfico, especificamente dedicado aos aspectos filosóficos, via os descritores da cartografia apresentada, registra-se abaixo a descrição estrutural dos resultados obtidos na relação entre “filosofia da informação”, via os descritores apontados nos critérios metodológicos, cruzados com as condicionantes terminológicas geográficas (espacialidade) de Iberoamérica e Caribe. Deste modo, os artigos manifestados na

superfície da BRAPCI a partir dos critérios previamente apontados estão abaixo deslindados.

No plano filosófico-epistemológico, propriamente dito, foram identificadas as pesquisas:

- i)** “Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio de análise de citações (1972-2008)”, de autoria de Aline Elis Arboit, Leilah Santiago Bufrem e Juliana Lazzarotto Freitas, publicada no periódico *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, em 2010, que analisou a configuração epistemológica da Ciência da Informação (CI) com base na análise de citações da produção periódica brasileira da área via BRAPCI, selecionando 91 artigos que versavam sobre Epistemologia da CI;
- ii)** “A Organização interdisciplinar da Ciência da Informação no Brasil: perspectivas dos programas de pós-graduação” de Andrea Vieira Santos e Eduardo da Silva Alentejo, publicado na revista *Ponto de Acesso*, em 2011, que trata dos fenômenos interdisciplinares da Ciência da Informação (CI) no Brasil pelo âmbito de sua organização institucional;
- iii)** “Contribuições de Marteleto e González de Gómez ao Entendimento do Informacional: diálogos com três aportes da informação”, publicado na revista *Ponto de Acesso*, em 2012, de Geni Chaves Fernandes e Gustavo da Silva Saldanha, com foco nas contribuições teóricas de Regina Marteleto e Maria Nélide González de Gómez para a compreensão do fenômeno da informação são apresentadas a partir de seus diálogos com três abordagens. Em relação à matemática e às abordagens cognitivas da informação são apresentadas suas percepções críticas;
- iv)** “O Estado da arte da Filosofia da Informação na Ciência da Informação Brasileira”, publicado em 2014, por Diego Andres Salcedo e Túlio de Moraes Revoredo, no periódico *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, que apresentou um panorama da Filosofia da Informação e suas relações teóricas com a Ciência da Informação brasileira, no plano conceitual, a partir de periódicos científicos brasileiros de Ciência da Informação e nos Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), a partir do pensamento de Luciano Floridi;
- v)** “A Produção Acadêmica no Brasil sobre Ciência da Informação: um estudo a partir da Teoria do Conhecimento de Habermas”, de autoria de André Felipe de Albuquerque Fell, Luciane Paula Vital, Murilo Artur Araújo da Silveira, Fabio Assis Pinho e Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia, publicado na revista *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, em 2014, que procurou avaliar o estado da arte da área de Ciência da Informação no Brasil, a partir da análise de trabalhos publicados nos Anais do ENANCIB, no período de 2003 a 2009, utilizando-se como base conceitual a teoria do conhecimento de Jürgen Habermas;
- vi)** “Itinerários filosóficos da Ciência da Informação no Brasil: o pioneirismo do IBICT e a propagação das ideias”, de Lena Vania Ribeiro Pinheiro, publicado na revista *Informação & Sociedade: Estudos*, de 2017, que analisou, sob a

abordagem da epistemologia histórica, o surgimento, o desenvolvimento e o estágio atual de pesquisas fundamentadas ou com foco em Filosofia, na Ciência da Informação e seu objeto, relacionando-as a pesquisadores, fatos, eventos e influências nacionais e do exterior. O mestrado em Ciência da Informação do IBICT, introdutor dos estudos filosóficos, foi aqui traçado na sua trajetória acadêmica, bem como os demais programas, nas suas áreas de concentração e linhas de pesquisa, para verificação da presença de estudos filosóficos. A análise incluiu, ainda, as instituições e eventos que propiciaram o desenvolvimento de pesquisas na área, como a ANCIB e os ENANCIB;

- vii) “Historiografia e Epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira”, de Tiago José da Silva e de Isa Maria Freire, publicado na revista *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, em 2018, que investigou a produção científica na temática Epistemologia e Historiografia da Ciência da Informação a partir dos Anais do ENANCIB, da Plataforma Lattes, da literatura indexada na BRAPCI, identificando o coletivo de pesquisadores que deram suporte, continuidade e consistência ao trabalho epistemológico e historiográfico da área;
- viii) “Perspectivas da produção científica sobre epistemologia da Ciência da Informação no âmbito do ENANCIB”, de Alexander Willian Azevedo e Alexander Willian Azevedo, publicado no periódico *Ciência da Informação em Revista*, em 2019, que analisou as publicações no escopo da epistemologia da Ciência da Informação, por meio dos estudos da literatura especializada produzida no ENANCIB, no período de 2014 a 2016. O estudo buscou verificar a consolidação do tema nas comunicações no grupo de trabalho “Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação” (GT1) do evento científico, abrangendo os 67 trabalhos;
- ix) “Filosofia na Ciência da Informação brasileira: análise de artigos científicos na BRAPCI entre 1972 e 2018”, de Diego Salcedo, Marcílio Cruz; Vinicius Accioly Bezerra”, de 2020, publicado na revista *Logeion: filosofia da informação*, que objetivou mapear como a filosofia está contida na Ciência da Informação brasileira a partir de dados dos artigos científicos publicados entre 1972 e 2018 na BRAPCI.

No plano da filosofia da informação estruturada a partir da filosofia da técnica, identificamos os estudos:

- x) “Investigação em sistemas de informação organizacionais em Portugal: caracterização do período de 2004 a 2007”, de Ricardo Grilo, João Varajão, Vitor Basto-Fernandes, António Pereira, publicado no periódico *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, em 2010, que procurou caracterizar a realidade da investigação em sistemas de informação organizacionais em Portugal no período de 2004 a 2007, realizando um trabalho de pesquisa e análise de teses e dissertações disponíveis em bibliotecas de universidades públicas portuguesas;
- xi) “Proposta de metodologia para a recuperação da produção científica em Ciência da Informação na base BRAPCI”, de autoria de Leilah Santiago

Bufrem, Juliana Lazzaroto de Freitas e Rene Faustino Gabriel Junior, publicado na revista *Ponto de Acesso*, de 2010, que buscou uma metodologia de atribuição de pesos a campos de busca em processos de Recuperação da Informação (RI) na BRAPCI. O estudo definiu características de uma metodologia de RI para determinar a relevância de estudos em uma área temática específica via o tema “epistemologia da Ciência da Informação”;

Por sua vez, no plano político, crítico e social da formação de uma filosofia sociocrítica da informação, foram identificados os estudos científicos:

- xii)** “Sobre a temática ‘Responsabilidade social’ na literatura da Ciência da Informação indexada pela Brapci”, de Isa Maria Freire, publicado na revista *Logeion: filosofia da informação*, em 2014, que apresentou os resultados de pesquisas sobre o surgimento de produções sobre o tema “responsabilidades sociais” no campo da Ciência da Informação na BRAPCI;
- xiii)** “Biblioteconomia social, crítica e progressista: mapeamento da produção científica nacional e internacional”, de Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus e Daniela Cândido da Silva, publicado na revista *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, em 2020. O procedimento metodológico selecionado foi a bibliometria de natureza quantitativa, que visou identificar a ocorrência dos termos, em português, “Biblioteconomia Social”, “Biblioteconomia Progressista” e “Biblioteconomia Crítica”, bem como os correspondentes termos em inglês “Biblioteconomia Social”, “Biblioteconomia Progressiva” e “Biblioteconomia Crítica”, a partir da BRAPCI e da *Library and Information Science Abstracts (LISA)*;
- xiv)** “Exclusión digital de las comunidades de personas con discapacidad en Brasil”, de autoria de Cristian Berrío Zapata, Zilah Edelburga Chaves dos Santos e Tania Chalhub Oliveira, em 2020, publicado na *Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud*, com foco na análise da evolução da acessibilidade à informação e da inclusão digital nessas comunidades, usando o caso do Brasil para ilustrar a história de sua luta por equidade e autonomia;
- xv)** “Mediação da informação para mulheres: um estudo de caso sobre a Biblioteca Comunitária Abdias Nascimento em Londrina/PR”, de autoria de Barbara Angelica Colono e Luciane de Fatima Beckman Cavalcante, publicado na *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, em 2020, com foco o papel das bibliotecas comunitárias na reação das comunidades periféricas ao acesso desigual à informação, apontando as instituições investigadas como alternativas para a luta feminista em busca de autonomia, empoderamento e combate ao machismo e à misoginia por meio da mediação da informação.

No contexto das relações entre filosofia, projetos político-pedagógicos, formação profissional continuada no campo e o contexto regional do estudo, identificou-se:

- xvi)** “El fenómeno bibliotecario y la bibliotecología en Cuba”, de Emilio Setién Quesada, publicado na revista *Ciencias de la Información*, de 2002, que investigou os diferentes períodos do fenômeno bibliotecário em Cuba, bem como uma exemplificação de seu desenvolvimento. Foi também feita uma síntese da legislação bibliotecária e das associações profissionais, permitindo

o olhar sobre a evolução das bibliotecas cubanas, da literatura sobre Biblioteconomia, da formação profissional e da pesquisa biblioteconômica, além dos conceitos teóricos da Biblioteconomia que tiveram presença significativa no país até o início do século XXI, incluindo a teoria informacional biblioteconômica cubana;

xvii) “Saberes e fazeres em transformação: a produção do conhecimento em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil a partir dos anais de eventos científicos dos anos 1970”, de Tathiane Amaral Marques e Gustavo Silva Saldanha, publicado no periódico *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, de 2018, que, sob uma epistemologia histórica orientada para os processos de transformação contínua do campo biblioteconômico-informacional, reconheceu a produção do conhecimento científico em Biblioteconomia e Ciência da Informação a partir da Primeira Reunião Brasileira em Ciência da Informação, realizada pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), em 1975;

xviii) “Elementos epistemológicos na construção da estrutura curricular do núcleo de formação geral dos cursos de ciência da informação da UFSC”, de William Barbosa Vianna e Sonali Paula Molin Bedin, publicado no periódico *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, em 2019, que analisou a estrutura curricular do Núcleo de Formação Geral, comum aos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação, ofertados no contexto do estudo pelo Departamento de Ciência da Informação da UFSC, sob a perspectiva da tecnologia da informação.

No plano filosófico-comunicacional, nas fronteiras epistemológicas das disciplinas científicas BCI e Comunicação Social, foram identificadas as pesquisas:

xix) “Fotojornalismo brasileiro e a crise das representações na sociedade pós-industrial”, de Eduardo Bentes Monteiro, no periódico *Comunicação & Informação*, em 2000, que tratou de um exercício de leitura e desconstrução da fotografia brasileira a partir de novas reflexões teóricas, como a de Fred Ritchin, sobre o futuro do fotojornalismo e a crise das representações culturais na atual sociedade pós-moderna;

xx) “Reflexões sobre a televisão e a ‘falta de cultura’ no Brasil”, de Nara Maria Emanuelli Magalhães, publicado na revista *Em Questão*, de 2006, que abordou o significado da televisão na sociedade contemporânea, a partir de uma pesquisa etnográfica de audiência realizada com pessoas pertencentes a famílias de classe média em uma cidade de médio porte, no interior do Rio Grande do Sul, Brasil;

xxi) “Newsmaking in Portuguese: uma discussão das hipóteses de Gaye Tuchman no contexto brasileiro”, de autoria de Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e Aldenor da Silva Pimentel, publicado na revista *Comunicação & Informação*, de 2012, que teve por objetivo discutir a difusão das ideias da socióloga estadunidense Gaye Tuchman na área da Comunicação nos países lusófonos, em especial no Brasil. Para tanto, realizou pesquisa bibliográfica dos trabalhos

em Língua Portuguesa da autora e de pesquisadores cujas publicações a referenciam;

xxii) “O silenciamento do debate da segurança pública nas narrativas jornalísticas sobre violência na Amazônia Paraense”, de Kristopher-Jon Peter Samuel, Sergio do Espírito Santo Ferreira Junior e Alda Cristina Costa, publicado no periódico *Comunicação & Informação*, em 2017, que objetivou refletir sobre como as narrativas produzidas pelos programas televisivos de caráter policial na Amazônia paraense contribuem para a negação de um debate sobre violência urbana e segurança pública;

xxiii) “Entre o debate público e o silêncio: análise da cobertura jornalística online sobre a questão do suicídio de adolescentes e jovens negros no Brasil”, de Ana Carolina Pontalti Monari, Claudio Bertolli Filho e Ana Carolina Pontalti Monari, publicado na *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, em 2019, que procurou analisar o debate público na cobertura jornalística *online* sobre a questão do suicídio entre adolescentes e jovens negros no Brasil, via o campo empírico de meios de comunicação do país.

A reflexão das limitações do estudo a partir das fontes analisadas carece de autocríticas e interpretações desdobradas dos resultados, entre critérios metodológicos e consequências do panorama dos dados recuperados. Ressalta-se, primeiramente, a limitação e indução da espacialidade da fonte: a base de dados adotada para esta etapa do estudo nos dá, de antemão, uma “cartografia” Brasil-mundo, ou seja, a BRAPCI, nascida e desenvolvida em língua portuguesa no território brasileiro, concentra pesquisas advindas estruturalmente pessoas pesquisadoras do próprio país e orientadas para a realidade deste contexto geográfico.

Outro aspecto necessário de demarcação das problemáticas teórico-metodológicas do estudo, válido não apenas para o contexto da BRAPCI, refere-se às limitações dos descritores oriundos do processo de autoindexação realizada pelas autorias de seus próprios artigos, ou seja, os metadados retirados de “título” e de “resumo” nem sempre virão expressar, de fato, a lente do objeto de estudo – aqui, a apresentação panorâmica de uma filosofia da informação, em sentido amplo, para Iberoamérica e Caribe, expressa a partir de um vocabulário filosófico-epistemológico manifesto nesses metadados, em um espaço, a BRAPCI, e contexto sociotemporal pré-determinado pelas escolhas metodológicas e terminológicas.

Ainda no contexto da regionalidade demarcada no território brasileiro, faz-se relevante observar, por outro ângulo, na evidência dos resultados, o recurso de uso da base, a BRAPCI, como *locus* de produção e de recuperação da própria produção do campo, assim como a fortuna crítica das pesquisas apresentadas em formato de texto completo ou resumo expandido nos encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB) do Brasil. Criada em 1989, desde seus primórdios, o fórum dos encontros da Associação brasileira guarda uma tradição da pesquisa epistemológico-histórica, transformada em grupo de trabalho permanente no século XXI, o Grupo de trabalho 1 – *Estudos Históricos e Epistemológicos em Ciência da Informação* da ANCIB, que tem como base, centralmente, os trabalhos de Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria Nélide González de Gómez.

Ainda, outro elemento autocrítico das fronteiras limitadas dos resultados, é o uso indiscriminado das próprias demarcações de espacialidade, como, dada a localidade da base consultada, ou seja, a fonte brasileira, o contexto “Brasil”, mas também as intenções e a ausência de definição e de demarcação de tal intenção no ato de inferência de um termo geográfico nos metadados do estudo. Diferentes publicações podem apresentar a identificação do país para tratar de fenômenos verdadeiramente macro-territoriais (a expressão de um estudo com base teórica ou empírica de fato interessada em um fenômeno que percorra todo o país, factualmente), ora adotar a categoria geográfico-política (como “Brasil”), para um recorte, no corpo do estudo, mais singular e delineado conforme a estrutura metodológica, mesmo mantendo, nos metadados, o uso do termo geográfico geral (ou seja, quando do mergulho no texto, perceber-se-á uma delimitação que não evoca, de fato, no plano empírico do estudo, toda a territorialidade inferida no metadado). O mesmo olhar metacrítico se dá para expressões “maiores”, quando falamos, por exemplo, em “América do Sul”, ou “América Latina”.

4. Considerações finais: a construção epistemológico-filosófica como trilha de diálogos interculturais transatlânticos

Sentença por excelência da ontologia informacional, dar a forma algo é uma das faces políticas do projeto metafísico e colonial do Ocidente. A ontologia fundamental inaugura o pensamento informacional e funda a representação. [...] A medida de reconhecimento ontológico passa a ser um gradiente de semelhança com a forma, por exemplo, em termos neoplatônicos de classificação dos seres, o homem é a imagem e semelhança de Deus, ou, sob a perspectiva da representação do conhecimento, faz sentido e é válido o conhecimento que se objetiva ao abrigo das operações significativas do sujeito moderno ocidental. Aos dessemelhantes é legado a conversão ritualística, a adequação cultural ou os desígnios altericidas coloniais: genocídios, epistemicídios, ecocídios e outros totalitarismos associados à dimensão representacional do sentido que dá a forma às relações sociais de dominação (MENEZES, 2021:7).

As cartografias de construção filosófico-epistemológica em BCI permitem a identificarmos modos de construção de uma filosofia da informação plural em cada contexto de demarcação dos discursos, bem como as redes de diálogo e intercâmbio, de teias de pessoas, instituições, métodos, teorias, fontes, conceitos que se inter cruzam em nossa permanente reformulação filosófica no século XXI.

Na síntese entre as evidências e desvelamentos, bem como das fronteiras e das limitações da presente etapa do estudo, faz-se relevante considerar a ocorrência

- a)** de uma noção crítica, ampla e vinculada ao espaço simbólico das humanidades, de filosofia da informação, que vai da cultura à técnica, das expressões de reflexões conceituais e à demarcação de desenvolvimento de instrumentos;
- b)** de um olhar geográfico-cultural, para essa etapa, orientado para uma pergunta sobre estudos para-territoriais, ou seja, que procuravam uma compreensão de um dado fenômeno filosófico-informacional previamente

demarcado pela(s) autoria(s) do texto em seus metadados. Logo, os *corpora* podem revelar, em outras lentes analíticas, muitas outras “filosofias” em curso se não previamente adotada a ferramenta espacial aqui aplicada.

Enfatizamos, ainda, nas considerações finais do estudo, a presença de gênero no âmbito de um pensamento crítico tecido historicamente e na pesquisa contemporânea de mulheres na fundamentação do campo, como o papel fundamental das pesquisas de Fernanda Ribeiro, Lena Vania Ribeiro Pinheiro, Maria Nélide González de Gómez, Regina Marteleto, Solange Mostafa, incluindo também o trabalho de Leilah Santiago Bufrem, tanto no plano da pesquisa epistemológica, como no plano de aplicação metodológico-empírica de construção de fontes para a uma pesquisa filosófico-epistemológica como esta (a saber, a doutora Leilah Santiago Bufrem é responsável pelo projeto de criação da *Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* – BRAPCI – no Brasil).

Retomamos, por fim, a argumentação de que o estudo, entre sua fundamentação e os resultados do recorte proposto dentro dos critérios e fontes consultadas: a presença e robustez da construção filosófico-epistemológica em BCI. Das fontes monográficas observadas em citações e referenciadas neste estudo e no panorama qualitativo descritivo dos resultados do estudo, a pesquisa indica conclusões na direção, de um lado, da efetiva construção epistemológica em Iberoamérica e Caribe no campo, de outro, o avanço de um olhar epistemológico-crítico, nos últimos anos, para conceitualidades imersas em uma filosofia da informação social no território, que nos levam dos debates da ontologia informacional essencialista clássica aos enfoques sociocríticos de epistemicídio, decolonialidade, contracolonialidade. A reflexão para estudos futuros com os *corpora* obtidos nos primeiros 20 (anos) do século XXI aponta, pois, para o aprofundamento qualitativo da reflexão sobre como e para onde avança uma filosofia da informação a partir do discurso em BCI nos territórios visitados.

Por fim, o exercício da pesquisa nos permite retomar um percurso autobiográfico de interesse na travessia como pesquisador. As cartografias da produção filosófico-epistemológica em BCI nos levam a pensar a epistemologia como diálogo, a formação de uma ciência em sua metateoria a partir do aprofundamento das experiências não apenas de trocas científicas formais (como os artigos), mas toda a rede de viagens por paisagens empreendida de pessoas pesquisadoras, instituições, espaços formais e informais nas estruturas acadêmico-científicas, dentre os territórios de onde partem os discursos. É justamente de um encontro como esse, entre o deslocamento e a publicação científica, nas travessias transatlânticas, que minha curiosidade epistêmica se apresenta perante o horizonte filosófico-epistemológico.

Especificamente, é na leitura do volume 8, de 1996, número 3, do periódico científico *Transinformação*, projeto editorial construído pela epistemóloga Solange Mostafa a partir da PUC de Campinas, no Estado de São Paulo, no Brasil, que deparo-me, então graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2005, com o diálogo filosófico-epistemológico entre Miguel Ángel Rendón Rojas, do México, e Maria Nélide González de Gómez, argentino-brasileira, no debate teórico aberto respectivamente por ambos nas publicações *Hacia un nuevo paradigma em bibliotecología* e *Comentários ao artigo ‘Hacia un nuevo paradigma em bibliotecología’*. O debate entre Rendón Rojas e González de Gómez, ali, na segunda metade dos anos 1990, já apontava para direções cada vez mais sociocríticas, de uma dada filosofia da construção epistemológica no campo para o século XXI a partir da pragmática da linguagem. É nesse lugar de encontro do diálogo de

diferentes territórios de Iberoamérica e Caribe, que percebo um mapa de ideias a trilhar, em permanente crescimento quanti e qualitativo. Os desenvolvimento de nosso pensamento no século XXI em BCI, como a crescente produção do coletivo CIIBERCID, representam, para mim, a contínua ampliação das rotas transatlânticas de reformulação permanente de nossa filosofia da informação.

Agradecimentos

Agradecemos à pesquisadora do grupo de pesquisa *Ecce Liber*, Isabelle Nunes da Silva, co-responsável pelas “Cartografias”; às pesquisadoras Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria Nélida González de Gómez, Solange Mostafa e Miguel Ángel Réndon Rojas, Leilah Santiago Bufrem e à equipe da *Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI), pelo conhecimento compartilhado com Brasil e com o mundo sobre história, filosofia e epistemologia da Ciência da Informação, bem como a comunidade investigadora do CIIBERCID, pelas constantes partilhas de ideias e de métodos em Iberoamérica e Caribe ao longo da última década.

Financiamento

A pesquisa foi desenvolvida a partir do fomento do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq MCTI Brasil) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes Brasil).

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2018 *O Que é Ciência da Informação*. 1ª ed. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2014 *Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível*. 1ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2003 A Ciência da informação como ciência social. *Ciência da Informação*. 32:3 (2003) 21-27.

CAPURRO, Rafael

2003 Epistemologia y ciencia de la información. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5º, Belo Horizonte, 2003 – *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael

1992 What is Information Science for?: a philosophical reflection. In INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20th ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, 1991 - *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives: Proceedings...* Ed. Peter Vakkari, Blaise Cronin. London; Los Angeles: TaylorGraham, 1992, p. 82-96.

COUZINET, Viviane

2011 Des Pratiques érudites à la recherche: bibliographie, bibliologie. In GARDIÈS, C. - *Approche de l'information-documentation: concepts fondateurs*. Toulouse: Cédaduès-Éditions, 2011, p. 167-186.

FERNANDES, Geni Chaves; SALDANHA, Gustavo Silva

2012 Contribuições de Marteleto e González de Gómez ao entendimento do informacional: diálogos com três aportes da informação. *Ponto de Acesso*. 6 (2012) 2-31.

FONSECA, Edson Nery da

2007 *Introdução à Biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FONSECA, Edson Nery da

1979 *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio

2011 *Epistemología de la documentación*. Barcelona: Stonberg Editorial, 2011.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide

2001 Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*. 6:1 (jan./jun. 2001) 5-18.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide

1996 Comentários ao artigo "Hacia um nuevo paradigma em bibliotecologia". *Transinformação*. 8:3 (set./dez. 1996) 44-56.

GRACIOSO, Luciana de Souza

2008 *Filosofia da Linguagem e Ciência da Informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais*. Rio de Janeiro, 2008.

Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal Fluminense.

GRACIOSO, Luciana de Souza; SALDANHA, Gustavo Silva

2010 *Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: da pragmática informacional à web pragmática*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2010.

LASSO DE LA VEGA, Javier

1969 *Manual de documentación: las técnicas para la investigación y redacción de los trabajos científicos y de ingeniería*. Barcelona: Labor, 1969.

LÓPEZ YEPES, José

1995 *La Documentación como disciplina: teoría e historia*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 1995.

LÓPEZ YEPES, José; ROS GARCIA, Juan

1993 *Qué es documentación?: teoría y historia del concepto en España*. Madrid: Editorial Síntesis, 1993.

MARTÍNEZ RIDER, Rosa; RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel

2004 Algunas propuestas latinoamericanas de objetos de estudio para la investigación bibliotecológica. *Revista Interamericana de Bibliotecología*. 27:1 (ene./jun. 2004) 13-44.

MENEZES, Vinícios Souza de

2021 Da representação à perspectivização de(s)colonial do conhecimento: a ontologia informacional sob a tez ameríndia. *Liinc em Revista*. 17:2 (nov. 2021) 1-25.

MOSTAFA, Solange

1985 *Epistemologia da Biblioteconomia*. São Paulo, 1985.
Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NITECKY, Joseph

1997 *Philosophical ancestry of American Library Information Science*. [Em linha]. 1997. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090310180826/http://www.twu.edu/library/Nitecki/>.

NITECKY, Joseph

1995 *Philosophical aspects of Library Information Science in retrospect*. [Em linha]. 1995. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090310180826/http://www.twu.edu/library/Nitecki/>.

NITECKY, Joseph

1993 *Metalibrarianship: a model for intellectual foundations of Library Information Science*. [Em linha]. 1993. [Consult. 20 mar. 2020]. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090310180826/http://www.twu.edu/library/Nitecki/>.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro

1997 *A Ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. Rio de Janeiro, 1997.
Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel

1999 Cuestiones epistemológicas de la ciencia bibliotecológica y la información. *Informare: cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*. 5:2 (jul./dez. 1999) 31-37.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel

1997 *Bases teóricas y filosóficas de la Bibliotecología*. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1997.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel

1996a Un Análisis filosófico de la Bibliotecología. *Investigación Bibliotecológica*. 10:20 (jan./jun. 1996) 9-15.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel

1996b Hacia um nuevo paradigma en Bibliotecología. *Transinformação*. 8:3 (set./dez. 1996) 17-31.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel

1994 Las Tareas de la fundamentación de la Bibliotecología. *Investigación Bibliotecológica*. 8:17 (jul./dec. 1994) 6-11.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel, coord.

2014a *El Problema del lenguaje en la Bibliotecología, Ciencia de la Información, Documentación: un acercamiento filosófico-teórico*. 1ª ed. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2014.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel, coord.

2014b *El Ser, conocer y hacer en Bibliotecología, Ciencia de la información, Documentación*. 1ª ed. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2014.

ROBREDO, Jaime

2005 *Documentação de hoje e de amanhã: uma abordagem revisitada e contemporânea da Ciência da Informação e de suas aplicações biblioteconômicas, documentárias, arquivísticas e museológicas*. 4ª ed. Brasília, DF: Edição de Autor, 2005.

ROBREDO, Jaime

2003 *Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação*. Brasília: Thesaurus Editora, 2003.

SALDANHA, Gustavo Silva; GRACIOSO, Luciana Souza

2014 *Filosofia da linguagem e Ciência da Informação na América Latina: apontamentos sobre pragmática e linguagem ordinária*. In *El Problema del lenguaje en la Bibliotecología, Ciencia de la Información, Documentación: un acercamiento filosófico-teórico*. Coord. Miguel Ángel Rendón Rojas. 1ª ed. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2014, p. 1-32.

SALDANHA, Gustavo Silva; MENEZES, Vinícios Souza de

2018 *O Mapa angelicó de Rafael Capurro de través: cartografias da Epistemologia da Ciência da Informação*. *Brazilian Journal of Information Science*. 12 (2018) 7-21.

SCHRADER, Alvin

1983 *Toward a new theory of library and information science*. Indiana (EUA): School of Library and Information Science, Indiana University, 1983. Thesis.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda

2002 *Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho

2022 *Fundamentos da informação. II - perspectivas epistemológicas, humanas e técnico-pragmáticas*. São Paulo: Abecin Editora, 2022.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho

2017 *Fundamentos da informação. I - perspectivas em Ciência da Informação*. São Paulo: ABECIN Editora, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig

2005 *Observações filosóficas*. São Paulo: Loyola, 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig

2002 *Tratado Lógico Filosófico: investigações filosóficas*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig

1992a *O Livro azul*. Lisboa: Edições 70, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig

1992b *O Livro castanho*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

WITTGENSTEIN, Ludwig

1979 *Investigações filosóficas*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Gustavo Silva Saldanha | gustavosaldanha@ibict.br

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT MCTI) / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil

Resumo: Neste trabalho abordam-se as transformações sofridas no conceito de Estado, desde o período pós-Revolução Francesa, em que emerge e depois se consolida o Estado-Nação, inspirado pela ideologia liberal, até à atualidade em que, por força da revolução tecnológica, iniciada em meados do século XX e acelerada com o aparecimento da Internet e das mudanças provocadas pela chamada “transição digital”, o Estado sofre também os efeitos dessa revolução, a ponto de podermos considerar apropriado o conceito de “Estado digital”.

Neste contexto, é interessante perceber qual o papel que a Ciência da Informação tem vindo a desempenhar ao longo dos últimos dois séculos e como se deve estruturar epistemologicamente (clarificando o melhor possível as áreas e subáreas do seu objeto de estudo) para fazer face aos complexos desafios que lhe cabe enfrentar na Era Digital em que vivemos.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Estado cultural; Estado digital; Estado-Nação.

Abstract: This work addresses the transformations undergone in the concept of State, from the post-French Revolution period, in which the Nation-State emerged and then consolidated, inspired by liberal ideology, to the present day in which, due to the technological revolution, which began in the middle of the 20th century and accelerated with the appearance of the Internet and the changes caused by the so-called “digital transition”, the State also suffers the effects of this revolution, to the point that we can consider appropriate the concept of “digital State”.

In this context, it is interesting to understand the role that Information Science has been playing over the last two centuries and how it should be structured epistemologically (clarifying as best as possible the areas and subareas of its object of study) to face the complex challenges that it must face in the Digital Era in which we live.

Keywords: Information Science; Cultural State; Digital State; State-Nation.

1. A Emergência e consolidação do Estado-Nação

Em Filosofia, em Sociologia e, mais especificamente, em Ciência Política a noção plena de Estado consiste na síntese de três elementos interligados: um governo, um povo e um território. Um Estado soberano é estruturado política, social e juridicamente, sendo legitimada a sua atuação e a sua existência através de uma lei máxima, ou seja, uma Constituição escrita (o Reino Unido é, por exemplo, uma exceção a esta norma)¹. Porém, em

¹ No verbete “Estado” da Wikipédia pode ainda ler-se na parte inicial destacável: “[O Estado] é dirigido por um governo que possui soberania determinada tanto interna como externamente. Um Estado soberano é sintetizado pela máxima «Um governo, um povo, um território». O Estado é responsável pela organização e pelo controle social, pois detém, segundo Max Weber, o monopólio da violência legítima (coerção, especialmente a legal). Segundo a divisão setorial sociológica mais comum, considera-se o Estado o Primeiro Setor, ficando o Mercado e as Entidades da Sociedade Civil respectivamente como Segundo e Terceiro Setores. O reconhecimento da independência de um

sentido mais limitado e tendencialmente operatório, Estado (moderno, *constructo* da Modernidade) significa discurso ideológico-político e ação governativa através da definição e implementação de políticas públicas gerais ou setoriais. E em consonância com este sentido redutor, mas muito instrumental, enquadra-se este extrato da *Introdução à Política* de Harold J. Laski (1964):

Isso significa, evidentemente, que nenhum Estado poderá atingir a finalidade em razão da qual existe, a não ser que seja uma democracia baseada no sufrágio universal, na qual existam não somente liberdade de palavra e associação, mas também reconhecimento de que nem credo ou raça, nascimento ou propriedade possam representar barreira contra o exercício dos direitos civis. Temos que aceitar isso simplesmente porque a história tem provado que a exclusão de determinado grupo de homens do poder redundará, cedo ou tarde, em sua exclusão dos benefícios do poder. A vontade do Estado é sempre manipulada por um governo que expresse as vontades daqueles de quem este governo depende para a renovação de sua autoridade. Tornar a área da dependência coincidente com o corpo dos cidadãos é, portanto, elevar ao máximo a possibilidade de que a totalidade de desejos seja levada em consideração (LASKI, 1964:32-33).

Por sua vez, em extensa obra recente, em dois volumes, Francis Fukuyama (2012; 2015) enquadrou de forma precisa o Estado-Nação, liberal (no plano ideológico e económico, fruto da primeira Revolução Industrial capitalista), tendencialmente democrático e defensor de uma identidade nacional, enraizada na instrução, nas tradições e costumes populares e no culto patriótico:

O presente volume retoma a história onde o anterior ficou e narra como o Estado, o Direito e a Democracia se desenvolveram ao longo dos dois últimos séculos, como interagiram entre si e com as outras dimensões económicas e sociais do desenvolvimento e, por fim, como deram sinais de decadência, quer nos Estados Unidos, quer noutras democracias desenvolvidas (FUKUYAMA, 2015:33).

Porém, aqui, interessa destacar as políticas estatais dirigidas para a valorização da memória patrimonial desenvolvidas ao longo do séc. XIX até à primeira metade do séc. XX, sendo certo que, neste período específico, a crise do liberalismo, do capitalismo e do imperialismo espelhada na eclosão da Grande Guerra (1914-1918) e da II Guerra Mundial (1938-1945), coexistiu com a emergência de experiências ideológico-políticas novas e disruptivas da ordem política vigente, como o comunismo soviético na Rússia ou o nazismo na Alemanha, o fascismo em Itália e epifenómenos correlatos noutros países e latitudes.

Da prática empírica, com origens milenares e associada a atividades profissionais no contexto dos arquivos e das bibliotecas, até à consciência disciplinar, que despontou em meados de oitocentos com o surgimento da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia, longo foi o caminho percorrido, no sentido de um aperfeiçoamento

Estado em relação aos outros, permitindo, ao primeiro, firmar acordos internacionais, é uma condição fundamental para estabelecimento da soberania. O Estado pode também ser definido em termos de condições internas, especificamente (conforme descreveu Max Weber, entre outros) no que diz respeito à instituição do monopólio do uso da violência” (Estado:2019).

progressivo dos procedimentos e das técnicas e da consagração de uma área profissional e científica com identidade própria, hoje designada por ‘Ciência da Informação’ (CI). Os fundamentos disciplinares da CI remontam precisamente à centúria de oitocentos, tendo enquadramento num paradigma historicista e custodial, que tem por pano de fundo a visão política e ideológica de base iluminista, que esteve subjacente aos ideais do regime liberal e que moldou o Estado-Nação, instituído no pós-Revolução Francesa. Neste enquadramento ideológico, é facilmente compreensível a valorização das fontes documentais, quer para legitimar jurídica e administrativamente a transferência do poder fundiário para as mãos da burguesia, quer para servir de apoio à escrita da História da Nação.

A criação de arquivos, bibliotecas e museus públicos (do Estado), concebidos como instituições destinadas a conservar a memória nacional, configura, pois, uma nova realidade, que se vai afirmar ao longo do século XIX e consolidar no seguinte, sendo expressão da visão paradigmática tradicional, que apelidamos de “custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista” e que, de forma mais aprofundada, fundamentámos em trabalhos anteriores (SILVA e RIBEIRO, 2012; RIBEIRO e SILVA, 2016).

Os revolucionários franceses tinham por ideal pôr à disposição de todos os cidadãos as riquezas bibliográficas que, até então, eram privilégio apenas de muito poucos e rapidamente legislaram nesse sentido², ou seja, determinando a passagem para a posse do Estado da documentação que era propriedade das classes dominantes no Antigo Regime, sobressaindo aqui as ordens monástico-conventuais. Foi, portanto, nesta perspetiva que tomou forma e se pôs em prática uma política de incorporação nos serviços do Estado, das fontes documentais que interessavam à história da Nação e à administração dos bens nacionalizados pela nova ordem liberal.

Seguindo a França como modelo e sofrendo a influência dos ideais do Liberalismo, muitos países europeus (Portugal incluído) levaram a cabo revoluções burguesas e instituíram regimes políticos liberais e constitucionalistas, com consequências similares às da congénere francesa, nomeadamente no que concerne à política de nacionalizações de bens e documentos e à liberalização do acesso à informação.

A partir dos anos trinta do século XIX, o interesse pelos arquivos e pelas bibliotecas aumentou, especialmente porque se desenvolveu o Positivismo, de matriz intelectual alemã, preconizando a verificação documental como método da Ciência Histórica. Disciplinas como a Paleografia, a Diplomática, a Sigilografia e a Numismática, mas também a Bibliologia, a Codicologia e a Arquivologia ganharam um estatuto de “ciências auxiliares” da História.

A valorização das fontes documentais e o incremento da pesquisa nos arquivos e bibliotecas favoreceram, naturalmente, o desenvolvimento das profissões ligadas a estes serviços e das atividades técnicas correspondentes. As bibliotecas e os arquivos nacionais foram as sedes, por excelência, da formação profissional, embora, a par delas, tenham começado a surgir, um pouco por toda a Europa, escolas de matriz clássica, destinadas a formar arquivistas-paleógrafos e bibliotecários eruditos, de que o caso da École Nationale des Chartes,

² Foi a legislação promulgada pela burguesia, que tomou o poder em França em 1789, que instituiu pela primeira vez a noção de acesso à informação por todos os cidadãos que constituíam o novo Estado-Nação (Lei de 7 Messidor, ano II da Revolução, art. 37º e 38º).

instituída em Paris, em 1821, é o exemplo mais emblemático. Estas escolas tinham por função primordial formar o pessoal especializado necessário para tratar a documentação transferida para os arquivos e as bibliotecas do Estado, em consequência das nacionalizações³.

O modelo francês, que inspirou o paradigma custodial, historicista e patrimonialista, ganhou novos contornos a partir dos finais do século XIX, por efeito das condições socioeconómicas geradas pelas segunda e terceira vagas de industrialização, da complexificação burocrática das administrações e da evolução científica e tecnológica. Estas mudanças traduziram-se numa cada vez maior autonomização da Arquivística e da Biblioteconomia em relação à História, num aprofundamento da sua vertente técnica e no sentido de se afirmarem como disciplinas de saber individualizado, embora não pondo em causa nem o paradigma vigente nem o valor patrimonial dos documentos, que, entretanto, também se foi afirmando⁴.

Nos arquivos intensificou-se o trabalho de transcrição dos documentos e de preparação de inventários e catálogos, instrumentos descritivos destinados à pesquisa da informação de que os historiadores necessitavam. Em Itália, é particularmente importante a ação da escola de Florença, onde graças à ação de vários arquivistas-historiadores, como Guasti, Bonghi e, principalmente, Francesco Bonaini, surgem críticas aos métodos cronológico e temático de ordenação dos documentos e é afirmado o “método histórico” (1867), que proclama o “respeito pela ordem original”, com base na história de cada instituição. E, em 1898, é publicado, na Holanda, o célebre “Manual dos Arquivistas Holandeses”, obra que marca a entrada da disciplina arquivística numa nova era, autonomizando-a, pela via da técnica, da Ciência Histórica a que até então estivera ligada numa posição auxiliar e instrumental.

Nos museus, especialmente os de ciência, de arte e de arqueologia, intensifica-se igualmente o trabalho de tratamento e inventariação das coleções, ganhando cada vez mais força a ideia do seu valor patrimonial, que viria a consagrar-se na legislação muito mais cedo do que aconteceu com o chamado “património documental”.

Nas bibliotecas, assiste-se, de forma ainda mais significativa, a um incremento da vertente técnica de organização e representação da informação, protagonizado em grande medida pelos bibliotecários formados pelas associações profissionais. Evidências do desenvolvimento da técnica biblioteconómica temo-las, por exemplo, nas célebres “91 regras de catalogação” destinadas à confecção de catálogos de livros impressos, mapas e música, elaboradas por Antonio Panizzi, bibliotecário da British Library; ou no surgimento, em 1876, nos Estados Unidos da América, da primeira edição da *Dewey Decimal Classification*, que inspirou a *Classificação Decimal Universal* (CDU) e que é considerada um exemplo pioneiro de classificação bibliográfica; ou ainda, no mesmo ano de 1876, no trabalho do bibliotecário Charles Ammi Cutter, que editou as *Rules for a Dictionary Catalogue*, bem como a “Classificação Expansiva”, estabelecendo normas para o tratamento técnico da informação.

³ Para uma mais pormenorizada caracterização destes serviços públicos, ver: RIBEIRO, 2017.

⁴ O conceito de património afirma-se no início do séc. XX, assentando na perceção sensorial dos produtos intelectuais como objetos valoráveis esteticamente, afetiva e economicamente, resultando daí a noção de *bem cultural*, que se possui, lega, vende, adquire e coleciona.

Pela mesma época, as associações profissionais, designadamente a American Library Association, nos EUA, e a Library Association, no Reino Unido, começam a desenvolver um trabalho importante no que respeita à formação dos profissionais, a qual assentava sobretudo na transmissão de conhecimentos técnicos.

Este desenvolvimento da vertente tecnicista teve, porventura, o mais significativo impulso, por alturas da viragem do século, quando Paul Otlet e Henri La Fontaine fundam, na Bélgica, em 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia, organismo que teve um papel fundamental no desenvolvimento da CDU, cuja 1ª edição surge em 1905, sob o título *Manuel du Répertoire Bibliographique Universel*. Poucos anos depois, em 1908, é editado o código anglo-americano de catalogação (*Anglo-American Cataloguing Rules*) e em 1910 realiza-se, em Bruxelas, o Congresso Internacional de Arquivistas e Bibliotecários, que reúne profissionais europeus e americanos de grande nomeada. Percebe-se, assim, que o paradigma custodial e historicista começa a evidenciar sinais da crise que o irá pôr em causa algumas décadas mais tarde, quando a tecnologia entrar definitivamente nos procedimentos de tratamento e recuperação da informação.

Neste processo evolutivo, foi crucial a figura de Paul Otlet, no tempo que mediou entre as duas guerras mundiais (RIEUSSET-LEMARIÉ, 1997), período em que deu à estampa o seu famoso livro, *Traité de Documentation* (OTLET, 1996 [1934]), no qual fundamentou o conceito de ‘documentação’ e defendeu a importância do acesso a todo o tipo de documentos, muito para além dos tradicionais livros e revistas e da documentação administrativa, que eram a essência das bibliotecas e dos arquivos públicos. Abria-se assim o caminho para o surgimento da *information science* em finais da década de 50 do século XX, num contexto político, social e económico, transformador do próprio Estado, como adiante se verá.

Em síntese, vejamos em traços gerais, qual o papel da informação e das disciplinas com ela relacionadas, no contexto do Estado-Nação:

- a informação (documentos) é valorizada por razões administrativas e também ideológicas, pois é um elemento fundamental da memória orgânica, legitimador da identidade da Nação;
- o valor atribuído à informação legitima a criação de serviços públicos (arquivos, bibliotecas, museus) destinados a conservar os documentos, promover a sua organização e disponibilização “a todos os cidadãos”;
- a informação (documentos) constitui a fonte indispensável para a escrita da História nacional, num quadro de desenvolvimento do Positivismo e da própria ciência histórica, legitimando assim os regimes liberais instituídos após a Revolução Francesa em diversos países;
- a informação adquire um valor patrimonial, a que se associa a noção de “bem cultural” que deve ser usado/fruído pelos utilizadores dos serviços públicos;
- a preocupação em guardar e preservar a informação (documentos) potencia uma valorização excessiva da custódia em detrimento do acesso (apesar de estar consagrado na lei), o que, na prática, se traduz num uso limitado e seletivo da informação;

- as dificuldades para tornar acessível a grande quantidade de informação concentrada nos serviços públicos (arquivos e bibliotecas), devido à falta de recursos humanos e materiais necessários à sua gestão, conduz a uma situação de opacidade em vez da desejada transparência que o acesso público deveria proporcionar.

2. A Evolução tecnológica e a transição paradigmática

Vivemos ainda hoje sob a influência do modelo francês (matizado pela influência pragmática americana), inspirado por um paradigma em crise. Mas, a decisiva “revolução discreta” (iniciada ainda no séc. XIX) do telégrafo, do telefone, da máquina de escrever, da rádio, da televisão, dos computadores e das comunicações por satélite esteve na forja de um novo paradigma.

A simbiose entre a informação e a tecnologia digital veio pôr em causa a noção estática de documento como conceito operatório e como objeto de conhecimento, o que marca a transição para a chamada “era pós-custodial” (era digital, sociedade em rede...). Porém, essa simbiose é construída através de um processo de convergência técnica e tecnológica historicamente traçada por James Gleick numa espessa obra intitulada *Informação : uma história, uma teoria, um dilúvio* (GLEICK, 2012). Na verdade, trata-se de uma história de como a Humanidade foi criando, de início, utensílios rudimentares, depois soluções mais sofisticadas e técnicas e posteriormente recursos tecnológicos, possíveis pelo entrosamento da ciência moderna com a técnica.

O Autor começa a sua narrativa pelos “tambores que falam”, tambores que, nomeadamente em África, transmitem informação, um código criado para resolver um problema não apenas informacional, mas também comunicacional. Este aspecto da articulação existente entre criar sentido e comunicá-lo atravessa o livro de Gleick sem que seja assumido, ou seja, o título do livro deveria ser Infocomunicação⁵. E depois dos tambores que falam, o destaque inevitável vai para a invenção da escrita, considerada uma tecnologia revolucionária e determinante para o desenvolvimento da Humanidade, porquanto permitiu que esta passasse a utilizar uma extensão externa e perdurável – o documento – da memória biológica, repositório de ideias antigas e novas, imagens várias, sonhos, êxitos e falhanços... Na sequência natural da corrente de escritos impressos, surgiu no ano de 1694, em Londres, a Tabela Alfabética do sacerdote Robert Cawdrey, a primeira lista ordenada “contendo e ensinando a verdadeira escrita, e compreensão das palavras” (GLEICK, 2012:67). Os caminhos da Razão prática estavam mais abertos e era necessário desenhá-los, e esse desenho aparece claramente no capítulo 4 da obra, *Atribuir os poderes do pensamento a engrenagens*, projeto datado e com nomes concretos como o de Charles Babbage (1791-1871), antecedido pela descoberta do logaritmo⁶ no séc. XVII, ampliada no

⁵ Sobre este conceito e respetivo campo interdisciplinar ver: E-Infocomunicação, 2014; GOUVEIA e SILVA (2020).

⁶ Explicado por Henry Briggs desta forma: “Os logaritmos são números inventados para um trabalho mais fácil de questões de aritmética e geometria. O nome deriva de *logos*, que significa razão, e *arithmos*, que significa números. Graças a eles são evitadas todas as multiplicações e divisões que causam problemas na aritmética, e [são] realizadas apenas por adição em vez de multiplicação, e por subtração, em vez de divisão” (*apud* GLEICK, 2012:106).

século seguinte por Henry Briggs e John Napier, base indispensável para a Máquina de Diferenças do citado Babbage e que encantou e inspirou o trabalho matemático de Ada Augusta Byron King (1815-1852), filha do famoso poeta inglês Lord Byron (1788-1824), Condessa de Lovelace e escritora do primeiro algoritmo destinado a ser processado por uma máquina. A substituição dos tambores viria a ocorrer através da invenção do telégrafo, em finais do séc. XVIII, e a subsequente evolução do aparelho e da ligação telegráfica, desenvolvidos ao longo do século seguinte e sintetizados na metáfora do título escolhido para o capítulo que a trata – *Um Sistema nervoso para a Terra*. O salto da rede telegráfica e subsequentemente telefónica, para a possibilidade da telemática, subsumida na teoria matemática da transmissão de sinais (codificação elétrica) teve um rosto – Claude Shannon (1916-2001). Mas são também referenciados outros como: Warren Weaver (1894-1978), parceiro de Shannon nos Laboratórios Bell; Norbert Wiener (1894-1964), “pai” da cibernética; Vannevar Bush (1890-1974) e o seu Analisador Diferencial instalado no MIT; Alan Turing (1912-1954), criptoanalista tal como Shannon nos Labs Bell, tendo ficado famoso por decifrar o código *Enigma* das forças armadas alemãs; Kurt Godel (1906-1978) e a demonstração do “teorema da incompletude” e a lógica formal – sucessos encadeados nos capítulos *Novos Fios, Nova Lógica, Teoria da Informação*⁷ e *A Viragem Informativa*. E a narrativa prossegue repartida por mais sete capítulos (do 9 ao 15) dando conta de novas descobertas científicas e invenções tecnológicas, associando a elas nomes e contextos anteriormente destacados. Desse conjunto vale a pena realçar a termodinâmica, a entropia e o “demónio inteligente de Maxwell”, conceitos e experiência associados à informação; a equação de Shannon e Weaver; o código genético e o impacto da “teoria da informação” na biologia (códigos, instruções, sinais) exemplificando: “O conjunto total de instruções – situado “algures nos cromossomas” – é o genoma” (GLEICK, 2012:344); a famosa invenção de Richard Dawkins – os memes – , replicadores incorpóreos, que “propagam-se a si próprios no reservatório dos memes saltando de cérebro para cérebro mediante um processo que, em sentido amplo, pode ser chamado imitação (...). Competem entre si por recursos limitados: tempo cerebral ou largura de banda. Competem, acima de tudo, por atenção” (GLEICK, 2012:371), replicam ideias, bordões, imagens; o princípio da incerteza da física quântica impacta fortemente no conceito e no processo informacionais, o que nos leva, guiados por Gleick, ao capítulo *A informação é física*, afirmação que se insere num dos eixos do “trilema de [Rafael] Capurro” (SILVA e GOUVEIA, 2023:46-47) e que parece

⁷ O Autor aceita uma expressão inexacta do ponto de vista científico, que o próprio Shannon (ao contrário de Weaver) nunca perfilhou de bom grado, rebatida por filósofos e estudiosos que deixaram fortes reticências nas décadas seguintes à publicação dos dois engenheiros norte-americanos, em 1948. Vale a pena salientar três referências críticas ao sentido mecanicista atribuído pelos engenheiros à informação: Raymond Ruyer (1902-1987), filósofo francês, foi autor de, entre outras obras, *La Cybernétique et l'origine de l'information* (1954), marco claro de sua crítica à informação física (precisamente a de Shannon e Weaver) por contraste com a informação psicológica, capaz de superar a entropia - posição explicada por Sylvie Leclerc-Reynaud (2006:33-41); menos taxativo e mais resignado face à generalização da aceção mecanicista da informação, surge Robert Escarpit (1918-2000), realçando a sua posição em um capítulo intitulado “o tempo dos engenheiros”, mas não obstante isto reservou algum espaço para a semântica dos conteúdos processados pelas máquinas e esboçou uma teoria geral da informação e da comunicação em *L'Information et la communication: théorie générale* (1991); e, por fim, outro exemplo é o filósofo e sociólogo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) que deixou pronta, em 1974, para publicação (a ocorrer postumamente em 2 volumes e com edição no ano de 2005!...), uma volumosa obra intitulada *O Conceito de Tecnologia*, imprescindível, dada a sua espantosa atualidade, em qualquer bibliografia sobre esta temática e na qual, além de visitar analiticamente a cibernética, dedicou um capítulo (XI – *Lógica e informação*, 2º vol.) onde a par de um esforço definitório amplo opôs *sinal a informação*, ou seja teoria gnosiológica à cibernética (PINTO, 2005:413-425).

dar razão à famosa frase de Marshall McLuhan (1911-1980), “O meio é a mensagem”. No entanto, a diferença entre suporte e conteúdo não é negada pelo Autor e surge patente no capítulo *Após o Dilúvio*, através do surgimento da réplica da Biblioteca de Babel (conto de Jorge Luís Borges, de 1941), a Wikipédia, que começa a parecer ilimitada. “Entre todos os grandes empreendimentos dos primórdios da Internet, a Wikipédia era o único que não era um negócio, não ganhava dinheiro, apenas o perdia” (GLEICK, 2012:451-452); mesmo assim [...] “viu-se transformada num esteio da cultura, com uma velocidade inesperada, em parte devido à sua relação sinérgica imprevista com o Google” (GLEICK, 2012:453). A emergência de motores de busca, intrínseca à própria natureza da Internet (ou da “Galáxia Internet” na designação de Manuel Castells), trouxe consigo a constatação expressa no último capítulo *Notícias novas todos os dias*, ou seja, o “paradigma da sobrecarga de informação” sustentado pelas tecnologias da comunicação eletrónica (por exemplo, o *e-mail*), veiculadoras de informação mas perturbadoras da criação de conhecimento, chegando--se, assim, ao labirinto onde estamos e onde precisamos descortinar a saída. Ora é de saída que fala no *Epílogo: o regresso do significado*, o Autor desta narrativa histórica e sugestivamente prospetiva, e daí que se conclua este relance histórico com este parágrafo:

Os epistemólogos preocupavam-se com o conhecimento e não com bips e sinais. Ninguém se teria dado o trabalho de fazer uma filosofia de pontos e traços ou baforadas de fumo ou impulsos elétricos. É preciso um ser humano – ou, digamos, um “agente cognitivo” – para pegar num sinal e o transformar em informação. «A beleza está no olhar de quem a contempla e a informação está na cabeça do receptor», afirma Fred Dretske. De qualquer maneira, é uma visão comum, em epistemologia – que «revestimos estímulos com significado e, excetuando esse revestimento, são estéreis em termos informativos». Mas Dretske defende que distinguir informação e significado pode libertar um filósofo. Os engenheiros proporcionaram uma oportunidade e um desafio: compreender como o significado pode evoluir, como a vida, tratando e codificando informação, avança para a interpretação, crença e conhecimento (GLEICK, 2012:496).

A panorâmica traçada por Gleick serve-nos para se entender, mais adiante, o papel atual da Ciência da Informação, precisando conceitos e superando, de vez, o equívoco mecanicista ou a insolubilidade do “trilema de Capurro”. Mas para lá chegarmos é possível descortinar na Era Digital, a que fomos conduzidos pela evolução tecnológica e científica, a forte presença de dois macro-paradigmas⁸, que importa caracterizar em traços breves, mas indicativos – o tecnológico ou informacionalista e a complexidade.

Helena Santos abordou-os e encarou-os como emergentes, em oposição a uma mundividência capitalista industrial, cartesiana ou dualista, positivista e fragmentadora (anti-sistémica). Fê-lo concentrando-se em dois autores que os explicitaram, de algum

⁸ Este conceito tem vindo a ser usado a partir de *A Estrutura das revoluções científicas* (2000) de Thomas Kuhn (1922-1996). No entanto, paradigma aqui é necessariamente adaptado, visto que a formulação de Kuhn é confusa e contraditória em alguns aspetos-chave. Enquanto paradigma se adequa a modo de pensar, de explicar, de formular teorias e princípios, seguido numa comunidade científica específica, modo esse passível de ser transmitido pelo processo formativo e pela prática investigativa, o macro-paradigma não fica confinado à atividade científica, embora derive daí, e constitui-se um modo de pensar e ver a realidade e de buscar soluções tendo em conta o vetor científico, mas também outras componentes do ambiente envolvente.

modo: Manuel Castells, o informacionalismo; e Edgar Morin, o pensamento complexo e sistêmico (SANTOS, 2014). Autores, ambos sociólogos, mas de perspectivas e tempos diferentes, que convergem, porém, num denominador comum:

Este texto debruça-se, como o título indica, sobre os conceitos de informacionalismo de Manuel Castells e de complexidade de Edgar Morin. São conceitos-chave para os seus autores e, ao mesmo tempo, conceitos extremamente complexos, quer pela abrangência e pelas implicações que procuram clarificar, quer pela contemporaneidade dos fenómenos a que se reportam, ultrapassando largamente qualquer divisão disciplinar que procuremos. Na verdade, ambos os autores de modo muito diferente, defendem uma ciência (em sentido lato) multidimensional e que arrisque a diluição de (falsas) barreiras para um conhecimento adequado à análise e à interpretação dos fenómenos sociais, que correspondem a totalidades complexas. Esse princípio, que aqui reduzimos a uma expressão simples, não significa, insistimos, a produção de uma teoria única e unificadora do social, antes protocolos de investigação e contextos próprios, que implicam operações de recorte sobre a realidade (SANTOS, 2014:31).

A articulação possível entre estes dois macro-paradigmas ilumina bem a transição paradigmática no interior da área da documentação/informação, que se estrutura, entre finais do séc. XVIII e a primeira metade do séc. XX, em torno de um proto-paradigma custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista, que está em crise e é substituído por um paradigma pós-custodial, infocomunicacional e científico (SILVA e RIBEIRO, 2012), perfeitamente ajustado ao binómio informacionalismo-complexidade. Um paradigma que trouxe consigo alterações disciplinares importantes, nomeadamente uma dinâmica transdisciplinar forte e inegável (pode ser contrariada, mas é imparável...) que obriga as disciplinas profissionais – Arquivística, Biblioteconomia, Documentação e Museologia – a integrarem-se num campo científico novo e, ao mesmo tempo, herdeiro do legado válido e perene de cada uma. Temos, assim, constituída a Ciência da Informação, mas para a termos completa é preciso sublinhar a sua dimensão tecnológica conseguida através da integração parcial da interdisciplina dos Sistemas de Informação (SILVA e PALETTA, 2022:14-28). Uma Ciência da Informação que integra a disciplina do mesmo nome, cuja origem e evolução norte-americanas foi objeto de pesquisa por Dorothy B. Lilley e Ronald W. Trice (1989) ou por Radamés Linares Columblé (2005) e que se aproxima bastante do mapeamento recente feito por Carlos Alberto Avila Araújo (2018), assumindo, porém, a sua natureza transdisciplinar. Natureza esta perfeitamente compatível com uma orientação interdisciplinar desenvolvida de perto com o campo da comunicação, com as ciências sociais e ciências e saberes de campos outros.

No paradigma pós-custodial, a Ciência da Informação enfrenta o trilema de Capurro situando o objeto de estudo numa fração da realidade (fenómenos) cognoscível – a humana e social. Partamos do prisma, posto com clareza, por Álvaro Vieira Pinto:

A informação tem de ser definida por seu papel existencial na relação do homem com o mundo e com os outros homens, por suas funções na produção social da vida. A tentativa de definir essa atividade pelos caracteres extrínsecos, operatórios, engenheirais, ignora o essencial e nem deseja conhecê-lo. Omite o desempenho da informação no processo global do conhecimento humano, ao qual pertence e dentro do qual adquire significado.

Por isso, não é a gnoseologia que será explicada pela teoria cibernética da informação, mas exatamente o inverso (PINTO, 2005:vol. 2, 364).

O foco com que trabalhamos a informação e a comunicação põe de lado todas as outras conotações possíveis, nomeadamente a biológica e a ecológica⁹, cingindo-se a uma realidade muito específica: “conjunto estruturado de representações racionais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material e passíveis de serem partilhadas de forma síncrona ou assíncrona e uni ou multidirecionada” (SILVA, 2006:150). E sobre esta realidade o objeto é construído de maneira a justificar uma abordagem científica singular e necessária: o que importa estudar (e encontrar soluções aplicada) é o processo infocomunicacional em si mesmo, desde a génese até ao uso e transformação dos conteúdos (informação) num novo sentido e o ciclo recomeça... Daí que continuemos definindo Ciência da Informação (ciência assumidamente social) como aquela “que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades¹⁰ inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação)” (SILVA, 2006:140-141).

Está explicitada a resposta epistemológica, adotada diante de um quadro de revolução tecnológica que remete para um plano existencial com contornos políticos, económicos, sociais e mentais.

⁹ Defendidas por Cédric Gaucherel, Pierre-Henri Gouyon e Jean-Louis Dessalles (2019): “In this book, we start by examining information in the context that is the most natural for us: the human language. It would be interesting to begin by examining the prism of human and social relations, and then go on to the less familiar variations in animal communication. It seems reasonable that genetic information should open the discourse with different examples. We will try to stay clear of whatever new things biological languages might have brought to the concept of information. This position will encourage a fresh perspective on studies of ecological information. Ecosystems do carry information, but can we identify hidden ecological language?” (2019:xxi). O equívoco básico desta perspetiva consiste em assemelhar a suposta informação ou as alegadas linguagens biológica e ecológica à informação humana e social. Ora aquilo que designam por informação biológica ou ecológica nada tem a ver fenomenologicamente com a capacidade humana de representar observações, ideias e emoções através de signos e símbolos. Dizer-se que uma célula contém informação e comunica-a com outras células é fazer uma extrapolação metafórica com o que se passa entre seres humanos no uso da sua faculdade de representarem mentalmente suas mensagens codificadas (linguagem) e partilhá-las socialmente. A extrapolação é possível e até sugestiva ou didática, mas não é cientificamente correta.

¹⁰ Seis propriedades: a estruturação pela ação humana e social; a integração dinâmica; a pregnância; a quantificação; a reprodutividade; e a transmissibilidade (SILVA, 2006:25). São bem diferentes das duas sugeridas por Yves-François Le Coadic: “a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso” (LE COADIC, 1996:26). Yves Le Coadic associou propriedade a finalidade funcional do cientista da informação, em vez de buscar aquilo que é inerente, próprio do processo infocomunicacional, ou seja, o que toca na sua fenomenalidade (ver, por exemplo, Propriedade, 1981).

3. O Estado Digital desafia a Ciência da Informação

Referimos atrás, na abertura ao Estado-Nação, a crise que viria a afetá-lo através da emergência de regimes totalitários e ditatoriais, que trouxeram consigo a força de lideranças carismáticas e o guia prático da comunicação direta e emocional com as massas, usando a cultura (conceito incluído na herança do romantismo e do nacionalismo oitocentista) como ferramenta ao serviço da exaltação do novo Estado. Daí que na “forja” da segunda revolução industrial (1870-1945) e na transição para a “terceira vaga” (Alvin Toffler), batizada por outros, como “revolução informacional”, “Sociedade Pós-Industrial”, “Sociedade da Informação” ou “Era da Informação” surgiu um Estado muito mais intervencionista na área cultural, mantendo-se democrático e providencialista, na Europa Ocidental e na América do Norte, intervencionismo esse patente em outros tipos de regime e outros continentes. Uma realidade que teve o seu arauto e promotor (considerado de um ponto de vista eurocêntrico e francocêntrico) em André Malraux (1901-1976). A sua ação de ideólogo e ator político, especialmente na V República gaulista, encontra-se espelhada na recolha de discursos, artigos e entrevistas distribuídos entre 1925 e 1975, sob o título sugestivo *La Politique, la culture* (MALRAUX, 1996). Na *Introdução*, Janine Mossuz-Laval salienta como Malraux encontrou, após ensaios frustrantes, na salvaguarda e difusão ampla da cultura, o meio de concretizar a “fraternidade planetária” e assumiu esse desiderato enquanto Ministro da Cultura (MALRAUX, 1996:28-32). E ao fazê-lo deixou um legado que teve apoletas e seguidores, assim como analistas críticos, sem dúvida controversos, porém pertinentes. O mais cáustico e lido com muitas reservas é Marc Fumaroli (1991), que, no ponto 2 da conclusão da sua polémica obra, deixou esta caracterização impressionante:

O Estado cultural é, por definição e intenção, protector, protecionista e dirigista em nome da salvação nacional. Cumpre dizer que, por essência, e apesar do equívoco de que goza entre o sentido nobre e clássico do termo “cultura” (cultura animi) e o sentido atual, que equivale a uma manipulação de mentalidades, o Estado cultural é “política cultural”, uma variante a propaganda ideológica (FUMAROLI, 2007:384).

Relacionando o Estado cultural, caracterizado por Fumaroli, Djan e outros (em especial a fonte primária fornecida pelo próprio Malraux), com a gestão pública dos Arquivos (nacionais, regionais e municipais), das Bibliotecas e da extensão nos territórios nacionais da “Leitura Pública” e dos Museus de diversas categorias (de Nacionais de Arte a Museus Naturais e de Ciência ou a “mistos” locais) pode dizer-se que estes “inventos da Modernidade” entraram facilmente na dinâmica de política cultural de massas, não deixando de ser um estímulo à cidadania e um instrumento eleitoral dos políticos. E no que toca ao paradigma custodial, historicista, patrimonialista e tecnicista e ao paradigma dialético, presente em várias latitudes com destaque para a América do Sul, o Estado Cultural ajudou (no âmbito do custodial) a reforçar a dimensão técnica (elaboração de normas de descrição para um acesso padronizado e massificado aos conteúdos impressos e outros) na formação dos profissionais desses serviços/instituições e estimulou (no âmbito do dialético) a consciência sociológica das assimetrias sociais e culturais, convertendo os bibliotecários, os museólogos e os arquivistas em agentes de emancipação radical dos desfavorecidos, das minorias e das vítimas do capitalismo, quer o convencional, quer o “digital de vigilância” (visto, mais benignamente, como “*wikinomics* - nova economia das multidões inteligentes”).

Convém chamar a atenção para o facto de que, enquanto o Estado Cultural se foi consolidando, a revolução tecnológica irrompia surpreendente e galopante, chão fértil e indispensável ao Estado Digital, que desponta diante de nossos meios de observação e de análise. Esta coexistência torna plausível sugerir uma linha de reflexão e de pesquisa, em trabalhos posteriores, centrada na articulação entre os dois Estados ou políticas, a qual se condensa na expressão “cultura digital”, o que poderá vir a dar, à vasta literatura já existente a respeito deste tópico, um enfoque diferente ou, pelo menos, proveitosamente complementar.

Para uma caracterização genérica e rápida do Estado Digital podemos servir-nos das pertinentes perguntas que, Manuel Castells, Mireia Fernández-Ardévol, Jack Linchuan Qiu e Araba Sey, formularam na *Abertura: as nossas Redes, as nossas Vidas* - à obra *Comunicação móvel e Sociedade: uma perspectiva global* (CASTELLS *et al.*, 2009:xv-xxi):

Quais são as novas desigualdades introduzidas pelo acesso desigual à infraestrutura de comunicação sem fios, num mundo baseado na conectividade? Será possível aos países em desenvolvimento “saltar” da implementação dos sistemas fixos de telecomunicações directamente para os sistemas de comunicação global baseados em diferentes tipos de sistemas de telecomunicações por satélite e sem fios? Em que medida esta nova conectividade contribui para o desenvolvimento, num mundo interdependente no qual o conhecimento, a informação e a comunicação são as principais fontes de riqueza e de poder? De que modo a interacção, entre as novas tecnologias de comunicação e as vidas dos indivíduos, varia consoante as culturas e as instituições nas diferentes regiões do mundo, e entre os diferentes grupos sociais? É possível encontrar padrões emergentes de comportamento e de organização social que sejam comuns aos vários contextos sociais, associados a novas formas de comunicação sem fios e multimodais? (CASTELLS *et al.*, 2009:xvi).

O elemento político deste fenómeno fica mais claro se trouxermos à colação um extrato da obra *A Era da Inteligência Artificial e o nosso futuro humano* (KISSINGER, SCHMIDT e HUTTENLOCHER, 2021), elaborada durante a pandemia da COVID-19:

No domínio da política, por exemplo, o mundo democrático está a entrar numa época em que numerosos aspetos do processo político são informados pela gestão da IA de grandes bases de dados: a conceção de mensagens políticas; o processo de configuração e distribuição de tais mensagens a diferentes grupos demográficos; a adequação e aplicação de desinformação por agentes maliciosos para semear tensões sociais; e a conceção e utilização de algoritmos para detetar, identificar e anular essa desinformação, ou outras formas de dados “prejudiciais” (...) Consequentemente, as perspectivas de uma sociedade livre, e até do livre-arbítrio, podem vir a mudar. E ainda que essa evolução se revele benigna ou reversível, as diversas sociedades do nosso planeta estão obrigadas a compreender bem estas mudanças, para que possam reconciliá-las com as respetivas estruturas e contratos sociais (KISSINGER, SCHMIDT e HUTTENLOCHER, 2021:26-27).

Ficam claros, também, os desafios que o emergente Estado Digital enfrenta e através desta clarificação, que pode e deve ser aprofundada, importa perceber como o novo ciclo de longa

duração em que estamos a entrar (a Era da Informação ou Era Digital) convoca o contributo específico da Ciência da Informação (trans e interdisciplinar), modelada já pelo paradigma pós-custodial, infocomunicacional e científico em diálogo intenso com o paradigma dialético. E para que a Ciência da Informação responda, com eficácia e consistência à chamada, torna-se urgente apresentá-la como um corpo teórico e de pesquisa estruturado e não uma mera acumulação de “peças” válidas, porém soltas. O fio condutor desta estruturação passa pela identificação de um objeto bem definido: o processo infocomunicacional (da génese do fluxo à partilha de sentido, o seu uso e transformação, e o ciclo repete-se igual e diferente...). Um objeto seccionado em três áreas: a produção em contexto ou génese do fluxo informacional, a organização e representação da informação e o comportamento infocomunicacional. Por estas áreas distribuem-se tópicos e subtópicos, por um lado oriundos de um legado histórico da atividade biblioteconómica, arquivística e documentalista e, por outro, emanação direta de nova conjuntura e realidade:

I - Produção em contexto ou génese do fluxo informacional
<i>Estudos sobre quem produz informação, como e porquê (são estudos tendencialmente monográficos sobre uma infinidade de contextos e situações)</i>
a) Atividade científica (subárea designada por “Produção e comunicação científica”), de que há uma vasta bibliografia no âmbito da Biblioteconomia, mas da qual não podem ser excluídos, por exemplo, os chamados “arquivos científicos”, cada vez mais em suporte digital e inundados pelos <i>big data</i>
b) Produção de conteúdos nos <i>media</i> digitais, nos meios tradicionais de “comunicação de massa” e em plataformas de Inteligência Artificial, cobrindo este tópico um leque vasto de pesquisas
c) Análise e revisão dos preceitos jurídico-administrativos (códigos administrativos e regulamentos internos), em todos os níveis da Administração, para melhoria (transparência, eficiência e participação efetiva da cidadania) da génese informacional
d) Análise das condições de produção de informação em que decorrem as tomadas de decisão com impacto no modo de facilitar decisões futuras (cabem neste tópico os estudos feitos, a partir de vários ângulos disciplinares, sobre cultura organizacional e que devem ser assimilados e desenvolvidos no âmbito da Ciência da Informação)
e) Assumir, na agenda de pesquisa própria, questões partilhadas com a Sociologia, a Economia e a Ciência Política, que têm sido agregadas debaixo de expressões como “Economia política da informação”, “Arqueologia da ideia de Sociedade da Informação”, “Ética Intercultural da Informação” ou de “Regimes de informação” (ARAÚJO, 2018:68-72), pois várias delas correspondem ao paradigma dialético
II - Organização e representação da informação
<i>Estudos e criação de soluções (tanto analógicas, como digitais) que inovem a recuperação da informação produzida e acumulada</i>
a) Indagar se a organização de toda a memória documental acumulada (impressa, manuscrita, audiovisual, fotográfica, digital, etc.) contempla ou não critérios de organicidade e de análise dos respetivos efeitos (conduz à elaboração e aplicação de quadros orgânico-funcionais)
b) Avaliar o desempenho dos meios de organização e de representação da informação, bem como o fluxo informacional na Administração Pública e em todo o tipo de

organizações com vista à consolidação da memória orgânica ativa no presente e no futuro
<p>c) Participar criticamente na aplicação dos sistemas de classificação e vocabulários controlados pré-digitais e intervir na implementação e desenvolvimento dos novos meios como a <i>web</i> semântica, as “ontologias” e as “folksonomias”; significa isto assumir papel ativo e decisivo em todos os projetos de “arquitetura de informação” (extensão da disciplina tecnológica “Sistemas de Informação”) e sistematizar criticamente a vasta produção de trabalhos incluídos na rubrica “organização do conhecimento”</p>
<p>d) Explorar as necessidades contextuais e analisar todas as medidas de preservação da informação (no analógico e no digital) com vista ao reforço da fluidez da memória orgânica</p>
<p>e) Problematizar e buscar respostas/soluções científicas para o modo como se representa (a fim de se recuperar) informação no labirinto, cada vez mais denso, em que se converteu o “ciberespaço”, o “espaço de fluxos” ou a “infoesfera” (sinónimos da Era Digital em que estamos), entrando aqui um estranho “segmento de especialização” designado por “Humanidades Digitais” de que a Ciência da Informação tem obrigatoriamente de se ocupar e reduzir às suas exatas proporções</p>
<p>III - Comportamento infocomunicacional</p>
<p><i>Estudos sobre as práticas de busca e de uso pleno (comunicação efetiva) quer nos convencionais “lugares” de memória e de difusão cultural e científica criados na Modernidade (desde o séc. XVIII - arquivos, bibliotecas e museus), quer nas novas plataformas digitais</i></p>
<p>a) Aplicação da vasta pesquisa acumulada em Semiótica e Semiologia e em Psicolinguística no estudo das necessidades de informação e sua satisfação</p>
<p>b) Revisitação dos clássicos estudos de utilizadores e a sua evolução até ao surgimento, na década de 70 do séc. XX, da investigação sobre o comportamento informacional dos sujeitos, testando os modelos já conhecidos e desenhando novos num ímpeto de inovação abrangente</p>
<p>c) Revelação dos processos de mediação, objetivo de pesquisa que se situa nesta área do comportamento infocomunicacional, mas também convoca a da organização e representação da informação, pondo em foco tanto o perfil e o modo operativo da pessoa-mediadora, como os “sistemas” ou as plataformas mediadoras (e quem está por detrás delas)</p>
<p>d) Quantificação crítica do uso da informação, que começou com os estudos bibliométricos, prosseguiu com os cientométricos, os webométricos (medir a sucessão e intenção dos <i>clícs</i> na Internet) e mais recentemente os alométricos (voltados para a medição dos “indicadores de interação social”)</p>
<p>e) Enquadrar e conhecer minuciosamente os níveis de literacia na conduta das pessoas (de todas as idades, géneros e condições socioeconómicas e educativas) em busca e na apropriação da informação, evitando expressões equívocas ou erróneas como “literacia digital” (substituível por inclusão ou alfabetização digital) e fixando uma tipologia operatória de literacias existentes</p>
<p>f) Abordagem dos serviços e instituições patrimoniais (arquivos, bibliotecas e museus) e dos seus derivados atuais, evitando uma deriva historiográfica ou uma deriva sociológica, centrando a análise no escopo da Ciência da Informação</p>

Importa clarificar que a gestão da informação não é considerada por nós uma área do objeto específico da Ciência da Informação, porque corresponde, efetivamente, à atuação profissional dos graduados e pós-graduados nesse campo científico. A expressão “gestor da informação” corresponde ao profissional exigido pela Era Digital e é o operacional indispensável no seio do Estado Digital para que este resista aos efeitos manifestamente perversos da absorção acrítica e avassaladora do instrumental tecnológico. cada vez mais irresistível e indispensável. Por sua vez, a Ética da Informação (SILVA e PALETTA, 2022:148-168) ocupa um lugar à parte, embora desenvolva um diálogo intenso e estreito com a Ciência da Informação. É equívoco colocá-la no seio desta ou erigi-la como uma disciplina autónima, separada da Filosofia: a Ética da Informação é um ramo ou uma aplicação da Ética (geral).

O núcleo duro ou central do objeto da Ciência da Informação reside na área II e respetivas alíneas. No entanto esta área, hoje, está impregnada no domínio prático das soluções instrumentais pela tecnologia digital, o que a torna inerente à Ciência da Informação, uma ciência social aplicada, sendo a dimensão aplicada dominada pelas Ciências da Computação e pelos Sistemas (tecnológicos) de Informação (SILVA e PALETTA, 2022:14-28). Constata-se, assim, que o legado tradicional deste campo, forjado e desenvolvido desde a civilização pré-clássica é hoje apropriado por saberes estranhos a essa tradição, enquanto áreas novas, como o estudo da produção em contexto e as práticas de uso e transformação da informação (áreas I e III), e não obstante a importação de contribuições de outros domínios científicos, convertem-se em áreas mais específicas da Ciência da Informação.

No que toca concretamente ao estudo do Estado Digital não é difícil verificar-se que ele se situa transversalmente nas três áreas e em algumas de suas alíneas. Com efeito, a problemática geral do Estado Digital está patente nas áreas I. alíneas b) e c), II. em todas as alíneas e III. alíneas c), d) e e). No entanto, é sempre possível vir a acrescentar novos tópicos ao quadro acima apresentado, que incluam questões associadas ao Estado Digital.

Em síntese e para concluir, podemos salientar que o Estado-Nação proporcionou o *locus* funcional em que se desenvolveram as disciplinas práticas que hoje necessariamente integram a Ciência da Informação (transdisciplinar), cuja crise paradigmática se desencadeou a par da vigência do Estado Cultural e, agora, temos a Ciência da Informação a ser arrastada para o âmago da Era Digital e, conseqüentemente, do respetivo Estado, o que significa um desafio imenso cujas conseqüências nem sequer é possível conjeturar. Porém, uma coisa parece certa: estamos num momento decisivo em que o debate e o consenso epistemológicos ínsitos à Ciência da Informação nunca foi tão urgente e necessário.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2018 *O Que é Ciência da Informação?* Belo Horizonte: KMA, 2018.

CASTELLS, Manuel [et al.]

2009 *Comunicação móvel e sociedade : uma perspectiva global*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

E-Infocomunicação

2014 *E-Infocomunicação : estratégias e aplicações*. Org. Brasilina Passarelli, Armando Malheiro da Silva, Fernando Ramos. São Paulo: Editora SENAC, 2014.

ESCARPIT, Robert

1991 *L'Information et la communication : théorie générale*. Paris: Librairie Hachette, 1991.

Estado

2019 Estado. In *Wikipédia*. [Em linha]. 2019. [Consult. 28 fev. 2024]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado>.

FUKUYAMA, Francis

2015 *Ordem política e decadência política: da Revolução Industrial à globalização da democracia*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015.

FUKUYAMA, Francis

2012 *As Origens da ordem política: dos tempos pré-humanos até à Revolução Francesa*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2012.

FUMAROLI, Marc

2007 *El Estado cultural : ensayo sobre una religión moderna*. Barcelona: Editorial Acantilado, 2007.

Trad. de: *L'État culturel : essai sur une religion moderne*. Paris: Éditions de Fallois, 1991.

GAUCHEREL, Cédric; GOUVON, Pierre-Henri; DESSALLES, Jean-Louis

2019 *Information, the hidden side of life*. London: ISTE, 2019.

GLEICK, James

2012 *Informação : uma história, uma teoria, um dilúvio*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012.

GOUVEIA, Luís Borges; SILVA, Armando Malheiro da

2020 A Infocomunicação ou a convergência das Ciências da Informação e da Comunicação para um objeto comum. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. [Em linha]. 3ª série, nº especial (2020) 15-33. [Consult. 28 fev. 2024]. Disponível em: <https://doi.org/10.21747/21836671/pag2020a2>.

KISSINGER, H.; SCHMIDT, E.; HUTTENLOCHER, D.

2021 *A Era da Inteligência Artificial e o nosso futuro humano*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2021.

KUHN, Thomas

2000 *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LASKI, Harold J.

1964 *Introdução à política*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

LECLERC-REYNAUD, Sylvie

2006 *Pour une documentation créative : l'apport de la philosophie de Raymond Ruyer*. Paris: ADBS Éditions, 2006.

LE COADIC, Yves-François

1996 *A Ciência da Informação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1996.

LILLEY, Dorothy B.; TRICE, Ronald W.

1989 *A History of Information Science: 1945-1985*. San Diego [etc.]: Academic Press, 1989.

LINARES COLUMBLÉ, Radamés

2005 *Ciencia de la Información*. Bogotá: Rojas Eberhard Editores, 2005.

MALRAUX, André

1996 *La Politique, la culture : discours, articles, entretiens : 1925-1975*. Paris: Gallimard, 1996.

PINTO, Álvaro Vieira

2005 *O Conceito de Tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

Propriedade

1981 Propriedade. In *Lello Universal : Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*. Porto: Lello & Irmão, 1981, vol. 2, p. 644-645.

RIBEIRO, Fernanda

2017 La Era poscustodial : implicaciones en el campo de la Ciencia de la Información. In *La Archivística y la ciencia de la información documental : autonomía e interdependencias*. Coord. Miguel Ángel Rendón Rojas. [Em linha]. Cidade do México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2017, p. 23-37. [Consult. 28 fev. 2024]. Disponível em: https://ru.iibi.unam/jspui/handle/IIBI_UNAM/L143.

RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro da

2016 The Epistemological maturity of Information Science and the debate around the paradigms. In *Information cultures in the digital age : a festschrift in honor of Rafael Capurro*. Ed. Matthew Kelly, Jared Bielby. [S. l.]: Springer VS, 2016, p. 111-124. DOI 10.1007/978-3-658-14681-8.

RIEUSSET-LEMARIÉ, Isabelle

1997 P. Otlet's Mundaneum and the international perspective in the history of documentation and information science. *JASIS - Journal of the American Society for Information Science*. 48:4 (apr. 1997) 301-309.

RUYER, Raymond

1954 *La Cybernétique et l'origine de l'information*. [S. l.]: Flammarion, 1954.
2^{ème} ed.: 1967.

SANTOS, Helena

2014 Complexidade e informacionismo : as contribuições de Edgar Morin e Manuel Castells. In *E-Infocomunicação : estratégias e aplicações*. Org. Brasilina Passarelli, Armando Malheiro da Silva, Fernando Ramos. São Paulo: Editora SENAC, 2014, p. 25-47.

SILVA, Armando Malheiro da

2006) *A Informação : da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico*. Porto: Edições Afrontamento; CETAC.COM, 2006.

SILVA, Armando Malheiro da; GOUVEIA, Luís Borges

2023 (Des)infocomunicar ou a busca do sentido original. In *A História na Era da (des)informação*. Coord. Marília dos Santos Lopes. Lisboa: UCP Editora, 2023, p. 39-58.

SILVA, Armando Malheiro da; PALETTA, Francisco

2022 *Ciência da informação: estudos de epistemologia e de ética*. [2ª ed.]. Ponta Grossa: Atena Editora, 2022.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda

2012 Documentation/Information and their paradigms : characterization and importance in research, education, and professional practice. *Knowledge Organization : international journal devoted to concept, theory, classification, indexing and knowledge representation*. 39:2 (2012) 111-124.

Armando Malheiro da Silva | malheiro@letras.up.pt

Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CITCEM, Portugal

Fernanda Ribeiro | fribeiro@letras.up.pt

Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CITCEM, Portugal